HISTORIA

DO

MARECHAL SALDANHA

POR

D. ANTONIO DA COSTA

TOMO PRIMEIRO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1879

De A. A. de [illegible] Pinto
25 de Junho de 1879

HISTORIA

DO

MARECHAL SALDANHA

DO

MARECHAL SALDANHA

POR

D. ANTONIO DA COSTA

TOMO PRIMEIRO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1879

HISTORIA

DO

MARECHAL SALDANHA

HISTORIA

DO

MARECHAL SALDANHA

POR

D. ANTONIO DA COSTA de Souza de Macedo

TOMO PRIMEIRO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1879

PARTE I

SALDANHA MILITAR

CAPITULO I

ESBOÇO

Deu a natureza uma feição especial ao duque de Saldanha no complexo das tres manifestações, physica, moral e intellectual da individualidade humana.

Alto, encorpado, gentil, attrahia instantaneamente. Revelava-se-lhe nos olhos o arrojo e a mansidão. Quando fitava as pessoas, ficava-se preso d'aquelle olhar, fogosamente suave, como um quadro de Raphael onde vemos a arrebatação do genio dulcificada pelo colorido. São raras, mas sympathicas ao extremo, as indoles ardentes, impregnadas de brandura. Com aguda intelligencia e distincto coração as aprecia em seu *Diario* a terna rainha Victoria. Quem nunca tivesse fallado com o marechal Saldanha é que lhe desconheceria na ardente viveza a meiguice do caracter, expressa pela suavidade do trato. O leão podia erguer-se para investir francamente, mas, cordeiro já, logo se reclinava com branduras de amoroso.

O temperamento sanguineo que se lhe delatava na calva soberba, na fronte desanuviada e franca, adoçava-lh'o aquella serenidade natural, sempre a

mesma, quando as balas o rodeiavam, raivosas de o respeitarem, ou quando via as creanças estenderem-lhe os braços, adivinhando no guerreiro audacioso a infantilidade que sentiam em si.

O seu espirito amoldava-se a todos os espiritos: era um soldado com os soldados, uma creança com as creanças, um artista no meio dos artistas, com as senhoras uma senhora. Aquella indole ageitava-se a todas as especialidades, como um instrumento que desprende primoroso todos os sons quando o inspira o sopro do genio. Tinha musica na voz, pelo harmonioso do timbre e pela expressão insinuante. Duplicava a suavidade d'aquella voz o saír de uns labios onde a sympathia fizera ninho, e onde o sorriso lhe conquistava as almas. Procurassem-no em qualquer dia, a qualquer hora, encontravam-no sempre inalteravel. Nos desgostos via-se-lhe a tranquillidade de quem resignado os sabe affrontar, e a mesma tranquillidade nas alegrias como quem não desconhece que são passageiras. E todavia, como espirito enthusiasta, como artista de sentimento, para os seus intimos denunciava-lhes o desgosto aquelle entremear dos dedos nos cabellos, e a alegria aquelle rapido esfregar das mãos.

Tinha sido um rapaz formosissimo. Quando nas companhias se apresentava no meio da sala para romper o celebrado minuete da moda, voava por todas as salas a noticia: «Vae dansar o João Carlos», e corriam todos para o ver dansar. Depois fôra um homem-creança; commandando uma brigada aos vinte e tres annos de idade, as janellas alvoroçavam-se

quando o brigadeiro Saldanha, mais moço do que a maior parte dos seus officiaes, entrava á frente da sua brigada victoriosa. Chegou a velho, e as raparigas diziam do marechal: «Vale mais do que muitos rapazes»; — e nos theatros as platéas deitavam-lhe os oculos, e nas camaras as tribunas tinham os olhos fitos n'elle, e nas sociedades faziam-lhe cerco os convidados, e os homens de merito respeitavam-no como superior, e os insignificantes invejavam-no como grande, e os soldados viam n'elle um semi-deus, e o povo, o adivinhão, o povo, que nunca se engana, coroava-o com o mais suave dos affectos, a sympathia.

«Extremamente amavel no trato (escreve um dos seus biographos) possuia tal talento de seducção, que poucos alcançavam resistir-lhe.»

— Fascina, diziam d'elle os que pela primeira vez lhe fallavam. — Fascina, sentiam em silencio as multidões, mesmo sem lhe fallarem.

Encerrava em si tres perigos para escravisar um amigo, ou para converter um inimigo politico, porque pessoal não teve nenhum: aquella sympathica presença, aquelle sorriso attrahente, e aquelle abraço proverbial, em que parecia transmittir uma parte do coração.

Conquistou tambem os tres elementos sociaes: o soldado, a mulher e o povo. O soldado, porque este lograva a certeza de ser com Saldanha um heroe; a mulher, porque se lhe apresentava a ella sempre alma poetica; o povo, porque adivinhava n'aquelle homem o amor do bem, que foi o movel dos seus actos nos oitenta e seis annos da sua vida.

Tres palavras o poderiam biographar: Amava o bem.

Tinha por brasão: A verdade vence tudo *(Veritas omnium victrix)*. E a verdade não a rebuçava elle, porque da sua fronte fazia um mostrador de crystal, para que a alma ficasse a todos patente. Dos seus segredos só guardava para si o das batalhas; religiosamente o dos outros. Quantos amores, quantos ciumes, quantos arrufos de esposas, quantos mysterios de familias, quantos projectos de casamentos, não eram revelados áquelle ancião juvenil, que se identificava com os moços como se moço fôra ainda, e os aconselhava como experimentado! Os paes que ainda não pensavam em casar as filhas, já tinham medo quando n'alguma bella manhã viam chegar-lhes a casa o marechal, de casaca preta e gravata branca. Das filhas e dos pretendentes haviam-se elles livrado; o que não sabiam era conjurar o perigo maior: o sorriso do conquistador. A menina a correr ás janellas quando ouvia alguma carruagem, a espreitar pela porta quando o marechal entrava; a mãe, a animal-a; o namorado, em casa d'elle, parecendo-lhe seculos os minutos; o duque, á batalha com o tyranno, e o tyranno, envergonhado da sua propria fraqueza, a converter a tyrannia no consentimento. Menina, pelo duque pedida ao pae, para algum apaixonado infeliz, era casamento certo.

Confiava em toda a gente, e este defeito da sua qualidade quanto lhe não prejudicou! A sua casa era a casa de todos, e a todos franca sempre. Quando atravessava as salas e os corredores, ia fallando ás

visitas — conhecidas e desconhecidas — e fallava a todas do mesmo modo, com o abraço irresistivel, e sempre com aquelle sorriso, tão especialmente seu. Parentes, amigos, adversarios politicos, espiões, tudo ali fazia causa commum. Avisavam-no dos suspeitos que lhe estavam tomando o chá, e elle a sorrir-se. Não acreditava, ou, se acreditava, acolhia-os com affabilidade igual.

Prestavam-lhe um serviço? ficava-lhe gravado na memoria. Faziam-lhe uma offensa? respondia ao offensor abrindo-lhe os braços. Aos ingratos pagou sempre enchendo-os de beneficios. Foi enganado mil vezes; desculpava-o. Atraiçoado outras tantas; perdoava-o. O que deu no decorrer da vida, dil-o-hemos n'outro logar; aqui, n'estas linhas apenas da sua physionomia, não podemos senão indical-o: dava tudo, e só tinha um pezar, não poder dar mais.

Não apreciava a felicidade propria. Vivia feliz da felicidade com que podia brindar os outros. A seu tempo demonstraremos esta verdade, quando o apresentarmos, com as suas virtudes e com as suas imperfeições, no seu conjuncto de homem.

Um dos jornaes que lhe annunciaram a morte escrevia: «Tinha o que quer que era de veneranda a sua figura magestosa. Quando elle passava, todos cortejavam aquella realeza de tres corôas: a dos cabellos brancos que lhe cingia a fronte, a do saber que lhe esmaltava a intelligencia, e a das virtudes que lhe enriquecia o coração». — E com profunda rasão o escrevia.

Á formosura physica, á belleza moral, poz remate

a larga intelligencia. O esboço ficaria incompleto se lhe omittissemos esta linha essencial.

Brilhava-lhe a intelligencia, e, se é possivel, ainda mais a agudeza do talento. Que o digam todos os seus collegas nos differentes ministerios; corroborem-no as commissões a que elle concorria; testemunhem-no os oradores a quem no parlamento respondeu de improviso. Não admira o talento nas materias que estudava e que lhe cumpria saber, mas sim n'aquellas a que era estranho e que pela vez primeira se lhe apresentavam. Tinha então, como Napoleão I, a perspicacia do repente, e a opinião formava-se-lhe com segurança. Ouvida a base do assumpto, discorria sobre elle, como se familiar lhe fosse.

Tal se nos defronta o esboço do homem, que findou para o mundo, e principiou para a historia.

CAPITULO II

PRIMEIROS ANNOS

I

Quem abrir o *Annuario da Universidade*, do anno lectivo de 1870-1871, encontrará uma carta de 4 de outubro de 1772, do sr. Goubier, ao segundo conde de Oeiras, escripta de Coimbra onde se achava o grande marquez de Pombal para a inauguração da reforma d'aquelle estabelecimento scientifico, e na carta lerá estas palavras: «O sr. morgado, sempre amigo do seu amigo, e a todos enchendo de meiguices» (Monsieur le Morgado toujours l'ami de son ami, et comblant tout le monde de caresses). Succedia este facto na occasião em que o marquez de Pombal na qualidade de logar-tenente de el-rei D. José abria com esplendidas ceremonias a restaurada universidade, e levára comsigo parte da familia. O morgado, que, no dizer d'aquella testemunha ocular, enchia de meiguices toda a gente, era o morgado de Oliveira, depois primeiro conde de Rio Maior.

Se ao mesmo tempo consultar o leitor uma das biographias do duque de Saldanha, verá que a es-

posa d'aquelle morgado de Oliveira, D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, filha do marquez de Pombal, era reputada a *obra mais perfeita* do admiravel estadista[1].

Filho de um tal pae e de uma tal mãe, veiu á luz, um «muito perfeito e robusto menino» (phrase textual de seu pae) ás onze horas da manhã de 17 de novembro de 1790 na sala hoje escarlate, no palacio da Annunciada, solar da casa dos morgados de Oliveira, e foi João Carlos de Saldanha[2]. Noticiamlhe algumas biographias o nascimento na quinta da Azinhaga. È erro. No palacio da Annunciada em Lisboa é que elle nasceu[3].

Vejamos o que era a educação e instrucção n'aquella familia.

Salvou-se uma parte da correspondencia do morgado de Oliveira para os seus dois filhos Antonio e José Sebastião (irmãos mais velhos de João Carlos) quando cursavam a universidade, correspondencia, que a par do mimoso affecto e das singelas narrativas de familia — a que hoje, cremos, se chama *pieguices* e que então formavam indoles amoraveis e caracteres honrados — prova o cuidado extremo com

[1] *Histoire général des hommes vivants et des hommes morts dans le* XIX *siècle*, Genève, 1868.

[2] Carta posterior do 1.º conde de Rio Maior de 4 de janeiro de 1794.

[3] Documento escripto e assignado pelo 2.º conde de Rio Maior, irmão primogenito de João Carlos, extrahido do archivo da parochia de S. José, onde João Carlos fôra baptisado, e existente no cartorio da casa Rio Maior.

que o morgado de Oliveira educava os filhos, imprimindo-lhes, sem interrupção, mesmo de longe, os solidos principios da nobreza de alma e o amor incessante ao *verdadeiro* saber. Pois que daria um longo capitulo áquella correspondencia, limitar-nos-hemos a amostras, para corroborar o ponto.

Na carta de 4 de janeiro de 1794 recommenda-lhes: «que façam elles proprios as dissertações, e que não apresentem aos lentes trabalho encommendado a outrem, e portanto falso, devendo aquelle facto ser por elles considerado *caso de honra*». Á parte a seriedade do principio, como não é tambem curioso para a historia o ver já então a fraude das dissertações compradas!

A carta de 8 de outubro de 1796 é um primor de conselhos e um modelo de honradez para infiltrar nos espiritos juvenis. Sentimos que por sua extensão não possamos senão extractal-a. Desejavam os filhos aproveitar-se da dispensa de frequentarem o quarto anno (privilegio ás vezes concedido), obrigados sómente ao acto posterior. Responde-lhes o pae: «Não basta fazer os actos; o que é mais necessario ainda é o *saber*. Sinto no fundo do meu coração todas as relaxações dos estatutos que tanto desvelo e incansaveis fadigas houveram a *Quem* cooperou para este *primeiro entre os bons serviços* do publico e da nação». E calculando a pena que os filhos teriam por assim deixarem de regressar logo a Lisboa, pena sua tambem, que elle mal disfarça, acrescenta, como reparadora consolação: «Do que fica dito resulta que não convem usar d'esta graça, e que assim nos veremos,

permittindo-o Deus, nas ferias do natal, sem que se possa dizer, em tempo algum, que ambos deixaram de procurar o saber para serem homens debaixo das regras do mais honrado e uniforme comportamento».

Não diz a correspondéncia o como elles receberam de el-rei a graça desejada, mas o extremoso pae levou a rigidez dos principios a votar (provavelmente na qualidade de conselheiro d'estado) contra a graça geral que trazia os filhos em alvoroço, porque lhes escreve estas palavras memoraveis: «Eu não me conformei com a graça. Isto só tem agora como remedio uma grande applicação e os fructos avultados d'ella; convem n'este anno crescer muito em credito, por todos os modos. Dize-me o que se tem dado, as vezes que te têem perguntado as lições e a teu irmão, os argumentos, as outras applicações ou estudos a que ambos se dão, porque tudo pretendo saber».

A significação de tão interessante correspondencia paterna como fonte de educação moral, de instrucção litteraria, e como raiz dos mais solidos principios da honra e da sociabilidade, em si propria se revela, e o commental-a seria enfraquecel-a [1].

A condessa de Rio Maior, de origem allemã por sua mãe, dotada de instrucção primorosa e de altas prendas intellectuaes, casada com um homem de ta-

[1] Toda esta correspondencia, de que só démos amostras, existe ainda no cartorio da casa da Annunciada, do sr. conde de Rio Maior, e pelo conhecimento d'ella damos a s. ex.ª os mais sinceros agradecimentos.

lento e coração, como era o morgado de Oliveira, presidia á educação de sete meninas, que, todas ellas, effigies moraes da mãe, se iam tornando modelos na sociedade portugueza, como pelo correr do tempo vieram a testemunhal-o.

Destacava-se da classe alta aquelle grupo gentil. Ao revéz dos costumes da epocha, as morgadas (assim as denominavam) tinham mestras estrangeiras de linguas, e os melhores professores de piano, harpa, canto, dansa, geographia, historia, desenho. Documentos authenticos demonstram o que o morgado de Oliveira realisava para que o brilhantismo da educação de suas filhas excedesse ao que então era de uso entre nós. «Tenho por necessidade deixar declarado (escrevia em 1786 o morgado de Oliveira) que desejando que minhas filhas tenham uma boa e conveniente educação, *segundo o que invariavelmente se pratica em todos os paizes cultos*, tratei de que se achasse em París uma senhora que desempenhasse as importantes obrigações de aia, companheira e mestra das ditas minhas filhas»[1]. Sim, foi contratada em Paris madame de Camp, por alto preço. Chegaram á casa do morgado de Oliveira, ella e a filha, mas «por bem fazer, mal haver», e d'esta vez as esperanças do pae educador foram illudidas. Madame de Camp, em logar de ministrar educação ás meninas,

[1] Esta curiosa historia dos factos e largas vistas do morgado de Oliveira a respeito dos filhos e filhas, encontra-se n'uma collecção existente no cartorio da casa, sob o titulo de *Curiosidades*, maço 1.º, n.º 3.

ministrava-lhes bofetadas, a occultas, e até, á mais novinha, á sensivel Maria Ignacia, de seis annos, carcere privado no dia da procissão do Corpo de Deus, aproveitando a solidão do palacio. Depois de um processo curiosissimo, foi despedida madame de Camp, e substituida por quem mais carinhosa e sabiamente podia elevar a educação ao primoroso ponto a que os morgados de Oliveira queriam attingir.

D'entre as primeiras, se não como primeiras, brilhavam as *morgadas* por sua elegancia, indole e prendas intellectuaes, nos bailes, no theatro, nas reuniões, onde sempre as distinguiam todas aquellas qualidades, esmaltadas por uma candura benevolente, caracteristica na familia Rio Maior. O palacio da Annunciada era ponto de reunião dos portuguezes instruidos, do corpo diplomatico, dos estrangeiros de nomeada que por motivo dos extraordinarios successos politicos chegavam a Lisboa. N'elle figurava, quasi como parente, o principe Augusto de Inglaterra, irmão de Jorge III, e tão intimo, que de Londres se carteou depois com a familia do morgado de Oliveira, exprimindo sempre franqueza amoravel. N'uma das cartas dirigiu a cada uma das meninas a phrase que lhe retratava a feição moral. N'outra, ao conde de Rio Maior, mandando-lhe os parabens pelos treze annos do moço João Carlos, escreve: «Transporta-me a imaginação ao seio dos meus amigos, e pergunto: lembrar-se-hão elles de mim? fallarão de mim? Oh! se na casa da Annunciada soubessem todos como eu lhes quero, e como allivia a minha saudade a convic-

ção de não ser esquecido por elles [1]!» Citâmos só alguns exemplos, no intento de mostrar o que era o palacio da Annunciada para estrangeiros e portuguezes.

II

Vinha de tradição constante o ser a casa da Annunciada um centro de letras e artes, em que se desenvolviam os espiritos. Muitos factos o revelam. Um d'elles apresentaremos, curiosissimo pela feição da epocha, e pela claridade que derrama sobre a nossa narrativa. É nada menos do que o sarau litterario offerecido, com magno esplendor, ao marquez de Pombal, no dia do seu nome, a 20 de janeiro de 1774, pelos morgados de Oliveira, genro e filha do marquez, e paes de João Carlos.

Todo por dentro e fóra illuminado,
o castello feudal pernoita em festa.

Não é em castello feudal, mas no palacio da Annunciada em Lisboa, n'aquella correnteza de salas illuminadas e festivas. Na mais esplendida está o grande marquez, no logar de honra. Suas tres filhas, D. Maria Amalia, dona da casa, D. Maria Francisca (mulher de D. Christovão Manuel de Vilhena) e D. Violante, condessa de S. Paio, as familias d'estas

[1] Collecção das cartas do principe Augusto nos annos de 1802 a 1808, existente no cartorio da casa Rio Maior.

senhoras, o corpo diplomatico, a nobreza de ambos os sexos, tribunaes superiores, generaes, a sciencia, a litteratura, tomam quinhão no festejo.

Tinham-se combinado previamente os assumptos litterarios sobre que se haveria de discursar, analogos ao dia e á pessoa; outros deveriam ali romper de improviso. «Foi e é mais util á religião ou ao estado o ministerio do sr. marquez de Pombal?» Eis o primeiro.

«Á religião», defendeu n'um discurso o morgado de Oliveira. «Ao estado», sustentou em seguida, largamente, Manuel Pinto da Cunha e Sousa. Proseguiu, em terceiro discurso, D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Era, n'um quadro, a vida do marquez. N'este periodo (caracteristico da epocha) resumia o terremoto: «Convulsa a terra, conjurados todos os elementos, abrazada a pomposa Lisboa, profugos e sem lares todos os seus habitantes, a magestade reduzida a indecorosas accommodações, exhausto o regio erario, as tropas fugidas, os ministros subalternos consternados, ameaçavam, senão o ultimo dia aos homens, o ultimo ao esplendor da monarchia! Que lastimosa conjunctura seria para nós e para nossos netos, se vissemos e elles lessem essa catastrophe de outro modo que não fosse o que nos presenteou o generoso coração de sua magestade assistido do seu fiel ministro, acudindo a todos os pontos, e remediando todos os estragos; com uma das mãos extinguindo o fogo, com a outra dando limite ás aguas; com uma das mãos sepultando os mortos, com a outra curando os vi-

vos; com uma das mãos levantando edificios, com a outra expedindo as frotas para que o commercio não parasse, para que os povos distantes se não abatessem, antes ministrassem os meios de soccorro a seus paes, a seus irmãos, a seus amigos e aos seus iguaes».

Nos intervallos resfolgam; serve-se o classico chá, entre fartas bandejas de doces; os refrescos são depois em profusão; passeia-se, conversa-se animadamente, cada um elogia o discurso, que mais lhe tinha agradado; as donzellas é natural que elogiassem ainda com mais enthusiasmo os olhos ardentes e as declarações apaixonadas dos que hoje são nossos avós.

Mas, silencio! aos seus logares! Quem é aquelle que se levanta agora para fallar? É o reitor da Nazareth,—pois que tambem das provincias acudiram os homens instruidos para discorrer. Que novo ponto surge agora na téla da discussão?

Este: «Qual é de maior gloria para o sr. marquez de Pombal, se o estabelecimento das letras ou o das armas? Defende: «que o das letras» o reitor da Nazareth; «que o das armas», outro orador. Quem não esteve pelos autos foi Paulino Antonio Cabral. Verdadeiro tira-teimas, não querendo deixar azedadas com o estadista as letras nem as armas, precursor dos futuros ordeiros, assim ligou as duas idéas n'um soneto, que offereceu ao santo da festa, a contento de todos:

Se os olhos lanço á tropa portugueza,
Se ao lusitano estudo o pensamento,
Não sei, senhor, se as armas de ornamento
Se ao reino as letras servem de defeza.

Com esplendor igual, igual nobreza,
Brilhar se vêem com tão feliz augmento
Que as esquadras ás leis dão fundamento
Que a Sciencia á Milicia dá firmeza.

A união foi feliz e tão preclara
Que ao patrono immortal, por quem florece,
A gloria augmenta sim, mas não separa.

E tão mutua se vê, que até parece
Que Marte ao seu saber louros prepara,
Que Phebo ao seu valor palmas off'rece.

Paz geral!

Levantou-se Joaquim José Ferreira Lobo, e recitou um romance resolvendo o ponto: «Em que enche mais o titulo de Magnifico o s.r rei D. José, se na eleição de um tão grande ministro d'estado como é o sr. marquez de Pombal, se nas grandes obras que tem feito em beneficio dos seus vassallos». E depois de ainda discursarem sobre novos pontos do mesmo assumpto e de recitarem poesias José Barbosa, Ignacio Carvalho da Cunha, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Gaspar Pinheiro da Camara Manuel (na Arcadia Ergastulo Herculano) e outros, fechou o sarau o segundo conde de Oeiras, felicitando os oradores e os poetas, e agradecendo-lhes a maneira por que expressaram os serviços e qualida-

des de seu pae, não se esquecendo o conde de Oeiras de tambem mencionar el-rei.

E assim terminou aquella brilhante festa litteraria, que se tinha seguido a outras, e que a outras tambem antecedêra[1].

III

Estes eram os saraus scientificos e litterarios de grande pompa e largos horisontes. Havia-os tambem mais intimos, e em que não menos se cultivavam as artes. Defronte de mim tenho n'este momento um dramasinho em verso, escripto expressamente para o representarem na presença da marqueza de Pombal (viuva já então do grande ministro) duas de suas netas, filhas d'aquelle mesmo morgado de Oliveira, D. Maria Ignacia e D. Marianna de Saldanha, pequeninas irmãs de João Carlos. Era gentilmente infantil aquella festa. A avó tinha vindo passar alguns dias com a filha. As netas dedicavam-lhe uma recita com o dramasinho: «O digno objecto», allusivo á chegada. Levanta-se o panno. Amira (a joven Maria Ignacia) correndo com uma pombinha na

[1] Todas as poesias e discursos recitados n'este sarau se acham archivados, na sua integra, no cartorio da casa do sr. conde de Rio Maior na estante: *Curiosidades*, maço 1.º, n.º 18; «parecendo a toda a côrte de Lisboa esta sessão litteraria, diz a declaração que os precede, uma das mais bem dirigidas que se havia visto, sendo grande o concurso dos sabios e da nobreza, havendo uma geral satisfação. Lisboa, 31 de janeiro de 1774».

mão, pretende, toda envergonhada, revelar um segredo á irmã. Armania (a Marianninha), escrevendo, riscando, olhando para o ar, não lhe póde agora dar attenção, mas previne-a de que tambem lhe deseja revelar outro segredo. Depois em arias, em duetos, em recitação, vae cada uma revelando o segredo á outra; mas, ó pasmo! os dois são um. Armania diz-lhe que a escripta em que está empenhada é uma poesia para offerecer á avó, quando ella chegar; a outra, Armia, conta-lhe tambem o seu caso.

Eil-o. Andava colhendo flores no jardim, com que tecesse um ramalhete para brindar a avó, quando de subito vê no ar aquella pombinha, perseguida por um francelho. A pobre pomba vôa, mas já desanimada, vem fugindo, todas as fibras lhe tremem, por instantes vae morrer. N'aquelle repente garras aquilineas arrebatam o perseguidor, e a avesinha vem caír-lhe esmorecida no regaço. Está salva; mas precisa de uma defeza eterna. «Doce pomba, serás tu o presente que offerecerei *Áquella* em que para sempre acharás a melhor defeza».

Armania não tem pombas nem flores, tem versos. Que pretende ella cantar á bemvinda? As virtudes do heroe que reedificou Lisboa? Que versos o podem cantar? Ah! cantará as virtudes de Leonor. Amira, tão discreta apesar de tão nova, pergunta-lhe infantilmente se não conhece a modestia d'aquella senhora, que se offenderia de lhe cantarem as virtudes? Armania, toda confusa, logo ali rasga a poesia, e pede conselho á irmã sobre o que ha de então offerecer. Silencio. Uma, com a mão na testa, a contem-

plar o chão; a outra, com as mãos cruzadas, a interrogar o céu. Scismam ambas, aquellas innocentes. «Ah! já sei, rompe a reflexiva Amira, has de lhe offerecer o que eu e as outras todas lhe offereceremos tambem: amor e obediencia». E ambas, adiantando-se, cantam:

Armania: *Não cabe em minh'alma,*
Amira: *No peito não cabe*
Ambas: *Amor que mais sabe*
Sentir que fallar.

(Têem já entrado em scena as outras meninas, suas irmãs mais novinhas).

Amira (para as meninas):
Vinde, sangue amado;
Vinde, irmãs queridas,
Ambas: *E todas unidas*
A vamos saudar.
Armania: *Mil ternas caricias*
Serão renovadas,
Todas: *Depois de, prostradas,*
A mão lhe beijar.

E todas, cantando em côro infantil, dirigem-se a beijar a mão á avó, e, com uma chuva de flores, a cobrem de beijos. A avó, recebendo nos braços as suas sete netinhas, deu-lhes o que uma avó costuma dar na hora da ternura, os sorrisos das lagrimas[1].

Succediam-se d'este modo n'aquelle palacio da An-

[1] Este dramasinho, e sua historia para a festa infantil, existem no cartorio da casa da Annunciada.

nunciada as noites scientificas, os saraus litterarios, ou as reuniões familiares dos affectos intimos, e, para o descrevermos qual era, acabâmos intencionalmente de apresentar, nas transcripções expostas, o caracter amoravel de que se imbebiam prosa e verso.

Ali se palestrava sobre os acontecimentos vertiginosos do tempo no principio do seculo, sobre as letras e artes, ali cantavam e dansavam na perfeição, ali se reuniam em academias, ali se aperfeiçoavam no bello, ali n'aquellas salas adornadas de tão notaveis damas reflectia a sociedade elegante e artistica da Europa.

Este foi o berço em que se embalou aquella creança, esta foi a atmosphera que respirou o adolescente João Carlos. N'um tal centro de intelligencia, de gentileza, de carinhos, se ia formando aquelle coração, sentindo aprimorar-se pelo trato o que na alma lhe imprimira o caracter.

IV

Era nas vesperas da primeira invasão franceza.

Excitados andavam os animos em Lisboa. Como pensaria uma filha do marquez de Pombal a respeito de imposições estrangeiras, facilmente o ajuizará quem mesmo na historia não for assás lido. No palacio da Annunciada celebrava reuniões o conselho d'estado, para o conde (impossibilitado de saír por doença de gota) poder emittir as suas opiniões, es-

cutadas sempre com religioso acatamento, mas infelizmente nem sempre adoptadas. O principe Augusto de Inglaterra, quasi da familia, como dissemos, tinha favorecido ás claras, emquanto esteve em Lisboa, o partido portuguez contra a facção que se inclinára a Lannes, embaixador de França. Em todas estas aguas da independencia nacional recebia o moço João Carlos o baptismo da dedicação á patria.

Desde o berço havia chamado as attenções. Aos tres annos apresentava tão precoce desenvolvimento, que o pae o denominava *notavel*[1]. Mal presumia aquelle pae o que daria de si a creança que visivelmente se avantajava ao que é natural n'aquella tenra idade.

Educado no lar, cujo esboço traçámos ligeiramente nas suas feições litterarias, artisticas, affectuosas, sociaes e domesticas, o brio que lhe foi innato e o amor aos esplendores da gloria logo se manifestaram desde os primeiros passos que deu no mundo. Entrado apenas na adolescencia, não só cursava já com o maior aproveitamento os estudos mathematicos na real academia de marinha, sendo exemplar o seu comportamento moral e civil, como tambem era galardoado com os premios destinados por aquelle estabelecimento scientifico aos estudantes que mais se distinguiam[2]. Assim o attestava em 1807 o marquez de

[1] Carta do morgado de Oliveira a seu filho (Antonio), de 4 de janeiro de 1794.

[2] Certidão do marquez, commandante do regimento de infanteria n.º 1, de 9 de janeiro de 1807. *Os duques*, de João Carlos Feo, pag. 599, nota.

Alegrete, commandante do regimento em que o joven Saldanha assentára praça; mas, interrogando alem d'isso o documento authentico primitivo, encontrâmos a prova official por excellencia. É a folha indicativa da historia litteraria do alumno João Carlos no proprio livro da antiga academia. Laureado com a distincção no seu primeiro anno lectivo (em que não havia premio) foi premiado no segundo (1807) com destino para a engenheria, e premiado no terceiro (1808) com destino á marinha. Assim recebia o moço estudante nos annos todos do seu curso as distincções e os premios: conquistas em que tão novo se estreiava nos certames da paz, preludio dos que de longe lhe estavam acenando na guerra [1].

Ainda estudante, assentou praça, em cadete, no celebre regimento de infanteria n.º 1, a 28 de setembro de 1805, tendo apenas quatorze annos de idade.

Nove mezes decorreram.

É o dia de S. João, 24 de junho de 1806. Estamos no theatro de S. Carlos. Festeja-se o nome do principe regente. De gala traja a côrte, e a sala toda se expande em alegria communicativa. Não póde já a população de Lisboa ouvir aquella voz extensa, agil, crystallina, quasi milagrosa, da afamada, que arrebatava o espectador, cuja tradição o tempo veiu

[1] O documento authentico, folha 99, indicadora da historia litteraria do moço João Carlos de Saldanha, encontra-se no livro III da academia de marinha, existente no cartorio da escola polytechnica de Lisboa. Devemos o conhecimento d'elle á bondade do sr. Fernando de Magalhães Villas Boas, digno secretario da mesma escola.

transmittindo, e que se chamava a Catalani. Após cinco annos successivos, em que entre nós causou delirio, acabava de ser escripturada para o estrangeiro, e vinha substituil-a a notabilissima Eckart.

O joven cadete presenceia da platéa a representação da festejada opera de Zingarelli, *Pirro*, ensaiada pelo nosso compatriota, o admiravel compositor Marcos Portugal. Tudo incita o enthusiasmo n'aquella noite. A opera (consinta-se-nos a phrase consagrada) *está posta em scena* com o brilhantismo tributado ao maestro, ao dia festivo, e ao respeito devido ao publico. Desconhecem-se ainda as *claques* para crearem as famas falsas e illudirem a innocencia ignorante. O vestuario, sob a direcção de Chagas, o Cohen de então. O magnifico scenario, todo novo, do excellente pintor italiano Mazzoneschi, o Rambois-Cinnati d'esse tempo. Do camarote acena para João Carlos de Saldanha um primo seu, da casa de Sampaio. João Carlos não o entende, e, quanto menos o entende, mais o primo redobra o accionado, saltitando com as mãos sobre os hombros. N'esta mimica proseguiram, o primo a rir-se e a desfazer-se em cortezias de felicitações, João Carlos a rir-se de o ver cortejar e rir. O acto parecia eterno aos dois figurinos de namorados. E todavia as vistas succediam-se esplendidas; eis aquella que mais surprehende, a do immenso terreiro, destinado para o congresso geral dos gregos. Lá está o espaço cheio de edificios, uns ainda magestosos, outros em parte incendiados, o exercito da Grecia todo formado, generaes á frente, rodeado o throno das guardas reaes,

e o joven Pirro, ou antes a admiravel Eckart, que em Pirro se transformára graciosamente, animando a scena com a magestosa aria: *La Grecia mi ascolti.*

Pois nem a magestosa aria inspirou socego áquelles dois primos. Lá estão cantando o dueto o magnifico tenor Mombelli com a notavel Banti; lá se lhe segue o terceto das damas e do tenor: *Polissema m'inganno*, em que, alem da Eckart e do Mombelli, brilha tambem a Sessi, tão merecidamente querida do publico. Lá remata o primeiro acto com o retumbante quarteto acompanhado a córos. Todos esses trechos, que enthusiasmavam os espectadores, pareciam pallidos áquelles dois anciosos. Finalmente! Cae o panno. João Carlos, todo curiosidade, corre ao camarote, mas já do camarote corrêra o primo para a porta da platéa. Encontram-se.

—Pois não entendeste, João? Tens as tuas dragonas, cadete. Foste despachado hoje... adivinha... foste despachado capitão!

João Carlos ficou abstracto. Ainda o não sabia. Official! capitão! era como quem dissesse áquella cabeça ardente: marechal!

—Não o sabias tu, porque andaste o dia todo a passeiar.

—Capitão! exclamou o moço cadete, e pulou-lhe a alegria que ainda remoçava o marechal quando narrava o caso.

Quão delicioso não vibraria na alma do capitão de quinze annos, no resto d'aquella noite de 24 de junho, o segundo acto do *Pirro*, qual phantasioso con-

to das *Mil e uma noites* que ia abrir a porta á verdade das mil e uma aventuras da sua vida marcial.

Effectivamente, a 8 de janeiro d'esse anno de 1806 assignára o principe regente um decreto, declarando que os filhos militares dos conselheiros d'estado receberiam como primeiro posto o de capitão. Em virtude d'este decreto fôra despachado capitão addido ao seu regimento o cadete João Carlos de Saldanha em 24 de junho do mesmo anno, e de capitão addido passará a capitão effectivo a 17 de agosto de 1807.

As distincções, provindas de privilegios, sem que o trabalho proprio as confirme, só illustram os ineptos. Nenhum merecimento cabia a João Carlos de Saldanha por subir a capitão pelo privilegio do regimen absoluto. Que no direito do merito individual se baseava, já vimos. Se é porta justificadamente aberta para a estrada marcial em que dá os primeiros passos, a authenticidade dos factos o indicará.

CAPITULO III

GUERRA DA PENINSULA

I

No dia 27 de novembro de 1807, decorridos tres mezes depois de João Carlos de Saldanha ter sido despachado capitão effectivo, o principe regente, acompanhado da familia real e de parte da côrte, saia a barra de Lisboa, fugindo aos francezes commandados por Junot, deixava em seu logar uma regencia, e recommendava á nação que recebesse o exercito invasor como verdadeiro amigo, amigo porém ao qual sua alteza fazia as honras da patria, abandonando-a para o não ver.

O reinante fugido, a nobreza dispersa, o commercio paralysado, exhausto o erario, a esquadra singrando para os mares americanos e deixando na orphandade o Tejo em perigo, a invasão irrompendo, com duas calamidades, a amisade fingida e a assolação desrebuçada: eis o quadro lastimoso. Em tão densas trevas só uma luz entreluzia esmorecida ás vistas geraes, mas concentrando em si toda a for-

ça do brilho que na propicia occasião lançaria em jorros: era o povo.

O povo protestava a cada momento. Logo após a entrada dos invasores em Lisboa, assim o mostrou, atirando sobre elles, a troco mesmo da pena de morte imposta aos que fizessem uso de armas ou fossem simplesmente cabeça de motim. Nas procissões, nos arraiaes, em qualquer dos seus ajuntamentos, protestava contra a policia do elemento francez; nas povoações pequenas, protestando com as ameaças, sacrificava as proprias vidas; quando via arriar no castello de S. Jorge a bandeira das Quinas protestava com os seus tumultos; quando assistia no theatro ao desenrolar da bandeira tricolor entre vivas ao despota que representava a sujeição, respondia, embora inerme, levantando vivas a Portugal e recebendo das balas estrangeiras a morte gloriosa do martyrio; até que por fim, sem armas, sem munições, sem tropa, sem recursos de ataque nem de defeza, desfraldando a sua bandeira da independencia nacional, ergueu-se do norte ao sul, apresentando por trincheiras os peitos, por espingardas de guerra as enxadas do trabalho, por viveres as fazendas, e de todos formando um só, gigante que surgia do solo portuguez, collocou-se frente a frente do gigante do mundo, e despedaçou-o com a valentia do seu braço e com a justiça do seu direito.

A par do povo, antes mesmo do povo, protestára já, no regimento n.º 1, a que pertencia, um moço que apenas completára dezesete annos, e que, a troco de ver cortada a carreira do homem futuro que

se poderia chamar o marechal Saldanha, solicitava a sua baixa de official do exercito portuguez, em seguida á fuga da familia real para o Brazil, por não querer militar debaixo das bandeiras francezas, recebendo a honrosa demissão por um despacho especial da regencia, de 25 de janeiro de 1808, e provisão do conselho de guerra, de 29, documento precioso, que ainda hoje existe [1].

Alem de se desligar, a pedido seu, do exercito em que assentára praça, e portanto das armas sujeitas ao dominio francez, o insoffrido, que protestava perdendo a carreira, quiz em acto continuo correr á salvação nacional, sobre o perder a carreira expondo-se a perder a vida. A 5 de fevereiro, sete dias depois de receber a sua baixa, installava-se clandestinamente em Lisboa uma associação de conspiradores para promover a restauração da patria. O moço João Carlos, inscrevendo-se logo n'ella, é admittido, na decima terceira sessão do conselho, como o vigesimo setimo ajuramentado e chefe de sequazes, apesar dos seus poucos annos [2]. Soldado, recusa a vida ao poder estrangeiro; paizano, offerece-a em holocausto ás mãos do algoz.

[1] Este documento conserva-se, em original, no cartorio da casa Rio Maior, na collecção *Immediatos*, maço 10.º, n.º 4.

[2] Documento extractado, pelo benemerito general o sr. Joaquim da Costa Cascaes, de um escripto impresso; — cartas do mesmo general Cascaes, ao auctor, de 12 de abril e de 31 de outubro de 1878.

II

Se com o povo protestava, ao brado popular vae acudir tambem.

Entrâmos na guerra peninsular.

Acabâmos de ver o moço João Carlos demittido, em 1807, a pedido seu, e aguardando o ensejo de tudo sacrificar pela salvação da patria.

Mezes depois, quando, meiado anno de 1808, se levanta a nação, corre logo ás armas João Carlos, sendo reintegrado por decreto de 30 de setembro no posto de capitão, encorporando-se, com o bravo regimento 1, na divisão do general Bernardim Freire de Andrade.

Marcha para o campo da batalha em julho de 1809, commandando a oitava companhia do seu regimento. Acontece logo indisciplinar-se a companhia de granadeiros, e o que faz o coronel? D'entre todos os capitães escolhe o da oitava companhia, o mais moderno, aquella quasi-creança de dezoito annos, para disciplinar a companhia revoltada, que elle immediatamente restabelece na ordem, com o poder já então magico da sua fascinação[1]. Os granadeiros ouvem aquella voz, enleiam-se n'aquelle olhar, e nem companhia deseja mais outro capitão, nem capitão se quer mais separar d'aquella companhia. Casou-os uma electricidade do genio.

Tal era o prestigio instinctivo, que ao coronel e aos soldados principiava a infundir aquelle moço, an-

[1] *Os duques*, de João Carlos Feo, pag. 600.

tes mesmo de dar no campo da batalha as provas que o exercito ia presencear.

Decorrem cinco mezes. Fôra chamado a Thomar, temporariamente, para ajudante de campo do brigadeiro Miranda Henriques, depois visconde de Souzel. Beresford, nomeado commandante em chefe do exercito portuguez, acabava de o organisar, estatuindo que a tactica ingleza fosse applicada á nossa tropa. Que era difficil a transformação pratica, sem tempo sufficiente, salta á vista menos perspicaz. O capitão João Carlos de Saldanha lançou-se a estudar, praticamente, por acto espontaneo e com todo o ardor, os exercicios de brigada conforme a tactica novissima, e quando Beresford, chegando a Thomar, passa revista á divisão do general Blunt, este general apresenta a Beresford o capitão João Carlos, *como o unico official já completamente habilitado para commandar pela tactica referida*, como o provou, commandando ali um regimento. Beresford, enthusiasmado, promove a major por distincção militar, em 2 de dezembro de 1809, o moço João Carlos, com dezenove annos de idade, preteridos por aquelle comportamento especial de Saldanha quasi todos os capitães do exercito, e manda-o desde logo encorporar no seu regimento 1, «por querer nas fileiras o major mais distincto do reino» [1].

[1] *Os duques*, por Feo, pag. 600. A proposta de Beresford é de 2 de dezembro de 1809; o despacho regio é de 9 d'aquelle mez. A certidão authentica e a patente com a data de 9 de abril de 1811 expedida do Rio de Janeiro, existem no cartorio da casa Rio Maior, *Immediatos*, maço 10.º, n.º 4.

Desenrola-se a monumental campanha peninsular. Succede-se brilhantemente a serie das batalhas que foram assombro do mundo. Na celebre batalha do Bussaco (27 de setembro de 1810) vê-se o major João Carlos de Saldanha, no meio de um fogo infernal, reunir as duas companhias de granadeiros dos regimentos 1 e 16, e no sitio fronteiro ao quartel general de Wellington, á frente do novo e por elle improvisado batalhão, repellir denodadamente o inimigo [1]. O comportamento do batalhão mereceu o titulo de bizarro, e o joven Saldanha tornava-se, por aquelles brilhantes feitos, digno de elogios especiaes [2].

De 7 a 19 de janeiro de 1812 tomava parte com o seu regimento 1 no assedio e assalto de Ciudad-Rodrigo, que ficaram immortaes. A brigada de Pack (de que o regimento 1 de Saldanha era o primeiro corpo de infanteria), uma das destinadas ao assalto, convertendo espontaneamente o ataque simulado n'um ataque verdadeiro, e no impeto fazendo prisioneiros a quantos se lhe oppunham, comportou-se de tal modo, que lord Wellington declarava officialmente no dia seguinte haver mesmo excedido as suas esperanças; e entre os regimentos que especialmente

[1] *Excerptos historicos* e *collecção de documentos relativos á guerra denominada Peninsular*, pelo illustrado escriptor, sr. Claudio de Chaby; Discurso do marechal Saldanha na sessão da camara dos pares de 15 de fevereiro de 1848.

[2] *Histoire générale des hommes vivants*, Genève, 1868; *Universo Pittoresco*, n.º 1, 1843. (Estudo sobre o marechal Saldanha.)

se distinguiram recommendava o regimento 1[1]. Na batalha dos Arapiles (Salamanca) a 22 de julho o seu regimento na brigada de Pack foi um dos que investiram aquelles montes, conseguindo arrojadamente apoderar-se da altura, e pelejando as tropas quasi braço a braço [2]. Com a distincção costumada combateu na acção do Carrião a 25 de outubro, na defeza da passagem do Thormes de 8 a 14 de novembro, no combate de S. Munhoz a 27. Em setembro d'esse anno fôra promovido a tenente coronel, preteridos vinte e tres majores, e entre elles majores inglezes, como tambem por distincção havia sido promovido a major, preterida a maior parte dos capitães [3].

III

Apparece-nos aqui uma fonte preciosissima para a historia de que nos occupâmos. É nada menos do que a propria correspondencia original de João Carlos de Saldanha para o seu irmão primogenito, o conde de Rio Maior, nos annos de 1813 e 1814, escripta por assim dizer com a polvora das batalhas, já na ardencia das victorias, já nos gelos dos Pyrenéos. Perdeu-se infelizmente a correspondencia

[1] *Excerptos historicos* citados, vol. IV, pag. 470 e 471; *Historia de Portugal nos seculos* XVIII e XIX, pelo sr. Pinheiro Chagas, vol. II, pag. 295.

[2] *A guerra peninsular*, pelo sr. Pinheiro Chagas, pag. 119.

[3] A promoção a tenente coronel, pela proposta de Beresford, foi em 5 de setembro de 1812.

com sua mãe nos tres annos anteriores, mas salvou-se a que dirigiu ao irmão[1].

Principiava a campanha de 1813. Os francezes tinham sido arremessados para fóra de Portugal pelo exercito alliado, e os nossos perseguiam o inimigo por Hespanha[2]. A brigada de Pack (infanteria 1, a que Saldanha pertencia, 16, e caçadores 4) formava a *vanguarda* da esquerda do exercito[3].

Na brilhante batalha de Victoria (21 de junho de 1813) Saldanha esteve sempre no fogo desde o meio dia até á noite. Declara-o na carta ao irmão[4]. Mas o que não declara é o que fez com o seu regimento. Pelas mais difficeis e arriscadas de tomar se consideravam as formidaveis posições dos francezes: as Gamarras. Pois a brigada de Pack (tendo de reforço caçadores 8 e um corpo hespanhol) de que o regimento 1 era o primeiro, recebeu ordem para flanquear e ganhar aquellas alturas quasi inexpugnaveis. Investiu a brigada impetuosamente com a Gamarra menor. Apoderou-se d'ella. Faltava a mais importante e perigosa, sustentada pelos francezes com denodo incrivel: a Gamarra maior. Foi tambem investida pela brigada, que desalojou o inimigo após

[1] A collecção preciosa d'estas cartas conserva-se no cartorio da casa do actual sr. conde de Rio Maior, na prateleira *Curiosidades*, maço 1.º, n.º 18. Devemos ao benevolo conde o minucioso conhecimento d'ellas.

[2] Carta de João Carlos, de 3 de junho de 1813, de Marvan, nove leguas de Valladolid.

[3] Carta de 3 de junho citada.

[4] Carta de João Carlos, de 27 de junho de 1813.

lucta renhidissima, e, tomando-lhe tres peças, sustentou heroicamente aquella formidavel posição, que os francezes debalde tentaram e retentaram retomar. Estes heroicos feitos de armas da brigada a que pertencia o regimento 1 mereceram distincção especial, e o seu comportamento foi denominado *admiravel* pelo tenente general Graham[1].

Esta a immortal batalha de Victoria a 21. D'ali a tres dias a mesma brigada foi mandada tomar uma posição no caminho para Villa Franca, e tomou-a valorosamente[2]. Não relata Saldanha o nome da povoação. Era a aldeia de Veasayn. O general Graham participava que o ataque e a tomada de Veasayn se tinham executado da maneira mais brilhante. O inimigo fôra expulso arrojadamente, evacuando em seguida Villa Franca, ponto de que a nossa gente se queria apossar e que logo occupou[3].

Succediam-se os combates sem interrupção: o inimigo perdendo e recuando, os nossos vencendo e arremessando-os.

No dia 25 os francezes, firmando pé, esperam o nosso exercito, a distancia de uma legua antes de Tolosa. Deu-se a batalha. «É tal a natureza do terreno (escreve João Carlos textualmente), que só ven-

[1] *Excerptos historicos* citados, vol. IV, pag. 704 e 705; *Historia de Portugal nos seculos* XVIII *e* XIX, pelo sr. Pinheiro Chagas, vol. II; ordem do dia de Beresford e officio de lord Wellington, de 22 de junho de 1813.

[2] Carta de João Carlos, de 27 de junho de 1813.

[3] *Excerptos historicos* citados, vol. IV, pag. 744, e ahi officio do general Graham, de 26.

do-se é que se póde conceber; a quasi todos pareceu impossivel poder desalojar d'ali o inimigo, mas o bravo sir Thomás Graham dispoz logo a batalha. *A minha brigada* e a de Bradford *atacaram de frente*. Ás seis horas da tarde os francezes começaram a ceder e a retirar-se para Tolosa.

«Tolosa é murada, e os francezes tinham fechado as portas e barricado as ruas, porém o nosso segundo Wellington, que não acha difficuldades, mandou avançar a artilheria, e com ella arrombou as portas. Entrámos em Tolosa á noite. Hontem e hoje fizemos alto, e com effeito se este trabalho durasse mais quatro dias sem descanso, parece-me que morria de fome e de somno. Os meus comprimentos a todos, e as manas que se lembrem de pedir a Deus que eu possa ainda ter o gosto de as ver[1].»

N'esta ultima recommendação transparecem vivamente os perigos que elle arrostou no decorrer da terrivel batalha.

Mas lá vae succedendo uma scena formosissima, que a todos impressiona e que aos proprios combatentes commoveu com lagrimas[2]. Que é? Arrombadas as portas de Tolosa, o exercito alliado principia a tomar uma a uma as ruas barricadas. As familias hespanholas estão todas (como é natural) encerradas nas casas, implorando o Deus da victoria a favor do exercito que principia a entrar e a combater. Á proporção que os nossos ganham aos france-

[1] Carta de Tolosa, de 27 de junho de 1813.
[2] Carta de 27 de junho.

zes cada uma das ruas, as familias, abrindo as janellas e as portas, bradando, applaudindo, vão pondo luminarias, e logo saindo para a rua, pelo meio do fogo, com vélas accesas, archotes, tudo quanto póde alumiar, enthusiasmados homens, mulheres, creanças, communicando o enthusiasmo aos officiaes e soldados, que não podem ver uma tão patriotica scena com olhos enxutos; e assim acabou de se illuminar Tolosa toda com a saída do ultimo inimigo: funeral de luz, que saudava a redempção d'aquelle povo.

No seguinte mez estão no celebrado cerco de Pamplona.

—«É meio dia (escreve Saldanha), chego n'este momento das trincheiras e ás seis horas já lá hei de estar. As bombas e as balas do inimigo andam sempre girando sobre nós. Ha duas horas que rompemos o fogo em tres differentes baterias, ao mesmo tempo trinta e duas peças! Achava-me na frente d'ellas quando n'um instante dado todas principiaram o fogo, e com verdade lhe posso assegurar que a terra tremia como eu nunca a senti tremer; imagine como estarão os nossos ouvidos. *P. S.* Póde bem ser que ámanhã ou depois se assalte. O fogo do inimigo já matou dois soldados dos meus. Se Deus quizer depois do assalto lhe mandarei os detalhes, e com que satisfação!» Aquelle rapaz parecia estar tão ancioso do dia do assalto á brecha como um noivo pelo dia do casamento.

E assim termina o *Post scriptum* d'esta carta nervosa, escripta por entre o fumo e o ribombar da me-

tralha, na presença da morte: «Os francezes têem procurado recuperar o perdido; se podesse haver inferno n'este mundo, de certo eu diria que eram estas trincheiras onde estou»[1].

O marechal Soult, correndo em soccorro da praça, perdeu a batalha, sendo obrigado a retirar-se, e Pamplona veiu depois a capitular.

Está sitiada a praça de S. Sebastião. No primeiro assalto á praça (a 25 de julho) o seu regimento 1 foi dos escolhidos para atacarem a brecha. Em todo o tempo que marcharam fóra das trincheiras e durante o assalto, uma chuva constante de granadas de mão, bombas, metralha, paus em braza, lhes foi verdadeiro tormento. Apesar de encontrarem para o interior das brechas fossos de sessenta pés de altura não queriam desistir (não obstante as ordens superiores) de vencer o impossivel n'aquelle dia, ou de ali ficarem todos. «Da minha brigada perdemos mais de cem homens, diz João Carlos. Eu e o John, louvado Deus, *ainda escapámos d'esta»*, phrase significativa em que transparece o que praticaram[2]. Proseguia o cerco. Nem de dia nem de noite cessava sobre os nossos o fogo da praça. As sortidas do inimigo eram incessantes.

Infructifero o primeiro assalto á praça de S. Sebastião, é ordenado segundo assalto para o dia 31 de agosto. O que não se consegue em dia de Santa Ma-

[1] Carta de João Carlos, escripta no campo, de 20 de julho de 1813.

[2] Carta de João Carlos, de 25 de julho.

ria, consegue-se n'outro dia. Tão demasiado ardente é a brigada de Saldanha, que o general em chefe não quer que ella entre no primeiro fogo. Reserva-a para o momento critico do assalto. Mas a brigada é que não está por aquelle ajuste. Suspeitando que não entraria no primeiro fogo, envia na vespera uma respeitosa mensagem ao general Graham, pedindo-lhe que a destine para guiar o assalto e atacar a brecha. Sabe-se que o pedir para estreiar uma brecha o mesmo é quasi que pedir a morte. O general responde que tinha destinado a brigada para a reserva *exactamente pelo conceito que d'ella fazia*, tecendo-lhe então os maiores elogios[1]. Não enganára o general Graham a brigada de que Saldanha fazia parte. Assim, quando, no meio do assalto, as nossas tropas estavam sendo quasi repellidas, o general mandou avançar a reserva, e o heroismo que essas tropas frescas manifestaram, *restabeleceu o combate*[2].

Mas o que é que se passou com João Carlos n'esse mesmo assalto a S. Sebastião? O marechal Beresford, encontrando-se com elle, diz-lhe... Ouçamos as proprias palavras de Saldanha no seguinte dia: «Tenho a satisfação de lhe participar, meu querido mano, que o marechal marquez de Campo Maior, encontrando-me hontem quando se estava assaltando S. Sebastião, me fez alguns comprimentos, e me disse que me tinha escolhido entre os tenentes

[1] Carta de 1 de setembro de 1813.

[2] *Historia de Portugal nos seculos* XVIII e XIX, pelo sr. Pinheiro Chagas, vol. II, pag. 304.

coroneis pela opinião que tinha de mim, etc., etc., etc., que me tinha dado o commando do regimento de infanteria 13, e que mandaria ordem *logo logo* para eu tomar o commando. Eu tenho dezeseis ou dezesete tenentes coroneis mais antigos»[1]. O leitor decifrou de certo no seu animo *aquelles comprimentos no meio da batalha*, e a incognita d'aquelles tres *et cœteras* que João Carlos deixava no inteiro, e que justificavam a nova nomeação d'elle, por distincção, para ir commandar o regimento 13, passando por sobre os tenentes coroneis mais antigos. Assim, major por distincção, como vimos, preterindo honrosamente quasi todos os capitães, tenente coronel preterindo quasi todos os majores, e agora commandante de um corpo, sendo preferido aos dezeseis tenentes coroneis[2].

De 9 a 13 d'esse mesmo setembro, em direcção a Bayonna, os combates foram successivos. No sexto dia João Carlos noticiou ao irmão esses combates que haviam terminado na vespera. Sobre os feitos que lhe coube praticar, o valoroso general Bradford por quatro vezes comprimentou o joven tenente coronel e lhe agradeceu; e o general Hay, admirado de quanto vira praticar durante o fogo áquelle official, indagou logo

[1] Carta de João Carlos, de 1 de setembro de 1813.

[2] Pela proposta do marechal Beresford, promovido a tenente coronel do regimento de infanteria 13, pela portaria de 10 de setembro de 1813, o tenente coronel de infanteria 1, João Carlos de Saldanha (ordem do dia de 24 de setembro na *Gazeta de Lisboa* de 29, n.º 228).

após a batalha, quem elle era, e desejou conhecel-o pessoalmente.

«Fiz o que devia (palavras de Saldanha, na carta do dia immediato). Vossê póde ficar descansado a este respeito. Tive o gosto de só com dois sargentos e dois soldados agarrar dezoito prisioneiros de uns vinte e tantos que carregámos. Não ha homem mais valoroso do que o meu general Bradford; *(entre nous)* por quatro vezes me tem dado os seus agradecimentos e feito os seus comprimentos. O meu regimento perdeu entre mortos e feridos cento e vinte e nove, graças ao Todo Poderoso que escapei d'esta trovoada que não foi pequena. Os meus comprimentos a todos, e, como digo alguma cousa a meu respeito, pela nossa amisade lhe peço que só mostre esta carta ao visconde da Bahia, porque o reputo outro irmão, como o conde de Rio Maior, não sei se conhece... Esquecia-me dizer-lhe, tornando-lhe a pedir que não mostre esta carta senão ao visconde, que o general Hay, que me não conhecia, perguntou quem eu era, e pediu ao Lugo que nos fizesse conhecidos, porque era meu amigo depois que tinha visto a minha conducta[1].»

Era exactamente n'esse dia 14 que recebia a ordem de partir para La Sacca, a fim de tomar o commando do regimento 13.

Mas, n'este momento, o ardente enthusiasmo das batalhas converte-se no agudo espinho da saudade. Vae-se estreiar no commando effectivo de um regi-

[1] Carta de João Carlos, de 14 de setembro de 1813.

mento, é certo, e apenas com vinte e dois annos de idade, mas a troco de separar-se do seu querido regimento 1, o regimento em que assentára praça, em que Portugal e a Europa lhe admiraram os feitos, e ao qual d'ali a sessenta e tres annos legará o seu bastão de marechal! Ouçâmos-lhe os gemidos. Em carta de 14 de setembro já revela ao irmão, «que não faz idéa de quanto lhe custa ir deixar o seu regimento 1». Na de 24 descreve a despedida:

«Campo de Santo Antonio, 24 de setembro de 1813: Eis-me aqui ha tres dias habitante dos celebrados Pyrenéos; quem tal me diria quando habitei as montanhas do Sobral.

«No dia 21 tomei o commando d'este regimento (13), e fui recebido com as formalidades e comprimentos do costume.

«Os meus sentimentos ao despedir-me e separarme do meu bom e antigo regimento n.º 1 não podem descrever-se; mas para minha satisfação, e por consequencia para a sua, porque conheço a sua perfeita amisade, devo dizer-lhe que vi as lagrimas nos olhos a quasi todos os officiaes, e os soldados não o sentiam menos. Oh meu querido mano! que excellente regimento aquelle em todo o sentido! Deus queira que os novos officiaes superiores obtenham o verdadeiro conhecimento d'elle, e que o governem e dirijam com a amisade e delicadeza que merecem as differentes corporações de que elle é composto. Em toda a guerra não tem havido um unico ôfficial preso por ordem de algum general! O brigadeiro Pack, tão activo e exacto, nunca achou occasião para isso,

e creio que é o unico regimento do exercito em que ainda não houve um conselho de guerra a um official[1].» Esta carta escripta no momento da saudade, carta que elle nunca imaginou que veria a luz e que pela primeira vez sae hoje publicada, alem de ser para o regimento 1 de infanteria documento honrosissimo, revela em cada palavra um como extremoso amor de pae, que acha consolação em memorar as graças do filho que perdeu.

IV

Vae commandar um corpo na primeira batalha, aos vinte e dois annos. Os francezes lá se acham á vista, mas os gelos dos Pyrenéos! João Carlos quasi que não póde com frio: «Quando estiver com o seu barrete vermelho e embrulhado no seu capote (diz elle ao irmão) lembre-se e tenha dó de mim, que me acho a tiritar, agora que é meio dia. Faça idéa do que será no campo uma hora antes da manhã, divertimento que temos todos os dias».

Estão já dentro de França, passaram o Nivelle. Aonde vae já o frio dos Pyrenéos! O que ha n'este dia 13 de dezembro de 1813 é o calor do fogo. Nos campos de Nive se está pelejando a celebre batalha. Estreia-se no commando do seu regimento 13 o tenente coronel João Carlos. Pela tactica e valor com

[1] Carta de 24 de setembro de 1813.

que se desempenhou d'este commando era citado com elogio n'uma ordem do dia do marechal Beresford, cabo de guerra que não costumava prodigalisar louvores, diz com tanta verdade o brilhante escriptor Pinheiro Chagas[1].

Ha mais; foi exactamente pela maneira admiravel por que João Carlos commandou o seu regimento na batalha de Nive que o principe regente de Inglaterra, alem de o condecorar com a medalha de commando n'aquella batalha, como contemplou outros commandantes de corpos, lhe fez a elle a distincta e excepcional especialidade de lhe enviar a placa da mesma medalha, que sua alteza mandou expressamente cunhar em Londres para lh'a offerecer. Ao estrangeiro chegára a fama d'aquelle commando. Vinha a medalha n'uma formosa caixa de marroquim forrada de seda branca, e foi d'ella portador para João Carlos, o major inglez Fitz, com um officio do commandante em chefe Frederic enviando a Saldanha agradecimentos e elogios em nome do mesmo principe regente de Inglaterra[2]. Esta demonstração *especial* e commemorativa da primeira batalha em que tão gloriosamente se estreiou no commando effectivo de um regimento, apreciou-a no mais alto grau o marechal Saldanha no correr da vida, pelo muito que ella lhe recordava.

[1] Sr. Pinheiro Chagas, *Morte do marechal Saldanha*, no *Diario da Manhã* de 22 de novembro de 1876.— Ordem do dia de 25 de dezembro de 1813.

[2] Uma memoria documentada, sobre este assumpto, existe no cartorio da casa Rio Maior. *Curiosidades*, maço 1.°, n.° 18.

O principe regente de Portugal, não querendo reconhecer menos, nem menos galardoar os serviços do moço João Carlos, na guerra peninsular, quando este, anno e meio depois, chegou ao Brazil para a campanha de Montevideu, nomeou-o cavalleiro da Torre e Espada, condecorou-o com uma commenda da ordem de Christo, e as distincções com que o recebeu e tratou foram tantas, que (formaes palavras de Saldanha): «Com mil vidas não as pagaria»[1].

Acabâmos de ver João Carlos, tenente coronel, receber o commando de um corpo e justificando o marechal commandante em chefe pela excepção com que o distinguia.

Agora vamos vel-o, sobre o preterir dezeseis tenentes coroneis, receber o commando de uma brigada. Effectivamente, elogiado pelo seu valor extremo, sangue frio e prestigio nas tropas, logo no principio do anno de 1814, e simples tenente coronel, era investido no commando da decima brigada composta do batalhão de caçadores 5 e dos regimentos de infanteria 12 e 24, que valorosamente conduziu ao fogo.

Proseguia o nosso exercito na França, em direcção a Bordéus.

Na primavera d'esse mesmo anno de 1814, por doença de Hill, o tenente coronel João Carlos já commandante de uma brigada, tomava tambem conta da brigada de Hill, e com ella o commando de *uma*

[1] Carta de João Carlos, de 28 de dezembro de 1815; *Gazeta de Lisboa* de 25 de abril de 1816.

divisão na esquerda do cerco á praça de Bayonna, com um trabalho insano, noites seguidas sem dormir, e todos os dias em fogo incessante. «Veja vossê o figurão que eu estarei», escrevia ao irmão em abril d'esse anno o commandante de uma divisão aos vinte e tres annos de idade [1].

As nuvens dissipavam-se. Napoleão embarcára, depois da abdicação, para a ilha de Elba, e os soberanos alliados tinham entrado em Paris. Na manhã de 28 de abril a guarnição franceza achava-se formada na explanada de Bayonna, defronte d'ella a tropa sitiadora, tambem formada. Bate meio dia. O general Thouvenel arvora na cidadella a branca bandeira das flores de lis, e toda a artilheria da praça rompe uma salva real. Corresponde-lhe a artilheria que cérca Bayonna. Estrugem os vivas aos alliados e á libertação dos reinos europeus, abrem-se as portas ao exercito sitiador. Dia verdadeiramente grande para aquellas almas, saciadas do fogo e avidas da paz. «Acabaram-se emfim os nossos trabalhos», escrevia Saldanha dois dias depois. Sim, acabavam-se-lhe os trabalhos da que para outros podéra ser uma campanha completa, quando para elle era unicamente o preludio da vida marcial.

Terminava a guerra em 1814. O sol da independencia brilhava finalmente, com todo o esplendor, no céu peninsular.

[1] Cartas de João Carlos, de abril de 1814, do cerco de Bayonna.

V

«Na terra dos cegos quem tem um olho é rei» — permitta-se-nos o nosso rifão. Podia ter-se distinguido o joven official n'um exercito que representasse apenas um nivel regular. Não era assim. Distinguíra-se d'aquelle modo n'um exercito que fôra assombro do mundo.

Não é o justo orgulho de portuguez que affirma este facto do exercito lusitano. Acclama-o a voz unanime, não o acclama sem provas, e as provas não as apresentam nacionaes, que são suspeitos, apresentam-nas os estranhos, os competentes, os que presencearam os factos, e os que officialmente os souberam.

Folgariamos de expor aqui todas essas provas do muito a que a nossa formosa estrella nos elevára. Na impossibilidade, porém, consinta-se-nos pelo menos apresentar exemplos, e estes mesmos enfeixal-os em resumos.

Abram-se as ordens do dia dos marechaes inglezes que na campanha commandaram o nosso exercito, assim como outras fontes authenticas.

Após a batalha do Bussaco, lord Wellington manda declarar que: «Nunca presenceou mais galhardo procedimento do que o praticado na briosa defeza no alto ponto da serra pelos intrepidos regimentos portuguezes, a qual adquiriu para o exercito lusitano a estima, a confiança e *a admiração* dos seus campanheiros do exercito britanico, vendo elle marechal

factos no combate e uma conducta nas tropas portuguezas *de fazer honra ás tropas mais aguerridas*»[1].

Depois da batalha de Ordaz, lord Wellington ordena a Beresford que declare ás tropas portuguezas o não terem só mostrado um valor digno da nação portugueza, mas tambem o seu excellente comportamento civil, o que então era raro. «Os soldados portuguezes (diz a ordem do exercito de Beresford) augmentam, tanto por este meio (o comportamento civil) como pela sua disciplina e valor, a honra da sua patria. A Europa verá e honrará as virtudes da nação portugueza no seu exercito»[2].

Podem estrangeiros dizer mais?

É chegado o estupendo assalto á praça de S. Sebastião. O duque de Wellington escreve officialmente estas palavras, para que pedimos attenção especial: «A brecha suppunha-se praticavel e quasi que o não estava. Não se póde fazer idéa nem descripção das difficuldades insuperaveis da mesma brecha. Havia só um ponto por onde se podesse entrar, e esse mesmo só por filas singelas. Não sobreviveu nenhum dos que tentaram ganhar a altura. Depois foi quasi desesperado o ataque. Acceitei entretanto *a offerta de parte da brigada portugueza,* commandada pelo major general Bradford. A avançada dos regimentos portuguezes fez-se do modo mais bizarro debaixo de um fogo asperrimo de metralha. A final ganharam a

[1] Ordem do dia de 28 de setembro de 1810 (na collecção das de Beresford, pag. 174).

[2] Ordem do dia de 28 de novembro de 1813; *Gazeta de Lisboa* de 16 de dezembro do mesmo anno.

pequena brecha, á direita da grande, e o lado direito da brecha grande »[1].—Bravo! acrescentâmos nós.

A ordem do dia de Beresford sobre a mesma batalha resume-se do principio ao fim n'um *gloria*. De toda ella citaremos, só como specimen, estas palavras: «S. ex.ª o marechal presenceou que a conducta das tropas portuguezas no assalto da brecha foi tal, qual se poderia esperar de quem se offereceu voluntariamente para elle por altos estimulos de honra. S. ex.ª não póde deixar de particularisar a conducta de todo o destacamento da primeira brigada de infanteria portugueza que foi ao assalto. *Nunca* se mostrou valor mais determinado, e ao mesmo tempo que melhor se regulasse do que o do referido destacamento. Foi admirado por todos»[2]. Seguem-se os maiores elogios, no mesmo documento, ás outras brigadas portuguezas.

Após a batalha de Nive, Beresford, em nome do duque de Wellington, publica uma ordem do dia, onde se lê: «Sempre que a nação portugueza ouvir fallar de uma batalha em que as suas tropas tenham cooperado, ha de tambem ouvir elogial-as... Á medida que ellas são experimentadas, se mostram dignas de toda a confiança; o seu comportamento e valor são sempre mui superiores á prova, por mais ardua e forte que esta seja. D'esta verdade dão tes-

[1] Officios do duque de Wellington e do tenente general Graham de 2 de setembro de 1813.

[2] Ordem do dia de 9 de setembro de 1813; *Gazeta de Lisboa* de 24.

temunhos abundantes os feitos de armas das tropas portuguezas nas ultimas batalhas. A sua reputação já estava firmada, e o está igualmente ha muito tempo a estima e admiração dos seus valorosos companheiros de armas do exercito britannico [1].

Não são unicamente os marechaes inglezes; é tambem um dos proprios marechaes inimigos, o terceiro invasor, que, victima dos nossos soldados, confessou publicamente o que elles valiam. Tanto se admiravam os francezes das tropas lusitanas, que as suppunham inglezas com o uniforme portuguez [2].

Tratando da campanha, o citado general Massena escreve o seguinte: «O soldado portuguez, intelligente, sobrio, infatigavel, commandado por officiaes inglezes, e affeito á disciplina britannica, podia hombrear com os anglo-hanoverianos, e *até excedel-os*».

Escriptor inglez, imparcial e severo a nosso respeito, Napier (não o almirante, mas o Napier da campanha peninsular), viu-se obrigado a confessar, depois da batalha de Victoria, que: «Todos os exercitos alliados combateram valorosamente, *sobre tudo o exercito portuguez*», e, n'outro logar da obra, acrescenta:

«A reputação dos portuguezes na guerra peninsular foi merecida com justiça»; — confissões arran-

[1] Ordem do dia de 25 de dezembro de 1813.

[2] Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, de 15 de fevereiro de 1848; *Memorias do general Massena*, vol. VII, na *Historia da guerra civil* do sr. Soriano, vol. III (V da obra geral), cap. III, pag. 181.

cadas pela consciencia ao escriptor cioso das armas britannicas![1]

As côrtes hespanholas, filhas da revolução de Cadiz em 1812, logo que se reuniram, felicitaram o nosso exercito pelos seus feitos brilhantes[2].

Mas, sobre quantos testemunhos ficam indicados, apparece o mais orgulhoso parlamento, o parlamento britannico, e d'elle sáem brados imponentes á face do mundo. Na sessão da camara dos lords de 4 de novembro de 1813 o conde de Liverpool pronuncia um discurso em que se lêem estas palavras: «Não temos porém menor motivo de admiração no comportamento de um paiz confinante com a Hespanha, bem que seja muito mais pequeno em população. Deve-se muitissimo ao espirito do povo de Portugal e á constancia e galhardia das tropas portuguezas. A sua presença e o seu valor têem sido experimentados, não meramente nas operações defensivas, tambem nas offensivas têem sido comprovados. Este sentimento de independencia nacional, que primeiro rompeu na Peninsula, foi que deu vida aos resultados que vemos agora e que admirâmos»[3]

E na sessão da mesma camara de 8 d'aquelle mez e anno, o conde Bathurst exclamava: «Nunca se deu assalto com mais vigor e heroismo do que o

[1] Napier, *Histoire de la guerre dans la Péninsule* (traducção franceza), París, 1838, vol. x, livro xxiv, cap. x, pag. 27, e vol. xiii, livro xxix, cap. vi, pag. 239.

[2] Na ordem do dia de 9 de março de 1812 (Compilação das ordens do dia, pag. 29, Lisboa, 1812).

[3] *Gazeta de Lisboa* de 27 de novembro de 1813.

da praça de S. Sebastião, e as tropas portuguezas distinguiram-se n'elle com particularidade. As tropas portuguezas têem cooperado a tal ponto com as nossas, que estão de certo modo com ellas confundidas. Não tem havido, no decurso da campanha, empreza arrojada nem assalto arriscado em que as tropas portuguezas não tenham sustentado toda a parte que lhes tem cabido [1].

Não podia dizer mais o orgulho britannico da camara dos lords.

Pois ha facto que ainda corôa os anteriores: é a declaração do proprio reinante de Inglaterra. Em 11 de outubro de 1813 o principe regente da Gran-Bretanha ordenava, pelo seu ministro dos negocios estrangeiros, ao embaixador inglez junto á nossa côrte, que pedisse uma audiencia particular ao principe regente de Portugal, e que n'ella lhe apresentasse as sinceras expressões do reinante de Inglaterra, formaes palavras: pelos eminentes serviços das tropas portuguezas, cuja reputação militar se achava estabelecida por uma serie de feitos de armas que as torna credoras do respeito e confiança de todo o exercito; e que a importante e distincta parte que têem tido constantemente as tropas portuguezas nas brilhantes acções da campanha peninsular nunca deixou de excitar em todos os seus triumphos successivos a mais viva e decidida admiração do mesmo principe regente de Inglaterra [2].

[1] *Gazeta de Lisboa* de 30 de novembro de 1813.

[2] Officio do ministro dos negocios estrangeiros de Inglaterra, lord Castlereatgh, de 11 de outubro de 1813, ao embai-

Tal era o exercito portuguez, cujo comportamento assombrava as nações européas e os proprios inimigos; e n'um exercito d'estes é que se acabava de distinguir, pela maneira que vimos, o joven militar João Carlos de Saldanha. Assim estreiava elle a sua carreira na campanha peninsular.

VI

Mal estava ainda terminada a guerra, quando uma distincção nova lhe veiu inflorar a fronte.

Ao acabar a revista geral, passada pelo marechal inglez, commandante em chefe do nosso exercito, revista, por assim dizer, epilogo da grande campanha, é chamado officialmente ao quartel general para lhe ser declarado que o regimento n.º 13, que elle commandava e tão admiravelmente disciplinára, havia de ser o primeiro que embarcasse para a Belgica e a vanguarda tambem dos vinte mil homens requisitados pelo duque de Wellington para a campanha contra Napoleão depois da ilha de Elba; facto, aliás, que não se chegou a realisar, porque a regencia recusou mandar a expedição portugueza[1].

xador inglez junto á côrte portugueza. Ordem do dia de Beresford de 11 de dezembro d'aquelle anno, na collecção, pag. 237 e 238.

[1] Feo, *Os duques*, pag. 601, quanto á negativa da regencia relativamente á expedição; *History of the Peninsular war*, by colonel Napier, na citada obra, a pag. 601.

Não partiu a expedição, mas a escolha de Saldanha, para abrir a vanguarda da divisão que de novo fosse vencer o vencedor do mundo, symbolisava os louros offerecidos pela suprema auctoridade militar ao official portuguez que regressava da sua primeira campanha.

CAPITULO IV

AMORES

Volta, joven guerrêiro, para a capital que te deu o ser; abre-te os braços a formosa cidade; são ainda as mesmas estas margens do teu risonho Tejo. Saíste uma creança, na guerra te nasceram as barbas; regressas, baptisado no sangue das batalhas á invocação da patria. Que importava fallar a India de teus antepassados? teres por ascendente, na guerra, um Antonio de Saldanha? na paz um marquez de Pombal? Só ias conhecido pelos teus avós e com fama de emprestimo; hoje vens distincto já pelo teu nome. Levavas o peito nú; trázel-o coberto agora. Que lemos n'elle? As medalhas de oiro das seis campanhas, as britannicas do Bussaco, de S. Sebastião, de Nive, as hespanholas de Victoria, S. Sebastião, Nive e Tolosa. Treze medalhas! Não te pagaram com ellas eleições nas urnas, nem com ellas te compraram votos no parlamento. Não vem prostituido o teu nome. Ganhadas foram todas no campo da honra, e arriscando uma joia, que se chama a vida. Risonho se te vê o rosto juvenil, porque os louros da tua corôa marcial saudaram-nos soberanos, presencearam-nos

generaes, acclamaram-nos os soldados da tua legião victoriosa.

Vem, glorioso; cessou o tanger dos clarins, o embate das espadas, o troar da artilheria, o ruido das batalhas, a agonia dos moribundos. Aqui floresce a paz, rescende o ar á flor das oliveiras, por toda a cidade festejos e jubilo n'este dia 22 de agosto. Chegaste. São tuas irmãs a cobrirem-te as faces de beijos, os teus amigos a abrirem-te os braços, as tuas velhas servidoras a sorrirem entre lagrimas, e o teu quarto do estudo, e o teu jardim do recreio, e a cadeira de teu pae, e o retrato de tua mãe, e em cada objecto a lembrança dos teus doze annos, o teu lar: um sorriso matando as saudades!

No meio de todo este alvoroço vê-se ali um olhar mais concentrado, um rosto mais sereno, uma expansão menos aberta. Verdade é que lhe tremem os labios, e que a mão estendida para a tua a encontraste convulsa. Ella tambem diria de si para si que o olhar, que recebeu, tinha um raio de brilhante, por não dizer de apaixonado. Não fallando, ambos disseram tudo.

Irmã tua não é, mas como irmã de tuas irmãs foi ali educada desde a infancia.

Cuidado, mancebo! Ha para os guerreiros um perigo maior que o das balas; é o das settas. Marte venceu todos, só não venceu a creança de que não fez caso e que o matou a sorrir. Cuidado! Sois lido na historia. Lá está Marco Antonio, perdendo a gloria n'um dia, por seguir a fascinadora; lá está Cesar Augusto, humilhando os seus triumphos aos pés de

uma enredadeira; lá está Buonaparte, o vencedor do impossivel, vencido por uma creoula que lhe foi culto; lá estão quantos outros! Cuidado, pois, guerreiro, que não ha estrategias para estes combates, nem tacticas que sorrisos não desfaçam.

Mas que importa a historia? O vencedor caiu vencido. Prenderam-no cadeias de rosas, e abençoou o carcere que lhe era dado no coração da sua amada.

Oh! mas longe a incerta imagem
de um tal sonho fugitivo!
Por ti, sei, que preso vivo,
e os grilhões aperto e beijo.

Disse um affectuoso poeta, moço como tu.

Um dia (ainda então vivia a mãe) sentava-se á mesa, no palacio da Annunciada, a familia Rio Maior. A condessa contou as pessoas; eram treze. Tendo toda a confiança com a joven irlandeza Maria Theresa Horan, gentil menina que, ficando orphã do general Thomás Horan e de sua esposa Izabel Fitz Gerald, a condessa educára desde os sete annos, pediu-lhe que jantasse n'outra mesa. A sympathica menina, que nós todos conhecemos muitos annos depois dama respeitavel, typo da delicadeza e amabilidade mais distinctas, levantou-se em nome do preconceito universal que sentenceia á morte dentro do anno uma das victimas do malfadado numero. Sentiram de repente, duas almas de mulher, involuntario estremecimento n'um dos logares da mesa, e viram nas faces do moço João Carlos dois fios de lagrimas, que mal pretendia disfarçar. Nenhuma offensa houvera,

e comtudo aquelle espirito sensitivo não podéra ver levantar-se da mesa geral a joven que em segredo já estremecia, ficando sentado. E ambas, desviando d'elle os olhos, se entreolharam no mesmo repente, lendo cada uma no rosto da outra a verdade, pela consciencia de ambas descoberta. Que declaração aquella de um primeiro amor, saindo espontaneo de acto nobre, regado pelas lagrimas de um, recebido com o silencio do outro, e adivinhado com o instincto de uma extremosa mãe!

Ó calumniado numero treze! perdoa-me, se malfadado te chamei ha pouco, injuriando as differentes missões que tens realisado no mundo. Malfadado não, antes bemdito numero, que originas declarações amorosas, que celebras casamentos, e que tens dado ensejo a mil peripecias engraçadas.

Foi o primeiro amor de ambos.

Quando ella nasceu, tinha elle cinco annos. O mesmo tecto lhes foi ninho de infancia, templo de educação, lar virtuoso a que presidia aquella mãe, d'elle pela natureza, d'ella pela adopção. Aos doze annos a viu pela primeira vez; vêl-a foi amal-a; a infantil gentileza do corpo, a seriedade graciosa do porte, a pureza das qualidades moraes converteriam a inclinação em affecto violento. Juntos aprenderam, juntos elevaram as mãos para o mesmo Deus, na mesma capella de familia e aos sons melancolicos do mesmo orgão, juntos viram os exemplos d'aquelle pae e ouviram os conselhos d'aquella mãe. Juntas foram crescendo aquellas duas vergonteas, pendendo instinctivamente uma para a outra, até se

enlaçarem, e das duas raizes virem a formar um só arbusto: o arbusto do amor.

Elle partiu para a guerra aos dezoito annos. Ella, aos treze, ficou para bemdizer os feitos successivos que elle praticava. Com que anciedade não ouvia ler as cartas á mãe, as do seu proprio irmão d'ella, companheiro de João Carlos no mesmo regimento, as ordens do dia, as gazetas do governo, entre lagrimas saudosas de uma sympathia que ainda então não saberia explicar.

Que primeiro amor n'aquellas duas almas que apenas floriam, e que o mundo veiu depois a conhecer!

Joven guerreiro, que principiaste na tua carreira por onde muitos acabam, menina de dezoito annos, tão estremecida como apreciada, porque esperam mais se tanto se amam?

Bem sei. Ella é distincta por sangue, mas no principio do seculo não permittem as familias casamentos que não sejam completamente iguaes, e tem por unico patrimonio a sua virtude. Tu, filho-segundo de casa vinculada, só possues o teu soldo modesto.

Estarão perdidos? Terão de separar-se amando-se tanto? A felicidade não será para elles senão a miragem que a aurora da realidade desvanecerá, como o acordar de um sonho formoso?

A esta pergunta, moço que desconheces o impossivel, responderá dentro em pouco a resolução que opéra milagres.

O sangue? igualam-no as virtudes. O dinheiro? não se origina o consorcio, para aquelles dois espi-

ritos, da possibilidade de um futuro codigo civil, que facilitando as separações venha fazer da riqueza das esposas vida lucrativa para os tafues ociosos. Não são os bens que elles desejam communicar, para se divorciarem depois; são as almas, para se não separarem nunca.

Zombaram dos estorvos, aquelles dois amorosos. Ó amor! ó eterna loucura, que has de ser em todos os tempos a verdade mais rasoavel! ri-te, ri-te, que lá estão na igreja de S. José n'aquella manhã de 5 de outubro de 1814, recebendo a benção que lhes vae santificar o doce affecto.

Véla as faces de pejo, ó sangue. Dinheiro, amaldiçôa os atrevidos que te não prestaram culto. Felicidade, abre as tuas azas brancas, e cobre com ellas aquelles dois estouvados.

Casaram. Podia deixar de fazer um casamento de amor o moço que não foi senão coração?

Casaram, sim, mas depois?

Depois? A Providencia.

Nove mezes decorridos João Carlos de Saldanha entrava um dia em casa de sua irmã valida, e que irmã!

Dezesete noites velára ella á cabeceira do pae na derradeira doença. Passados quarenta annos velava tambem á cabeceira de uma filha moribunda. Não havia rogos que d'ali a arrancassem, respondendo a todos: «se morrer, morro no meu officio» — e no seu officio morreu, despedaçada pela dor, d'ali a cinco dias. Aquella senhora, pouco antes do casamento de seu irmão, desposára um mancebo que lhe comprehendêra a alma.

Voltando-se para sua irmã e para seu cunhado, João Carlos disse-lhes:

—Vou deixar Portugal. Minha mulher fica em Lisboa, e...

Não o deixaram acabar.

—Sua mulher é a mulher do João Carlos, é nossa irmã.

Entendiam-se aquelles tres espiritos.

Só nove mezes de tranquillo bem estar!

João Carlos de Saldanha abandonava a joven esposa por uma rival, que não originou insomnias nem lagrimas, porque tudo se lhe sacrifica, vida, familia, felicidade.

Chamava-o a voz da patria ás planicies da America.

CAPITULO V

ARTIGAS

Releve-me o leitor de o collocar na America do Sul n'um abrir e fechar de olhos. Algum facto importante se vae passar na grande possessão portugueza, séde, n'aquella epocha, da familia real e da côrte.

Como derradeira provincia do nosso Brazil, ao sul, estava situada a capitania geral do Rio Grande, e limitrophe tambem, ao sul d'esta capitania, o estado intitulado *Banda Oriental* do Rio da Prata, onde em breve se accenderá a guerra portugueza. Tem por confins o importante estado da Banda Oriental, ao norte a mencionada capitania (ou provincia) do Rio Grande, a leste a mesma provincia e o oceano, ao sul o oceano tambem e o Rio da Prata, ao poente o rio Uruguay. Para alem do Uruguay as provincias de Corrientes e de Entre-Rios, pertencentes ao referido estado da Banda Oriental.

Soltára, no anno de 1810, a colonia de Buenos Ayres o primeiro grito da independencia contra o dominio hespanhol, depozera o vice-rei, e elegêra

uma junta governativa, composta de creoulos. Repercutiu-se o grito da liberdade pelo continente americano. Mezes depois o Paraguay despedaça tambem as algemas, quebram-nas no mesmo anno os povos da Banda Oriental, vizinhos do nosso Brazil, como indicado fica.

Resistem os hespanhoes; mas inutilmente resiste o oppressor quando surge o supremo esforço dos povos opprimidos, succedem-se os combates, e por ultimo é conquistada a cidade de Montevideu pelos naturaes (orientalistas), que a elevam a capital da Banda Oriental do Rio da Prata.

Vencedora se achava a independencia.

Mas quem é, no immenso territorio, aquelle homem que de todos sobresáe, e que não satisfeito da missão que desempenhou na independencia geral, quer tambem agora da independencia geral tornar parcialmente independente a Banda Oriental, accendendo a guerra civil, levando o arrojo em 1815 a desalojar da propria Montevideu as tropas de Buenos Ayres?

Quem é esse audacioso chefe dos gaúchos? Aquelle Attila americano quem é?

Em 1760 na cidade de Montevideu vira elle pela primeira vez a luz do mundo. Desde que em verdes annos pegára em armas se distinguíra o futuro flibusteiro. Simples capitão das guardas reaes, ao começar a guerra da independencia, alistou-se no partido nacional. Recebe logo da junta de Buenos Ayres o commando de uma divisão; proseguindo com ella de victoria em victoria, desbarata completamente os

dominadores realistas na batalha de Pedras (a 18 de março de 1811), e consegue expulsar de todo os hespanhoes, entrando em Montevideu. Emancipador da sua patria, recomeça outra façanha, recusa encorporar-se na republica, levanta a cerviz contra o governo, proclama-se chefe supremo e independente de toda a Banda Oriental, e não podendo ser vencido (quem vencerá Artigas?), só permitte á junta suprema de Buenos Ayres o desafogo de pôr a preço a cabeça do invencivel guerreiro, a um tempo libertador da sua patria, e d'ella retalhador.

Para apreciar porém este assombroso americano, que os portuguezes vão encontrar dentro em pouco defronte de si, cumpre-nos ver n'elle o grande chefe dos gaúchos, e, para avaliar devidamente o chefe, conhecer o gaúcho.

São territorios do gaúcho os *pampas*, planicies estendidas por trezentas leguas, do Rio da Prata a Andes, de Buenos Ayres a Mendoza. Oceano de verdura lhe chamam os viajantes. Digno dos *pampas* é em verdade o gaúcho. Centauro indomavel o appellidam uns; por Beduino de Argel, Sertanejo do Brazil, ou Zambo da Colombia o dão outros a conhecer. Diremos talvez acertadamente que é o barbaro do terceiro seculo resuscitado no seculo XIX. Milhares são negros e todos de altura descommunal, magros, herculeos, grenhas compridas, caindo-lhes sobre o rosto, os hombros e o alto do costado: typo geral que se eleva ao maravilhoso. D'entre elles a raça mais selvagem usa por unica veste a que a natureza lhe deu, apenas com simples tanga; aos menos

silvestres cobrem-nos pelles de animaes. Crueis ao extremo, levantam a victima com a lança para lhe saborearem a agonia, e consideram acto supremo de humanidade o poupar a vida aos prisioneiros, limitando-se a cortar-lhes os pés e as mãos. O alimento quasi exclusivo da carne imprime-lhes no caracter a influencia directa do arrojo. Forma parte do gaúcho o celebre cavallo oriental, esguio, nervoso, finissimo, livre como o deserto onde nasceu e se creou. Não é do gaúcho o cavallo; do cavallo é que é o gaúcho. Raro se desmonta. Mesmo na paz, a cavallo vive, a cavallo come, bebe e vae buscar agua, no cavallo transporta a tenda de couro que abre no sitio dos descampados em que lhe anoitece; no cavallo e em velocissima carreira educa o filhinho desde os oito dias da nascença até o mocinho poder montar e ser qual outro pae. Pelejando como os tartaros, aquella cavallaria indomavel, furiosa, é destrissima em lançar o laço ao inimigo, em arremessar á cabeça do contrario as terriveis bolas de ferro, em manejar a espada-lança, agudissima na ponta, e ao longo toda enfeitada. Parecia não haver possivel resistencia contra esta turba infrene, ligeira como o gamo, que se desmonta no meio da peleja, que torna logo a montar, que se dispersa quando se vê em perigo, que volve a reunir-se no logar convencionado, para de novo irromper: inimigo terrivel n'aquellas planicies sem termo.

Independentes por natureza, scismadores do deserto, a ninguem se humilham, e só logra sujeital-os aquelle que possue os dotes supremos para lhes fas-

cinar a imaginação. Encontrado que seja, o gaúcho pertence-lhe.

Tal é o gaúcho do sul americano.

Coube à Artigas ser o chefe d'aquella gente original, por ter as condições de gaúcho dos gaúchos.

Principiava por se impor com a presença; não menos pelo rapido olhar, pelo gesto imperativo, pelo arrojo com que pelejava. A destreza no manejo das armas comparavam-na os seus á do indio-pampa. No cavalgar levava a primazia. Apresentassem-lhe o cavallo mais fogoso, que logo o montava sem redeas nem sella, o esporeava, sustinha-se n'elle a toda a brida, e, por maior declivio que tivesse a encosta, nem sequer entremostrava receio de a descer á desfilada. A estas prendas, que o elevavam entre os gaúchos quasi ao ideal, juntava a sobranceria que domina e a crueldade que aterra. Coroava-lhe os dotes o estimulo que opéra maravilhas: a ambição. Girava-lhe nas veias o sangue dos Attilas, e Attila veriam n'elle, se, em vez de um continente, por theatro lhe fôra dado o mundo; era da raça dos Napoleões, e a méta de Napoleão tocaria, se ás qualidades de grande guerreiro lhe acrescesse a larga instrucção que não tinha.

De muitos factos, um bastará para lhe denunciar o espirito da independencia, baseado no orgulho do muito em que se avaliava. Invadidos os seus estados da Banda Oriental pelos portuguezes, tenta a republica de Buenos Ayres colligar-se com elle para impedir o passo aos invasores. Accede Artigas a enviar á capital de Buenos Ayres os seus plenipotenciarios,

mas, ao saber que estes assignam o convenio com a promessa de que os estados d'elle fariam parte da confederação Argentina, recusa confirmar o convenio no proprio momento de lh'o apresentarem, prefere ficar sem alliados, expor-se a perder a causa, e recusando por escripto a alliança que o poderia salvar, escreve estas palavras que lhe ennobrecem o caracter: «O chefe dos orientaes mostrou em todos os tempos que ama ao extremo a sua patria, para a sacrificar ao preço vil da necessidade, e, prezando o seu nome, ordena aos plenipotenciarios, seus representantes na republica Argentina, que regressem immediatamente a Montevideu[1]».

Quebrava; não torcia.

Cabo de guerra, distinguia-se pelo valor, actividade e relance de vista. Desprezava os confortos da sua Montevideu para n'uma aldeia de cabanas, a aldeia da Purificação, viver ao uso dos gaúchos; e d'aquelle seu quartel general mandava punir os timidos e premiar os valentes. Tinha por sub-chefes, distribuidos em toda a extensão do territorio, os gaúchos mais afamados: seu irmão André, Fructuoso Ribeiro, Latorre, Verdum, Oribe, Lafarre, Talier, Sotello, Manuel Cahiré, Panxo, Lavallega que nos ha de custar tão caro, e outros ainda, todos arrojados, como elle.

Era seu fito o dominar. Estorvo nenhum o detinha.

[1] Veja-se a carta por extenso nos documentos da *Historia da fundação do imperio do Brazil,* pelo sr. Pereira da Silva, vol. IV, pag. 205, documento n.º 8.

Vencia? queria vencer mais. Perdia? mudava de localidade para de novo irromper. Destroçavam-lhe as tropas? do solo parecia que arrancava outras. Foi assim que chegára ao supremo logar de chefe na guerra da independencia a favor da sua patria; assim, que sublevou Santa Fé, invadiu Buenos Ayres, domou os indios do Gran-chaco, assolou as missões do Uruguay; assim, que dominou por nove annos a Banda Oriental, e que mais annos dominaria se tomado da insaciabilidade, como os ambiciosos todos, não pretendesse tambem invadir a limitrophe nação portugueza, que lhe bradou: «Basta».

Tal era o indomavel guerreiro, e tal a gente selvagem, que os nossos iam encontrar face a face nas fronteiras do Brazil, pouco depois de haverem desalojado do continente portuguez o assombroso conquistador europeu.

CAPITULO VI

A EXPEDIÇÃO

I

Que seria do mundo se não fosse a ambição? Quem é que tem construido essas maravilhas da arte? descido ás entranhas da terra para descobrir as idades primitivas? subido ás estrellas para lhes devassar os arcanos? Quem incita os sabios a arrancar á natureza os segredos scientificos? os guerreiros a conquistar imperios? os jurisconsultos a estudar as leis? Quem é que d'este nivel da humanidade, em que todos se confundem, faz erguer os proeminentes que tentam roubar ao Creador os attributos da sua omnipotencia? Quem, se não ella, a ambição, demonstra que dentro de cada cerebro existe o desejo do infinito?

E todavia esse desejo, que produz maravilhas, é ao mesmo tempo o abysmo onde se cae. Se lhe fôra dado conter-se, que bens não produziria sem os males do seu abuso? Mas, se ella se contivesse, poderia ser o suprêmo impulso para realisar o que pratica? Não aspirando ao excesso, seria o estimulo sufficiente

para as maravilhas que opéra? Preencheria o fio electrico o seu fim, se á rapidez do raio pozessem obstaculo?

Foi por esta grande lei da natureza que o americano ambicioso, ou antes pelo natural abuso d'esta lei, não se conteve nos territorios, aliás extensos, do seu estado independente. Pois não lhe bastava o muito que a sua valentia conquistára? Achava pouco toda a Banda Oriental do Rio da Prata, e ainda para alem d'elle as provincias de Entre-Rios e de Corrientes? Não contente do muito, ainda se lhe accendeu a ambição para querer o territorio alheio, o nosso, limitrophe ao que possuia? D'ahi, do seu desejo desregrado, vieram as vexações sobre a nossa fronteira, e a propria invasão n'ellas, destruindo e roubando; d'ahi a prohibição que fez de communicarem com os cidadãos portuguezes os da sua Banda Oriental; d'ahi as alliciações para os nossos soldados desertarem; d'ahi o proposito de preparar a nossa provincia para uma eventual união com a d'elle; d'ahi por ultimo obrigando Portugal a um estado de paz armada, a despezas immensas, e a novos perigos sobre novas vexações. Em grandioso intento punha mira o arrojado Artigas, e cruelmente o executava, digno chefe dos gaúchos.

Não nos era licito consentir em tal estado de cousas, e motivos sobravam a Portugal, já cansado de reclamar inutilmente, para lançar mão das armas no intuito de lhe pôr cobro.

Resolvido o nosso governo a intervir, expediu do Brazil uma ordem para se organisar em Portugal

uma divisão de tropas regulares, formada de voluntarios, e commandada pelo tenente general Lecor. Em maio de 1815 saiu publicado o plano da organisação, e um mez depois a promoção dos officiaes que se offereceram. João Carlos de Saldanha era nomeado coronel addido ao estado maior para ser empregado segundo a melhor conveniencia do serviço [1]. Effectivamente a 7 de junho de 1816 (já no Rio de Janeiro) davam-lhe o commando do primeiro regimento de infanteria [2].

De Lisboa se fez á véla Saldanha em 27 de julho de 1815 no navio *Despique*, e outros officiaes, entre elles o brigadeiro Sebastião Pinto, que viera trazer a ordem do governo para se organisar a expedição dos voluntarios [3].

Em hora propicia levantou ferro, depois, a expedição composta dos quatro mil oitocentos e trinta e um voluntarios.

Ao Rio de Janeiro aportaram a cavallaria e a artilheria em principios de novembro de 1815, e a infanteria a 4 de abril de 1816 com viagem de quarenta e quatro dias [4]. De jubilo se tomou a cidade ao chegar a expedição. Parentes e amigos se abra-

[1] Portaria de 22 de junho de 1815.

[2] Para o plano da divisão, ordem do dia de 30 de maio de 1815; para a nomeação e promoção do pessoal, a ordem do dia e portaria de 22 de junho do mesmo anno.

[3] *Memoria* no cartorio da casa Rio Maior.

[4] *Gazeta de Lisboa* de 17 de julho de 1816 (a do Rio de Janeiro de 6 de abril); *Memorias para a historia do Brazil*, pelo padre Luiz Gonçalves dos Santos, vol. II, pag. 72 e 73.

çavam após a separação de tantos annos. Os que ali já tinham fixado a residencia perguntavam pelos que em Lisboa ficavam; os recemvindos, pelo que ali se fazia. Davam-se parabens mutuos. Alguns já nem se conheciam á primeira vista, de tão mudados que estavam. Ao acabar uma campanha para se estreiar outra agora, alvoroçava-os a esperança do muito que em perspectiva se antolhava. O povo pedia logar no regosijo commum.

Muitas rasões justificavam esta alegria geral: o enthusiasmo de verem as tropas nacionaes que tão valorosamente haviam expulsado da patria o estrangeiro devastador; o presêncearem os compatriotas correr pressurosos ao chamamento; a popularidade de uma guerra contra Artigas; a esperança de que a legião lusitana iria desaffrontar o territorio violado e engrandecer o Brazil como libertára Portugal. O principe regente, enthusiasmado tambem, agradeceu á expedição o ter voluntariamente deixado o reino e as familias para vir expor as vidas e defender a patria em regiões longinquas. Para agradar ás tropas recemvindas, mudou-lhes o titulo de *Voluntarios do principe* no de *Voluntarios d'el-rei*, augmentou os soldos, restituiu os descontos, recebeu a miudo a officialidade, e por fim ordenou a grande parada em gala para o dia dos seus annos, 13 de maio, no campo de Santa Helena, terminando o acto solemne com a leitura da ordem do dia que recompensava a tropa com largas mercês[1].

[1] Para estes factos vejam-se as ordens do dia de 4 de abril, 12 e 14 de maio de 1816; decreto de 12 do mesmo maio.

Foi aquelle dia da celebre parada um d'estes a que a população chama seus, porque toda se expande em movimento, alegria, quasi loucura. Á parada seguiu-se jantar solemne no paço. A alegria do povo reflectia no palacio real; só n'um militar não reflectia. Poder-se-ía dizer com o poeta:

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz....

Mas porquê, se é joven, formoso e feliz? Que o fere, a não ser a saudade da esposa que em Lisboa deixára para vir defender a patria?

Outra saudade o fere.

Saldanha infiel á esposa?

Está pensativo, conversa a custo, parece meditar.

—Coronel, diz-lhe o marechal Beresford, que no banquete real jantava ao lado d'elle, que tristeza é essa? que tem?

—Que hei de eu ter, marechal! se ainda era o *primeiro!*

—O primeiro quê?

—O meu primeiro bigode!

O marechal inglez desatou a rir. Esperava tudo menos aquella resposta, e retorquiu-lhe:

—Pois não tem rasão, porque assim ainda está mais bonito.

Beresford não gostava de bigodes nos militares. Saldanha, por complacencia, fizera a vontade a Beresford, mas o amor com amor se paga: a vontade que Saldanha fizera a Beresford, fel-a depois a Saldanha o seu mesmo bigode, que, deixando-se cres-

cer para nunca mais o abandonar, parecia que adivinhava em que talisman viria a transformar-se. Felizes lagrimas as que os vinte e cinco annos derramam por um bigode!

II

Basta de repouso, divisão dos voluntarios. Tempo é de marchardes. Acompanha-vos a patria nos votos e nas esperanças.

Lá parte a divisão para a campanha de Montevideu, que o mesmo é dizer, Banda Oriental do Rio da Prata, em junho de 1816.

Amplas instrucções foram dadas a Lecor, nomeado governador e capitão general da nova provincia de Montevideu, de que se deveria apossar para segurança das nossas fronteiras [1].

Do Rio de Janeiro sáe jubilosa a nossa divisão, como é proprio de mancebos, enthusiastas de aventuras. Tudo lhes é mysterio e contentamento. Que importam as fadigas em taes idades? Desembarcando primeiramente em Santa Catharina, seguem por terra. De um lado o oceano, para elles novidade n'aquellas paragens, do outro as planicies sem termo das regiões americanas, de ambos os lados duas immensidades, toldadas pela immensidade do espaço, e dando amplidão ainda mais vasta á immensidade

[1] Vejam-se estas instrucções do governo portuguez dadas ao general Lecor na serie dos documentos da *Historia da fundação do imperio do Brazil,* pelo sr. Pereira da Silva.

dos seus espiritos anciosos. Atravessam rios pittorescos, como o Tubarão da Laguna, impetuosos como o Araringoa, ou crystallinos como o das Aguas Claras, nome que lhe define a belleza.

Se raro encontram habitantes, acompanham-nos bandos de aves variadissimas, de lagôa em lagôa peixes innumeros, sobresaindo os jacarés. Ao sitio das Torres originaram o nome dois morros gigantes de fórma phantasiosa, e para alem da cordilheira habita mysterioso um povo primitivo, cuja fereza nas incursões contra as fazendas habitadas, ainda a imaginação exagera. São os indios *Buques* nas florestas do Jacuhy.

Novas planicies se estendem. Bordam-nas aos milhares os cavallos soberbos e originaes que pastam n'aquelles desertos d'onde nunca sáem e onde reinam como soberanos absolutos, ou antes como cidadãos livres. Livres? Nem sempre. Larga da sua terra o viajante, cansa-lhe o cavallo, atira o laço ao que mais proximo encontra, arreia-o com os aprestes do companheiro fiel de algumas horas, que abandona aos destinos do mundo. Cansa tambem este? Repete a operação, e assim vae mudando successivamente de cavallos até á localidade a que se dirige, como o theatro varía de scenas até ao desenlace final da comedia.

Mas que importam agora aos nossos guerreiros aquellas vastidões, chegando aos *Bairros Novos?*

Cesse tudo que a antiga Musa canta,
Que outro poder mais alto se alevanta.

Este mais alto poder é nada menos do que a illustre e generosa D. Quiteria, possuidora de immensa escravaria, e da propriedade ainda mais immensa n'aquelles desertos. Quereis comprar ali um cavallo? É pagar-lh'o a meia moeda. Uma junta de bois? 4$000 réis. Um burro? Dezeseis vintens. Ó magnanima! Como poderias ser invocada para castigo dos avarentos espiritos da nossa velha Europa, se no teu deserto não fizesses senão baratear um pouco a venda geral nas provincias do sul americano! E adeus te dizem os nossos, D. Quiteria, até ao dia do Juizo.

Mas que enthusiasmo vae alem, passados dias, no sitio dos *Gagos?* Que entaramelado senhor é aquelle que abraça os portuguezes, rindo, chorando, gesticulando? E como os nossos o festejam tambem! Creança, emigrou, trabalhou, instituiu uma familia, fundou uma propriedade e n'ella envelheceu. Só lhe não envelhecêra o affecto que os annos não desvanecem, só não lhe estalára no coração a corda que mais vibra n'elle. Ao ouvir os patricios acordou-lhe o amor da terra onde nascêra, e nadou-lhe a alma no doce pranto da felicidade. «Ahi tendes a nossa fazenda, descansae, comei, bebei, meus irmãos».

Admiram depois a prodigiosa lagôa dos Patos, que de tantos rios recebe o tributo, resfolgam na formosa villa de S. Pedro do Rio Grande, respiram um ar vivificante, e após o necessario descanso desembarcam na ponta da Lagôa Mirim, em S. Miguel. O mesmo é dizer que passaram para alem da fronteira portugueza. Já pisam a terra inimiga. Está invadida pelos nossos a Banda Oriental do Rio da Prata.

Artigas, deixando ao sub-chefe a cidade de Montevideu (onde estava), e intentando habilmente responder á nossa invasão nos seus dominios com a invasão nos nossos, subira ao norte da sua Banda Oriental para arremetter contra a provincia do Rio Grande. Em S. Pedro se havia já dividido a nossa expedição, marchando o general Curado para o territorio das Missões, oppondo-se a Artigas, e o general Lecor seguindo para o sul com o fito em Montevideu.

Tem Lecor já pisado o territorio montevideano em S. Miguel da Lagôa Mirim, dissemos. Está na frente do inimigo. A 13 de novembro marcham os nossos contra o forte de Santa Thereza, que se lhes rende; a 19 encontram junto a Chafalote as forças contrarias, commandadas pelo intrepido caudilho de Artigas, Fructuoso Ribeiro. Entra em fogo a primeira brigada, que tem por chefe o general Pinto de Araujo, e em que entra tambem o primeiro regimento de infanteria commandado por João Carlos de Saldanha. O inimigo é ali derrotado, perdendo duzentos mortos, a artilheria, trinta prisioneiros, duzentos e cincoenta cavallos e muitos petrechos. Em seguida é tambem vencido o inimigo no combate da India Morta. Está celebrado o baptismo de sangue na campanha americana. Entram em principios de janeiro, sem resistencia, na cidade de Maldonado.

Fructuoso Ribeiro, tendo-se retirado para a cidade de Montevideu, e vendo que a não podia sustentar, abandonou-a. O mesmo fez Barreiros, sub-chefe de

Artigas, recommendando que fosse destruida a praça e todos os estabelecimentos. Não annuiu a um tal destroço o cavildo (senado municipal), que enviou logo emissarios ao general Lecor, offerecendo-lhe as chaves da cidade. A duas leguas e meia o encontrou a deputação senatorial, e cumpriu a commissão de que fôra encarregada [1].

III

É o dia 20 de janeiro de 1817. Lecor com a sua divisão entra em Montevideu.

Não é uma cidade inimiga que nos abre as portas. Já pela ancia de se desencadeiarem do jugo de Artigas, já pela fama de amaveis que precedia os cavalleiros portuguezes, a cidade recebe entre festejos a divisão de Lecor. Vae esperal-a a povoação, levantam-se arcos, adornam-se as janellas de colchas riquissimas, acenam os lenços, restrugem os vivas, e o general em chefe é levado em triumpho á cathedral para assistir ao solemne *Te-Deum*.

Que cidade encontra a nossa divisão? Formosa era já n'aquelle tempo Montevideu, concordes são n'este ponto Parker, Snow, Fernandez Cuesta, Arsenio Isabelle, Ferdinand Denis, e ainda outros viajantes, para não accumular citações.

Aos olhos se apresenta o magnifico panorama da cidade, o altissimo cerro, coroado com pharol no

[1] *Gazeta do Rio Janeiro*, de 6 de março de 1817 (*Gazeta de Lisboa*, de 10 de junho do mesmo anno).

centro da bahia, recortada de insulas e bordada de vivendas. Cingida é a cidade pelo rio que se chama de Prata, excepto ao poente, e reclinada n'uma collina cuja extremidade se banha nas aguas, estendendo-se, a leste, uma planicie cultivada, coberta de habitações ruraes, ao occidente erguendo-se edificios alvissimos que destacam do formoso painel, e fortificações de fórmas caprichosas, sobresaindo a igreja matriz com suas cupulas de louça pintada: conjuncto phantasioso que delicia o espectador.

Deixando o panorama geral e penetrando na povoação, encontrou a nossa gente as ruas completamente alinhadas, os edificios quadrados, brancos de jaspe, as casas terminando em azotéas (terraços ajardinados) para as familias gosarem da frescura nas tardes e noites do calor americano.

Mas se os nossos guerreiros admiravam a cidade, suspeitâmos que não admiravam menos as formosas, que tão galhardamente os recebiam.

Ellas lá estão, de tarde, na grande alameda, as gentis montevideanas, de todo o continente americano as mais bellas, e só comparaveis ás suas patricias de Buenos Ayres. Lá estão com a amabilidade que lhes é proverbial. Que animação as não electrisa, agora sobretudo na presença dos moços estrangeiros que trazem na farda a fascinação da mulher! Com que requebros não meneam os leques, com que nativa graça não correspondem ás saudações dos conhecidos! Ás bellas, que vão passando, succedem-se outras ainda mais bellas. Cada uma apresenta o porte de rainha, mas da supposta alti-

vez transparece a mais fina lhaneza, e, quando chegam a dar o coração, feliz aquelle que lh'o recebe.

Na alameda, dissemos. E nos bailes? e na casa propria a recepção amabilissima?

São convidados os officiaes da recemchegada expedição.

É entrar no primeiro pateo, de marmore; — no segundo, o dos creados; — no terceiro, das aves; — na sala de espera, quadrada como os pateos; — por fim no salão principal adornado de cadeiras norte-americanas, tecto altissimo e de fórmas phantasiosas, janellas guarnecidas de seda, magnifico piano inglez, sophás de crina, grandes consolos com formosas jarras de flores; tudo brilhantemente illuminado.

Lá entram os nossos. Feitos os comprimentos, servem-lhes logo o celebre *mate*, o café local com a particularidade de escaldar a bôca, de forte que é; mas, quanto mais forte, maior civilidade prestada ao convidado; e ellas, perdidas de riso por entre o leque seductor, ao verem a victima estreiar o *mate*.

Mas não ha tempo a perder, a vida é curta.

Rompe o *Minuete*. Lá está ella, exercitada desde creança n'aquella pausada cadencia de gentil melancolia, apresentando em bello contraste a graça com a arrogancia. E d'ali variam logo, do *Minuete* para os *Tristes Peruanos*, e dos *Tristes* para os *Montaneros* (boleros hespanhoes), e dos *Montaneros* para o *Cielito*, a dansa nacional por excellencia, a dansa que as enlouquéce, porque n'ella lhes é dado, pelos

costumes, o direito de todas as seducções. E quem sabe se o agradar-lhes mais aquella dansa, menos será por ter o cunho de nacional do que pelo remate: o poderem os homens ir abraçando cada uma das senhoras, e, com o abraço, murmurando-lhes declarações ao ouvido, sujeitando-se unicamente a responder-se-lhes com a maior naturalidade: «*Tiene dueño*» (Já tem dono).

Tal era a roda graciosa que abria as salas á officialidade portugueza, de que sobresaía, como um dos mais queridos, aquelle gentilissimo coronel, assumpto principal do nosso escripto.

«Tiene dueño» — Ah! provávelmente o não tinha aquella formosa dama, que enthusiasmada com a gentileza do fabuloso coronel de vinte e seis annos lhe mandava um bilhete, aromatico por fóra, e por dentro dourado todo de esperanças.

— Que resposta dá, pae-senhor? — perguntava o pardo mercurio ao moço coronel.

Um importuno, que entrava cincoenta annos depois na sala do marechal Saldanha, cortando inopinadamente o fio da narrativa, não deixou dizer ao marechal que resposta mandára pelo pretinho...

Sús, porém, cavalleiros! no alto da provincia está correndo já o sangue de vossos irmãos. Ao inimigo. Descalçar luvas e empunhar espadas.

CAPITULO VII

CAMPANHA DE MONTEVIDEU

I

Emquanto o general Lecor, encarregado pelo governo portuguez de se apoderar da Banda Oriental do Rio da Prata (que o mesmo é dizer provincia de Montevideu), occupava esta cidade, havia destacado a divisão do general Curado contra as principaes forças do inimigo, commandadas pelo dictador Artigas.

Longe nos levaria o historiar a minuciosa campanha de Montevideu, que durou cinco annos, de 1816 a 1821. Longa foi e cortada de obstaculos, por differentes circumstancias. Primeiramente porque teve de ser feita em duas capitanias, dirigidas por dois generaes, e todos sabem as difficuldades que se originam do commando dividido. Acrescia o modo diverso de peleja nos dois campos. Por ultimo, o systema das operações de Artigas, substituindo ás batalhas francas a ardilosa divisão das forças, contrariava a estrategia estabelecida. Veremos, porém, se todos estes obstaculos hão de, ou não, despeda-

çar-se de encontro ás tropas da divisão portugueza, reforçadas com as da guarnição do Rio Grande[1].

II

A primeira brigada (de que formava parte o regimento commandado por Saldanha) fôra encarregada dos movimentos exteriores da praça de Montevideu, pertencendo-lhe vigiar o inimigo nas circumvizinhanças da cidade, e defendel-a. Sortidas importantes e proveitosas se realisaram. Em fins de janeiro de 1818 aquella primeira brigada foi rendida pela segunda brigada, que até ali fizera a guarnição da praça, e, em seguida, mandado Saldanha tomar o commando de uma columna importante na divisão do general Curado, ao longo do grande rio Uruguay.

[1] Quem desejar conhecer por miudo o desenvolvimento da campanha de Montevideu, consulte: *Historia geral do Brazil*. por um socio do instituto (sr. Varnhagen, visconde de Porto Seguro); *Historia da fundação do imperio brazileiro*, pelo sr. Pereira da Silva, vol. IV; *Historia do Brazil*, por Solano Constancio; as *Memorias* de Lara; a *Historia dos successos politicos*, do sr. visconde de Cayrú (citada na *Historia* do sr. visconde de Porto Seguro, e na do sr. Pereira da Silva); a *Revista do instituto historico; Synopsis dos factos mais notaveis da historia do Brazil*, pelo general Abreu e Lima; *Historia de Portugal*. pelo sr. Pinheiro Chagas, vol. VIII; *Apontamentos biographicos do 1.º conde de Samodães*, compilados por seu filho, Porto. 1866; a bella *Carta do imperio do Brazil* reduzida no archivo militar, em conformidade da publicada pelo coronel Niemeyer: nos archivos do Brazil a correspondencia original do general Curado, citada pelos illustres escriptores brazileiros.

N'esse mesmo anno de 1818 o conde da Figueira substituia o marquez de Alegrete na capitania do Rio Grande. O conde da Figueira nas fronteiras da sua capitania, o general Lecor na capital Montevideu, na direita o general Jorge de Avillez e em seguida o brigadeiro Azeredo (1.º conde de Samodães), no centro e esquerda o general Curado, dirigiam os movimentos contra o exercito do arrojado Artigas no immenso labyrinto d'aquelle territorio; e, se os orientaes pelejavam intrepidos, nos generaes e tropas portuguezas, tanto da divisão auxiliar como das forças locaes, encontravam adversarios não menos destemidos.

A João Carlos de Saldanha foi entregue o commando da columna ligeira, que, em movimentos continuos, devia sustentar, contra as forças de Artigas, o extenso territorio ao longo do importante rio Uruguay [1]. Este rio era a fronteira occidental da capitania de Montevideu, que a separava das provincias de Entre-Rios e Corrientes, pertencentes ao inimigo. Conhecer-se-ha a importancia de toda esta margem, onde Saldanha operava, se se considerar que as indicadas provincias de Entre-Rios e Corrientes eram o ponto de apoio, o vasto arsenal, por assim enunciar, onde Artigas e os seus generaes se iam refazer quando vencidos, e d'onde, por meio de novas combinações estrategicas, repassando o mesmo Uruguay,

[1] Correspondencia do general Lecor para o conde da Figueira; Exposição de Saldanha a el-rei D. João VI, de 25 de novembro de 1822.

vinham intentar novos combates no grande territorio disputado.

Era n'aquellas planicies sem termo, por entre o rigor das estações, sobretudo no ardente estio, commandando tropas valentes, mas pouco affeitas ao genero das armas e das investidas orientaes, dormindo tantas vezes sobre o cavallo, bivacando outras tantas onde anoitecia, que o brigadeiro de vinte e sete annos sustentava com um valor, que passou á tradição, os brios da nação portugueza. Quando, já ancião e no remanso do lar, lhe fallava algum parente ou amigo nos seus feitos da guerra liberal de 1833, Saldanha escutava modesto as façanhas que lhe recordavam, sorria-se, esfregava as mãos, e ouvia-se-lhe murmurar, como simples echo do seu pensamento: «Mas aquella Montevideu! o que ali se fez!» E calava-se, tornava-se-lhe serio o rosto, e logo despertando do seu entresonho, como que tendo saído das planicies montevideanas onde o pensamento o transportára por momentos aos seus verdes annos, aos seus companheiros de armas jovens como elle e n'aquelle instante mortos já todos, levava as mãos aos cabellos e dizia então a valer, para os que o rodeavam, como se involuntariamente o não houvera já dito: «Aquella Montevideu!»

O enigma, explicado em vulgar, significava os assombrosos feitos da America.

As cidades e povoações urbanas acceitavam os portuguezes que as livravam das extorsões de Artigas e seus sequazes. Não assim as povoações ruraes, e sobretudo aquellas immensas cohortes dos indoma-

veis gaúchos, que vimos montados e armados pelas interminaveis campinas, cuja vista se perde no horisonte.

Estas eram as cohortes, que invenciveis tinham expulso os hespanhoes, seus antigos dominadores, e reputadas invenciveis por sua fereza, pela velocidade incrivel dos cavallos, pelo manejo original das armas, pelas carrancas, pelos corpanzis, pelo complexo de selvatica originalidade que os revestia, e até pela especie de mysterio que os acompanhava, ignorando-se — n'aquelle oceano campezino ao longo d'aquellas margens do Uruguay — d'onde vinham, para onde marchavam, onde se iam esconder, d'onde reappareciam. Era contra estas forças, umas vezes dispersas, outras vezes reunidas, não se sabendo quando queriam combater ou quando só intentavam fatigar, que o general portuguez tinha opposto a columna de Saldanha, por conhecer a quem entregava a empreza.

Quando Julio Cesar chegou com as suas legiões ás fronteiras da Germania, a fama representava os barbaros, e com verdade, homens de altura gigantea e de força herculea. Apesar de heroes, os romanos tomaram-se de panico. Uns, faziam testamento; outros, para não avançarem, pretextavam difficuldade das estradas ou escassez de viveres. Cesar assombrou-se: os seus heroicos soldados estacavam pela vez primeira!

Quem abrir os *Commentarios* do proprio Cesar (no livro I, capitulo XLI) lerá o que elle mesmo diz ter feito n'aquelle ensejo. Convocando os centu-

riões de todas as classes, assim lhes arengou: «Recordae-vos, romanos, de que vossos paes, commandados por Mario, expulsaram os cimbros e os teutões. Não deve o soldado desconhecer a voz do seu chefe, senão quando a este fosse adversa a fortuna. Acaso não manifestei eu, no successivo decorrer da vida, a minha intrepidez? Por isso vos affirmo que mal desponte a aurora romperei a marcha, pois que impaciente estou por saber se no soldado romano o medo pesará mais do que a honra; e tambem vos asseguro que, se o exercito me não acompanhar, seguirei eu só com a decima legião, a legião da minha confiança mais provada». Esta falla, sem alludir aos deveres da disciplina, mas aos prodigios da emulação, reaccendendo os animos, operou maravilhas; o exercito, não querendo ficar áquem da afamada legião, acompanhou enthusiasmado o seu Julio Cesar, irrompeu unanime contra os invenciveis germanos, e estreiou a serie das victorias que vivem na memoria de todos.

Scena parecida fez o brigadeiro João Carlos, no começo da campanha. Indicámos já a originalidade e destreza dos orientaes. A sua arma principal em importancia, no incalculavel numero, pela propria natureza do territorio, era a cavallaria, furacão, desespero, como lhe chama um escriptor.

Esta cavallaria dos féros gaúchos é que a brigada de Saldanha ia ter defronte de si durante a disputada guerra.

Contra os exercitos francezes já estavam affeitos os nossos bravos; contra aquella gente e aquella ca-

vallaria, ainda não. No estreiar da campanha disse-reil-os os valorosos romanos de Cesar contra os originaes gigantes da Germania; mas contra estes novos Germanos havia tambem um Cesar, não só em semente, já florescido. Para os seus soldados disse então Saldanha (com o intuito de os animar): que no dia seguinte iam combater os de Artigas, homens como elles, que n'aquella campanha tinha Portugal os olhos fitos, que lhes caberia a gloria de vencer, e que elle sería o primeiro que irromperia contra o inimigo, contra a celebre cavallaria de Artigas commandada pelo afamado Lavalléga. Se bem o disse, melhor o fez.

No dia seguinte, nas vastas planicies do Uruguay, Saldanha, á frente dos seus cavalleiros, irrompia furioso contra o furioso gaúcho. A cavallaria portugueza, qual a romana á voz de Cesar, lançava-se intrepida contra a cavallaria oriental, invencivel e medonha como a dos antigos barbaros, seus predecessores. A gloria coroou os nossos, nas campinas americanas, á voz do guerreiro que parecia celebrar com os triumphos o pacto da victoria. «Quando acabou o combate, narrava Saldanha, todo eu era sangue e miólos, da cabeça aos pés».—Acertára o Cesar lusitano: a decima legião não precisava dar lições á legião de Portugal.

Só n'uma das manhãs não menos de cinco arrojadas cargas deu Saldanha á frente da sua cavallaria[1]. Pintam factos taes o arrojo d'aquellas luctas.

[1] Discurso de Saldanha na camara dos deputados, sessão de 12 de setembro de 1834.

«No curso dos cinco annos que durou esta guerra (lê-se n'uma obra, conscienciosamente escripta), o commandante Saldanha fez prodigios de valor: foi elle quem valentemente carregou e completamente desfez a cavallaria de Artigas, que passava por temibilissima[1].»

Escreve outro: «Em toda a campanha (de Montevideu) distinguiu-se pelo extremado valor com que acommetteu e destroçou a cavallaria de Artigas, como pela actividade, prudencia e pericia com que se houve»[2].

Praticou proezas taes contra os esquadrões de Artigas, que lhe deram nome e fama, e ainda ha um sitio que entre o gentio se denomina—O rincão do Saldanha[3].

No auctorisado Feo lê-se: «O general Saldanha dirigiu com tanta habilidade a campanha (em Montevideu) que a guerra se fez muito vantajosamente»[4].

Por ultimo citaremos o testemunho da corporação local, competentissima, da propria junta governativa do Rio Grande, cujo vice-presidente era um general brazileiro. Referindo-se a esta campanha de Montevideu, escreve a junta ao general Saldanha, formaes palavras: «Tendo v. ex.ª sido superior em bravura nos combates da guerra em que sustentou o seu heroismo»[5].

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 4.
[2] O sr. Vilhena Barbosa, no *Universo Pittoresco*, 1843, vol. III.
[3] Biographia, pelo sr. Oliveira Lemos.
[4] Feo, *Os duques*, pag. 609.
[5] Officio da junta do Rio Grande, de 15 de julho de 1822

Certa manhã de 1837, por occasião da revolta denominada dos Marechaes, almoçava em Penamacor o marechal Saldanha com os officiaes do seu estado maior, quando lhe annunciaram que um alferes de veteranos lhe pedia licença para o comprimentar.

—Entre o alferes de veteranos.

O alferes entrou. Vinha com o braço direito amputado.

—O senhor marechal já me não conhece?

O marechal fitou n'elle os olhos por momentos, crescendo-lhe successivamente a curiosidade.

—Não me lembro.

Por sua vez cravou n'elle os olhos o alferes.

—Pois não se lembra o sr. marechal d'aquella carga em Montevideu, em que lhe mataram o cavallo, e em que um dos seus sargentos ficou sem um braço? Sou eu aquelle sargento.

Os bravos e as palmas do estado maior do marechal não deixaram continuar a narrativa do veterano. Que succedêra? N'essa propria manhã, durante a marcha de Castello Branco para Penamacor, viera Saldanha contando aos seus ajudantes aquella mesma carga e o facto do sargento mutilado. Imagine-se o que ali não foi entre aquelles rapazes, á notavel coincidencia. O alferes repetiu então nos pontos capitaes a narrativa de Saldanha, mal sabendo que publicava a segunda edição.

Fôra o caso: marchavam um dia por aquellas pla-

na collecção dos documentos do livro *Obras varias* (P.-4-22), na bibliotheca nacional de Lisboa.

nicies sem termo. A alguma distancia um piquete cobria a retaguarda. Saldanha olha para trás e vê relampejarem as espadas que o piquete desembainhára. Suspende-se. Espadas que relampejam, signal é de inimigo. Volta para a retaguarda apressado e chega até o piquete. É a cavallaria de Artigas que lhes vem na pista. Saldanha não espera por mais nada. Na fórma do costume lança logo o cavallo a galope, a toda a brida. Segue-o a sua cavallaria. Sendo o primeiro que chegou, arremessa-se contra a cavallaria contraria. Cae-lhe morto o finissimo cavallo que montava. Está a pé, elle só, cercado da cavallaria inimiga; a investida é furiosa, rodeiam-no, arremettem, mas Saldanha defende-se de uns, ataca outros, fere outros tambem, a sua valentia, coroada com a felicidade da sua estrella, de todos zomba, parece invulneravel, quasi prodigio parece. Chegam os mais velozes dos seus, vêem-no a pé, luctando contra todos, um sargento se apeia logo, offerece-lhe o cavallo, monta Saldanha repentinamente, uma espadeirada arremettida contra elle, decepa o braço do sargento; a carga chega ao auge, vacillam os orientaes ao impeto incessante dos portuguezes, retrocedem, debandam, pertence o campo aos nossos, e, com tal exemplo de commandante, que militar dos seus não venceria tambem? Era aquelle sargento mutilado, que ao almoço do marechal em Penamacor, vinha saudar o guerreiro de Montevideu.

Foge-nos o espaço para proseguir nos feitos singulares. Só exemplos citâmos.

III

Corre o anno de 1819. Os dois capitães generaes Lecor e o conde da Figueira operam de accordo. Lecor intenta abrir as communicações pelo rio Uruguay entre a capitania de Montevideu e os povos das Missões, situadas no alto da capitania do Rio Grande, procurando tambem evitar que as forças inimigas passem para áquem do celebre rio nos pontos acima do *Salto*. Era um plano complexo e importante. A columna de Saldanha, já reunida á divisão do general Curado, é mandada apoiar a passagem do rio Negro, executada pela columna do coronel Marques, fazendo juncção logo em seguida as duas columnas, e indireitando ambas, sob o commando de Saldanha, para a barra do *Arroyo dos Curraes*, estabelecendo-se em communicação com as forças do conde da Figueira[1].

[1] Officios do general Lecor ao conde da Figueira, de 20 de abril e 19 de julho de 1819.

Havendo ficado archivada no Brazil a correspondencia official da campanha de Montevideu, viamo-nos embaraçados, com a falta d'aquella fonte historica, para o proseguimento das operações militares do brigadeiro Saldanha, quando nos constou que o sr. D. José Machado de Castello Branco, filho do fallecido sr. conde da Figueira, possuia por copia authentica uma preciosa correspondencia do general Lecor sobre a campanha. A notavel correspondencia existente no cartorio da casa Figueira foi posta da maneira mais benevola á nossa disposição, e aqui deixâmos lançada a expressão do nosso agradecimento ao mesmo sr. D. José Machado, digno filho e representante do benemerito sr. conde da Figueira.

Approximavam-se os grandes acontecimentos. Tinham já succumbido os intrepidos vice-chefes de Artigas, Verdum, Aranda, Tallier e outros. Em outubro Fructuoso Ribeiro é tambem destroçado[1]. Ao Napoleão da Banda Oriental soava a hora do Waterloo americano.

Reapparecendo, com forças novas, nas nossas fronteiras, e levando tudo a ferro e fogo, Artigas conseguira pôr em debandada a columna do general Abreu até ao *Passo do Rosario,* mas, junta a esta columna a do general Camara, reuniram-se-lhes tambem as forças do conde da Figueira, que tomou o commando, cabendo-lhe dar um golpe mortal na campanha de Artigas. Os orientaes, acampados em posição forte na margem esquerda do rio Taquarembó, esperaram os nossos. No dia 22 de janeiro de 1820 o conde da Figueira atacou por ambos os flancos as forças do caudilho Latorre e dos seus intrepidos sub-chefes Sotello e Cahiré, destroçou-as. salvando-se Latorre á garupa de um indio, succumbindo na peleja Sotello e muitos officiaes superiores. ficando mortos no campo oitocentos inimigos e aprisionados quatrocentos e noventa[2].

[1] Officio do general Lecor ao conde da Figueira, de 11 de novembro de 1819. (Veja-se tambem o officio narrativo do proprio conde ao ministro da guerra, de 23 de janeiro de 1820, nas *Memorias do Brazil* do padre Luiz Gonçalves, vol. II, pag. 383.

[2] *Synopsis* de Abreu e Lima, pag. 319. Officio do conde da Figueira, de 23 de janeiro de 1820, ao ministro da guerra no Rio de Janeiro (*Gazeta de Lisboa* de 5 de junho de 1820);

Artigas, em Maloojo, não se tendo podido reunir á divisão de Latorre, mas conseguindo congregar os dispersos, alcançou (por um movimento estrategico digno d'elle) passar o Uruguay para o seu territorio de Corrientes, no intento de se reforçar [1]. Restava ainda o perigo d'este sangue novo magicamente inoculado no exercito por aquelle espirito invencivel, que não quebrava, e que por tantos annos logrou suster-se contra as forças que se lhe oppunham e contra os povos que o detestavam.

De janeiro a maio pacificára-se todo o interior da Banda Oriental (a capitania de Montevideu). Fructuoso Ribeiro, rendendo-se ao general Lecor, entrava ao serviço de Portugal.

Mas o general Curado, valetudinario, não podia continuar á frente da divisão que estacionava em todo o occidente da capitania de Montevideu, e solicitava a exoneração. Urgia dar-lhe successor. A opinião publica tinha já indicado quem o devia ser, e o governo do Rio de Janeiró não fez senão justiça ao merito de Saldanha, o destemido guerreiro do Uruguay, reunindo ás forças do general Curado a brigada do mesmo Saldanha, e conferindo a este o commando supremo de toda aquella divisão.

Havia ali brigadeiros mais antigos do que Saldanha? havia mesmo marechaes de campo? Seriam todos elles preteridos, n'aquelle commando, pelo brigadeiro

officio do general Lecor ao conde da Figueira, de 31 de janeiro de 1820.

[1] Officio de Bento Manuel, de 13 de fevereiro de 1820, ao genera Curado (*Gazeta de Lisboa* de 8 de julho de 1820).

mais moço? É certo; e recordemo-nos das antigas promoções. Na promoção de Saldanha a major, tinham sido preteridos quasi todos os capitães; na de major a tenente coronel, quasi todos os majores. Mas tanto na campanha da peninsula, como agora na de Montevideu, a antiguidade cedia o logar á distincção dos feitos no campo da batalha, e ao direito da distincção juntava-se a utilidade da patria. No grande concurso bellico os feitos conquistavam-lhe a palma: na promoção dos postos, ou na precedencia dos commandos, era o merito que o chamava ao logar. Assim, obtendo a exoneração o general Curado em maio de 1820, el-rei D. João VI mandava declarar pelo ministro da guerra, que, para substituir aquelle general, não podia deixar de lembrar o nome de João Carlos de Saldanha; obrigando esta distincção a retirarem-se do exercito generaes de superior antiguidade e ainda de mais subida patente, como entre outros o marechal de campo Joaquim de Oliveira Alves [1]. D'este modo se conferia ao brigadeiro Saldanha o commando de todas as forças que ao longo do rio Uruguay, theatro principal de suas façanhas na America, tinham de defender a causa da nação.

Era ali o grande ponto. Artigas fôra expulso, como vimos, para o territorio de Entre-Rios, na outra margem do Uruguay, mas ainda restavam dois perigos: um, que elle, reforçando-se n'aquelle territorio, tornasse a passar o grande rio, investindo qualquer das nossas duas capitanias de Montevideu ou do Rio

[1] Feo, *Os duques*, pag. 609.

Grande; outro, que para áquem do Uruguay se levantassem de novo os seus sequazes. Estes dois perigos é que o general Saldanha, commandante agora de toda a divisão, estava encarregado de evitar. Para cumprir o mandato, deixou uma força no Rincão das Gallinhas, outra em Sandu, outra ainda no Hervedey, estacionou a restante no Arapey (margem do Uruguay), fronteira, d'onde podia ao mesmo tempo obstar á invasão de Artigas, defendendo a capitania de Montevideu, e ajudar a cobrir, em qualquer lance apertado, a do Rio Grande [1].

Artigas, o afamado Artigas, conhecendo assim a impossibilidade de tornar a passar com vantagem o Uruguay, desavem-se no seu territorio de Corrientes com os caudilhos Ramirez e Lopez, e vê finalmente escurecer a estrella que tão brilhante lhe luzíra. O Attila americano, o emancipador argentino, o antigo libertador da sua patria—destinos humanos!—vencido pelos portuguezes, abandonado dos seus, por elles mesmos guerreado agora, emigrando para a republica do Paraguay, solicita do dictador Francia um abrigo, que este lhe concede. Internado n'aquella republica, ali findará os seus dias no anno de 1825, entregue a trabalhos agricolas.

Terminava a campanha de Montevideu que dilatava o nosso territorio, conquistando toda a Banda Oriental do Rio da Prata. Esta recebia o titulo de

[1] Officios do general Lecor ao conde da Figueira, de 7 de março, 25 de abril e 19 de junho de 1820. Em setembro d'esse anno estava Saldanha occupando *Salto* (carta ao irmão conde de Rio Maior, de 1 de setembro de 1820).

provincia Cisplatina, acceitando jubilosa o encorporar-se na monarchia portugueza.

Succedia este facto glorioso no anno de 1821.

IV

Finda a campanha, o conde da Figueira, necessitando de regressar a Portugal, partia para o Rio de Janeiro a pedir a el-rei a sua exoneração de capitão general da provincia do Rio Grande. Ao general, que tão distinctamente havia servido e honrado a patria. não queria el-rei conceder a exoneração. O conde instava e tornava a instar, el-rei ensurdecia e tornava a ensurdecer.

—Meu senhor, disse-lhe por fim de tempo o conde da Figueira, se vossa magestade me permitte, lembrarei a vossa magestade o nome de um militar que me póde substituir n'aquelle governo.

Façamos ligeira pausa. Quem abrir o notavel escripto de João Carlos Feo, lerá estas palavras: «Na brilhante e juvenil officialidade que fazia parte do estado maior e da cavallaria (da divisão portugueza que chegára ao Rio de Janeiro para a campanha de Montevideu), iam Carlos Infante (depois barão de Sabroso), Gil Guedes (conde da Foz), José Pedro de Faria, Barros Abreu (conde do Casal) e outros. Quando estes cavalheiros chegaram ao Rio de Janeiro, todos annunciaram ir tambem na expedição João Carlos de Saldanha, que elles *uniformemente elogiavam, tanto pelas suas delicadas maneiras, como*

pelo seu talento e bravura, e com tanto enthusiasmo o faziam, que me causaram o desejo de o conhecer»[1]. A este pregão geral acresciam agora no animo de el-rei D. João VI as novas proezas de Saldanha. A campanha de Montevideu completava a campanha peninsular. Quando, pois, o conde da Figueira indicava a el-rei o brigadeiro Saldanha para o substituir no governo do Rio Grande, interrompia-o el-rei:

—Não acceito a substituição.

—Mas, meu senhor, tornou o conde, não acha vossa magestade o valoroso João Carlos merecedor da nomeação que eu lembro?

D. João VI sorriu-se.

—Acho; mas eu quero reservar o João Carlos para outra capitania ainda mais difficil: para a propria capitania de Montevideu.

E mal imaginava Saldanha, áquella hora tão socegado nas margens do Uruguay, em que dansas bailava a sua pessoa: el-rei querendo-o para Montevideu, o conde da Figueira indicando-o para o Rio Grande, e ambos almejando por que Saldanha se podesse cortar ao meio, para acabar a contenda.

Mas em dois é que Saldanha não podia ser cortado, visto não ser el-rei Salomão quem reinava em Portugal n'aquella era, e a carta regia de 6 de março de 1821 nomeava o brigadeiro João Carlos de Saldanha para o logar de capitão general da provincia do Rio Grande.

[1] Feo, *Os duques*, pag. 605.

CAPITULO VIII

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL

I

Temos estado em contacto com o militar. A par d'elle estreia-se agora o politico e o administrador na propria individualidade do capitão general.

Recebendo a 20 de junho de 1821, em Montevideu, onde se achava por motivo de serviço, a carta regia de 6 de março, que o nomeava capitão general da provincia do Rio Grande, só um anno lhe reservava o destino para a governar.

No 1.º de agosto partiu dos campos orientaes do Rio da Prata para ir tomar o mando da sua capitania. Dirigia-se a Porto Alegre, capital da provincia do Rio Grande, que lhe fôra confiada, mas ao longo do caminho não vae ouvindo senão lamentos. Por toda a parte lhe affirmam a existencia de um partido subversivo da ordem publica, levantando a cerviz em Porto Alegre. Chegado á fronteira, confirmada lhe foi a noticia. A revolta, se não estava já incendiada, rugia tremebunda. O estado afflictivo das primeiras povoações logo lhe revelou a situação melindrosa em que se lhe estreiava o governo.

Cada vez apressava mais a marcha. Sem descanso tinha já percorrido cento e cincoenta e duas leguas, quando lhe chega ao encontro um official do estado maior, enviado pela camara de Porto Alegre. Informava-o, a camara, dos receios em que se achava aquella capital, e rogava-lhe que désse entrada quanto antes para evitar que a facção rebelde se apoderasse das redeas do governo. A camara, em nome da cidade, appellava para o seu novo governador, cujo fama lhe era notoria.

Se apressado proseguíra até ali, pressa maior deu á continuação da marcha, para evitar os perigos que ameaçavam a capital. Quarenta e duas leguas lhe restavam ainda de transito; quarenta e duas leguas percorreu em dia e meio. A 17 do mez entrava em Porto Alegre. Como foi recebido? Ouçamos a narrativa official: «O enthusiasmo dos seus habitantes, difficil de exprimir-se, marcou decisivamente o grau de soffrimento por que tinham passado, e a minha commoção foi tão grande, que senti ser o dia mais feliz da minha vida esse em que socegava o repouso de tantas familias desoladas»[1].

Entrava na conspiração o governador interino das armas. Saldanha, com a sua brigada, com a extrema confiança que o seu nome inspirava a todos, e com as providencias que para logo realisou, suffocou o mal á nascença e restabeleceu a tranquillidade.

[1] *Exposição* do capitão general João Carlos de Saldanha a el-rei D. João VI, de 25 de novembro de 1821, original existente no archivo da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, de Lisboa.

Seis mezes antes, tinha escripto o proprio ministro da guerra as seguintes memoraveis palavras: «As provincias (brazileiras) nas epochas que por ora nós ignorâmos, constituir-se-hão n'um estado de anarchia que a divisão das duas côrtes, uma aqui (no Rio de Janeiro), outra em Lisboa, não póde deixar de augmentar pelos elementos de dissolução, falta de força moral nas auctoridades e de sujeição nos povos...»[1]. N'este momento, em que a prognosticada anarchia rebentava na provincia do Rio Grande, estamos vendo o quanto acertada fôra a previsão do ministro da corôa; mas com igual verdade se está provando que o não ir ávante esse estado anarchico se deveu exactamente (ao invéz do que succedeu na grande maioria d'aquellas provincias) á força moral do capitão general governador, e á sujeição do povo pela confiança no mesmo seu capitão general.

Foi portanto o acto da sua estreia o firmar a ordem na capitania e salval-a do perigo imminente. Projectavam-se planos tenebrosos. Saldanha enviou a el-rei os documentos que o provavam[2].

II

Estreado o seu governo com este acto de salvação publica, o novo capitão general que fez? Desejoso

[1] Carta VIII do ministro da guerra portuguez no Brazil, Silvestre Pinheiro, impressa nos *Annaes* da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, vol. III, fasc. II, pag. 74.

[2] *Exposição* citada.

de conhecer os males que padecia a provincia após tão crua e duradoura guerra, convocou uma assembléa de pessoas idoneas, para serem expostos aquelles males, e, com amplo conhecimento, se discutirem as reformas que lhes pozessem cobro, e se realisassem os progressos que a civilisação lograsse ali conquistar. Patentearam-se os males, discutiram-se as reformas. Ás providencias que urgiam, oppunham-se infelizmente as formulas até ali seguidas.

Infelizmente, dissemos. Felizmente, porém, o cabeça era da tempera dos espiritos para quem as difficuldades são prazeres, e a responsabilidade victoria. Tomou elle a responsabilidade, poz logo de parte (fechae os olhos, burocratas!) as formulas seguidas, que respeitavam os tramites e desgraçavam os povos, mas com tanta circumspecção realisou as providencias, que, informando o principe regente, o principe «tudo approvou e o julgou conveniente á felicidade publica»[1].

Restabelecido o socego, e promulgadas as principaes providencias administrativas na capital, João Carlos de Saldanha lançou a vista para a capitania toda. «Porei de parte o governo da papelada, disse, administrarei por mim proprio». Querendo conhecer pessoalmente as necessidades locaes, relacionar-se com os seus administrados, imprimir nas povoações a actividade, não pela força auctoritaria, mas pelo dom natural do convencimento que no decurso da

[1] *Exposição* citada.

vida lhe attrahia os animos d'aquelles com quem tratava, partiu logo da capital para a populosa villa do Rio Grande.

Ali, como nas outras terras que visitou em peregrinação administrativa, seguiu o plano que em Porto Alegre encetára: convocar os idoneos, informar-se e providenciar. Ouvia as opiniões dos funccionarios, as reclamações dos povos, procurava reconciliar as inimisades, promover os interesses, desenvolver a acção benefica. Das providencias que não se podiam, desde logo, realisar, tomava nota para estudo mais aturado. A visita enchia de jubilo as localidades, que viam no moço capitão general um administrador sympathico e amigo do bem. Sabemos todos como é electrico o enthusiasmo. Avaliemos como o seria então, recaíndo de mais a mais n'aquelle que tanto havia contribuido para livrar a provincia das vexações de Artigas.

Decorridos annos, pediu o imperador D. Pedro a Saldanha que lhe narrasse o que tinha feito na provincia do Rio Grande.

—Quando eu lá estive, disse-lhe o imperador, ouvia dizer todos os dias: «No tempo do sr. Saldanha fazia-se isto, no tempo do sr. Saldanha era assim que se fazia...»

—Meu senhor, tornou Saldanha, tratei de fazer justiça a todos. Convoquei as notabilidades da capital, perguntei-lhes quaes eram as necessidades da provincia e em especial as da cidade. Em seguida percorri a capitania, e em todas as localidades convoquei reuniões identicas. Depois providenciei, se-

gundo as informações que recolhi, quanto me foi possivel [1].

E assim foi proseguindo, da importante villa do Rio Grande para o interior da provincia, nada menos do que até aos longinquos povos das Missões, que, ainda mais do que os outros, careciam dos soccorros governativos.

Mas quando por todas aquellas gentes ia levando pessoalmente a benefica acção administrativa, que succedia na capital da provincia? O partido anarchico, aproveitando-se da ausencia d'elle, ousára levantar a cerviz, e, não podendo contar com a parte sã do povo para derrubar a constituição e empolgar o poder, recorria ao suborno, a varias tramas, e, d'entre ellas, á perigosa promessa da liberdade aos pretos, que, a verificar-se n'aquelle conflicto, daria de si os resultados mais funestos.

Descoberta a conspiração, o povo correu a preparar-se para lhe obstar.

Sessenta leguas separavam Saldanha da capital no momento de receber a participação. A mesma estrada, que o víra já uma vez como que voar á salvação da provincia, divisou n'elle agora não menos resolução nem menor empenho. Chegando repentinamente a Porto Alegre deu logo todas as providencias, sendo uma das principaes a prisão do coronel Ferreira de Brito, designado como o principal motor da rebellião. Em conselho de guerra lhe foi provado o crime. E é na mesma occasião em que se viu obrigado

[1] *Histoire générale* citada, pag. 56.

a prender o cabeça da anarchia, seu camarada como official do exercito, que Saldanha acha consolação em adoçar com a generosidade do seu animo as penas do criminoso. «Recolhido n'este proprio palacio do governo (escrevia Saldanha a respeito do coronel delinquente) na sala do official da guarda, nenhuma privação soffreu, excepto a da liberdade de saír; todas as mais prerogativas lhe foram facultadas, sem discrepar-se, n'um só ponto, do bom tratamento e contemplação que a beneficencia exige»[1].

III

A par de todos estes actos na politica, no estado social e na administração da localidade, outros de não menor valia nem menos curiosos prestava na gerencia da fazenda e na justiça, completando assim o quadro.

Força-nos a estreiteza do espaço a indicar unicamente exemplos.

Na fazenda apresentaremos um, que admirou a capitania toda. Confirmado por decreto de el-rei, encontrára o capitão general o contrato para a arrematação das contribuições lançadas sobre os couros e os gados, adjudicado á familia Paiva, a mais poderosa e influente na cidade. Onerosissimo era o contrato para os contribuintes e desvantajoso para a fazenda

[1] *Exposição* de Saldanha de 25 de novembro de 1821, manuscripto existente na secretaria d'estado dos negocios da marinha.

publica. Avaliar-se-ha a importancia e generalidade d'esta contribuição advertindo que a fonte principal dos negocios na provincia do Rio Grande consistia no extraordinario producto de pelles. Proprietario havia que matava por anno mais de trinta mil bois, e subia a tal ponto o numero de cabeças e de ossos, que os habitantes construiam com elles paredes completas [1].

Para se ajuizar das vexações que esta adjudicação á familia Paiva produzia sobre as populações, é saber que o contratador assentava o numero de cabeças que lhe deviam competir em toda a provincia, mas, em vez de as levar, deixava-as nas manadas, e no fim de cinco annos reclamava o mesmo numero de bois sem contar com os que tinham morrido, nem indemnisar o sustento e mais despezas feitas com elles [2].

Findára a epocha d'este contrato, e queriam renoval-o os contratadores. Saldanha, conhecedor das vexações que opprimiam os povos, formou o seu plano.

Transpirou o caso. De curiosidade geral se tornou a cidade, conhecendo já, por um lado, o caracter audacioso do seu governador, e sabendo, por outro, a prodigiosa influencia da celebre familia Paiva na propria côrte, onde tinha conseguido a confirmação governamental da adjudicação para ligar as mãos aos capitães generaes.

[1] *Apontamentos biographicos do 1.° conde de Samodães*, compilados e publicados por seu filho o actual conde; Porto, 1866.

[2] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 57.

Paiva, desconfiádo pelos rumores vagos, solicíta audiencia do capitão general, dá-lhe entenderes sobre o perigo a que expõe a sua conservação no logar se manda pedir para o Rio de Janeiro a revogação do contrato, ao mesmo tempo que recorre ás blandicias, e, segundo refere um escriptor devidamente informado, promette entrar no banco de Inglaterra, em nome de Saldanha, com avultada quantia, se elle deixasse correr como até ali o negocio da arrematação[1]. Pobre Paiva! de que ameaça te lembraste, e que blandicias te povoaram o cerebro!

Das blandicias e das ameaças o que resultou, documentos officiaes á vista, foi, com o voto da junta da fazenda presidida por Saldanha, tomar este sobre si, na qualidade de capitão general, a gravissima responsabilidade da execução, *recusado o contrato a Paiva*, mandando desde logo gerir por conta do estado aquelle importante ramo da administração, fonte principal da riqueza publica, e ordenando que fosse posto em praça, informando o principe regente e o congresso de Lisboa[2].

Concebe-se fácilmente o assombro que este facto produziu na provincia, tanto pela justiça que d'elle transparecia, como pelo augmento, para o estado, de uma renda avultada e com as vantagens que resultavam aos proprietarios e rendeiros.

[1] *Histoire générale*, pagina citada.

[2] Representação expositiva e documentada a el-rei, datada de Porto Alegre em 7 de fevereiro de 1822, existente no archivo da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramár.

Este acto da administração do Rio Grande levou tambem a admiração ao Rio de Janeiro. Subindo o negocio a consultas superiores, Saldanha partiu para a côrte a fim de mostrar pessoalmente a immoralidade do antigo contrato, a desvantagem d'elle para o thesouro, o prejuizo para os contribuintes, e portanto o grande bem que resultava do voto da junta e da responsabilidade pessoal que elle tomára resolutamente sobre si, como poder executivo. O governo acceitou a resolução, e o acto arrojado de Saldanha obteve, d'este modo, realisação definitiva [1]. Por factos d'esta ordem se aquilatam os outros. Assim como um raio do sol nos indica a força da luz, ou uma gota de agua a natureza da fonte, assim os factos significativos revelam os caracteres de que dimanam.

Quanto á administração da justiça. Amiudavam-se as mortes violentas, ouviam-se com terror as noticias d'ellas, e os animos andavam sobresaltados. Só um castigo rigoroso e exemplar pelo braço da justiça poderia pôr termo áquelle estado violento. Penas severas foram impostas a quatro dos mais notaveis assassinos, um negro, um mulato, um indio e um branco, sendo este primo do tenente general Menna Barreto, chefe de uma das principaes familias da capitania! Resultado, sobre os brancos, os indios, os mulatos e os negros? Não tornou a haver, em tempo de Saldanha, mais nenhum assassinio [2].

[1] *Exposição* citada, e seu seguimento no congresso; no archivo da secretaria da marinha; *Histoire générale*, citada, pag. 13 e 57.

[2] Feo, *Os duques*, pag. 609.

IV

Ía assim progredindo um governo de justiça e de paz, aureolado pela sancção popular. O Rio Grande reputava-se feliz, e tão feliz, que, insurgindo-se varias provincias, após a revolução de 1820, contra os seus capitães generaes, não se insurgiu (como vimos) a do Rio Grande, e deixou ali de correr o sangue por motivo de opiniões politicas. Tão paternal e popular proseguia o governo de Saldanha, que a primeira corporação administrativa da provincia, a junta provisoria, lhe declarava posteriormente: que da sua retirada se poderiam originar a anarchia e outras calamidades[1].

Mas eis que chega de Portugal o decreto das côrtes, do 1.° de outubro de 1821, que instituia em cada provincia do Brazil uma junta governativa, eleita pelo povo, e sujeita ao governo central de Lisboa.

[1] Officio da junta governativa, a Saldanha, de 15 de julho de 1822.

Como fonte e confirmação dos factos expostos em todo este capitulo vejam-se: Os documentos manuscriptos da capitania, existentes no archivo da secretaria da marinha e ultramar, annexos ao officio do capitão general, de 5 de agosto de 1822; officios de Saldanha, de 17 de julho e 23 de agosto; e officio da junta de 17 de julho, todos do dito anno de 1822. Estes mesmos documentos acham-se impressos na *Exposição* de Saldanha em 1823 (na bibliotheca nacional de Lisboa). Vejam-se tambem *Os duques*, de Feo, pag. 610; *Histoire générale*, citada, pag. 12 e 13; *Historia do imperio do Brazil*, pelo sr. Pereira da Silva, vol. v, pag. 232, e vol. vi, pag. 94.

Na junta residiria o poder civil, administrativo e economico; ao capitão general caberia só o commando militar.

Resistiu pacificamente a provincia do Rio Grande, não se prestando a eleger a junta governativa. Saldanha, apesar de ser coarctada a auctoridade suprema dos capitães generaes, que ficavam reduzidos ao mando das armas, e este mesmo sujeito ao governo de Lisboa, empregou a sua influencia para ser obedecido o decreto das côrtes, e, em vez de representar ao governo expondo a repugnancia dos eleitores, declarou-lhes que, se a eleição ordenada pelo poder central se não realisasse, deixaria immediatamente a provincia, dando a sua demissão.

Assustou a ameaça os teimosos, e Saldanha conseguiu que o decreto das côrtes, apesar de o prejudicar a elle, fosse cumprido.

Mas o instincto popular é justo. Como é que a provincia respondeu a este acto e á gerencia de Saldanha? Chegado é o momento de o vermos.

Tinha de ser eleito, com os membros da junta governativa, o seu presidente, primeiro magistrado da provincia, pois que os poderes do capitão general, passado a general das armas, ficavam reduzidos aos negocios militares; o capitão general, até ali quasi soberano, desapossado, d'ali em diante, de todos os poderes administrativos; e n'esta separação absoluta do poder administrativo e do poder militar consistia exactamente a base fundamental da nova lei.

Realisou-se a eleição, e saiu por votação unanime:

—Para o supremo logar de presidente da junta governativa, João Carlos de Saldanha.

Presidente supremo como capitão general, no governo absoluto, pela nomeação do rei; presidente supremo como João Carlos de Saldanha, no governo liberal, pela eleição do povo.

Mandavam-se distinguir os dois poderes; o povo, pelo acto inappellavel da sua soberania, tornava a reunil-os no homem que elle amava.

CAPITULO IX

DEIXA SALDANHA O GOVERNO DO RIO GRANDE

I

No mez de novembro de 1822 passeava pelas ruas do Rio de Janeiro, aguardando embarcação que o transportasse a Lisboa, um moço brigadeiro, que, por sua gentileza, attrahia as vistas geraes. Não as attrahia menos pela audacia de conservar no chapéu armado o laço azul e branco, da côr portugueza, dois mezes depois de proclamada a independencia brazileira, e apesar de instado para o não trazer, pelo receio de algum insulto das paixões exaltadas.

Quem fosse aquelle militar audacioso, presente-o já o leitor.

Porque deixára elle a provincia do Rio Grande, cujo governador fôra durante um anno, de agosto de 1821 a agosto de 1822?

É notorio que após a partida da familia real para Lisboa em abril de 1821 ficára regendo o Brazil, em nome de el-rei D. João VI (por decreto d'este soberano de 22 d'aquelle mez), o principe D. Pedro, e não menos notorio é o fervor com que o espirito das novas idéas se desenvolvia n'aquelle grande estado.

A provincia do Rio Grande, pela proximidade em que estava da do Rio de Janeiro, pelas suas relações commerciaes com ella, e sobretudo pela magia com que a esperança da independencia exalta os animos, lançava olhos de satisfação para o horisonte em que essa mesma esperança entreluzia. População civil, força armada, membros da junta governativa, camara, tribunaes, todos se unificavam na mesma idéa. O pequenissimo partido portuguez perdia-se no geral da população. Em collisão terrivel se via o presidente do governo, João Carlos de Saldanha; de Lisboa não recebia instrucções nenhumas, do Rio de Janeiro cessára toda a correspondencia. De um lado, elle, portuguez; do outro, as idéas, a opinião publica, o povo, a guarnição.

«Terriveis têem sido as collisões em que me tenho visto (escreve elle para o governo de Lisboa), sem receber desde outubro do anno passado um só officio d'essa côrte, e cessando ao mesmo tempo commigo toda a correspondencia do ministerio do Rio de Janeiro; entregue a mim mesmo e sem instrucções para me dirigir, o meu principal cuidado tem sido manter esta provincia em união entre si, e, sem me oppor á opinião publica, dar-lhe comtudo a direcção menos desfavoravel á grande causa em que os portuguezes se acham empenhados, podendo assegurar a v. ex.ª que tenho conseguido com trabalho estes dois grandes fins [1].»

[1] Officio de João Carlos de Saldanha, de Porto Alegre (Rio Grande), de 20 de junho de 1822, para o ministro do reino

Caminhavam, porém, os acontecimentos. Persuadido, pelas noticias geraes que chegavam do Rio de Janeiro, de que tudo ali se ía predispondo para desligar de Portugal, pelo menos, a parte meridional do Brazil, e sendo-lhe completamente impossivel o impedir que a sua provincia adherisse ao grito das provincias limitrophes, requereu ao principe regente, em 3 de maio de 1822, a demissão dos altos empregos, para regressar á divisão portugueza de Montevideu, a que pertencia. Nenhuma resposta obteve. Segunda vez requereu, requereu terceira vez; unicamente o silencio respondia aos seus pedidos. «Devo, porém, prevenir a v. ex.ª (officiava Saldanha para Lisboa, ao ministro do reino) que, no caso de sua alteza o principe regente não annuir á minha supplica, e verificando-se a desunião com Portugal (o que Deus não permitta), me será forçoso abandonar esta provincia, mesmo sem consentimento de sua alteza real, porque rasão alguma poderá haver no mundo que me possa obrigar a ser perjuro ou a deslisar dos meus leaes e patrioticos sentimentos»[1].

II

Com perspicacia prevíra Saldanha, e o que prevíra realisava-se. Por decreto de 3 de junho mandou

em Portugal, officio existente no archivo da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar (em Lisboa).

[1] Officio de Saldanha (citado), de 20 de junho de 1822, ao ministro do reino, existente no archivo do ministerio da marinha (em Lisboa).

o principe regente convocar uma assembléa geral constituinte e legislativa para estabelecer as bases sobre que o Brazil deveria fundar a sua independencia. Sanccionado officialmente o grito da independencia brazileira, vae Saldanha cumprir a palavra que para Lisboa enviára ao governo.

Chegado ao Rio Grande do Sul o decreto do principe, João Carlos de Saldanha, que a nenhum dos tres requerimentos de demissão dirigidos a sua alteza recebêra resposta, pede á junta governativa (cujo presidente era), em 3 de julho da mesmo anno, lhe acceite a renuncia de todos os empregos, e lhe conceda passaporte a fim de regressar para Portugal, «por se deduzir do decreto de 3 de junho o intento de desligar o Brazil da monarchia portugueza sem se terem consultado as côrtes geraes de Lisboa. Allegava, como rasão principal, o ter prestado juramento de fidelidade ao rei, ás côrtes e ás bases da constituição, não podendo nem devendo como portuguez adherir a um systema que se oppunha inteiramente aos principios adoptados pela nação; concluindo por expor que se aproveitava da faculdade que o principe concedia na sua proclamação aos que se quizessem retirar por serem de opinião contraria á independencia»[1].

[1] Officio de Saldanha, de 3 de julho de 1822, á junta governativa do Rio Grande. Toda esta preciosissima correspondencia entre o presidente da junta João Carlos de Saldanha e a mesma junta, mandada passar por copia authentica por despacho da referida corporação de 29 de agosto de 1822, a requerimento de Saldanha, e que é a fonte historica para o co-

Assombrada a junta com a exposição do seu presidente, não lhe acceitou a renuncia, dando-lhe como rasão o ter elle jurado dirigir a provincia emquanto durasse o governo então existente, e a junta acrescentava que: «*tendo elle sido superior em bravura nos combates da guerra em que ostentou o seu heroismo*» (palavras textuaes), se devia lembrar de quão perigoso seria para o bem estar da provincia a sua retirada, que poderia occasionar a anarchia, tornando-o responsavel, dado o caso de se retirar, por todas as calamidades que sobreviessem á mesma provincia» [1].

Antes de patentearmos a resposta do general Saldanha, seja-nos licito notar a singularidade das instancias da junta, votada á independencia do Brazil, para que não deixasse a provincia, quem? o influente governador administrativo e militar que não annuia á mesma independencia! A junta acrescentava que enviaria ao principe regente o pedido da exoneração, solicitada pelo general.

Saldanha replicou desde logo, declarando que o seu juramento ao principe regente fôra prestado em

nhecimento dos factos, acha-se impressa nos documentos do escripto intitulado: «*Exposição franca e sincera dos motivos que decidiram o brigadeiro Saldanha a não acceitar o commando da expedição ao Brazil*», e póde-se ver na bibliotheca nacional de Lisboa, no livro *Obras varias* (P-4-22), a pag. 124 e seguintes. Tambem existe em manuscripto no archivo da secretaria da marinha e ultramar documentando o officio de 5 de agosto de 1822.

[1] Officio da junta governativa ao general Saldanha, seu presidente, de 15 de julho de 1822 (na correspondencia citada).

harmonia com a auctoridade que el-rei seu pae conferira a elle principe, em obediencia á constituição. e não segundo as determinações do mesmo principe, contrarias aos decretos das côrtes e do soberano.

E, não se embaraçando com o perigo que lhe adviria das suas expressões, achando-se por assim dizer em terra inimiga, acrescentava estas palavras: «Como porém sua alteza real, pelo decreto de 3 de junho ultimo, parece usurpar a parte do poder executivo que el-rei tem no Brazil, e igualmente o poder soberano das côrtes emquanto elle principe regente manda convocar uma assembléa legislativa e constituinte no Brazil sem ouvir nem attender a vontade dos povos do mesmo Brazil, nem os seus deputados já reunidos em Portugal, violando o principio sagrado de que a soberania reside em toda a nação em geral, assim como a sua promessa de saber a vontade dos povos antes de dar tão precipitado passo, parece-me que em tão criticas circumstancias não me resta outro partido senão o de ser fiel á minha palavra, aos meus juramentos, á minha nação, ao meu rei e ás côrtes, abandonar o Brazil e voltar para Portugal»[1].

Na presença d'este notabilissimo documento, que não se póde ler sem commoção, notou já de certo o leitor o arrojo com que Saldanha expõe taes sentimentos a uma junta, partidaria da independencia,

[1] Officio de Saldanha á junta, de 16 de julho de 1822, na serie dos documentos citados e existentes na secretaria da marinha.

no seio da terra já de facto independente, no meio da effervescencia contra tudo o que era portuguêz, e nas vesperas de se ir apresentar ao sr. D. Pedro, no regresso para Lisboa!

No dia seguinte a junta, insistindo em não lhe acceitar a renuncia, pedia-lhe para comparecer na sessão da noite por motivo de negocios urgentes da fazenda publica. E não era só a junta que lhe solicitava a permanencia á frente do governo: o povo da capital tinha assignado uma representação á camara, para que esta, levando-a á junta, requeresse a conservação de Saldanha; a camara da villa do Rio Grande, em nome do povo, tambem trouxera uma representação á junta, com intuito identico.

Diante das instancias dos povos, das representações das camaras, da vontade geral, e do ultimo citado officio da junta governativa, Saldanha respondeu-lhe, em acto continuo, que, na presença do bem publico, ainda continuaria a exercer as suas funcções, mas só e o mais tardar até que se désse execução ao decreto de 3 de junho ou a qualquer outra determinação que elle Saldanha julgasse incompativel com o juramento que prestára, rogando que de todas estas declarações se lavrasse acta[1].

Um mez bastou para se dar o caso. Não medeiava para o dia da eleição dos deputados constituintes senão uma sessão da junta governativa, e ainda do

[1] Officio de Saldanha á junta governativa, de 17 de julho de 1822 (nos documentos citados). Mais: officio de Saldanha ao ministro da marinha de Portugal, de 5 de agosto de 1822 (no archivo d'este ministerio).

Rio de Janeiro não tinha chegado a exoneração, por Saldanha solicitada. Então, não se limitou a instar pela sua demissão perante a junta: renunciou directamente:

«Sendo esta a' ultima sessão do governo d'esta provincia, anterior á eleição dos eleitores que devem nomear os deputados á camara constituinte, mandada convocar pelo principe regente por decreto de 3 de junho ultimo, coherente com o que no meu officio de 17 do mez ultimo participei a v. ex.^{as}. rogo a v. ex.^{as} que immediatamente queiram tomar as medidas necessarias, na certeza de que definitivamente deixo desde hoje de continuar a exercer os empregos que o povo e a tropa d'esta provincia me conferiram na installação da ex.^{ma} junta provisoria...

«Cheio da mais acerba mágua, por não continuar a empregar-me com todas as minhas forças no serviço d'estes povos, que tantas e tão repetidas provas me têem dado de confiança e de amor, me considero obrigado a tomar a resolução que a v. ex.^{as} declaro. sem comtudo receiar que alguem se atreva a taxar-me de ingrato para com os mesmos povos, que acabam de mudar de systema; e ainda quando houvesse ou haja quem me faça tal injustiça, na collisão de parecer ingrato, ou de faltar aos meus juramentos e á minha honra, não posso hesitar na escolha.

«Insisto portanto de novo em que v. ex.^{as} me mandem dar o passaporte que *por terceira vez requeiro*... Se, porém, v. ex.^{as} me negarem o passaporte, não obstante desconhecerem o direito com que me violentam a ficar n'esta provincia, aqui me

conservarei como particular até que v. ex.[as] assim o queiram.—João Carlos de Saldanha [1].»

Todo este seu proceder e suas intenções communicava Saldanha para o governo portuguez. O ultimo officio terminava assim: «Fiel aos meus principios e coherente com o que declarei, no dia 25 do corrente deixarei de continuar a servir n'esta provincia, por ser o dia assignado para as eleições dos novos deputados. Sirva-se portanto v. ex.[a] levar ao conhecimento de sua magestade este meu procedimento, e fazer-me a honra de asseverar ao mesmo augusto senhor que jamais faltarei aos deveres que a honra e a fidelidade me prescrevem»[2].

Singularidade notavel! Governo provisorio, camaras municipaes, classes elevadas, povo, uma provincia toda, louca de enthusiasmo pela independencia de uma patria nova, a pedir, a instar, quasi a obrigar que a governasse um general que ella toda sabia exactamente que era o campeão opposto, o espirito contrario a essa mesma independencia, que arrancava da corôa portugueza uma das suas joias mais preciosas!

Finalmente, despedindo-se de tantos amigos, entre as saudades de um povo que o estremecia, tendo resistido a todas as supplicas, renunciado todos os

[1] Officio de Saldanha á junta governativa, de 23 de agosto de 1822, na correspondencia citada.

[2] Officio de Saldanha, de 5 de agosto de 1822, para Lisboa, ao ministro da marinha e ultramar, existente no archivo d'aquella secretaria. Tem junta a correspondencia toda que citâmos, entre Saldanha e a junta governativa do Rio Grande.

des, preferindo ir levar o seu braço e a sua espada ao seu rei e ao seu paiz»[1].

E que ainda no Rio Grande, formaes palavras: «lhe offerecêra *mundos e fundos* o general Menna Barreto, vice-presidente da junta governativa, para que elle annuisse á independencia, ao que Saldanha resistiu sempre», foi geralmente notorio[2].

«Em Santa Cruz o esperava o imperador, escreve outro, o minucioso Feo, quando Saldanha chegava do Rio Grande, e ahi lhe offereceu o titulo de marquez, as sesmarias que quizesse, o cargo de major general do exercito, cujo commando elle imperador se reservava, offertas que na côrte lhe repetiu o ministro José Bonifacio, mas elle a tudo resistiu[3].»

E ainda outro biographo acrescenta: «O governador da provincia do Rio Grande (Saldanha) achou-se collocado n'uma posição melindrosa, na mais difficil crise da sua vida, e o amor patrio do illustre general teve sem duvida de combater com a ambição do mancebo, porque a sua lealdade foi tentada com honras e cargos; mas aquelle amor sobrepujou no peito de João Carlos de Saldanha a todas as tentações, e conduziu-o aos braços de seus parentes e á terra que o viu nascer, puro do crime de infidelidade, depois de haver sustentado quanto em suas forças coube o direito de Portugal»[4].

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 13.

[2] Declaração do antigo capitão general conde da Figueira, em documento de seu filho.

[3] *Os duques*, por João Carlos Feo, pag. 610.

[4] Estudo no *Universo Pittoresco*, tomo III, n.º 1, anno de 1843.

cargos, fechado os olhos a todas as seducções, deixou o Rio Grande, «sendo obrigado a atravessar o sertão entre privações e perigos, acompanhado de uma escolta de cavallaria, que, a pretexto de o guardar e defender, o levava em custodia»[1].

III

Chegado ao Rio de Janeiro, vindo preso em virtude dos actos da sua honra e pelo receio que inspirava, o sr. D. Pedro logo o mandou pôr em liberdade, ordenando que se retirassem os dois officiaes que o acompanhavam, permittindo-lhe que livre andasse, e prestando-lhe considerações distinctissimas[2].

Sabido é o quanto o sr. D. Pedro diligenciava que adherissem ao imperio os portuguezes de merito. Como não desejaria elle que entrasse n'aquelle numero o governador do Rio Grande?

E assim levou Saldanha a vida: na esperança todos a quererem-lhe a valia, na recusa d'elle todos a receiarem-lhe a alteza. «Saldanha, escreve um dos seus biographos, recusou as offertas brilhantes que o imperador lhe fez n'aquella occasião para ficar no Brazil, mas recusou tudo, titulos, riquezas, dignida-

[1] *Gazeta da Bahia, Idade de oiro*, n.º 94, do anno de 1822: e *Exposição* de Saldanha em 1823, impressa.

[2] *Narrativa*, existente no cartorio do sr. conde de Rio Maior, junto á memoria sobre a *Gazeta da Bahia*.

des, preferindo ir levar o seu braço e a sua espada ao seu rei e ao seu paiz»[1].

E que ainda no Rio Grande, formaes palavras: «lhe offerecêra *mundos e fundos* o general Menna Barreto, vice-presidente da junta governativa, para que elle annuisse á independencia, ao que Saldanha resistiu sempre», foi geralmente notorio[2].

«Em Santa Cruz o esperava o imperador, escreve outro, o minucioso Feo, quando Saldanha chegava do Rio Grande, e ahi lhe offereceu o titulo de marquez, as sesmarias que quizesse, o cargo de major general do exercito, cujo commando elle imperador se reservava, offertas que na côrte lhe repetiu o ministro José Bonifacio, mas elle a tudo resistiu[3].»

E ainda outro biographo acrescenta: «O governador da provincia do Rio Grande (Saldanha) achou-se collocado n'uma posição melindrosa, na mais difficil crise da sua vida, e o amor patrio do illustre general teve sem duvida de combater com a ambição do mancebo, porque a sua lealdade foi tentada com honras e cargos; mas aquelle amor sobrepujou no peito de João Carlos de Saldanha a todas as tentações, e conduziu-o aos braços de seus parentes e á terra que o viu nascer, puro do crime de infidelidade, depois de haver sustentado quanto em suas forças coube o direito de Portugal»[4].

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 13.

[2] Declaração do antigo capitão general conde da Figueira, em documento de seu filho.

[3] *Os duques*, por João Carlos Feo, pag. 610.

[4] Estudo no *Universo Pittoresco*, tomo III, n.º 1, anno de 1843.

D'esta maneira é que o general Saldanha, após sete annos e meio de ausencia da patria, havendo feito a campanha de Montevideu e exercido o governo do Rio Grande pela fórma por que os documentos o provaram, embarcava na galera *Tres Corações* a 4 de dezembro de 1822, com destino para Lisboa, tendo deixado esposa e filhos entregues á generosidade dos habitantes da sua antiga capitania, trazendo de seu — elle que dispozera dictatorialmente de uma provincia e que recusára postos, riquezas e titulos — 25$600 réis.

CAPITULO X

CREDITE, POSTERI!

Entrava a barra pobre e só. Engano-me; volvia rico da sua consciencia, regressava acompanhado dos canticos da victoria e das recordações de um povo que lhe devia a felicidade.

Chegava, e a patria... a patria não, felizmente, mas o governo da patria, premiava a heroicidade dos seus feitos e o primor da sua administração mandando-o recolher, vinte dias após a sua chegada, ao castello de S. Jorge, para responder a conselho, por não a querer deshonrar a ella nem se querer deshonrar a si!

Leitor, que seguiste o joven militar á campanha da Peninsula, e não o deixaste na de Montevideu, perguntarás assombrado o porquê? Pois mais assombrado ficarás quando a chave do enygma se te apresentar documentada. Parece que a originalidade tomou por missão presidir aos destinos d'aquelle homem.

Tendo anteriormente chegado a noticia da independencia do Brazil, o congresso de Lisboa, que por suas providencias imprudentes não fizera senão anteci-

pal-a, instituira uma regencia para substituir a do principe D. Pedro. O governo havia nomeado os membros d'essa regencia, mas na sessão de 14 de fevereiro de 1823 declarava ao congresso que, até nova resolução d'este, suspendêra a ida dos regentes para a Bahia, visto já não existir no Brazil senão aquelle ponto em obediencia á integridade do reino[1].

Mas que succedia? A 7 d'esse mesmo fevereiro, doze dias depois de Saldanha ter desembarcado em Lisboa, era-lhe expedida uma portaria do ministro da guerra, ordenando-lhe que para uma commissão de commando no Brazil embarcasse logo na fragata *Perola, onde receberia as instrucções competentes*[2].

Respondeu Saldanha, immediatamente, que á vista do estado em que se achava o Brazil, e dos grandes armamentos feitos ali, era indispensavel, para reduzir aquelles territorios á justa obediencia, proporcionar os meios do ataque aos da defeza; que a força que se estava embarcando era insufficientissima, do mesmo modo que nada explicitas as instrucções no tocante á extensão da auctoridade d'elle; que para commandar um regimento, ou uma brigada, se achava prompto, pois que o seu unico dever consistia em obedecer e pelejàr onde e quando lhe fosse ordenado, mas que para commandar em chefe se lhe torna-

[1] Carta de lei de 24 de dezembro de 1822; sessão do congresso de 14 de fevereiro de 1823 (*Diario do governo* de 15).

[2] Portaria de 7 de fevereiro de 1823, na serie dos documentos que acompanham a *Exposição do brigadeiro Saldanha*, dada á luz n'aquelle anno. Bibliotheca nacional de Lisboa. — *Obras varias* (P-4-22).

vam indispensaveis as forças e instrucções que indicava [1].

Chamado, n'essa noite de 8, a uma conferencia na secretaria da guerra, ouçamos succintamente ao proprio brigadeiro Saldanha o que n'ella occorreu. Ali expoz elle ainda mais largamente o estado do Brazil e as circumstancias locaes; acrescentou que estava prompto a partir immediatamente, e collocar-se na Bahia debaixo do commando do general Madeira, apesar de ser mais moderno este general; que desejava mesmo ir, pois que nunca temêra a guerra, que pedia para ir; mas que sem a força necessaria e as mais providencias indispensaveis, que o ministro lhe negava, temia a deshonra, pela impossibilidade de emprehender assim uma campanha honrosa para o exercito, e util para a nação, que tinha postos os olhos e as esperanças na expedição projectada. Foi o que elle relatou ao proprio ministro no dia 9, referindo-se á conferencia da vespera [2].

Convocado pará outra conferencia na manhã do dia 10 na secretaria da guerra, onde tambem se achava o ministro da justiça, o resultado d'ella patenteia-se no que Saldanha expõe ao seu ministro n'essa mesma noite, pedindo a exoneração do commando para a intitulada expedição, vista a insufficiencia das forças militares e instrucções, porque «não desejo, acrescenta elle, ser instrumento de des-

[1] Officio do brigadeiro João Carlos de Saldanha ao ministro da guerra em 8 de fevereiro de 1823.

[2] Officio de Saldanha (ao mesmo ministro), de 9 de fevereiro de 1823, impresso nos referidos documentos.

douro para a minha patria, e para o exercito em que nasci, em que vivo, e em que desejo morrer, mas morrer gloriosamente»[1].

No dia seguinte o ministro da guerra mandava de novo embarcar Saldanha para tomar o commando da expedição, devendo *quando estivesse a bordo* receber as instrucções! e como a sua nomeação no dia 8 fôra por uma portaria, enviava-lh'a agora por um decreto[2].

Ao receber estes dois documentos insolitos depois das grandes e patrioticas verdades que expozera, Saldanha officia em acto continuo ao ministro expondo-lhe, que não tendo o governo respondido durante quatro dias ás suas reflexões sobre os verdadeiros meios de salvar a dignidade nacional, o torna hoje a mandar embarcar sem lhe ministrar esses meios. «Não recuso servir (continua elle), mas sim governar sem forças nem instrucções necessarias, e se a minha infelicidade for tal, que deva ser punido por não acceitar o que não posso desempenhar por me não darem os meios para isso, estou prompto a recolher-me a uma fortaleza (porque sempre hei servido com honra, brio e fidelidade) para não tomar sobre mim acontecimentos que me não pertencia prevenir nem posso agora remediar com tão limitados meios»[3].

[1] Officio de Saldanha ao ministro da guerra, em 10 de fevereiro de 1823, impresso na mencionada collecção.

[2] Portaria de 11 de fevereiro, e decreto da mesma data.

[3] Officio ao ministro da guerra em 11.

Quatro dias depois, o ministro respondia a todas estas reflexões, e a este nobre procedimento, com uma portaria mandando prender o brigadeiro João Carlos de Saldanha, para responder a conselho de guerra, pela desobediencia em não embarcar na fragata *Perola*, e por deixar de tomar o commando da expedição que partiu para a Bahia com o fim de reconquistar o Brazil[1]!

Era a portaria remettida por copia ao soberano congresso, porque exactamente com receio do congresso é que se escondia o mysterio, cuja revelação promettemos e que vamos expor.

João Carlos de Saldanha recolhia-se ao castello de S. Jorge para responder a conselho de guerra, mas do castello de S. Jorge lançava esse grito de alma que a nação leu assombrada, e onde, com os documentos á vista, elle, o official da guerra peninsular, o dominador de Artigas, o governador do Rio Grande, o desprezador dos titulos e das riquezas para entrar pobre no seu paiz, elle, o que pedia um simples logar de combatente na expedição, mas que recusava o commando da deshonra e do vilipendio, apresentava á sua patria e aos seus futuros juizes a verdadeira causa da sua prisão[2].

[1] Portaria de 15 de fevereiro de 1823 *(Diario do Governo* de 18).

[2] É a *Exposição franca e ingenua dos motivos que decidiram o brigadeiro João Carlos de Saldanha a não acceitar o commando da expedição para a Bahia.* Acha-se impressa no livro *Obras varias*, existente na bibliotheca nacional de Lisboa, pag. 124 (P-4-22).

Acreditar-se-ha?

N'esse grito de alma documentado (como acabámos de ver), convincente, nervoso, declara elle, apesar de preso, apesar de ir ser julgado por vogaes nomeados pelo proprio ministro, o seguinte: «Na conferencia do dia 10 com os dois ministros, da guerra e da justiça, depois de me tentarem convencer, acrescentaram: V. ex.ª (Saldanha) deve identificar-se comnosco. Devemos perder-nos ou salvar-nos todos. O governo não espera que v. ex.ª vá recuperar o Brazil. *Esta expedição é necessario que vá para salvar o credito do ministerio*»[1]!

A declaração, impressa, correu publicada em Lisboa (logo na propria occasião) sem o governo a impugnar.

Ficou assombrado Saldanha com a mencionada confissão, e só então é que viu o abysmo que diante d'elle se abria. Se o salvar o governo era o unico fim da expedição, que duvida poria o ministro em usar posteriormente de quaesquer meios contra o commandante d'ella?

«Mal pensava Saldanha (escreve elle preso); que chegando á sua patria por quem abandonára tudo, sendo arrastado preso de Porto Alegre (Rio Grande) até o Rio de Janeiro, por fiel ás côrtes, ao rei, e obediente aos seus ministros, havia de ser, apenas chegado a Portugal, reputado desobediente e posto em conselho de guerra! Tal é a situação a que o mesmo general se vê reduzido em consequencia da portaria

[1] Veja-se a *Exposição* citada.

do ex.^mo^ ministro da guerra o sr. Manuel Gonçalves de Miranda, que o manda julgar por não ter acceitado o commando da expedição para a Bahia, negando-lhe s. ex.ª todos os meios que o general julgava indispensaveis para poder obter-se e conservar a gloria das armas e a honra e os interesses da nação. A simples leitura da correspondencia havida de 8 a 11 entre o ex.^mo^ ministro e elle prova á luz da evidencia, que os ministros tinham mais a peito salvar o pundonor do governo compromettido nas mal combinadas medidas d'aquella expedição do que pacificar o Brazil, acalmar as facções, extinguir as hostilidades, e chamal-o novamente á obediencia legal e de el-rei.

«O publico verá que o general Saldanha nunca se recusou ao serviço, mas que exigiu aquillo que o bom senso, a rasão, a experiencia da guerra, o conhecimento topographico do Brazil, seus costumes, meios e forças physicas ou moraes, tornavam absolutamente indispensavel para abrir uma campanha gloriosa para as armas portuguezas, e que satisfizesse ás esperanças nacionaes... Que motivo tinha o sr. ministro da guerra para suppor que o general Saldanha tomasse cegamente sobre si uma empreza de gigante com as forças de um pigmeu?

«O ministro queria levar de assalto o general, pois que logo na primeira portaria lhe dizia: «Embarque *immediatamente* na fragata e lá receberá as instrucções»; de fórma que se o general Saldanha embarcasse, levava sobre si a espada de Damocles: um commando da maior transcendencia sem ter visto as

suas instrucções, sem saber o que d'elle se exigia, e o governo entregando ao acaso os mais caros destinos da nação: modo sublime de combinar operações a mil e seiscentas leguas da séde do poder... O governo póde dispor da vida de um soldado, mas não da sua honra; a vida é da patria e por ella mil vezes a tem arriscado o general Saldanha, mas a honra é sómente sua»[1].

Defronte dos olhos do leitor desejariamos apresentar o texto completo d'este documento precioso, mas na impossibilidade limitâmo-nos ao que fica exarado.

Tal foi a exposição que á patria e aos juizes d'elle apresentou o encarcerado no castello de S. Jorge: documento de uma vida pundonorosa, e pagina importante da historia nacional.

Mas se n'este assombro ainda ha que admirar, é que um dos proprios membros d'esse governo, ministro da guerra de el-rei D. João VI, quando todos, excepto elle ministro, o aconselharam a partir do Brazil em seguida á revolução de 1820, declarava que a monarchia portugueza estava dissolvida; que desde o momento em que el-rei saísse do Brazil não deixava n'elle outros elementos senão auctoridades desprezadas, e pela maior parte despreziveis, tropas detestadas e pela má conducta dos seus membros merecedoras de geral execração[2].

[1] *Exposição franca e ingenua*, citada.

[2] Carta VIII, do ministro Silvestre Pinheiro Ferreira, na collecção impressa nos *Annaes* da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, vol. II, fasc. II, pag. 249.

«Eu não quero conceber (exclamava esse mesmo ministro, em conselho na presença de el-rei, poucos dias antes da partida para Portugal) como o governo de vossa magestade fidelissima ha de satisfazer á geral impaciencia do congresso e da nação quando perguntem pelo estado em que fica o Brazil; quaes sejam as providencias que vossa magestade deixou após de si para manter este tão importante paiz na união com a séde da monarchia. Pela minha parte protesto que me cubro de pejo, quando considero que serei obrigado a responder que o governo abandonou este paiz *sem saber cousa alguma do estado em que elle fica relativamente á crise em que se acha toda a monarchia;* e que, devendo inferir, pelo que consta da Bahia e Pernambuco, que o resto das provincias ou se acham já em anarchia, ou sacudirão debaixo de varios pretextos a obediencia, assim ao governo de vossa magestade em Lisboa, com ao de seu filho no Rio de Janeiro, vossa magestade e os seus ministros, abandonando-as á sua sorte, só curaram dos meios de fazerem um tranquillo e feliz regresso a Portugal[1].»

As declarações do ministro da corôa são tremendas. Os receios de que o governo não poderia responder ao ajuste de contas exigido pelo congresso em Lisboa são clarissimamente expostos; as provas officiaes de que o Brazil estava perdido scintillam de verdade; e comtudo, no governo que mandava agora

[1] Carta XXVII do mesmo ministro, vol. III, fasc. I, pag. 204 e 205, da collecção dos *Annaes* da bibliotheca, citados.

o general Saldanha conquistar aquelle vastissimo estado da monarchia, sem a minima possibilidade, estava aquelle mesmo ministro, cuja franqueza de linguagem não o deixaria ali ficar mudo, como o não ficára nos conselhos do Rio de Janeiro.

Era curioso em verdade!

Elevam o Brazil a reino; instituem-no côrte; concedem-lhe tribunaes superiores; engrinaldam-no de institutos de bellas artes e de sciencias; e quando o vêem robusto, intelligente, mandam-lhe decretos extinguindo aquellas instituições, sujeitando os governos locaes das suas provincias ao governo central a duas mil leguas, embalam-se ao fagueiro sonho de que elle se resignaria a perder tudo quanto lhe haviam outorgado, dão-lhe por elementos auctoridades «*desprezadas, e pela maior parte despreziveis*». desampararam-no completamente em relação á solemnissima crise em que elle fica, só tratam dos meios de regressar com tranquillidade a Portugal, e para desculpa das imprevidencias e desacertos engendram a caricatura de uma expedição, e pretendem obrigar, pela força e pelo sophisma, um heroico general a ir ser o editor responsavel d'essa farça ridicula!

Expozemos o assumpto, e provámol-o do principio ao fim. De o commentarmos dispensa-nos o leitor. Paginas taes não se commentam, lêem-se.

CAPITULO XI

JURAMENTO DA CARTA CONSTITUCIONAL

I

O que origina, cinco mezes após, na cidade do Porto, a 6 de julho, aquelle enthusiasmo geral? ou, para citarmos as proprias palavras dos jornaes do tempo: «aquelle sorriso nos semblantes, aquelle contentamento nos olhos, aquelle jubilo expresso em cordeaes e reciprocos comprimentos, devendo-se esta prudencia unanime de não se patentear a effusão dos sentimentos por estrondosos clamores, aos desejos do general Saldanha que se empenhou em persuadir a todos a necessaria moderação»? É a noticia que logo pela cidade correu electricamente de ter chegado a Lisboa a Carta Constitucional.

E como é que o encarcerado no castello de S. Jorge em 1823 nos apparece n'este momento o idolo de um povo? Hontem jazendo em ferros, hoje acclamado com delirio?

De fevereiro a maio aguardava Saldanha o seu julgamento, quando, partindo para Santarem o infante D. Miguel, os corpos da guarnição abriram as portas do castello e partiram tambem. Dissolvido foi em

seguida o congresso por el-rei D. João VI, promettendo por sua proclamação de 31 de maio uma constituição.

O estado em que se achava a Hespanha indicava a conveniencia de collocarmos um corpo de observação no Alemtejo. Para o commandar foi nomeado o brigadeiro João Carlos de Saldanha em 10 de junho, elogiado por se querer recolher ao castello para o seu julgamento definitivo, mas dispensado por el-rei de o fazer[1]. Serenada a questão hespanhola, e dissolvido portanto o corpo de observação do Alemtejo, passou João Carlos de Saldanha a governador das armas do Porto por decreto de 8 de abril de 1825. A 10 de março do anno seguinte fallecia D. João VI tendo nomeado uma regencia, presidida pela infanta D. Izabel Maria.

II

Mas por que motivo estava Saldanha sendo na cidade do Porto o grande vulto d'aquella epocha memoravel para a causa da liberdade?

[1] Officio de João Carlos de Saldanha de 6 de junho de 1823 ao major general, e portaria do ministerio da guerra de 7 de maio; Feo, *Os duques*, pag. 612.

O conselho de guerra hesitára se poderia julgar um general por este se recusar a acceitar uma commissão mixta. O negocio tinha subido ao supremo conselho de justiça militar, onde estava pendente. Existe um memorial muito importante, escripto por Saldanha aos vogaes d'este conselho, expondo a questão. Devemos o seu conhecimento á bondade do sr. Antonio da Silva Tullio, que possue este manuscripto.

Logo depois da chegada a Lisboa da familia real, em 1821, se foram desenvolvendo os dois partidos que a evolução politica naturalmente produzia, e cujas sementes desde o principio do seculo a terra portugueza recebêra. Em embrião despontaram, de embrião tomavam corpo, de anno para anno se estremavam mais, exigiam o seu logar, e apresentavam-se, umas vezes na escuridão, predispondo os seus recursos, outras á luz medindo as suas forças, até que se hão de encontrar, tempos depois, em todo o seu vigor para jogarem a sorte decisiva. A liberdade sustentava-a na estreia aquelle mysterio da idéa nova, que, por ser de todos, mal se encarna verdadeiramente em alguem; do absolutismo, era a mente invisivel a rainha D. Carlota, braço o infante D. Miguel.

Fallecido em 1826 (como dissemos) el-rei D. João VI, partiu para o Brazil uma commissão, enviada pela regencia para receber as ordens do sr. D. Pedro.

Entretanto proseguiam em expectativa os dois partidos, o liberal e o realista, e cremos que na vida das nações não se deu phenomeno igual. No paço da Bemposta governava a regencia em nome de D. Pedro IV; no palacio do Ramalhão dirigia os fios da meada em sentido contrario a rainha viuva. Metade de Portugal tinha os olhos fitos no Rio de Janeiro, onde se achava o soberano reconhecido, a outra metade tinha-os na capital da Austria, onde residia o principe desejado. Mas — phenomeno ainda mais raro — regencia, ministerio, poderes supremos, governavam em nome de um rei e de uma lei constitu-

cional que não queriam, e queriam a constituição e o rei os que só com a alma lhes podiam obedecer.

Aquella situação dos liberaes, baseada na areia, poder-se-ia comparar a um formoso palacio, todo elle oiro e brilhantismo, com suas salas adornadas de preciosidades, seus cofres repletos de gemmas, seu theatro de esplendidos scenarios, suas equipagens de pompa deslumbrante, mas equipagens sem cavallos, theatro sem representações, gemmas sem collos de alabastro, salas sem convidados, porque a dona da casa, incerta, encerrada em gabinete recondito, nem ordens dava para o movimento geral, nem a resoluções francas se decidia, por culpa dos mordomos, que enchendo-a de respeitos, a tinham como encarcerada.

Effectivamente os membros da regencia e os ministros enleiavam a irresoluta princeza que sustinha presidencialmente nas mãos o deposito do poder. Qualidades solidas possuia a infanta regente. Estremecêra seu pae, aquelle rei mais intelligente do que se julga, mas fraco e timido; como filha exemplar o acompanhára até o seu mysterioso fim; girava-lhe nas veias sangue de portugueza enthusiasta; desejava o bem, e um sincero espirito de justiça presidia aos actos que dependiam só d'ella. De vinte e seis annos porém, rodeada de circumstancias excepcionaes, imbuida dos preconceitos hereditarios, desviada do caminho rigorosamente direito pela pressão dos que a cercavam, passava por um d'aquelles estados que a teriam podido facilmente levar ao abysmo em que se

precipitára a rasão de sua avó, se um certo animo a não contivesse no meio dos embates oppostos que a tornavam indecisa.

Já desde junho corriam em Portugal noticias vagas da nova constituição, quando a 2 de julho entra a barra a corveta *Lealdade*, trazendo do Rio de Janeiro, em segunda via, a abdicação do sr. D. Pedro em sua filha D. Maria da Gloria, e a Carta. Acorda enthusiasmado o partido liberal. Cinco dias depois chega ao Tejo a embarcação em que vinha sir Charles Stuart com aquelles importantes documentos *em primeira via*.

Aclarado estava o ponto: de um lado o partido liberal desejando a immediata publicação da Carta; do outro lado os membros da regencia e os ministros não a querendo, impedindo o juramento d'ella, e comprimindo o espirito publico. Entre o partido liberal, escudado com as determinações do sr. D. Pedro, e o ministerio que intentava protrahir a publicação e o juramento da Carta, fluctuava a regente com as mãos presas pelos que governavam[1].

[1] Podem-se consultar: *Revista historica de Portugal*, 2.ª edição, pag. 15; *Éclaircissements historiques* pelo marquez de Rezende, pag. 41 e 42; discurso do deputado Magalhães na sessão de 8 de março de 1827; *Carta*, impressa, do dr. Abrantes, ao ministro de Inglaterra em Lisboa, sir Acourt, de 5 de agosto de 1827, revelando o auctor (tão sciente das intrigas d'aquella quadra) os factos que os governantes empregaram para adiar o juramento da Carta Constitucional e as tramas contra a mesma Carta, para cuja acceitação empregou tambem influencia no animo da regente.

III

Foi então que de subito se ergueu um homem, affeito ás grandes crises, e não menos áquella resolução immediata nos casos supremos, que lhe imprimia no caracter uma feição especial. Via, no Porto, decorrer os dias após a chegada a Lisboa do codigo liberal, sem que a publicação d'este fosse ordenada pelo governo; lia com anciedade, á chegada do correio, a gazeta official, e encontrava-a muda! Partidarios da liberdade, militares e politicos, exerciam logares eminentes, mas não apparecia nenhum que se abalançasse á iniciativa. Appareceu elle, e elle realisou tudo.

Assistindo á enthusiastica, mas pacifica agitação do Porto, que n'elle tinha os olhos fitos, Saldanha escreve ao ministro da guerra, conde de Barbacena, expondo-lhe as circumstancias, instando por que fosse mandada jurar e vigorar a Carta. Respondeu-lhe o ministro da guerra com o silencio.

Depois escreveu á infanta regente, fazendo instancia igual. O mesmo silencio [1]. A gazeta do governo sempre muda, a Carta encerrada nas trevas.

Inuteis os primeiros esforços, Saldanha envia a Lisboa o coronel Rodrigo Pinto Pizarro (depois barão da Ribeira de Sabrosa), para expor á regente o estado das cousas, representando-lhe que não podia a Carta ficar letra morta, pedindo-lhe que a mandasse jurar, declarando ao governo que, se não fosse ju-

[1] *Memorias* de José Liberato, pag. 292.

rada até ao dia 31 d'aquelle mez, elle a faria jurar nas provincias do norte [1]. Para que desapparecesse o pretexto, apresentado em conselho pelo ministro da guerra, de que ao juramento se oppunha a guarnição de Lisboa, o mesmo coronel Pizarro, por parte de Saldanha, convidou os commandantes dos corpos para declararem á regente que defenderiam o codigo, promulgado pelo sr. D. Pedro.

Divulgou-se logo que os commandantes dos corpos tinham combinado levar á regente uma exposição n'este sentido, como se vae mostrar, e o auctor das *Memorias* narra ter sabido por via segura, que o general Saldanha estava disposto a marchar sobre Lisboa com a força necessaria para a execução de todas as ordens que do Rio de Janeiro tinham chegado; e d'estas era a principal o juramento e realisação da Carta [2].

Não podia Saldanha fazer mais.

Então o governo estremeceu. Devidamente aconselhada, a infanta, a quem aliás não desagradava a sua nova regencia puramente individual, respondendo a Saldanha n'uma carta amabilissima, cedia á grande resolução d'elle, afiançando-lhe que seria jurada no dia 31 a nova constituição [3]. Effectivamente

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 5; o *Imparcial*, do Porto, de 1 de agosto de 1826; as poesias recitadas no theatro do Porto nas noites de 13 de julho e 6 de agosto de 1826, historia viva e local d'aquelles successos, impressas nos jornaes d'aquella cidade.

[2] *Memorias* de José Liberato, pag. 293.

[3] João Carlos Feo, *Os duques*, pag. 612.

na *Gazeta de Lisboa* do dia 11 apparecia já uma desculpa de não se ter ainda mandado jurar a Carta; no dia 13, a proclamação da regente; no dia 15, a propria Carta e o acto da abdicação; a 19, o decreto fixando para o juramento o dia 31, exactamente o derradeiro no *ultimatum* enviado pelo general Saldanha.

Dez dias antes do designado para o juramento, fôra enviada á regente a exposição dos commandantes dos corpos, apresentando a sua adhesão á Carta outorgada, concluindo por estas palavras: «Vossa alteza, em nome de el-rei (D. Pedro) e a bem dos direitos de sua filha a senhora D. Maria II, rainha de Portugal, póde dispor das nossas vontades e das nossas vidas, que mui gostosa e voluntariamente sacrificaremos pela defensa do rei, da patria *e da Carta Constitucional*» [1]. A regente respondeu agradecendo-lhes a sua dedicação, mas ainda assim (não se acreditaria se não estivesse impresso officialmente!) o governo para levar até o extremo a sua má vontade e repugnancia ao juramento e á execução do nascente codigo liberal, referindo-se a el-rei D. Pedro e á rainha D. Maria II, sua filha, na resposta assignada pela regente não inseriu uma unica palavra relativamente á Carta, objecto principal da representação dos commandantes dos corpos [2]!

[1] Exposição dos commandantes dos corpos da guarnição de Lisboa, de 21 de julho de 1826, publicada na *Gazeta de Lisboa* de 25 d'aquelle mez e anno.

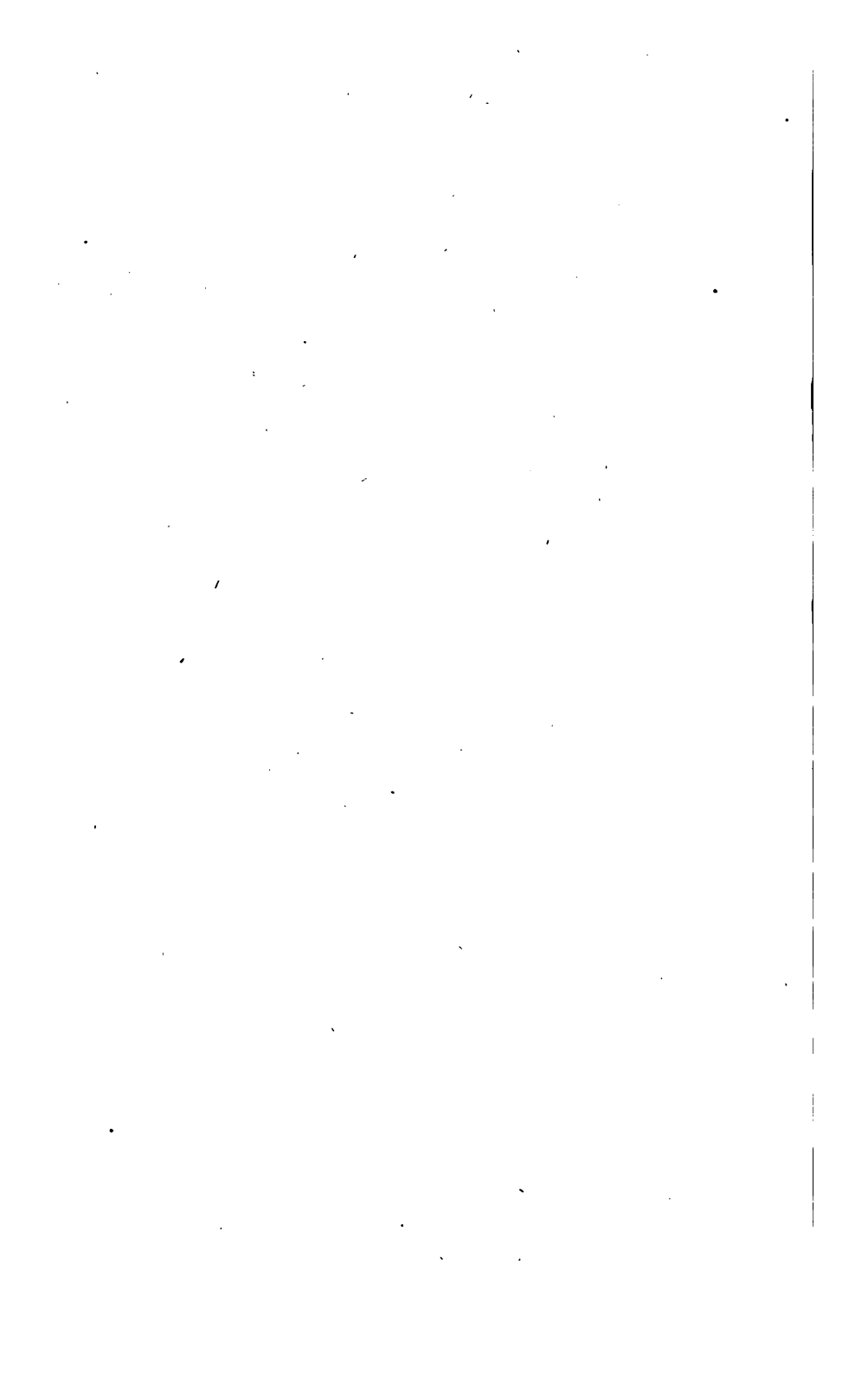
[2] Veja-se esta resposta da infanta regente aos commandantes dos corpos na *Gazeta de Lisboa* de 25 de julho de 1826.

O significativo silencio n'este ponto (por não dizer silencio escandaloso) era a linguagem mais hostil do poder executivo á nova constituição, e patenteava o constrangimento com que o governo mandava jurar o codigo liberal!

Chega o dia 31. Brilha todo em gala o paço da Ajuda. A infanta, no meio da côrte, presta o juramento solemne á Carta, e assume a regencia individual. A capital festeja com enthusiasmo, por espaço de tres dias, a inauguração do novo codigo [1]. «Tudo fizeram os homens de influencia para abafar a dadiva de D. Pedro (escreve um auctor estrangeiro que militou em Portugal), quando Saldanha, governador do Porto, a proclamou como lei do paiz, e d'ahi foi tido e havido por heroe da patria» [2].

Estava jurada a Carta pela regente. Morrido teria á nascença, não haveria mesmo sido publicada, se não fosse a resolução suprema do general Saldanha, fazendo assim executar a dadiva do soberano, reconhecido por todos. Áquella resolução suprema se deveu portanto o baptismo do codigo liberal em 1826, como annos depois se lhe deverá no Porto a salvação da causa, para nunca mais perecer.

[1] Descrevem-se estes festejos nas *Gazetas de Lisboa* de 1, 2 e 3 de agosto de 1826.

[2] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 22.

CAPITULO XII

NO PORTO

I

Que delirio vae alem, na cidade do Porto, desde o dia 13 de julho?

É que chegára n'esse dia a noticia de ter sido declarada officialmente a outorga da Carta. A promessa do Porto, a Saldanha, de não soltar as manifestações publicas até á decisão da regente, estava cumprida. A alegria podia já romper desafogada.

E rompeu, porque dos corações saia espontanea, e, de mais a mais, depois de comprimida tantos dias.

Não encontrou limites. De 13 de julho a 2 de agosto parecia o Porto uma cidade louca de jubilo. Repiques dos sinos, girandolas de foguetes, grupos de cidadãos abraçando-se, levantamento de arcos triumphaes, cada bairro preparando os seus festejos, subscripções abertas para as familias necessitadas, até que chegou o grande dia 31, designado para o juramento da nova constituição.

Surge a aurora. Uma salva de vinte e um tiros an-

nuncia a alvorada do dia festival. Está o Porto nas ruas e praças, rodam as carruagens, cruzam-se as cadeirinhas, muitas familias que não as tinham logrado obter, fervilham em differentes direcções, apesar dos seus mais ricos trajos. Ás esquinas é difficilimo o transito, porque se apinha a população para ler as tres proclamações do general, affixadas de madrugada, uma aos habitantes do Porto, outra aos da provincia, e a terceira á tropa. Transcrevemos a primeira, para que o leitor ajuize do espirito de todas:

«Portuenses:»

«Perfeitamente conhecedor dos vossos sentimentos, não preciso repetir-vos as vantagens que infallivelmente devem seguir-se do estabelecimento d'aquelle codigo sagrado, d'aquella prova immortal da sublime magnanimidade e sabedoria do grande rei que fez a nossa ventura. Quero unicamente patentear-vos os sentimentos que em mim tem feito nascer o vosso admiravel comportamento.

«Que posso porém dizer-vos que exprima a minha admiração pela vossa conducta, o meu reconhecimento pela vossa confiança? No calor do maior enthusiasmo, nem um só instante as demonstrações da vossa excessiva alegria passaram os limites da mais reflectida moderação. Doceis ás minhas insinuações, tendes com firmeza seguido o caminho da honra e da gloria, e forçado ao silencio os vossos detractores.

«Continuemos, pois: eu, a empregar todos os esforços para não desmerecer a vossa confiança; vós,

pela vossa moderação e enthusiasmo, a tornar-vos para sempre memoraveis nos fastos da historia portugueza.

«Quartel general do Porto, em 31 de julho de 1826.=*João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun*, governador interino das armas [1].»

O solemne juramento é celebrado nos paços da camara, no meio de uma concorrencia extraordinaria.

Do juramento para a brilhante parada no campo de Santo Ovidio. Tocam (pela primeira vez) o hymno constitucional as musicas de todos os regimentos, abafadas de instante a instante pelos vivas enthusiasticos da população. O desfilar da tropa, ao longo da rua do Almada, rompendo á frente o general Saldanha, que se encaminha para assistir na cathedral ao *Te Deum*, é surprehendente, dizem-no os jornaes do tempo: as janellas, adornadas de colchas de seda riquissimas; a rua, toldada toda de bandeiras, do principio ao fim tapetada de flores, e de flores tambem uma chuva incessante, n'aquella e nas outras ruas do transito, sobre o general, que o Porto intitula o *campeão da liberdade*, e a quem a cidade coroava de esplendores, «em reconhecimento de se ter identificado com o povo para fazer cumprir a Carta, e das mais brilhantes qualidades com que se distinguia no governo das armas da segunda capital do reino»[2].

[1] No jornal *Borboleta*, de 31 de julho de 1826.
[2] *O Imparcial*, do 1.º de agosto de 1826.

Á noite redobrou o enthusiasmo: as ruas, illuminadas todas, assim como os arcos triumphaes; as musicas, applaudidas com o estrepito das acclamações.

A rua das Flores, aclarada phantasticamente, offereceu uma serenata a Saldanha. Esplendida estava tambem a da Sé. Villa Nova de Gaia levantou no rio um immenso tablado assente em barcas, e do tablado surgia um obelisco faceado com retratos e allegorias á nova constituição; o templo da Memoria allumiavam-no tres mil luzes; em terra uma longa tribuna para as familias. Dansas campestres, musicas, poesias, davam ali successivo movimento á festa, cujo hymno fôra composto expressamente para a occasião, com letra de Passos Manuel. Indicámos apenas algumas das ruas principaes. Por ellas se julgue o todo.

II

Os festejos mencionados ficavam ainda áquem dos do theatro de S. João nas quatro noites de 13 a 16, e principalmente n'esta do juramento.

Nem sequer um logar desoccupado. Tudo em gala. As senhoras, entrajadas como para baile, e a maioria de azul e branco. Ao despontar no camarote o general Saldanha, foi uma explosão, vivas, palmas, a mais subida expressão do enthusiasmo; as senhoras acenavam com os lenços, a alegria manifestava-se de um modo «prodigioso», relatam os jornaes. Victoriavam a constituição, o dador da Carta, a joven rainha, a re-

gente, e o general. O novo hymno foi coberto de acclamações, e a ultima parte d'elle cantada por todos os espectadores: damas e cavalheiros. Quando o general fez a surpreza de apresentar por sua mão o retrato de D. Pedro, a sensação tornou-se electrica. «Descrevel-a, diz um jornal, seria tirar quilates ao valor da acção; imagine-se o que a alegria tem de mais sublime, o reconhecimento de mais tocante, e ainda assim não se fará uma idéa do enthusiasmo que se manifestou; quem assistiu a esta scena não presenceia em sua vida uma outra mais inesperada»[1].

Os intervallos eram uma successão de poesias recitadas dos camarotes, a clamores que excediam a credibilidade. Em nome de uma poetisa o moço João Eduardo de Abreu recita um soneto:

Já pela vez segunda escravisado
Se via o Luso, que já livre fôra,
E quasi sem esperança de melhora
Gemia Portugal envergonhado.

O Porto não ousava, o Porto honrado,
Erguer a fronte, qual erguêra outr'ora,
Contemplando o que foi e o que era agora,
Suffocava o valor no peito anceado.

Mas eis constituição, que os monstros doma,
Nas brazilicas praias resplendece,
E de Lysia nos céus sorrindo assoma.

A lusa herdada gloria reverdece,
O logar de nação Lysia retoma,
E ao seu libertador mil hymnos tece.

[1] *Borboleta*, de 22 de julho de 1826, n.º 7; *O Imparcial*, de 25.

Em seguida recita um seu:

Por entre os silvos d'horridos pelouros
Que arroja o marcio deus com furia estranha,
Voaste á gloria, impávido Saldanha,
Juntando novos aos avitos louros;

Sem das aguias temer fataes agouros
Teu brio marcial lhes doma a sanha;
Ribas que o Prata magestoso banha
Lá pregoam teus feitos vivedouros.

A Lysia teu dever alfim te chama,
Voltas a Lysia, e ali calumnia ingloria
De teus louros tentou crestar a rama.

De tudo teu valor cantou victoria,
E hoje exultando te pregoa a fama
«Da patria esteio, do universo gloria.»

E outro:

O throno respeitar e a lei sagrada,
Zelar dos foros teus a immunidade,
Prantear (se pranteia a humanidade),
Foi sempre o genio teu, Lysia afamada.

Se a calumnia em seus antros enraivada
Pretende denegrir-te a heroicidade,
O fulgoroso facho da verdade
Te mostra qual tu és, invicta, honrada.

Tu as portas do sol affoita abriste,
Ao fero Adamastor domaste a sanha
E entre as livres nações livre fulgiste.

Mas se hoje livre ser alguem te estranha,
Não temas, Lysia! O Porto ainda existe
E cá tens um pavez no grão Saldanha.

Bate ás palmas Simão Gravito:

Ó patria, cara patria, sólta o brado!
Esse ferreo grilhão que te pesava,
Sobre o teu collo humilde, humilde escrava,
Já, já por partes mil jaz estalado;

O edificio por Pedro começado,
Que ao grande capitolio inveja crava,
O sustenta do Porto a gente brava
E de Pombal o neto denodado.

Lysia! Ás livres nações tu já pertences,
Conferiu-te este bem, dita tamanha,
O grande, o justo, o pae dos fluminenses.

Dos monstros se despreze a raiva, a sanha;
Viva, viva p'ra sempre, ó portuenses,
Pedro, constituição, patria, Saldanha!

Quando as poesias se succediam, e o enthusiasmo corria electrico, um moço estrangeiro, um hespanhol, que ninguem ali conhecia, todo elle fogo como o caracter da sua nação, volta-se para o camarote do general e brada-lhe:

«Es pasmo de la razon,
Es iman del literato,
Es el norte del sensato,
La sabia constitucion:
Protege la religion,
Hace el hombre ciudadano,
A las artes dá la mano.
La agricultura enriqueze,
Con ella tudo floreze,
Y el Rey, es Rey, no tirano.».

Imagine-se como a platéa acolheu a poesia espontanea do enthusiasmado moço, compartilhando do jubilo em que via acceso um povo todo.

Poderiamos a estas poesias acrescentar outras, pois que trinta e cinco sonetos, duas odes, um elogio, encontrámos nos jornaes, e que a tradição ainda refere como de hontem, sendo auctores D. Balbina Amalia, João Eduardo de Abreu Tavares, José de Sousa Bandeira (o immortal Braz Tisana), Passos Manuel, Lima Gravito, Silva Barros, Correia Leal, Gandra, Francisco José Navarro Junior, e outros; e nas poesias a singularidade de se unirem n'um só pensamento a Carta e Saldanha.

Cae o panno pela ultima vez. Recresce ainda o enthusiasmo. Vão saíndo os espectadores e formando alas, junta-se-lhes o povo que ali aguardava no largo da Batalha; Saldanha é acompanhado a casa por entre centenares de archotes, ao som da orchestra, e aos vivas de toda aquella multidão. Grande numero das senhoras faz côro tambem, cantando o hymno até á habitação do general.

Chegando a casa, o general Saldanha, depois de agradecer á cidade do Porto a solemne manifestação, pediu que se continuassem a nobilitar os habitantes por sua moderação e prudencia. Respondeu-lhe uma saudação enthusiastica.

O Porto acabava de provar a quem é que se devia o juramento da Carta e a inauguração do regimen liberal.

CAPITULO XIII

LAGRIMAS

I

É assim o mundo: hontem festas e alegrias, hoje lagrimas e tristezas!

Que succede?

N'aquella manhã de 2 de agosto, terceiro dia do regosijo delirante, corre electricamente pela cidade a noticia de ter sido chamado a Lisboa o general Saldanha pela infanta regente. Divulgada a noticia, principiam a agrupar-se os cidadãos de todas as classes, correndo á casa de Saldanha a inquirir se é verdadeira a infausta nova. Confirmou-lh'a Saldanha, e a resposta que deram todos aquelles cidadãos, apesar de conhecerem que a nação ia ganhar o que elles iam perder, relata um jornal do tempo, *O Imparcial*, foi o pranto de muitos e a visivel saudade de todos. Pelo correr do dia já não era mysterio para ninguem, á vista da proclamação em que Saldanha se despedia affectuosamente da cidade e em que lhe deixava conselhos de patriota e de amigo. Difficil seria po-

rem descrever cabalmente o succedido no theatro aquella noite, vespera do embarque para Lisboa.

Quando Saldanha appareceu no camarote, os vivas e saudações não tinham fim. As poesias allusivas ao desgosto pelo successo inesperado repetiam-se no meio de unanimes applausos. Era visivel a commoção do general. No intervallo do segundo ao terceiro acto a saudade geral manifestou-se ao extremo. Por entre palmas e acenar dos lenços, o moço João Eduardo, voltado para o camarote de Saldanha, foi obrigado a recitar tres vezes successivas o soneto que ficou tradicional:

Partir! Deixar-nos, General! d'est'arte,
D'est'arte a nossa gratidão compensas?
Que injurias tens de nós, dize, que offensas
Podem de nossos braços arrancar-te?

O Porto não chegou quasi a adorar-te?
Não tens do nosso amor provas immensas?
Partir?... Deixar-nos?... Não; debalde o pensas;
Nossa dor, nosso pranto ha de embargar-te.

Mas a patria... Oh patria idolatrada!
O decreto foi teu, canta victoria,
Gema embora nossa alma lacerada!

Ah! vae. Grata será tua memoria;
Faze, Saldanha, a patria affortunada;
Serás astro de luz nos céus da Gloria.

Foi aqui, ao applauso triplicado d'este soneto (refere um jornal do dia) que, não podendo já conter a commoção, o general Saldanha solicitou com as la-

grimas nos olhos, que «lhe poupassem os embates da sensibilidade; que lhe seria sempre memoravel a predilecção com que o Porto o havia distinguido, e que viria tempo em que o mesmo Porto se desenganaria do quanto elle Saldanha tinha em contemplação o patriotismo d'esta cidade em adhesão ao rei e amor á Carta Constitucional»[1].

Outro jornal exprimia identica idéa n'estas palavras: «As lagrimas do general e dos espectadores eram mais energicas e eloquentes do que as mais estudadas phrases. Senhores, (exclamou elle) peço-vos pelo juramento solemne que prestastes á constituição, não continueis; aliás succumbo ao peso de tanta dor»[2].

Não se recitaram, por isso, mais poesias, exceptuando uns versos de Gandra allusivos ao pedido do general, que por todos foi acompanhado a casa.

II

No dia seguinte (3 de agosto) era a partida de Saldanha para Lisboa.

Desde creança que ouvíramos memorar o enthusiasmo delirante da cidade do Porto por Saldanha, e sobretudo o dia da partida, mas não tiveramos ensejo de estudar aquelle facto nas fontes historicas. Obrigou-nos presentemente a fazel-o o intentarmos

[1] Jornal *Borboleta*, de 4 de agosto de 1826, n.º 16.
[2] Jornal *O Imparcial*, de 5 de agosto de 1826, n.º 5.

esta narrativa, e o que viemos a encontrar ainda nos surprehendeu sobre o muito que ouviramos. Para que se não tenha por exagerado o que podessemos expor, transcreveremos textualmente os jornaes que nos dias immediatos escreviam na *propria cidade e entre os seus concidadãos que haviam presenceado o occorrido.*

Dizem elles:

«Hontem (3) devendo o paquete saír depois do meio dia, os habitantes de Traz da Sé, rua Chã, do Loureiro, de S. Bento, das Flores, de S. Domingos, dos Inglezes, de S. Nicolau, da Ourivesaria, dos Banhos, da Porta Nobre, da Praia de Miragaia, de Monchique, até ao caes, logo depois das dez horas começaram a tapetar todas as janellas de damasco, com grinaldas de flores e com festões de murta. As ruas juncadas de hervas aromaticas se atulharam de povo que concorria das outras partes da cidade; os balcões e varandas de todas as casas se foram enchendo de senhoras e espectadores, e ás onze horas, saíndo s. ex.ª do seu quartel general, atravessou coberto de flores, e do mais respeitavel cortejo as ruas marcadas do transito até o sitio do embarque.

«Podemos asseverar, que, excepto as pessoas que no seu trafico ordinario são obrigadas á não poder abandonar suas habitações, toda a população do Porto veiu dar o adeus ao seu amavel general. Quem julgar exageração, pergunte-o a quem mesmo de sangue frio viu esta scena, se é que a sangue frio houve alguem que a presenceasse!!

«O embarque de s. ex.ª para bordo foi no escaler da illustrissima camara e em companhia d'ella. Em torno íam varios escaleres com os ex.mos visconde de Balsemão, par do reino, governador das justiças, visconde de Villa Garcia, os commandantes dos corpos, o ill.mo corregedor do crime e orphãos, com muitos desembargadores, varios prelados das communidades religiosas, o consul inglez, muitas pessoas nobres, commerciantes, empregados publicos, e emfim a confusão não deixa enumerar nem é possivel individualisar; centenares de barcos, escaleres e botes particulares e de todos os navios nacionaes e estrangeiros, surtos no Douro, formavam como duas alas sobre as aguas, para a passagem triumphal (permitta-se-nos a expressão) do nosso nunca mais esquecido general, saudado tambem por salvas de varios navios mercantes.

«A banda militar do regimento de infanteria 6, que pediu ao seu commandante para seguir s. ex.ª até á barra, acompanhava o canto dos hymnos, cujo echo resoava de toda a parte.

«A bordo, lembrando-se, já depois de despedido de todos, que lhe convinha deixar aos habitantes do Porto em geral um testemunho de agradecimento, pediu que tornasse a atracar o escaler da illustrissima camara, aonde desceu, e lhe rogou que, na qualidade de corporação municipal representativa da cidade, houvesse de lhe fazer a graça de mandar expressar publicamente a todos os portuenses a sua penhorada obrigação por todos os obsequios que lhe haviam liberalisado sempre, especialmente n'este

acto, tão honroso, tão novo e de tão espontanea pompa.

«Levantou ferro a embarcação.

«Aqui esmorecemos devéras, porque é preciso ter sido testemunha do lance para o avaliar, se é que póde acreditar-se.

«O silencio magestoso que se apoderou de todos foi mais expressivo n'esta dolorosa occasião do que tudo quanto se podesse dizer ou expressar! Os lenços brancos preparados para os acenos da despedida recolheram primeiro de todos os olhos o tributo de muitas lagrimas. Ninguem resistiu a que lhe rebentasse affectuoso pranto: parecia que todos queriam ensopar os lenços que pouco depois serviriam para os ultimos acenos, e atirar-lhe n'elles o derradeiro penhor presencial de uma sympathia pouco vulgar.

«Todos os sitios eminentes da cidade, d'onde se podia gosar qualquer golpe de vista, ou da passagem, ou do embarque, estavam apinhados de espectadores. O Paredão das Virtudes, Cima do Muro, a Torre da Marca, os montes ao sul do rio, o caes ao seu longo, o areial do Cabedello, as muralhas da fortaleza de S. João da Foz, que salvou na passagem do navio, tudo formava um grupo impossivel de se desenhar ainda com a phantasia mais escaldada de um escriptor soffrego de dar a este quadro o brilhante natural que elle teve. Ha originaes de que é sacrilegio querer apresentar copia.

«Na retirada de todo este concurso ainda se pagou ao general ausente o tributo da meiga affeição que se lhe consagra: ainda todos exprimiam recipro-

camente os sentimentos da sua partida, as recordações dos seus serviços á causa da patria, e as provas da sua moderada prudencia. Assim ao homem probo se prestam na ausencia os louvores que a dependencia ou a lisonja de presença arrancam muitas vezes indevidamente.

«O general Saldanha será sempre recordado na cidade do Porto com a consideração que o seu caracter merece, e a digna consorte que ficou ainda entre nós com seus abençoados filhinhos, quando for a seu lado gosar das honras com que a serenissima senhora infanta regente o galardoa de seu ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, será a fiadora de tudo quanto fica exposto para authenticar a continuação dos nossos cordeaes e respeitosos suspiros depois da sua sempre saudosa partida[1].»

«Grandes da terra (conclue outro jornal descrevendo em termos quasi identicos a partida de Saldanha), que ambicionaes o respeito dos vossos concidadãos por meio do fausto e do poder, ah! como estaes illudidos! tomae por modelo o magnanimo Saldanha: a sua affabilidade, a sua honra, os seus interesses casados com os interesses do povo, foram o talisman que lhe adquiriu em todo o Porto o amor e o respeito, de que só póde formar idéa quem, como nós, o presenceasse[2].»

[1] A *Borboleta*, de 4 de agosto de 1826, n.º 16. Veja-se tambem modernamente *O Universo Pittoresco*, n.º 1, do anno de 1843.

[2] *O Imparcial* de 5 de agosto de 1826.

III

Deixâmos intencionalmente fallar as fontes historicas.

Não sabemos se em Portugal houve alguma vez manifestação igual á da cidade do Porto, por sua generalidade e espontaneidade. Mas o que fica provado, é que, pondo de parte a sympathia que ella expressava em relação a Saldanha, significava mais que tudo a encarnação da Carta, da nascente liberdade, na pessoa d'elle. Nas poesias, nos vivas, na despedida, em todas as variadas fórmas d'essa manifestação unanime, o Porto via em Saldanha o symbolo do novo regimen constitucional.

CAPITULO XIV

A CARTA EM 1826—MINISTERIO DE SALDANHA

I

Jurada fôra a Carta. Levantára-se o panno, e principiava o acto mais importante: a realisação do systema constitucional, o andamento de todas as molas da grande machina.

Nomeado pela regente o ministerio no dia 1 de agosto, chegava Saldanha a Lisboa no dia 4, desembarcando no caes do Sodré por entre vivas da população, dirigia-se ao paço, e d'ali á secretaria da guerra para tomar posse e dar as providencias iniciaes. No dia seguinte escrevia a sua notavel circular[1]. Elogiando as tropas e declarando a punição para os revoltosos, exonerava os militares que lhe não mereciám confiança, reintegrando os que se achavam desligados, nomeava o benemerito general Stubbs para o governo das armas do Porto, e ainda n'esse mez publicava a importante reforma que substituia ao re-

[1] Circular de 2 de agosto de 1826, na *Gazeta de Lisboa* de 7.

crutamento pela prisão arbitraria o recrutamento voluntario, justificando-a com idéas civilisadoras e liberaes[1].

«N'este emprego de ministro da guerra, escreve um auctor estrangeiro, teve Saldanha occasião de firmar a sua popularidade e de conquistar o exercito por actos de justiça[2].»

Nasceu com a Carta Constitucional uma situação curiosa, de que não havia memoria na administração dos estados.

Quando em Portugal regeram as idéas liberaes, como em 1820 e 1834, foram os homens do partido liberal que as dirigiram; quando, mudadas as scenas, regeram as idéas realistas, como em 1823 e 1828, os homens do partido realista presidiram a ellas. Nada mais natural. Na quadra porém que n'este momento se abre defronte de nós, de 1826 a 1828, do juramento da Carta ao fim da regencia, o governo constitucional está, por um lado, nas mãos dos realistas, seus inimigos, e por outro, nas dos liberaes demasiadamente receiosos dos do tempo de 1820, e que por sua tibieza prestavam tantos serviços á causa do absolutismo, como os proprios partidarios d'elle. Esses tibios, formando a parcialidade intitulada dos *moderados*, não fizeram na sua infantil innocencia senão entorpecer a applicação do systema inaugurado pela Carta, e, sem o quererem, auxiliar a reacção, que depois lhes deu a paga merecida, obrigando-os a ex-

[1] Veja-se a ordem do dia de 30 de agosto de 1826 no *Diario do governo* de 31.

[2] *A Guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 23.

patriar-se, e a pedir logar na expedição do Mindello, em expiação dos seus erros. Era portanto originalissima aquella situação de 1826, labyrinto ainda hoje pouco avaliado.

Um homem houve, que na realisação do regimen liberal se destacou da generalidade, como d'ella tambem se destacára nos esforços, coroados de exito, para o juramento da constituição. Foi Saldanha esse homem, como já principiámos a demonstral-o, e como os factos evidentes nol-o hão de acabar de provar.

«Quem *desde logo* se mostrou defensor da nova Carta, foi Saldanha» —escreveu José Liberato, limpo de toda a suspeição[1]; e o não menos insuspeito auctor da *Historia do cerco do Porto:* «Saldanha foi o primeiro campeão e defensor da Carta Constitucional... e o unico membro do governo que do coração a defendia»[2]. Dissera-o tambem um escriptor do tempo que não peccava por indulgente: «O ministro da guerra, Saldanha, era o *unico,* que defendia energicamente a Carta»[3]. Ainda n'outro lê-se: «A popularidade de Saldanha crescia todos os dias, e assim não lhe faltavam os encomios de todos os amigos da causa liberal, que elle defendia *com tanto affinco e resolução*»[4].

[1] *Memorias* de José Liberato Freire de Carvalho, pag. 292.

[2] *Historia do cerco do Porto,* do sr. Soriano, vol. II, parte II, pag. 221 e 258. Nota.

[3] *Memorias historicas, politicas e philosophicas da emigração,* por Silva Maia, parte I, cap. I, pag. 5.

[4] *Revista historica de Portugal desde o fallecimento d'el-rei D. João VI,* 2.ª edição, Porto, 1846.

São todos a um tempo.

Mas estes escriptores, e outros que podéramos acrescentar, não são na sua imparcialidade senão o echo dos factos. Logo com o juramento da Carta rompeu a revolta militar em algumas provincias, e a debellal-a na estreia se applicou Saldanha com as providencias que vimos, e outras que as acompanharam, marchando para o Algarve no mez de outubro á frente de uma divisão, por elle organisada como de improviso, de que resultou o internar-se em Hespanha a força inimiga, á approximação do ministro da guerra[1]. E justiça se lhe fez depois na camara electiva: «O ministro da guerra (Saldanha), exclamava um dos deputados mais moderados e serios, assumiu uma verdadeira attitude com as suas medidas promptas e energicas, e mostrou quanto póde *quem deseja servir bem*»[2].

Antes mesmo do parlamento, logo em acto continuo lhe fizera justiça a infanta regente, patenteando-lhe o quanto carecia dos seus serviços a causa da liberdade, como se vê da carta que lhe escreveu de sua propria letra:

«A João Carlos de Saldanha. — Tendo-se, graças a Deus, acabado a desordem no Algarve como eu es-

[1] Vejam-se os decretos de 5 de agosto e de 22 de setembro de 1826, e estude-se a serie das providencias nas *Gazeta de Lisboa* de 3 de agosto de 1826 em diante. Foi Saldanha nomeado commandante da divisão do Algarve, para debellar a revolta, por carta regia de 6 de outubro do mesmo anno.

[2] O deputado Magalhães na sessão da camara dos deputados de 8 de março de 1828.

perava, julgo de absoluta necessidade que o João Carlos venha quanto antes exercer o seu logar, como tambem lhe agradeço muitissimo os serviços que me tem feito e á nação, pois que os serviços feitos a ella reputo-os a mim feitos. Agradeço á tropa o muito bem que se tem comportado. Ajuda, 30 de outubro de 1826=Infanta[1].»

Infelizmente, no momento de cumprir o mandato que se impoz e no regresso para Lisboa, adoeceu gravemente; e a doença, que se prolongou até o mez de maio, dando alento aos revoltosos nas outras provincias, e impedindo-o de se conservar em centro da politica, veiu tambem enfermar a causa liberal.

Complicadas raizes tinha a revolta realista, e reaccendeu-a a doença pertinaz do energico ministro da guerra, obrigado a largar interinamente a pasta. Era o marquez de Chaves a alma da guerra civil. Ao cabo de quatro mezes (em fevereiro de 1827) as forças realistas, vencidas, viam-se compellidas pela divisão do conde de Villa Flor a internar-se em Hespanha, e o paiz, apaziguado á superficie, parecia entrar em organisação normal.

II

Que se tornava mister fazer então? Aos defensores da causa legal, a justiça das recompensas; na

[1] Carta autographa da infanta D. Izabel Maria, existente no cartorio dos duques de Saldanha.

parte militar, impedir a repetição das revoltas; no assumpto politico, abrir o codigo nascente, e realisar o systema constitucional. Pois o contrario de todos estes principios é o que se fez.

Saldanha jazia gravemente enfermo; e o machinismo constitucional, travado, só existia em nome.

Em que estado se achava a realidade da lei fundamental? para onde caminhava a politica fundada na Carta?

A camara dos pares, composta da exclusiva aristocracia religiosa e civil era o primeiro baluarte da causa contraria, da causa realista, problema aliás logicamente explicavel.

Cobre-se de tristeza o coração ao percorrer a serie das sessões da camara alta nos dois annos constitucionaes, desde 1826 a 1828, assim como, em periodo igual, a dos deputados, e esta ainda mais lastimavel, pois que, se a camara dos pares representava a aristocracia, a camara electiva devia saber que não symbolisava só as tradições de uma classe, mas o direito da nação toda.

Vejamos.

Os projectos mesmo da camara dos deputados, tendentes á politica e a regulamentar os artigos constitucionaes da Carta, por mais moderados que fossem, não logravam encontrar na camara dos pares senão a rejeição, os adiamentos, ou emendas taes que lhes inutilisavam a essencia. Assim acontecia aos da organisação do conselho d'estado, da eleição das camaras municipaes, da inviolabilidade da casa do cidadão, da prisão sem culpa formada, da

liberdade de imprensa e a outros[1]. Subia a tão refinado ponto a ancia dos adiamentos, que um dos pares superiores á suspeição por suas idéas realistas, o conde da Ponte, censurava que se estivessem a pedir todos os dias adiamentos aos projectos de lei[2].

E como é que se pediam muitas vezes esses adiamentos dos projectos importantes, vindos da outra camara? Sem ao menos se lerem! Assim o confessou o proprio par que propunha o adiamento de um projecto de lei que declarava não ter lido, e a camara apesar d'isso approvava uma tal proposta[3].

Requeria um par que se perguntasse ao governo o motivo de não se processarem, segundo a lei, os cabeças da revolta realista, e o requerimento nem ao menos era admittido á discussão! Outro par, já no mez de março de 1828, propunha que fosse convidado o governo a vir dar explicações sobre os insultos que os liberaes recebiam publicamente nas ruas, e sobre o estado dos acontecimentos de que resultava não se ouvir fallar senão em emigração; e a camara, insultada já tambem publicamente na pessoa de um dos seus membros, rejeitava a proposta constitucional[4].—«Defendamos o throno, havia bradado um dos pares; sem elle não ha grandeza, sem grandeza não

[1] Sessões da camara dos pares de 9 e 26 de janeiro e 10 e 11 de fevereiro de 1827, e em geral as sessões da mesma camara. O projecto da liberdade de imprensa enviado em 5 de fevereiro pela dos deputados não foi votado na dos pares.

[2] Sessão de 11 de fevereiro de 1828.

[3] A mesma sessão de 11 de fevereiro.

[4] Sessão de 6 de março de 1828.

ha throno, e sem throno não deliberâmos nós n'esta casa»[1]. O throno (não lhe doam as mãos) satisfez ao seu defensor enrolhando-lhe os labios, e obrigando-o exactamente a não deliberar n'aquella casa; e aos bons officios da camara-alta encerrando a legislatura com a dissolução da dos deputados.

Tal foi a successiva missão que a camara dos pares entendeu competir-lhe na realisação do regimen constitucional, de que aliás lhe competia ser depositaria fiel!

Os tribunaes tinham á sua frente, em geral, magistrados de opiniões identicas ás da camara dos pares, deixando de punir os implicados na revolta; a intendencia geral da policia, verdadeiro estado no estado, com o seu poder discricionario, campeava nas mãos de um dos acerrimos defensores da causa absolutista; a imprensa periodica, livre segundo a Carta, mas sem lei reguladora, jazia algemada (como no antigo regimen) pela censura previa, rigorosa com os periodicos liberaes, indulgente com os das idéas contrarias[2].

O governo desligava do commando que exercia na divisão liberal o valoroso militar Claudino que o declarava circumstanciadamente com indignação no discurso que depois proferiu na camara dos deputados[3]. Ao exercito constitucional, que pozera ponto á guerra civil, premiavam-no, deixando-lhe em

[1] Sessão de 11 de fevereiro de 1828.

[2] Discurso do deputado Gama Lobo na sessão de 24 de fevereiro de 1827.

[3] Sessão de 12 de fevereiro de 1827.

divida os prets e os soldos; e da promoção, a que tinha direito, nem palavra apparecia na gazeta official. Aos estudantes da universidade, que organisando-se em batalhão academico lograram impedir que os revoltosos fizessem da capital das Beiras um centro de operações, não queria o governo abonar as faltas. O ministerio recebia modificações successivas cada vez mais retrogradas, saindo José Antonio Guerreiro, Pedro de Mello Breyner, o marquez de Valença, substituidos, entre outros, pelo bispo de Vizeu, uma das glorias portuguezas por sua elevada sciencia, mas um dos elementos mais contrarios á causa, cujo ministro era. O governo deixava de mandar os documentos importantes requisitados pelo parlamento, e se alguns deputados o queriam interpellar, furtava-se a responder-lhes. Inutilmente um dos poucos ministros verdadeiramente fieis á Carta, Pedro de Mello, patenteára á regente os sentimentos dos liberaes em relação á marcha do governo; e José Antonio Guerreiro, no dizer de um escriptor, levantava este brado no seio da camara: «O céu pede vingança contra quem é responsavel pelos graves acontecimentos que têem logar no paiz». A allusão era transparente.

Do governo e da camara dos pares appellavam para a camara popular alguns deputados. Um dos mais moderados, vendo a perdição em que se iam despenhando as instituições e antolhando medonho o futuro, apresentava á camara uma exposição, patenteando, com a prova dos factos, o estado em que se achava a causa da liberdade e a execução da lei funda-

mental, exclamando: «A Carta não é uma vã theoria, é uma letra que todos jurámos, e que temos obrigação de fazer guardar. Os ministros abandonam as camaras e os negocios correm á discrição. Saiâmos por uma vez da falsa posição em que os erros dos ministros nos têem collocado... A patria toca a meta da dissolução; as idades futuras hão de ver com horror na historia portugueza este successo... As côrtes estão proximas a separar-se, cumpre ao menos levar a verdade ao throno, e supplicar-lhe os remedios». E por isso propunha uma respeitosa mensagem á regente, expondo-lhe o estado da nação, e pedindo-lhe que a execução das providencias adequadas fosse confiada a homens, que *não tivessem perdido a publica opinião*»[1].

A camara dos deputados rejeitava a urgencia da proposta n'essa mesma sessão; a commissão foi protrahindo o parecer até o dia 30, vespera do encerramento das côrtes, concluindo pela rejeição da mensagem, e o presidente da camara negava a palavra ao proprio auctor da proposta, para que nem sequer a materia se podesse discutir! Mal engenhada não fôra a trama entre governo, presidente e commissão!

No meio d'este cataclysmo, de mais a mais acobertado com a capa da lei e com o auxilio dos poderes superiores, gemia na sua trabalhada infancia a cau-

[1] Sessão de 8 de março de 1827, discurso e proposta do deputado Magalhães, exposição de factos, cuja leitura recommendâmos.

sa liberal, vencida, apesar do protesto de alguns deputados, e os desejos bons, mas impotentes dos raros ministros devotos da lei fundamental. Gemia sósinha, porque o seu campeão, o que fizera jurar a Carta, e dera as primeiras providencias para a fortalecer, não podia, n'aquelles mezes successivos de doença grave, senão ouvir no leito as lastimosas noticias d'esse estado incrivel.

III

Até que um dia, quando todos sabiam que se achava enfermo, Saldanha, por um d'aquelles supremos esforços de que a vida lhe foi constante prova, entra inesperadamente na secretaria da guerra, assume a sua pasta, faz frente elle só á tempestade levantada contra a lei fundamental, contra o progresso justo, e apparece, defensor da liberdade nascente, como depois veremos que o ha de ser da liberdade viril. Succedia este facto no dia 1 de maio de 1827, cinco mezes depois de adoecer, e nove após o juramento da Carta [1].

A reacção politica roncou furiosa ao ver surgir aquelle homem, que ella de sobra conhecia, e que se lhe apresentava no momento arriscado.

Terreno largo adiantára em todo esse tempo, como fica indicado, a causa contraria. Apesar de perdido todo esse terreno, Saldanha, não affrouxando, seguiu o seu norte, e ia empregando as providencias

[1] *Gazeta de Lisboa* de 2 de maio de 1827.

mais urgentes para que mudasse de rumo a nau do estado. Vendo porém que era impossivel caminhar com tal ministerio, convoca-se conselho presidido pela regente.

Está lembrado o leitor d'aquella scena magistral no terceiro acto do *Ruy Blas*, em que este, o primeiro ministro, implacavel, sublime, vulto da indignação, lança rosto a rosto de cada um dos altos funccionarios do reino os actos praticados contra a situação politica do estado, e em que elles, assombrados por aquella voz da verdade, só lhe respondem com as suas demissões?

Scena parecida succedia agora, só com a differença de que, na de Victor Hugo, a rainha se achava absorta de enthusiasmo encoberta com um reposteiro, e na scena viva de 1826 a regente contrafeita na sua cadeira presidencial. Em resultado da exposição apresentada por Saldanha ácerca dos factos e das omissões, pedindo contas em nome da liberdade moribunda e da Carta quasi suffocada pelos proprios sacerdotes do culto constitucional (uns, herejes intencionaes; outros, devotos timidos), os ministros, como os da fabula do grande drama francez, vieram a responder, exceptuado um, com as demissões que pediram.

N'este curto periodo (desde que retomára posse) prosegue Saldanha, intentando recuperar o que tinham, como vimos, deixado perder. Faz justiça immediata ao exercito mandando pagar os prets e os soldos, que desde o mez de dezembro se lhe deviam[1],

[1] Ordem do dia de 8 de maio de 1827 (*Gazeta de Lisboa* de 9).

e procedendo á distribuição dos fardamentos [1]; justiça igual para recompensar os serviços militares da guerra civil, decretando alem das promoções parciaes por distincção [2], a grande promoção geral nos voluntarios e no exercito de linha pelos serviços prestados á liberdade, e pelos direitos que tinham adquirido [3]; manda abonar as faltas aos estudantes da universidade, que até ali estavam padecendo castigo pelos feitos revelantissimos que haviam realisado como corpo academico [4].

Não podendo influir, por já se acharem encerradas as côrtes, para que fosse discutida na camara dos pares a lei organica da liberdade de imprensa, obtem que se alliviem as peias aos jornaes, e desde logo substitue o redactor principal da *Gazeta de Lisboa*, que mais parecia advogar a causa absolutista, por um cavalheiro de idéas liberaes [5].

Todas estas importantissimas providencias politicas foram logo acompanhadas de reformas a bem da administração militar, sobre o andamento dos processos para os amnistiados, sobre as requisições que prejudicavam a fazenda publica e vexavam os povos [6].

[1] Ordem do dia de 31 de maio de 1827 (*Gazeta* de 4 de junho).

[2] Ordem do dia de 12 de junho de 1827 (*Gazeta* de 15).

[3] Ordem do dia de 2 de julho de 1827 (*Gazeta* de 5), e decreto de 9 de julho (na *Gazeta* de 26 de julho e de 3 de agosto do mesmo anno).

[4] *Historia do cerco do Porto*, do sr. Soriano, vol. I, parte II.

[5] *Memorias* de José Liberato, pag. 302 e 303.

[6] Como documentos de todas estas providencias vejam-se: ordens do dia e portarias na *Gazeta de Lisboa* de 4, 5, 7, 10, 14 e 23 de maio de 1827.

Com esta serie de actos e a promessa dos que se lhes deviam seguir, animou os defensores da Carta. Intentava elle, e intentava bem, a realisação moderada, mas efficaz do systema constitucional, precavendo os dois excessos: de um lado o absolutismo, do outro lado o perigo que a constituição de 1820 não pôde evitar, sendo victima d'elle. Aconselhado pelo bom senso e pela experiencia, queria fundar, em realidade, em letra viva, na verdade de todos os principios e na concessão de todos os direitos, a Carta outorgada.

Em continuação das providencias indicadas, seguia-se a indispensabilidade de substituir o presidente da relação de Lisboa, o regedor das justiças do Porto, e o intendente geral da policia; por outros que em suas relações officiaes deixassem de proteger abertamente a causa do absolutismo.

Estava então nas Caldas da Rainha a infanta regente sob a influencia de uma camarilha, capitaneada pelo embaixador de Inglaterra. Como os poucos ministros do partido constitucional que formavam parte do governo, aliás honradissimos de caracter, apresentavam uma tibieza, que, desalentando os liberaes, reanimava o partido contrario [1], Saldanha, para conjurar os perigos, tomou a si, em nome do ministro respectivo, levar ás Caldas os decretos, empenhado no proseguimento das providencias necessarias para firmar de vez o systema liberal. A re-

[1] *Memorias historicas* de Silva Maia (emigrado), Rio de Janeiro, 1841, pag. 4.

gente, já de todo nas mãos da camarilha, recusou a sua assignatura! Saldanha pediu em acto continuo a demissão, que lhe foi acceita no mesmo dia 23 de julho de 1827[1].

Onde estava a carta escripta havia nove mezes para o Algarve? onde a necessidade absoluta de que Saldanha viesse quanto antes reassumir o logar de ministro? onde o superlativo d'aquelles agradecimentos pelos serviços por elle prestados á nação na defeza da liberdade nascente? Não era a demissão de um simples ministro que a regente assignava, era a demissão da causa constitucional. Cumprindo-lhe defendel-a, acabava de a entregar involuntariamente, cremos, ás mãos dos contrarios, e a indulgencia de que, em harmonia com a verdadeira critica dos factos, a historia póde usar, é cobrir-lhe o acto com a attenuação de que a sua inexperiencia e pouca idade não pesaram a gravidade das circumstancias nem previram o alcance da nociva precipitação. Bem caro pagou a regente o erro politico, ficando, sem o querer, para a causa constitucional um dos motivos de infortunio, e depois para o governo realista uma origem de desconfiança, que não poucas lagrimas lhe fez derramar a ella.

N'aquelle dia afundava-se quasi á nascença a cauda da liberdade. Saldanha é que a sustinha. Demittido, principiava a politica reaccionaria.

[1] O decreto de 23 foi publicado na *Gazeta de Lisboa* de 2 de agosto, mas a nomeação do successor na pasta da guerra, de 26 do mesmo julho, foi publicada na *Gazeta* de 28.

IV

Que era Saldanha quem sustinha a causa da liberdade, e que, demittido, principiava a reacção politica, demonstraram-no os factos desde logo.

O ministro do reino, até ali collega de Saldanha, recebia do intendente geral da policia a primeira lista de proscripção, contendo os nomes de cento e quarenta suspeitos, de José Antonio Guerreiro (José Antonio Guerreiro!), do arcebispo de Elvas, do conde de Alva filho, de Leitão, de Rodrigo Pinto Pizarro e de outros.

Nem todos, os que n'esse momento governavam, podiam ser taxados de absolutistas e perseguidores; mas esses moderados, alem de poucos, sem influencia politica para se opporem ás demasias incriveis, ficavam inutilisados pela força opposta que os subjugava. Era logo demittido da redacção da gazeta official de Lisboa o defensor dos principios liberaes e da lei fundamental, José Liberato Freire de Carvalho, levado o excesso a demittirem-no tambem do logar de official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros[1]; prendiam-se os cidadãos; corriam devassas ardilosas, assalariando-se testemunhas falsas.

Para se ajuizar das devassas geraes, basta saber o que succedia na propria camara dos pares, onde a nação tinha os olhos fitos, e onde por conseguinte se trataria de que os escandalos fossem mais precata-

[1] Decreto de 28 de julho de 1827, na *Gazeta de Lisboa.*

dos. Haviam sido pronunciados o arcebispo de Elvas, o sr. marquez de Fronteira, o conde da Taipa, accusados de serem vistos nas reuniões (aliás inoffensivas) do povo, que pedia a reintegração de Saldanha, denominadas a *Archotada*, e que o partido retrogrado elevou ás honras de conspiração republicana, para amedrontar o animo irresoluto da regente, e para, á sombra do sophisma, poder empregar a violencia [1]. Pois ali mesmo, na camara alta, as testemunhas contra os pares pronunciados eram os proprios militares realistas que se tinham aproveitado da amnistia por se haverem revoltado contra a Carta! Prohibia-se aos frades de S. Domingos que fossem depor o facto verdadeiro de se achar doente no convento o arcebispo de Elvas no dia em que a devassa o dava no Terreiro do Paço [2]! O conde da Taipa, um dos pares pronunciados, apresentava um officio do antigo ministro da guerra Pereira Forjaz, mandando prender por ladrão o militar dado agora por testemunha [3]!

Encarceravam antes da pronuncia, e não se fechavam as devassas com o intento de estar sempre a porta aberta para continuação das pronuncias. No Porto eram demittidos os funccionarios por não engendrarem culpados; e os funccionarios, que os substituiam, vinham a Lisboa para saberem a quem deveriam pronunciar! Assim o declarava em plena

[1] *Memorias historicas*, citadas, pag. 5.

[2] Sessão da camara dos pares (em tribunal de justiça) de 21 de fevereiro de 1828.

[3] Sessão da mesma camara (em tribunal) de 1 de março de 1828.

camara electiva o deputado Machado de Abreu, e o ministro respectivo não só não desmentia estas gravissimas accusações de facto, mas, instado por outros deputados para mandar os documentos e esclarecimentos, fazia-se continuamente surdo ás instancias do parlamento [1].

As auctoridades prendiam os liberaes sem culpa formada, assalariando testemunhas, embora regesse ainda a Carta [2]. Na camara dos deputados, a commissão de infracções propunha a accusação do ministro da justiça «por violar a lei fundamental, por deixar impunes os corregedores e desattender as reclamações dos cidadãos presos»; mas a camara não dava seguimento ao processo, porque nem queria accusar o poder executivo, nem por outro lado podia negar as illegalidades e as perseguições [3]. Renovavam a aspereza com os jornaes do partido liberal, representantes das instituições vigentes, a indulgencia com os do partido opposto, e nenhum liberal se podia considerar seguro [4].

Assim: a demissão de Saldanha abrira a porta francamente á perseguição contra os liberaes. Á vigorosa iniciativa d'elle se devêra em 1826, com o juramento da Carta, a inauguração do regimen constitucional; um anno depois tornava-se moribundo

[1] Veja-se a prova de todos estes factos na sessão da camara dos deputados de 30 de janeiro de 1828.

[2] *Memorias historicas*, de Silva Maia, pag. 5.

[3] Sessão da camara dos deputados de 29 de janeiro de 1828.

[4] *Memorias historicas*, de Silva Maia, pag. 6.

o mesmo régimen, para dentro em pouco exhalar o ultimo suspiro. Por esta fórma se havia encerrado em Saldanha a causa da liberdade. Triste a causa que é obrigada pelas circumstancias a encerrar-se n'um homem; grande o homem em que se encarna uma causa.

Aos perigos interiores acrescia a delegação da regencia por parte do sr. D. Pedro na pessoa do sr. D. Miguel; mas tambem esse perigo previra Saldanha. Antevendo o despenhadeiro em que se ia precipitar a causa liberal, emprega ainda um derradeiro esforço. Constando-lhe que as nações estrangeiras influiam a favor da regencia do infante D. Miguel, manda ao Brazil um dos seus ajudantes, o capitão Praça, para informar o imperador do estado das cousas, e do perigo para as instituições constitucionaes se aquella nomeação fosse effectuada. Chegou ao Rio de Janeiro o capitão Praça já depois de ter levantado ferro a embarcação que trazia os decretos do sr. D. Pedro. Tarde se arrependêra o imperador, cedo acertára Saldanha [1].

V

Tudo estava concluido.

A 22 de fevereiro de 1828 desembarcava em Be-

[1] Para os pormenores e resultados da negociação internacional para a regencia do sr. D. Miguel, veja-se o livro: *Éclaircissements historiques sur mes négociations relatives aux affaires de Portugal*, pelo marquez de Rezende; Paris, 1832.

lem o sr. D. Miguel, no meio do enthusiastico regosijo do seu partido, que o victoriava como rei, e rei absoluto. Quatro dias depois, a 26, prestava perante as camaras o juramento á rainha D. Maria II e á Carta Constitucional; a 13 de março dissolvia indefinidamente a camara dos deputados; a 3 de maio mandava convocar os antigos Tres Estados, que no dia 25 de junho o declaravam rei legitimo. Em 30 d'aquelle mez de junho conformava-se com a declaração dos Tres Estados, formulada em assento a 11 de julho.

Cingindo a corôa de Portugal, ia estreiar o seu reinado.

Intentam resistir o norte e o Algarve, mas baldado lhes é então o esforço para salvar a causa liberal[1].

Principiava a emigração.

João Carlos de Saldanha tinha sido o primeiro que abrira o caminho, saindo da patria em 1827. Fôra um vidente.

[1] Sobre o mallogro da resistencia liberal no Porto (questão Belfast), vejam-se como documentos, em que vem largamente exposto o assumpto, e como fonte historica da materia: *Carta da junta do Porto ao imperador do Brazil*, e *A perfidia desmascarada, observações á carta da junta do Porto*, pelo conde de Saldanha e por um emigrado, Paris, 1830.

CAPITULO XV

NA EMIGRAÇÃO

I

Foi Saldanha que abriu a porta.

Seguiram-se alguns, depois outros, ainda outros depois, entre elles (castigo de Deus!) quantos, que tendo combatido a politica liberal de Saldanha, vinham agora participar com elle das agruras do exilio! e ainda outros, ás duzias, aos centos, aos milhares.

Principiaram quasi todos a comer o pão da miseria. Não os alumiava o sol da sua terra, e a mesma lua de Londres, cantada depois pelo mavioso poeta legitimista, só nebulosamente lhes aclarava as suas noites pensativas!

Um suspirava pela esposa, outro pelas filhas; um deixára moribundo o pae, outro ignorava se a mãe ainda o abraçaria; este perdêra a carreira que lhe era esteio, aquelle cortára os estudos que lhe seriam carreira; e chorando cada um as suas lagrimas, cada um pranteando o ente querido de que se apartára, todos sentiam na alma o vacuo do infinito; e as re-

cordações da mãe commum ainda mais lh'as aggravavam a soffreguidão e a desesperança de a tornarem a ver. Á fome se ajuntava a saudade, á saudade e á fome a nostalgia da patria. Quanto mais distante, mais formosa se lhes afigurava, de mais encantos a revestiam, como tudo de que estamos longe e como tudo o que perdemos. Ouviam-lhe os lamentos no gemido das ondas, e no intimo gemiam tambem. Todas as mãos se estendiam para ella, como para o longinquo ponto negro os que vão em navio desmantelado. Um raio de esperança lhes alumiava ao menos o espirito, e lhes segredava uma promessa, a promessa que aos desgraçados nunca desampara; mas, se de tão longe divisavam a terra adorada, quaes lograriam entrar n'ella? D'aquelle estado geral vinha o enfado, do enfado a inquietação, da inquietação as recriminações, como se a causa não fosse uma só, e não fosse d'elles todos!

II

Germinavam os elementos, mas estavam ainda dispersos. Em Inglaterra se estabeleceu então o nucleo principal dos emigrados. O marquez de Palmella, que fôra logo o primeiro embaixador que protestou contra a acclamação do sr. D. Miguel, tornou-se em Londres um centro de resistencia[1]. Os

[1] Veja-se a digna e notavel circular do marquez (depois duque) de Palmella aos seus collegas do corpo diplomatico portuguez junto ás differentes côrtes da Europa, no livro *Correspondencia do conde da Carreira.*

condes de Saldanha e de Villa Flor, prestes estavam para empregar a espada no primeiro ensejo; a ilha Terceira conservava-se fiel á auctoridade constitucional da joven rainha. Eis os preludios da restauração liberal, tão desejada como difficil.

A Plymouth chegavam depois as tropas liberaes emigradas, que, tendo entrado na Galliza, e podido embarcar na Corunha, graças aos esforços do brigadeiro Joaquim de Sousa Pizarro, formavam ali o principal deposito, que em seguida se aprestou para correr em auxilio d'aquella ilha.

Preparava-se em Plymouth a nossa primeira expedição, mau grado do governo inglez, que todavia tinha reconhecido a realeza constitucional da senhora D. Maria II, e influido directamente para o governo liberal. Debalde o marquez de Palmella, de quem a restauração da liberdade recebeu tão relevantes serviços, empregava esforços para chamar á rasão aquelle governo, de quem haviamos de receber desfavores e injustiças gravissimas.

Embora. Estava prestes a expedição para a Terceira, e commandada pelo conde de Saldanha. De Plymouth levantam ferro os nossos seiscentos portuguezes em quatro navios mercantes (brigues *Suzanna* e *Lyra*, galeras *Minerva* e *Delphim)*, sem armamento algum, para não dar pretextos ao governo inglez.

Já velejam. Que dez dias aquelles! Vão pisar terras da patria, estreiar a lucta da liberdade, fazer uma surpreza aos seus irmãos, e a distancia a vencer-se, e elles a ap proximarem-se, a approximarem-se... Os

das embarcações a olharem já para o ponto d'onde a ilha deve surgir; os da ilha por natural presentimento a lançarem os olhos para o oceano, e a dizer-lhes o coração que sobre as ondas irão em demanda sua patricios seus, até que uns e outros estremecem. É o dia 16 de janeiro. Do largo mar se avista a ilha, da ilha se avista a expedição. Ainda leguas os separam, e já, por dizer assim, todos estão juntos. Uniu-os o espirito commum, a causa que defendem, a esperança que lhes doura o dia de ámanhã; e a expedição continuando a singrar; e a noticia lá em terra a não ser já novidade. Despovoam-se as casas, creanças e decrepitos acompanham os adultos, corre tudo á praia. Está ali uma povoação toda, e nem sequer uma voz se ouve; todas aquellas almas são ali uma alma. Navegam proximos, entraram já nas aguas portuguezas a coberto das fortalezas nacionaes; já dois brigues se adiantam, da ilha acenam os lenços, quasi que lhes podem estender os braços, estão postados na praia caçadores 5 e o batalhão de voluntarios, tocam as musicas, a população rompe um viva geral, cujo echo o oceano repercute. Não se descreve aquelle momento; quasi que não póde com elle o jubilo de todos!

Preparam-se os escaleres para o conde de Saldanha e a sua gente desembarcarem. O *Suzanna* atravessa para fundear.

Mas que estrondo repentino é aquelle? Metralha! Dentro do nosso brigue *Suzanna*, que recebe dois rombos, cae morto um soldado portuguez, e é ferido um paizano.

Romperam fogo contra a nossa expedição *inerme* duas fragatas inglezas, sem intimação previa e debaixo das nossas fortalezas! Um brado geral de indignação respondeu á metralha britannica. A bandeira portugueza assistia a este espectaculo!

E quem era d'elle o auctor principal? A Gran-Bretanha! Lord Wellington! o general para cuja corôa os nossos mesmos soldados que ali estavam tinham ganhado os louros, e a quem o chefe, que ali os commandava agora, enchêra de admiração quando na flor da mocidade o ajudára na causa commum.

Suspende a esquadrilha. O commodoro Walpole, commandante das fragatas inglezas, manda a bordo do *Suzanna* um official com uma carta, inquirindo a que vinham ali aquelles navios. Responde logo o conde de Saldanha: que vinha por mandado da rainha D. Maria II, reconhecida pela propria Inglaterra, conduzir aquelles portuguezes á ilha Terceira, fiel á rainha, e que a todo o custo cumpriria o mandato. Declara então Walpole, que, em nome do governo inglez, empregaria as forças do seu commando para impedir o desembarque, intimando o conde de Saldanha a que se retirasse d'aquellas aguas.

Passava-se tudo isto rapidamente, em porto já portuguez e no meio da anciedade geral. O conde de Saldanha replicou a Walpole nos seguintes termos:

«Porto da Villa da Praia, a bordo do brigue *Suzanna*, 16 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«O dever imperioso, que tendes a cumprir, não póde dimanar senão do vosso soberano, sua magestade britannica. As ordens e instrucções, que eu tenho de executar, são absolutamente de igual natureza: é a minha soberana que me ordena positivamente que desembarque na ilha Terceira. Estou decidido a cumprir o meu dever, prompto, se for preciso, a perder a vida, e a sacrificar a de cada um dos soldados de sua magestade fidelissima, que estão a bordo dos navios neutros e desarmados, confiados ao direito das gentes.

«Quero tomar posse d'esta parte dos dominios portuguezes, que não reconhecerá senão a soberania de sua magestade D. Maria II.

«O sangue dos mais antigos alliados de sua magestade el-rei de Inglaterra acaba de ser derramado, pois que foi morto um soldado, e ferido gravemente outro dentro d'este brigue. Pois bem! que torne ainda a correr o sangue. Vós podeis assestar contra nós a vossa artilheria, podeis-nos metter a pique, mas tende a certeza de que emquanto eu gosar das minhas faculdades, ou não for feito prisioneiro (notae bem, senhor, que este facto succede sob as baterias da Villa da Praia!) empregarei todos os esforços possiveis, para cumprir com o meu imperioso dever.

«Permitti que vos lembre, senhor, que descarregastes a vossa artilheria contra seiscentos portu-

guezes desarmados a bordo de transportes inglezes e russos. A Europa, vossa patria tambem, ainda ficará mais assombrada que os proprios subditos de sua magestade fidelissima.

«Permitti mais que vos faça notar que nós não vimos atacar ninguem, nem commetter aggressão alguma. Completamente desarmados, vimos reunir-nos aos nossos irmãos sobre uma terra que tem reconhecido constantemente a auctoridade legitima da rainha, minha soberana. Tambem vos devo declarar que não temos mantimentos, e que ainda mesmo que o meu dever me não obrigasse a protestar contra o vosso procedimento, não deixariamos de ser obrigados a acceitar soccorros. Possuis portanto duas armas invenciveis para nos destruir. O mundo verá com horror o vosso comportamento, e os portuguezes darão testemunho, com dor profunda, do acto que dirigis contra elles, dos meios que empregaes para sua destruição, sem motivos nem aggravos, no remanso da paz, e na propria occasião em que sua magestade fidelissima acaba de ser recebida em Windsor-Castle por el-rei Jorge IV, na qualidade de soberana legitima de Portugal. É em taes circumstancias que voltaes contra nós as mesmas armas que tantas vezes combateram ao lado das nossas o inimigo commum em tantas batalhas gloriosas!

«Qualquer que seja a vossa resolução, ficae certo de que eu vou lavrar um protesto solemne, que virá a ser publicado por aquelles que me sobreviverem.

«Conde de Saldanha.»

Mal hão de poder olhos portuguezes dominar as lagrimas ao ler este officio, ardente, justo e patriotico, respirando a indignação, proclamando todos os principios do direito; este grito da alma, escripto a correr, na frente do inimigo com os morrões accesos, na presença da bandeira portugueza offendida, e levado pelos ventos aos confins do mundo para pedir justiça ás gerações futuras pela tradição dos povos.

A este officio não respondeu por escripto o commodoro, mas mandou intimar outra vez Saldanha, pelo capitão Radford, commandante da fragata *Nimrod.* O conde de Saldanha respondeu immediatamente á intimação verbal de Radford:

«A bordo do brigue *Suzanna,* no porto da Praia, 16 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«Em consequencia das communicações verbaes que me foram feitas pelo capitão Radford, só tenho que acrescentar, aos meus anteriores officios, que me considero vosso prisioneiro de guerra. Seguirei a vossa fragata para onde nos conduzir o destino.

«*Conde de Saldanha.*»

Reenviou-lhe o commodoro outra intimação verbal. Nova resposta de Saldanha:

«Porto da Praia, a bordo do brigue *Suzanna,* 16 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«Espanta-me que não respondaes senão verbalmente ás minhas communicações. O capitão Radford

acaba de me intimar, da vossa parte, que tome o largo sem demora.

«Se me consideraes vosso prisioneiro, farei o que me mandardes; mas deveis-me fornecer das provisões que me são necessarias. Deveis, alem d'isso, dar-me intimação por escripto, para vos seguir, porque eu sou responsavel pelo meu procedimento. Julgo ter o direito de esperar uma resposta, por escripto, de um official da marinha britannica.

«Se por qualquer motivo me tivesse sido impossivel desembarcar na Terceira, era meu intento dirigir-me para França, ou Inglaterra... A nova intimação, que n'este momento me fazeis, impede-me de continuar a escrever-vos, e até de vos dirigir o protesto que estou redigindo.

«*Conde de Saldanha.*»

Este officio mandou Saldanha immediatamente pelo seu ajudante, o capitão Praça.

Officio do commodoro:

«A bordo do navio de sua magestade britannica o *Ranger*, 16 de janeiro de 1829.

«Senhor conde:

«Em consequencia da vossa resposta á minha ultima communicação, limito-me a declarar-vos que, se antes das tres horas da tarde, não deixaes a vizinhança d'esta ilha, vos obrigarei a deixal-a. Sou com toda a consideração, vosso servo respeitoso.

«*William Walpole.*»

13

(O officio referia-se ás observações expedidas por Saldanha ao capitão Radford.)

Outro officio do commodoro em resposta ao quarto officio de Saldanha:

«Senhor conde:

«A necessidade que tinha de ser breve é que me obrigou a corresponder-me comvosco verbalmente. Acrescento ao que vos expuz, que estaes na liberdade de partir em acto continuo para França, para Inglaterra, ou para qualquer outro logar de vossa escolha, uma vez que deixeis immediatamente as vizinhanças d'esta ilha, e dos Açores.

«Tenho a honra de ser vosso servo respeitoso,

«*William Walpole*.»

Resposta de Saldanha:

« A bordo do brigue *Suzanna*, defronte da Villa da Praia, 16 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«Recebo n'este momento os vossos officios. Não declaraes se me consideraes, *sim* ou *não*, vosso prisioneiro de guerra. Se me consideraes *livre*, collocaes-me na necessidade de executar as instrucções que tenho; se, pelo contrario, não estou em liberdade, confirmo os meus officios anteriores: não desistirei de cumprir as ordens da minha rainha, senão quando a força me tirar o poder de as cumprir. *(No instante em que Saldanha escrevia estas palavras, novos tiros eram disparados contra o seu brigue! Saldanha desesperado, continuava a officiar)*... N'este mesmo instante renovaes o fogo contra nós...

Pois de novo tambem vos declaro que, se não estou prisioneiro, vou seguir o meu rumo conforme as instrucções que tenho.

«*Conde de Saldanha.*»

E furioso, como todos calculam que estaria, leão enjaulado sem se poder defender, manda arrojar o bote ao mar, lança-se n'elle, e vae *pessoalmente* levar ao commodoro o officio que mal conseguira acabar.

O *Ranger* atravessou para o receber a bordo.

O commodoro expoz verbalmente a Saldanha o que se lê no seguinte officio, que em acto continuo escreveu.

Officio do commodoro:

«A bordo do *Ranger*, 16 de janeiro de 1829.

«Senhor conde:

«Em resposta á vossa ultima communicação, explicada por vós mesmo, convido-vos a terdes em attenção as minhas primeiras declarações. Asseguro-vos nova e positivamente, que, se persistis em vos demorar em volta d'estas ilhas, é meu dever *pôr em plena execução os meios coercitivos,* que vós já conheceis. Tal é a minha firme resolução.

«Penso portanto que reconhecereis *finalmente* a necessidade de vos ausentardes d'estas aguas.

«Tenho a honra de ser vosso servo respeitoso,

«*William Walpole.*

«Ao conde de Saldanha.»

A nossa inerme expedição levantou ferro depois

das quatro horas da tarde, forçada d'este modo pela metralha ingleza. Como viriam aquelles nossos patricios, e como ficariam os que, na praia, os viam partir, facilmente o avaliará quem tiver alma! As fragatas inglezas escoltavam os nossos.

« A bordo do brigue *Suzanna*, á véla, no alto mar, em 17 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«Segundo as communicações officiaes, que hontem vos dirigi, tenho a honra de vos enviar a relação dos subditos portuguezes embarcados nos quatro transportes, que vós ides escoltando.

«Não sabendo o capitão d'este meu brigue explicar-me a rasão por que tornastes na noite passada a renovar o fogo contra nós (talvez por termos arriado joanetes para prevenir desastres), peço-vos que nos transmittaes as instrucções necessarias para tomarmos as disposições n'essa conformidade. Ficae certo de que a ordem, que eu dei, foi a de seguirmos o vosso navio. Tenho outrosim a honra de vos transmittir incluso o protesto que julguei me cumpria redigir, e do qual vos fiz menção n'um dos meus ultimos officios.

« *Conde de Saldanha*.»

Officio de Walpole:

« A bordo do navio de sua magestade britannica *Ranger*, 24 de janeiro de 1829.

«Senhor conde:

«Far-me-hieis favor, dizendo-me se é vossa intenção seguir para Inglaterra. Tenho officios do consul

inglez da Terceira, e meus tambem, para enviar ao governo inglez.

«Tenho a honra de ser vosso servo respeitoso,

«*William Walpole.*»

Resposta de Saldanha:

«No mar, a bordo do brigue *Suzanna*, 24 de janeiro de 1829.

«Senhor commodoro:

«A vossa pergunta surprehende-me! Quê, senhor! Pois vindes á ilha Terceira para nos aprisionar; escoltaes-nos oito dias a fio; impedis-me de executar as minhas instrucções; pondes em perigo a vida de tantos subditos fieis da mais antiga alliada do vosso soberano; reduzis-nos a faltarem-nos as provisões; obrigaes-nos a não podermos separar os nossos navios uns dos outros; exerceis sobre nós uma auctoridade de conquistador; e mandaes-me perguntar para onde vou?! Sei eu, por ventura, para onde vou? Mas o que não posso ignorar é que vou para onde vós me conduzis, conforme o conteúdo dos numerosos officios que vos dirigi.

«*Conde de Saldanha.*»

O commodoro Walpole mandou então um ultimo officio ao conde de Saldanha, communicando-lhe que cessava de se corresponder com elle e de o escoltar. Estavam no Cabo de Finisterra, em 24 de janeiro, ao meio dia.

O protesto do conde de Saldanha, enviado ao commodoro, e assignado tambem por todos os officiaes e paizanos notaveis que iam a bordo, continha a nar-

rativa de todos os factos. Tomando o céu por testemunha, sobre as vagas dó oceano, á vista e debaixo das baterias das fragatas que os aprisionaram, o conde de Saldanha e os seus companheiros protestavam em nome da sua soberana contra o procedimento horrorosamente hostil havido contra elles nas aguas portuguezas, aprisionando-os, e disparando a artilheria á mais pequena alteração nas vélas dos transportes em que eram escoltados[1].

III

Livres, no fim de oito dias, da escolta inimiga, não quizeram os nossos voltar para aquella Inglaterra que tão indignamente os acabava de metralhar indefezos.

Aportaram a Brest, a 29, sendo recebidos de braços abertos na briosa nação franceza. O succedido indignou a população da cidade, que lhes prestou os primeiros soccorros a bordo, pois que, sem licença do governo, não os deixavam as auctoridades desembarcar. Saldanha dispoz-se a partir em direcção a París, no intento de ver o que podia conseguir a bem dos nossos compatriotas. Leão enjaulado no *Suzanna*, quantos annos de vida não déra elle por ter nas aguas da Terceira a decima parte das armas e da artilheria de que dispunha o commodoro! Que teria sido de ti, Walpole!

[1] Póde-se ver na integra este magnifico protesto, nos *Annaes*, vol. II, pag. 8 e seguintes.

CAPITULO XVI

CONCLUE A EMIGRAÇÃO

I

O acto inqualificavel da Inglaterra, de mais a mais realisado pelo commodoro Walpole da maneira traiçoeira a que assistimos no capitulo antecedente, produziu na Europa assombro e indignação.

Quando se abriram as camaras francezas, deputados d'entre os mais celebres como Benjamin Constant, os generaes La Fayette e Sebastiani, e outros, censuraram o acto com a maior aspereza, mostrando que todos os principios tinham sido calcados aos pés pela Inglaterra [1]. Mas o mais notavel, e que mais nos desaffrontou, foi a impressão dolorosa que o successo produziu na propria Inglaterra e no proprio parlamento inglez.

Na camara dos communs o deputado Mackintosh, depois de um longo discurso ácerca do estado de Portugal, concluia: «Onde está a rasão, o exemplo,

[1] Sessões do mez de julho de 1829, na camara dos deputados de França.

a auctoridade, que désse á Inglaterra o direito de ir em seguimento d'essa pequena expedição pelo oceano fóra, para empregar a força contra ella em alto mar, e, mais ainda, para fazer-lhe a guerra *já nas aguas da ilha Terceira?* Creio firmemente que não haverá um só inglez que não desejasse arrancar esta pagina dos annaes da Europa, excepto aquelle que tiver o coração abastardado». O orador propoz uma mensagem á corôa.

Lord Palmerston, depois tambem de um longo discurso, exclamava: «Os emigrados portuguezes tinham uma soberana reconhecida pela Inglaterra, e uma patria, a ilha Terceira, onde a rainha era reconhecida. A Inglaterra, perseguindo-os, serviu de instrumento vingativo. Oxalá que podessemos lançar um véu sobre o acto praticado contra todos os sentimentos britannicos». O eminente lord Brougham e outros emittiram tambem as mais asperas censuras contra o procedimento monstruoso, chegando a ser apresentado um protesto na camara alta por alguns dos seus membros mais respeitaveis, como o duque de Gloucester, Melbourne e outros [1].

D'esta maneira, o protesto lavrado sobre as aguas do oceano pelo conde de Saldanha, escripto ao som da metralha ingleza contra uma expedição inerme que tinha por si todas as leis para desembarcar na ilha constitucional, veiu receber a sancção da sua justiça na indignação do mundo, incluindo a opinião publica da propria Inglaterra.

[1] Sessões de junho do mesmo anno.

II

Aportando a Brest, conseguiu Saldanha, do prefeito maritimo, que os emigrados, acabados de chegar da expedição metralhada, podessem desembarcar n'aquella cidade, e que ali lhes dessem alojamento[1].

Dirigindo-se depois a Paris, Saldanha obteve do governo francez, desde logo, o subsidio de um mez para aquelles emigrados; a poder de esforços, alcançou tambem um subsidio mensal para os solda-

[1] Os emigrados que aportaram a Brest com Saldanha em consequencia de não ser possivel á expedição metralhada nas aguas da ilha Terceira seguir para o Brazil pela má qualidade das provisões, da agua que levava, e por se acharem os navios nimiamente apinhados de passageiros, não podiam ser soccorridos pela agencia de Londres por falta de haveres financeiros, como pezarosamente o declarou na sua correspondencia o nobre marquez de Palmella. O alvitre de seguirem depois para a mencionada ilha ou para o Brazil tambem não se chegou a verificar. Póde-se consultar sobre estes pontos a *Correspondencia do duque de Palmella*, vol. IV, e n'ella os officios de s. ex.ª, de 6 e 11 de fevereiro de 1829, ao sr. Nuno Barbosa de Figueiredo, pag. 354 e 362; quatro officios de 12 do mesmo mez e anno a João Carlos de Saldanha, pag. 366 e 370; instrucções a Barbosa de Araujo, pag. 387; officios de 12 de fevereiro, pag. 371, de 24, pag. 395, e de 23 de março, pag. 419, ao conde de Sabugal. O marquez de Palmella sustentára, contra o governo inglez, o direito que assistia aos nossos emigrados de se acolherem á ilha Terceira — Officios do mesmo marquez ao duque de Wellington de 20 de dezembro de 1828, na *Correspondencia* citada, pag. 280 e 288, e principalmente o de 2 de janeiro de 1829, pag. 305.

dos e officiaes, sendo a estes *por igual*, sem distincção de patentes; e, mandados dividir pelo governo em differentes depositos, alcançou mais: que lhes fossem tambem abonadas as despezas de transporte. E conseguiu tudo isto em Paris, apesar de gerir o poder o governo retrogrado de Carlos X, para os miseros emigrados que se achavam em Brest sem pão nem vestuario, declarando o governo francez que *só com Saldanha* é que estavam resolvidos a tratar d'este assumpto, aliás de vida ou de morte para os nossos infelizes compatriotas[1].

E esta continuação de concessões, obtidas quando? quando elle mesmo se via reduzido ao maior apuro. São as proprias palavras de um d'esses emigrados no livro que depois publicou: «Os noventa francos mensaes que Saldanha recebia do governo francez não podiam chegar para se alimentar a si e aos filhos. Tinha vendido todas as joias, e para as despezas de um parto de sua mulher quotisaram-se os seus amigos... Entretanto eu não conheço nenhum official portuguez mais honrado do que elle; a sua mesma pobreza, tendo elle servido tão altos empregos, depõe em seu favor»[2]. Depois Saldanha foi admittido na redacção do *National*, recebendo pelo seu trabalho litterario um vencimento mensal com que sustentava a familia.

Não satisfeito com esta serie de beneficios que obteve para os seus infelizes patricios, alcançou-lhes

[1] *Annaes*, por José Liberato, vol. II, pag. 159 a 172.

[2] *Memorias historicas da emigração*, por Silva Maia, pag. 205; e *Annaes*, vol. II, pag. 162 a 169.

mais trinta mil francos (cinco contos e quatrocentos mil réis), producto de um baile, que a instancias suas deram as damas francezas presididas pela senhora condessa de Flahaut. Toda aquella quantia foi enviada para Brest, e repartida entre os officiaes e os soldados; crer-se-ha por que justo modo? *por igual.*

Mais de uma vez, attento o grande numero dos nossos emigrados em França, quiz o governo suspender-lhes os subsidios, mas logo apparecia o conde de Saldanha, e, oppondo esforços e empenhos, obtinha que a desgraça não se chegasse a realisar. Assim aconteceu quando subiu ao poder o ministerio Polignac. Repetiu-se a ordem de suspensão em junho de 1830, tornou-se a repetir depois da revolução de julho, mas tambem se revogou a suspensão, e tornou-se a revogar por despacho de Guizot, sempre a solicitações do nosso compatriota.

Insaciavel n'este labutar, levou as suas diligencias ao ponto de ver se o governo francez, contra todas as praxes, mandava tambem incluir na relação dos subsidiados os academicos e os paizanos, que estavam morrendo á fome, empenhando-se com os influentes, sobretudo com o general La Fayette e com o mallogrado duque de Orleans.

Conseguiu o milagre, e melhor do que nós o poderá dizer um dos proprios paizanos emigrados, escriptor da epocha. São d'elle estas palavras: «Os progressos e marcha d'esta negociação, tanto no ministerio do interior, como na prefeitura de policia, fazem muita honra ao conde de Saldanha e estão enunciados nos interessantes documentos que eu

tive em meu poder, e li, os quaes têem as datas de 30 de novembro, e 10, 13 e 22 de dezembro de 1830; documentos que provavelmente o conde de Saldanha um dia publicará para honra sua e confusão dos seus emulos, pois que por esta fórma matou elle a fome a muitos centos de emigrados, cujo numero chegou a perto de quinhentos»[1].

Eis o que relata o escriptor emigrado. N'um só ponto se equivocou, foi em julgar que Saldanha publicaria esses alludidos documentos: «que tanta honra fazem (diz o escriptor imparcial) ao caracter e ao coração d'elle».

Não. Saldanha publicava os seus escriptos em 1823, em 1826, na emigração, e no correr da vida, quando, perseguido ou calumniado, lhe cumpria defender-se ou explicar-se; mas dos actos caritativos a penna esquecia-se de escrever. O facto, ficámol-o sabendo, e fica-o sabendo a posteridade, não por elle, mas pelo escriptor citado que nol-o manifesta com os documentos na mão, acrescentando ainda: «Ao arrojo do conde de Saldanha pedindo durante tres mezes de fadigas, de supplicas, de representações e de empenhos, se deveu a inclusão d'aquelles nossos miseros irmãos nas listas dos subsidiados»[2].

Isto em França.

E na Belgica? no Brazil? em terras mesmo da Inglaterra?

Propõe um deputado belga subsidios para os nos-

[1] *Annaes*, por José Liberato, vol. II, pag. 171 a 173.
[2] *Annaes*, citados, tom. II, pag. 172.

sos emigrados na Belgica? Saldanha manda logo a Bruxellas o major Lopes de Andrade, para activar, em seu nome, o bom resultado da proposta, com valiosas cartas de recommendação, e o governo belga concede-lhes o subsidio. Com os do Brazil? Não se póde ali sustentar uma parte dos que demandaram aquelle imperio. Regressam a França, e acham-se a braços com a miseria. Obtem-lhes que sejam tambem incluidos na lista dos subsidiados [1].

É em Plymouth? Vae conseguir para os que luctam com a extrema infelicidade a inclusão na lista indicada. Surgia porém um obstaculo essencial: a não residencia d'elles em França. Para a residencia d'elles em França deviam-se transportar de Plymouth, e, para se transportarem de Plymouth, não possuiam real!

Não desanima Saldanha. Convoca logo alguns amigos, e promove entre elles uma subscripção, cujo producto remette aos infelizes, para que, *sem differença de classes*, possam vir matar a fome com os subsidios do governo francez, que elle promette alcançar-lhes [2].

[1] O jornal belga *L'Emancipation*, de 20 de dezembro de 1830, nos *Annaes*, pag. 173; para o facto do Brazil, pag. 63.

[2] Carta de Saldanha: — Ill.mos srs. — Constando-me por informação de um de v. s.as e por outros caminhos o estado de infelicidade a que, depois que cessaram os soccorros dos quakers de Plymouth, se acham reduzidos alguns dos nossos concidadãos, residentes na mesma cidade, convoquei alguns dos que residem n'esta capital, para com elles examinar se haveria meio de acudir a tão benemeritos como pouco afortunados camaradas. Sendo unanimemente reconhecida a im-

III

Quem abrir o elogio historico do barão da Ribeira

possibilidade de alcançar de uma ou de poucas mãos o auxilio necessario, em tão apuradas circumstancias, resolvemos promover uma subscripção entre os emigrados, nossos compatriotas, que aqui se acham, para com o producto d'ella se darem os meios, aos infelizes de Plymouth, de embarcarem para Saint-Malo, e d'ali se dirigirem para Rennes (França), na esperança de que obterei do governo francez a admissão de mais estes emigrados alem dos que ali se acham estabelecidos.... V. s.as resolverão, como entenderem, quaesquer difficuldades que sobrevenham, tendo porém em vista *que não se faça differença alguma de classes*. Paris, rue des Vignes, 5, Champs Elysées, 22 de agosto de 1831.—Ill.mos srs. coronel Pereira, Francisco Rebello Leitão Castello Branco e Joaquim Carlos Fernandes do Couto.=(Assignado) *Conde de Saldanha.*

Resposta:—Ill.mo sr. José Liberato Freire de Carvalho.—Aqui recebemos a carta de v. s.a de 7 do corrente, avisando-nos da remessa das trinta libras para esta, por via dos srs. Fox Irmãos & C.a, quantia que se acha recebida, e que será distribuida como o conde de Saldanha, em seu nome e no dos outros senhores que compozeram a commissão, ordena de Paris. Este novo serviço, feito aos nossos compatriotas pelo conde de Saldanha, lhe augmentará novas calumnias, porém os verdadeiros portuguezes lhe fazem justiça; e eu espero que um dia a patria, quando seus dignos representantes se reunirem, lhe tributará aquelles agradecimentos de que elle é digno. V. s.a sabe que isto em mim não é lisonja, porque nunca pedi nada ao general Saldanha quando elle tudo podia; fui, sou e serei sempre seu amigo; sempre lhe fallei a verdade; e o avisei em tempo, sempre, quando sabia se tramava contra elle; portanto repito o que acima digo. 84, Union Street, Stone House, Plymouth, 8 de setembro de 1831=(Assignado) *Joaquim Carlos Fernandes do Couto.*—*Annaes*, vol. III, pag. 128 a 133, e mais pag. 222.

de Sabrosa, escripto por Almeida Garrett, lerá estas palavras: «As horas do desterro são longas, todos nos impacientámos com ellas. Nas calamidades geraes é triste e sabido desafogo dos companheiros da desgraça o attribuirem-se mutuamente uns aos outros a culpa d'ella, que ordinariamente é de todos, ou não é de ninguem, que tanto vale»[1].

D'estas palavras do grande escriptor, transparece a idéa tumultuosa da emigração. Fóra do nosso proposito é o descrever aquella enredada epocha dos cinco annos, em que todos padeceram, esperaram e sentiram despedaçar-se-lhes as fibras. Cumpria-nos expor em ponto resumido a missão que Saldanha tomou a si em relação aos seus infelizes companheiros. Assim o fizemos. Indicaremos agora, tambem resumidamente, alguns dos alvitres, que, após a frustrada empreza á ilha Terceira, Saldanha apresentou para se conseguir a restauração liberal.

Offerecendo á regencia portugueza (em Londres) todos os seus serviços incondicionaes, lembrára antes da chegada do sr. D. Pedro á Europa uma expedição, que, entrando por Hespanha, invadisse o norte de Portugal; ao que a regencia declarou que annuiria se não escasseassem então as posses financeiras, apesar de que poderia dar pretexto á intervenção ingleza[2].

[1] Obras de Garrett, tom. XXIII, pag. 399.

[2] Para esta expedição chegára já Saldanha a combinar com o general Mina (Officio de Abreu e Lima á regencia da Terceira, de 22 de novembro de 1830, na *Correspondencia* impressa do conde da Carreira, pag. 327).

Ideou depois alguns projectos para desembarques na costa do nosso reino, que o governo francez se recusou a proteger com o receio de ferir a neutralidade. Apresentada ao conhecido e respeitavel banqueiro Mallot a proposta do official portuguez Pita de Castro, tendente a auxiliar uma tentativa a bem da causa, Mallot respondeu: «O conde de Saldanha é o homem mais dedicado á vossa patria, bem como o mais digno de obter a confiança dos emigrados; se a vossa proposta obtiver o seu consentimento e apoio, podeis contar com todo o meu auxilio». Mallot poz á disposição de Saldanha alguns navios para o momento que julgasse opportuno [1]. Mais. Em agosto de 1832, acompanhando em espirito a causa liberal no perigo em que ella se achava no Porto, apresentou em París a D. Francisco de Almeida (conde do Lavradio), representante do imperador, monsieur Herteaut, que propunha levantar um corpo auxiliar de dez mil homens [2]. Em outubro do mesmo anno foi a Londres, pretendendo por um acto arrojado emprehender um desembarque na Figueira ou em Peniche. Impediu-lh'o a escassez financeira.

Proseguia o tempo.

Tinha chegado á Europa o sr. D. Pedro. Conse-

[1] Sessão da camara dos deputados de 17 de fevereiro de 1835.

[2] Officio de D. Francisco de Almeida ao marquez de Palmella, de 20 de agosto de 1832 (*Correspondencia do duque de Palmella,* vol. IV, pag. 775); Officios do marquez a D. Francisco, de 24 de agosto e de 16 de setembro (*Correspondencia* citada, pag. 791 e 823).

guira o conde de Villa Flor penetrar na ilha Terceira, e de abril a agosto d'aquelle anno occupar a ilha do Fayal, submetter a de S. Miguel, ficando todo o archipelago sob o regimen da liberdade. Em fevereiro de 1832 o imperador, embarcando em Belle-Isle, na fragata *Rainha de Portugal*, publicára o seu manifesto. Aportando á ilha Terceira a 3 de março, nomeia o ministerio, que enceta as memoraveis reformas administrativas e financeiras, gloria d'elle e do regente que as sanccionou. Transfere-se em fins de abril a séde do governo para a ilha de S. Miguel, d'onde a 27 de junho parte a aventurosa expedição, que a 8 do mez seguinte desembarca na praia do Mindello, e a 9 entra na cidade do Porto, que os realistas evacuavam.

Saldanha não acompanhava a expedição.

Porquê?

CAPITULO XVII

DOIS LUCTADORES: ABSOLUTISMO E LIBERDADE

Rebentára a revolução franceza.

Parece lei providencial, que sejam exactamente os adversarios da liberdade que a hajam de facilitar, de a tornar indispensavel, e de lhe entreabrirem a estrada para ella irromper.

Aquelle facto estupendo da moderna capital do mundo soou como grito de álerta na Europa toda. Acordava a Europa do lethargo em que o governo unitario da realeza a adormecêra por seculos. A idéa bruxuleava das trévas sociaes em que jazêra. Surgia a emancipação das gentes á voz do direito, emancipação ainda infantil, mas com o vigor concentrado para depois se transmittir electricamente.

Rompeu.

Quando a idéa se desenvolveu entre nós, encontrou já instruida a geração, que as reformas do marquez de Pombal tinham educado nos principios de uma transformação completa, que o iniciador prevíra com a larga vista d'aquella intelligencia assombrosa.

Os martyres portuguezes da nova civilisação eram

sacrificados no anno de 1817 em holocausto de sangue; mas a liberdade, se póde ser comprimida, não consente ser suffocada, e, assim como a agua rega as plantas, o sangue fecunda as idéas por cujos fructos a humanidade anceia.

D'ali a tres annos, a 24 de agosto de 1820, a cidade do Porto soltava um grito, que recebia o consenso geral da nação.

Negro periodo antecedêra a revolução que emancipava um povo opprimido. Desanimára a industria fabril, dos emprestimos forçados resultára a praga do papel moeda, a par dos tributos, e na presença das successivas invasões do barbaro estrangeiro, que talára os nossos campos, assassinára a nossa gente, e opprimira a nossa terra. Ao exercito impunha jugo, e ao governo influencia, nação estranha, alliada nossa. Não nos tinhamos verdadeiramente libertado; mudáramos apenas de senhor. Só eramos independentes em nome. A patria aguardava do outro hemispherio, onde residia o poder supremo, as providencias salvadoras; mas o oceano afogava os gemidos da patria.

A nação reassumiu o direito que lhe pertencia. Foi isto a revolução de 20.

A reacção de 1823 abafára a reforma constitucional. De novo refloriu, para outra vez a comprimir o regimen do absolutismo, até que a final, no anno de 1832, despontou no alto mar a esquadrilha dos intrepidos aventureiros, que desfraldavam, já nas aguas portuguezas, a bandeira da liberdade.

É o Absolutismo o oceano solitario, mudo, abo-

badado completamente de nuvens, navegando o navio com a marinhagem sempre álerta, assustada, cuidadosa, e singrando entre dois perigos, o do raio e o do abysmo. É a Liberdade o espaço abrilhantado pelo sol, aqui e alem salpicado de nuvens, que umas vezes se desfazem com a aragem, outras dão em chuva de estio, outras empanam, como transparente manto de gaza, o astro que aliás não deixa de alumiar a terra.

N'aquelle dia iniciava-se a pugna decisiva entre as duas causas que dividiam as opiniões no torrão que a todos dera o ser, e em que todos receberam do Creador uma rasão individual para se considerarem verdadeiramente homens, e, como homens, cidadãos.

Mas que dois principios, ou antes, que dois luctadores são esses, luctadores de morte, que desde o começo do seculo se travam enfurecidos, sem dar quartel, espumando raiva, já victorioso um d'elles para em breve caír na arena, já surgindo de novo, e fazendo desapparecer o contrario? hoje bandeira branca, bandeira azul ámanhã! hoje proclamado um homem, ámanhã victoriada uma idéa! de anno para anno mais se concentram os dois nas proprias forças, e por fim, cansados de tanto lidar, entreolham-se soberbos para esgotar cada um os ultimos arrancos no acto que prevêem derradeiro da sua pugna mortal.

Que dois luctadores são esses? Chamaram-lhes: o Absolutismo e a Liberdade.

Um d'elles, ancião de oito seculos, respeitavel por

suas cans, e cioso, ao extremo, da sua auctoridade. Gentileza e distincção, a que a epocha de hoje não attinge, ninguem se poderia gabar de a ter, como elle. A patria, á similhança da antiga Roma, era o seu idolo; a ella sacrificaria o proprio genero humano. Ao sentimento religioso dobrava os joelhos, sobre os evangelhos prestava juramentos com verdade; era-lhe norte a fé ardente; invocando-a convicto, arriscava por ella a vida nos territorios africanos, e descobria mundos em regiões mysteriosas. Rija tempera lhe fortalecia o braço, e a espada que empunhava sacrificava á dignidade. Sentia por quanto era da sua terra ciumes de poeta, e por mais bellas cousas que á phantasia lhe apresentassem de terras estranhas, de todas essas bellezas desdenhava, por não serem nacionaes. Tinha o espirito probo: o que era, era. Quasi toda a sua existencia levára a combater, a alargar as fronteiras do paiz com a convicção sincera, sem se corromper sacrificando ao deus-dinheiro. Honrava-o a abnegação, e ao egoismo oppunha o desinteresse. Queria o bem, como o outro tambem quer, mas queria-o dando-o elle só, como concessão propriamente sua, e não como obrigação que lhe exigissem, nem como direito que lhe invocassem.

Era nobre esta instituição do velho regimen; mas, acabâmos de escrever a palavra, envelhecêra. Ainda mais: tinha um reverso a medalha, como todas as medalhas. Para elle o torrão jazia escravo por duas vinculações que prendiam duas terças partes do solo nacional: a vinculação do mosteiro e a do morgado,

Presa jazia a intelligencia, que só se podia expandir com licenças previas, escravo o pensamento, a palavra, a reunião, as industrias; as classes concentravam-se em si proprias sem lhes ser dado saír de suas espheras; o lar podia ser violado; a nação não apparecia como sociedade fundada no direito natural; o individuo, a que hoje chamâmos cidadão, era nominalmente homem, realmente vassallo. O ancião de oito seculos amava o rebanho, mas dominava-o, consubstanciando nas leis a sua vontade exclusiva. A nação era elle.

O outro luctador, que na frente se apresentava áquelle velho, não tinha por si a tradição dos feitos, nem o prestigio da gloria. Era moço, ardente, desinquieto, palrador. Parecia trazer em si a electricidade. Não o prendia demasiado o respeito ás conveniencias, e deixava-se levar por uma certa facilidade no interesse da individualidade propria. Mas, o que no seu contendor apparecia como reverso, era n'elle a frente da medalha. Ao povo desejava dar o direito. Intentava arrancar o homem á tyrannia do homem. A todos considerava iguaes diante da lei; trazia emancipado o pensamento; a quem desejasse a penna, offerecia a penna, a tribuna a quem ambicionasse a tribuna; livres proclamava as industrias e a terra; inviolavel o segredo reciproco, o lar e a vida humana; para elle a soberania não significava a concentração dos direitos de todos n'uma unidade absoluta, mas simplesmente a auctoridade restricta, symbolica e executiva d'esses direitos. Como o seu illustre adversario, queria igualmente o bem, mas

queria-o pelo consenso geral, e não pela vontade de um só; pelo direito nacional, e não pela concessão facultativa. O seu adversario proclamava o homem *theorico, morto;* o moço athleta queria o homem *pratico, vivo.*

A causa da liberdade, encerrada nos muros do Porto, está quasi moribunda, apesar dos esforços de todas as heroicidades.

Quem será chamado para a salvar?

Um homem ha de ser.

CAPITULO XVIII

A SALVAÇÃO DO PORTO POR SALDANHA

I

Um homem salvará a causa da liberdade portugueza, escrevemos.

Urge assentar de uma vez a questão positiva, franca, se o duque de Saldanha foi unicamente um denodado militar, como denodados foram tambem os seus companheiros de armas, ou se elle, por circumstancias especiaes, se sobrelevou na salvação da causa liberal. Hoje que os ouvidos do marechal já não podem escutar a voz da historia, forçoso é que o ponto appareça á luz da verdade. Conquistou-lhe a morte esse direito

No dia 26 de janeiro de 1833 chegava ás aguas do Porto o conde de Saldanha, com alguns companheiros da emigração, e na manhã de 28 effectuava o seu desembarque.

Mas porque não figurava o conde de Saldanha entre os seus camaradas desde o dia 9 de julho do anno anterior em que a expedição liberal aportára á praia do Mindello?

Aprestava-se em França a expedição, quando, escolhido previamente o conde de Saldanha para chefe do estado maior do sr. D. Pedro, este, mandando-o chamar no dia 13 de janeiro de 1832, lhe communicava que o embaixador de Hespanha promettia em nome do seu rei a neutralidade na futura guerra civil portugueza, sob a clausula de que Saldanha não fosse á frente da expedição, e que, dado o caso contrario, Fernando VII interviria com um exercito de quarenta mil homens.

Saldanha não só explicou immediatamente no jornal francez *Le National*, a cuja redacção pertencia, a historia d'estes factos, como tambem a narrava n'uma circular (de 13 de janeiro) dirigida aos seus amigos, declarando-lhes que, tendo sido chamado n'aquelle dia a uma audiencia pelo sr. D. Pedro, sua magestade lhe participára que a diplomacia oppunha obstaculo a que elle fizesse parte da expedição [1].

Mas ignorava a Hespanha que na expedição, alem do imperador, vinham cabos de guerra de um valor extremo? A um só temia? Se a victoria de sete mil e quinhentos contra um exercito relativamente formidavel, e em verdadeiro pé de guerra, se lhe afigurava um impossivel, acreditava na felicidade do exito só porque a chave d'aquelle impossivel fosse entregue a um homem? É porque a Hespanha co-

[1] Esta circular, hoje rarissima, encontra-se na bibliotheca nacional de Lisboa, e devemos o conhecimento d'ella ao nosso prezado amigo o sr. Antonio da Silva Tullio, digno conservador da segunda repartição d'aquelle estabelecimento.

nheoia de muito o distinctissimo official da guerra peninsular, o vencedor de Artigas na America, o celebre ministro de 1826, e considerava o nome d'elle iman da victoria. O tempo se encarregará de mostrar que a diplomacia tinha rasão.

Não era só a diplomacia que da expedição afastava Saldanha. Outro motivo se levantava, é notorio esse motivo, e d'entre muitos escriptores o declara uma testemunha imparcial n'estes termos: «Fundava-se (a causa que o afastava) do baixo ciume produzido pela popularidade que Saldanha tinha no exercito e no povo, temendo-se-lhe a influencia nos futuros destinos da patria, e por isso o quizeram sempre arredar de todos os negocios, até que se viram com a corda na garganta, e então gritaram por elle que os viesse salvar, e *elle os salvou*»[1].

II

Largou ferro a expedição, e Saldanha ficou em França.

«O que Deus faz é por melhor.» —Nunca o rifão nacional teve cabida mais acertada. Quem diria áquelle que ficava, que o ficar lhe seria gloria maior, o triumpho mais solemne que nunca homem recebeu? E, comtudo, meditando n'este facto, não acode porventura ao pensamento a utilidade da resignação

[1] *Annaes*, por José Liberato Freire de Carvalho, vol. III, pag. 140.

nos dissabores, quando a experiencia da vida ou o exemplo da historia vê dos desgostos florirem prazeres? das lagrimas sorrisos?

III

Que tinha succedido?

Entrando no Porto a expedição liberal a 9 de julho de 1832, marcha para Penafiel, d'onde retira com receio da agglomeração das forças contrarias. A acção de Ponte Ferreira, que embora favoravel aos liberaes os não deixa avançar (como deviam, segundo a advertencia de Napier), e o desastre de Souto-Redondo, convenceram o imperador de que por então devia renunciar á guerra offensiva, e entrincheirar os liberaes na segunda cidade do reino. A actividade proverbial, o zêlo e a ferrea vontade do regente honram-lhe a memoria. Foi heroico o Porto no trabalho das linhas. A 8 de agosto os liberaes têem de renunciar a Villa Nova de Gaia, d'onde o valorosissimo Bernardo de Sá Nogueira, apesar de varado um braço que depois lhe amputaram, sustenta galhardamente a retirada das forças para a cidade. N'este dia e nos dois seguintes a Serra do Pilar, defendida pelo destemido Torres, não se deixa caír nas mãos dos realistas. A 29 de setembro recebem um ataque geral nas linhas offerecendo uma resistencia tenaz, commandando o intrepido conde de Villa Flor.

Desde esse dia porém torna-se apathico o estado da guerra; as infructiferas e inconcebiveis sortidas

em novembro e dezembro, aggravadas com a escassez dos comestiveis e os estragos do bombardeamento, desanimam as esperanças dos sitiados, e não podem impedir que o exercito sitiador prosiga nas suas fortificações, que se tornam inexpugnaveis. São unanimes n'este ponto as fontes historicas. O conde de Villa Flor, general de uma valentia e sangue frio extraordinarios, conhecendo-se incompetente para dirigir a campanha, tinha offerecido a sua demissão do commando em chefe, a qual lhe era acceita por carta regia de 5 de novembro, sendo elevado ao mesmo tempo a duque da Terceira pelos seus serviços relevantes. O sr. D. Pedro assumia o commando, e para chefe do estado maior imperial era mandado convidar um general estrangeiro.

Veiu Solignac.

Mas em que estado se achavam as cousas?

Em agosto de 1832 escrevia o imperador para Londres ao marquez de Palmella, declarando-lhe que nem já mesmo podiam retirar do Porto para os Açores por causa da esquadra inimiga, e que por isso em conselho se resolvêra escrever-se uma carta a lord William Russell «para elle propor alguma cousa ás duas partes belligerantes»[1]. O marquez respondia ter pedido a intervenção do governo inglez para evitar o risco imminente da pessoa do imperador, para salvar os liberaes da horrorosa tragedia que se seguiria se tivessem a desgraça de cair em

[1] Duas cartas do imperador ao marquez de Palmella, de 15 de agosto de 1832 (*Correspondencia do duque de Palmella*, vol. IV, pag. 770 e 772).

poder do inimigo, e, no caso de catastrophe completa, para que uma parte da esquadra ingleza fosse ver se transportava a força liberal para os Açores[1].

No intento de acudir ao estado em que se achava a direcção militar da campanha, escrevia ao conde de Flahaut a ver se obtinha um general estrangeiro de primeira ordem, assegurando-lhe que o conde de Villa Flor «de boa vontade e de todo o coração lhe cederia o commando»[2], e a 5 do mez seguinte diz a Palmella o imperador que, para tomar o commando em chefe, como elle Palmella e Villa Flor desejam, é necessario que Villa Flor peça a demissão por escripto[3]. Em dezembro havia uma tal difficuldade para obter no estrangeiro um general que viesse tomar no Porto a direcção militar, que já se acceitava o general Romarino, por se offerecer espontaneamente[4], e o imperador dizia a Palmella: «Seja quem for, o que desejo é que seja capaz»[5]. A 7 do mesmo dezembro a imperatriz regosijava-se com Palmella por este haver obtido o general Soli-

[1] Carta do marquez de Palmella ao imperador, de 24 de agosto de 1832 (*Correspondencia do duque de Palmella,* citada, vol. IV, pag. 785); carta de Palmella a Agostinho José Freire, de 28 do mesmo mez (*Correspondencia* citada, vol. IV, pag. 788).

[2] Carta de Palmella ao conde de Flahaut, de 28 de agosto de 1832 (*Correspondencia* citada, vol. IV, pag. 796).

[3] Carta do imperador a Palmella, de 5 de outubro de 1832 (*Correspondencia* citada, vol. IV, pag. 844).

[4] Carta do imperador a Palmella, de 10 de dezembro de 1832 (*Correspondencia* citada, vol. IV, pag. 848).

[5] Carta de 10 de dezembro, citada.

gnac[1]. Volvidos quatro dias tornava Palmella á imperatriz: que a chegada de Solignac ao Porto havia de ser de grande auxilio para reanimar os espiritos[2]; mas tambem seis mezes depois o mesmo Palmella declarava com uma imparcialidade que o honra: «Foi uma grandissima desgraça ter vindo Solignac; ninguem absolutamente tem n'elle a menor confiança»[3]. E ás affirmativas conscienciosas nas cartas dos poderosos, que tudo sabem, faziam côro as vozes dos povos que tudo adivinham, e assim o testemunhava o povo do Porto na incognita dos seus pasquins:

Que tem feito Solignac?
Brigadeiro a Schwalback[4].

E era exactamente a 24 de janeiro d'esse anno de 1833, no proprio dia em que Solignac, estreiando-se no commando *salvador*, abandonava ao inimigo o importantissimo monte do Crasto na Foz, que Palmella, repellindo da maneira mais nobre e mais digna certas arguições do nosso governo sobre o desempenho da sua commissão politica, declarava de Londres ao imperador ter occultado officialmente a

[1] Carta da imperatriz a Palmella, de 7 de dezembro de 1832 (*Correspondencia* citada, vol. IV, pag. 851).

[2] Carta de Palmella á imperatriz, de 11 de dezembro de 1833 (*Correspondencia* citada, pag. 858).

[3] Carta do duque de Palmella a Abreu e Lima (conde da Carreira) de 7 de junho de 1833, na *Correspondencia do conde da Carreira*, pag. 93.

[4] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro (Londres, 1836), pag. 187.

lord Palmerston a *fraqueza* em que estava a causa liberal, e recordava ao mesmo imperador as suas proprias palavras dirigidas a elle Palmella: «A suspensão de armas *para nos salvar* deve ser dentro de trinta dias da data da minha escripta (16 de novembro)»[1].

Tal era o estado do Porto na crise do perigo, e da direcção superior da guerra, na presença de toda esta fonte historica preciosissima!

IV

Não tinham decorrido ainda quatro mezes depois do desembarque no Mindello, quando perante o estado de perdição em que se achavam os liberaes na cidade do Porto, um grito geral do exercito e as vozes unanimes do povo, a necessidade e a opinião publica, reclamaram o chamamento de Saldanha como a salvação da causa que se julgava perdida. São todas as fontes da historia, todos os factos, que a um tempo o testemunham: nacionaes e estrangeiros, amigos e contradictores, chronicas e outros documentos officiaes.

«Vivendo Saldanha como desterrado em França (diz um dos escriptores da epocha) por um d'esses actos de ciume, porque sendo elle em Portugal um portuguez fiel e um general, tinha sido pouco cava-

[1] Carta de Palmella ao imperador, de 24 de janeiro de 1833 (*Correspondencia* citada, pag. 862).

lheiramente privado de se unir aos seus irmãos de armas e de partir com elles para o Porto, só foi ultimamente e *na hora do perigo* mandado ir para aquella cidade quando os negocios militares estavam como perdidos, e a voz publica e o exercito em altos gritos o chamavam como o salvador dos destinos da patria[1].»

«N'estas circumstancias de aperto (escreve o auctor da *Historia do cerco)* recebeu a sua exoneração o conde de Villa Flor... era emfim chegado o tempo de ter menos contemplação com os nomes, pelo menos emquanto se não achasse pessoa que *salvasse a causa constitucional;* foi então... que lembraram os generaes portuguezes ainda proscriptos, e particularmente Saldanha, a quem o espirito de partido, acobertado com a politica do gabinete de Madrid, tão injustamente desviára de tomar parte na lucta civil do paiz; foi então que se chamaram para o Porto com elle todos os militares que ainda estivessem em paiz estrangeiro com a unica excepção do coronel Pizarro[2].»

O almirante Napier, que na guerra liberal quinhoeiro foi tambem de louros tão gloriosos, escreve que no dia 28 de janeiro desembarcavam na Foz os generaes Saldanha, Stubbs e Cabreira, e que, apesar de estar a causa já *sem esperanças,* obedeceram com presteza ao chamado, tomando então Saldanha o commando da linha esquerda, e estabelecendo o seu

[1] *Annaes,* por José Liberato, vol. III, pag. 334.
[2] *Historia do cerco do Porto,* pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 72.

quartel general na Foz, a posição mais arriscada de toda a linha da defeza [1].

Decorridos dois annos, um jornal celebre, apesar de estar fazendo a Saldanha opposição violenta, rendia-lhe justiça, declarando que, «não havendo no Porto outro meio de vencer o inimigo senão o de lhe oppor a força junta com a pericia militar, e que, mandado ali regressar o general Saldanha, recebido com os braços abertos pelo exercito e pelos habitantes que suspiravam pela sua vinda, segurou o desembarque na Foz, e o *Porto sustentou-se*» [2].

Lê-se n'outro escriptor: «Foi necessaria a crise que se deu no Porto, quando esta cidade estava occupada pelas forças constitucionaes, e já lavrava o desanimo entre os defensores do throno e da rainha, para se salvar por sobre as intrigas palacianas e diplomaticas, e para se invocarem então os nobres sentimentos d'aquella alma sempre generosa (vem referindo-se ao marechal Saldanha) para acudir em soccorro da causa, que então se achava em verdadeiro perigo; o patriota não hesitou um momento, partiu immediatamente para a cidade, que, cercada de todos os lados, falha de recursos, e quasi desanimada já, *collocava unicamente as suas esperanças nos talentos do illustre marechal e na felicidade da sua espada*» [3].

«Foi a necessidade de *salvar uma causa quasi moribunda* (lê-se no artigo biographico de um escriptor

[1] Napier, *Guerra da successão em Portugal*, vol. I, pag. 115.
[2] *O Nacional*, de 25 de maio de 1835.
[3] *Revista Contemporanea*, 1855, n.º 5.

auctorisado e respeitabilissimo) que obrigou D. Pedro a chamar Saldanha em soccorro d'essa mesma causa»[1].

Poderamos acrescentar ainda mais provas se não achassemos demonstrado em demasia o ponto.

Aprazem, de ordinario, aos reis os cortezãos que os adulam, emquanto por outro lado lhes não agradam os amigos sinceros que na guerra sacrificam por elles a vida, e na paz lhes expõem as grandes verdades com a virtude da independencia. O sr. D. Pedro, depois amigo intimo, admirador enthusiasta de Saldanha, e tão apreciador dos seus serviços (como ao diante se mostrará), dera ouvidos em Paris á calumnia que eivava de republicanos os sentimentos do conde; mas o merito singular a todas as tempestades sobrenada, e, perante a salvação da causa, no momento solemne da perdição, attendeu ás reclamações unanimes, e chamou o general para se lhe lançar nos braços. Foi um acto justo do imperador.

Demonstrado acabou de ser, pelo conjuncto das fontes authenticas, assim como o está pela tradição viva, que Saldanha, abandonado quando a sua presença não fôra julgada indispensavel, era agora chamado no momento em que o perigo se tornára imminente, e quando já não tinham para quem appellar.

Satisfez Saldanha á espectativa unanime?

Vamos vel-o dentro de momentos.

[1] Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, *Universo Pittoresco*, 1843, pag. 62.

V

Assim desembarcava o conde de Saldanha na Foz n'aquelle dia 28 de janeiro de 1833.

Ao saberem-no desembarcado ordenára-se aos juizes dos bairros que affixassem editaes prohibindo foguetes e reuniões do povo, mas dos editaes zombaram todos [1].

Que situação original! Mandavam-no chamar para salvador, e incommodava-os a salvação que d'elle aguardavam! Queriam-no, porque o julgavam indispensavel, e ao mesmo tempo sombreava-os a grandeza do vulto! mas a justiça do tribunal popular pronunciou a sentença na superior instancia.

Desembarcado que foi na Foz, voou a noticia até o Porto. Homens e mulheres do povo, soldados e officiaes, todos queriam ver e conhecer o general Saldanha.

Da Foz partiram para a cidade elle e os seus companheiros. Ao longo do caminho se lhe foram apresentando os que da cidade tinham saído alvoroçados para o receber. A entrada no Porto foi esplendida. Apesar das prohibições, as janellas apinhavam-se de familias, as ruas enchiam-se de povo, o exercito ardia em enthusiasmo, as acclamações e os vivas atroa-

[1] *Memorias da campanha do sr. D. Pedro em Portugal*, pelo general brazileiro Raymundo José da Cunha Mattos (testemunha presencial) Rio de Janeiro, 1833, vol. II, pag. 218; *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 14; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano.

vam os ares. Homens e mulheres houve que d'entre a chusma corriam para Saldanha, para o verem mais de perto e o saudarem com palavras da maior affeição e carinho[1]. «Saldanha foi muito victoriado no transito, diz um escriptor inglez, testemunha presencial, e parecia ter uma grande popularidade pelos vivas que tambem recebia da tropa»[2]; e, ainda outro escriptor estrangeiro: «Saldanha tinha chegado ao Porto, onde era adorado, tanto pelos habitantes, como pelo exercito»[3]. O enthusiasmo unanime fazia d'aquella entrada um verdadeiro triumpho.

«Repetiram-se as ordens, lê-se no *Diario* de um general estrangeiro que foi testemunha de tudo, para não se darem vivas nem haver regosijos publicos; como hoje (28 de janeiro) se espera no theatro o general Saldanha, mandou a policia reunir no mesmo theatro duzentos cabos para prenderem aquelles que lhe dessem vivas... o mesmo general Saldanha no meio d'esta famosa e baixa intriga tem-se mostrado cavalheiro dignissimo de todo o respeito e estimação»[4].

[1] *Memorias da campanha*, pelo general Cunha Mattos, citadas, vol. II, pag. 220; *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 14, e *Memorias*, do mesmo, pag. 353; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano.

[2] Badcock, *Rough leaves from a journal kept in Spain and Portugal during the years, 1832-1833, and 1834*, pag. 192.

[3] *A guerra civil em Portugal e o sitio do Porto*, por um estrangeiro, pag. 155. É o coronel Owen, testemunha presencial.

[4] *Memorias da campanha*, pelo general Cunha Mattos, citadas, vol. II, pag. 200.

No dia seguinte, logo depois de Saldanha visitar a linha das fortificações, inquiriu-lhe o imperador como ellas lhe pareciam.

— «Pessimas, respondeu-lhe Saldanha; ha quatro sitios por onde se póde penetrar na praça, e, se no exercito inimigo houver um homem só que veja a situação, vossa magestade, hermeticamente encerrado, vae ser obrigado a render-se. O inimigo tem uma fortissima bateria em Serralves, e d'ella até o rio não dista senão meio quarto de legua. Fazendo o inimigo descer ao Douro a linha de Serralves, será *absolutamente impossivel* receber munições de guerra e viveres.»

Impressionado o imperador com as informações de Saldanha, logo convocou para conselho os generaes e officiaes de engenheria, que unanimemente se convenceram da opinião do recemchegado general, mas expozeram a impossibilidade de fortificar uma linha ao longo de uma legua, e, mesmo quando se fortificasse, a outra impossibilidade de ser guarnecida, pois que cinco mil homens mal chegariam para a defender.

Saldanha respondeu ao imperador que as informações dos engenheiros podiam ter fundamento, mas que o perigo nem por isso deixaria de ser cada vez mais imminente. «Vossa magestade não perderá muito commigo, dê-me quinhentos homens, eu passarei com elles para fóra das fortificações, e verei o que se póde fazer»[1].

[1] *Narrativa* de Saldanha, de 22 de outubro de 1866, pu-

Urgia o caso instantemente. O monticulo, coroado de pinheiros, apoiado á fortaleza da Foz, situada na embocadura do Douro, dominava completamente a praiasinha em que desembarcavam todas as munições de guerra e os viveres para a guarnição e para os habitantes da cidade.

Como se vê, n'aquelle ponto é que estava a perda completa ou a salvação da causa liberal, e esse ponto que se achava aberto e quasi perdido era exactamente o que menos aberto devia estar, por ser o da vida ou morte do exercito constitucional, que *n'aquella primeira quadra* (note-se) *não possuia no reino senão a cidade do Porto,* e, o não possuir senão a cidade do Porto, é que é a raiz da questão. Rendida a cidade não havia para onde appellar, e, interceptada a Praia da Foz, só restava o fatal recurso de se entregarem todos ao inimigo. Não é hoje licito o ignoral-o.

Eis em resumo o que diz um dos escriptores do cerco: É muito para lastimar, que no systema das fortificações de D. Pedro se não curasse de fortificar desde logo como livres (cobrindo-as igualmente das surprezas do inimigo) as communicações do Porto com o mar, não sómente para haver os generos de que se necessitava, mas tambem para receber os reforços dos bravos, de que tanto se carecia, o material de guerra e os meios pecuniarios, *sem os quaes o exercito libertador seria dentro em breve levado ou a*

blicada no *Jornal do Commercio,* de 26 d'aquelle mez, e transcripta n'outros jornaes.

render-se por falta de mantimentos, ou a entregar-se por falta de munições. Conseguintemente, a Foz, e todo o mais territorio que de lá vem até Lordello não foi incluido na primeira linha de defeza[1].

Com muito chiste o explica (em apropriada imagem) o escriptor inglez Badcock, testemunha do occorrido: «Os miguelistas estavam para cortar as nossas communicações com a Foz, e era evidente que se o inimigo tomasse posse d'aquella passagem, *entre a casa do jantar e a cozinha*, ficariamos sem jantar[2]». Na engraçada imagem de Badcock, o Porto era a casa do jantar, a Foz a cozinha, *e o ficar sem jantar* era morrerem todos á fome, ou, em termos mais claros, ter o Porto de se render.

O importante monticulo abandonára-o o general Solignac, e occupára-o o inimigo, que a distancia de meio tiro de espingarda levantára um grande reducto com peças de calibre 24. E para o abandonar, tinha Solignac perdido trezentos homens na acção de 24 de janeiro! a um tempo estreia sua e seu funeral.

Mostrada logo a Solignac por Saldanha a urgencia de occupar o monticulo do *Pinhal*, onde se jogava a sorte da causa, Solignac respondeu-lhe que não seria temeridade unicamente, mas loucura o emprehender tomar o monticulo nas novas condições em que se achava defendido, e ordenou positivamente a Saldanha que o não tentasse fazer.

[1] *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, cap. I.
[2] Badcock, citado, pag. 196.

«Saí na maior afflicção de casa de Solignac, escreve Saldanha, convencidissimo de que tudo estava perdido se o monticulo não caísse em nosso poder.»

Qual seria o subordinado que em taes circumstancias desobedecesse ao chefe do estado maior imperial, e assumisse uma responsabilidade d'aquella ordem? Nenhum. Pois foi Saldanha.

Respondendo a um segredo, que os homens excepcionaes, como elle, costumam revelar a si proprios, certo de que se perderia a causa da liberdade e da rainha, não hesitou um momento. Era o seu Rubicon. Para estes casos é que nasceram aquelles homens; para estas responsabilidades é que Deus fadou aquelles engenhos. Saldanha desobedeceu ao chefe do estado maior, mas para taes desobediencias é necessario ter fé no destino proprio, pois que o resultado nefasto da empreza paga-se com a vida no campo da honra, ou encostado a um poste, com os olhos vendados, se houve prudencia demasiada na presença do inimigo.

Na seguinte noite o desobediente general atacava á bayoneta, com quatro companhias, o piquete realista, desalojava-o e occupava o indispensavel monticulo.

Decorrida meia hora, Solignac pedia informações sobre o fogo que ouvira. Saldanha mandava-lhe responder que se havia apoderado do monticulo, e que força nenhuma dos contrarios seria já capaz de lh'o arrancar. Em seguida ordenava todas as providencias para se abrigar do fogo das baterias inimigas. «Tenho a convicção, diz Saldanha, de que a minha

desobediencia ao general salvou a causa que eu defendia»[1].

Na presença d'aquelles factos recebêra Saldanha o commando de toda a referida linha esquerda (intitulada da Foz), a posição quasi completamente desfortificada, sendo aliás a mais exposta e a mais importante de toda a linha da defeza, e ali estabelecia o seu quartel general.

VI

É uma serie de prodigios a historia das fortificações da Foz, que salvaram o Porto, e que se deveram á suprema indicação e actividade de Saldanha.

Escreveu o *Times* que as fortificações saíam de sob os pés de Saldanha como por encanto. — O *Times* não foi senão um echo. «A tradição, disse um poeta, é como a luz de alguns astros, desapparecidos ha milhares de annos, que brilha ainda no firmamento». Ide á cidade invicta, interrogae pedra por pedra, e, se as pedras vos não responderem, interrogae a tradição viva, e ella vos responderá quem salvou o Porto; mas que prova não daria da ignorancia dos novos processos da historia, da historia-sciencia como o seculo a fundou, quem unicamente invocasse a tradição, que é todavia ali, por não dizer no reino todo, fonte genuina d'aquella prova?

Ponhâmos pois de lado a tradição, embora ainda palpitante, e abrâmos os documentos irrespondiveis pela uniformidade nas asserções, pelo testemunho

1 *Narrativa* de Saldanha, citada.

ocular, pela insuspeição. Temol-os abundantes defronte de nós, e o nosso receio é, antes, o enfadarmos o leitor. Esperâmos porém conciliar tudo, e satisfaremos ás provas dos pontos capitaes d'este capitulo, baseando-nos principalmente nas fontes primitivas.

N'uma d'essas fontes — e uma das mais preciosas, por ser de um general estrangeiro, e testemunha ocular, Cunha Mattos — vê-se logo a ancia das fortificações desde o momento em que a Saldanha foi dada em fevereiro a defeza da linha da Foz. Ao chegar Solignac ao Porto, vinte e seis dias antes de Saldanha, exclamava, olhando para o terreno das duas margens do rio: «Oh! as cousas estão por este modo!» e o descontentamento dos liberaes era tal que a propria chronica official escrevia: «A fortuna muitas vezes desampara o partido da rasão»[1]. Chega Saldanha, recebe a direcção d'esta parte da linha, não podendo portanto (diz o general estrangeiro) ser entregue a defeza em mãos mais habeis[2]; e o que se vê logo? Responda o *Diario* do mesmo general, escripto no proprio momento dos factos:

«Fevereiro 14 — Marcharam tropas para Lordello, a fim de se levantarem baterias no monte do Pastelleiro, na quinta de Salabert, e no jardim Wanzeller, contra as que o inimigo está construindo[3].

[1] *Memorias da campanha do sr. D. Pedro no reino de Portugal*, pelo general brazileiro Raymundo José da Cunha Mattos, vol. II, pag. 194 e 260.

[2] *Memorias* citadas, vol. II, pag. 245.

[3] *Memorias* citadas, vol. II, pag. 233.

«Dia 15—As baterias realistas em frente de Lordello vão ser flanqueadas pelas obras dos constitucionaes.

«Dia 16—Continuam *com grande actividade* as baterias nas linhas de Lordello.

«Dia 19—Os constitucionaes augmentam *a toda a pressa* as baterias[1].» E assim, n'esta verdadeira febre vae ardendo o *Diario* do escriptor, que em si reflecte successivamente a febre das fortificações até 4 de março, dia solemne, como veremos.

O coronel escocez Shaw escreveu: «Chegando Saldanha ao Porto, recebeu o commando das linhas da Foz, e eu muito satisfeito fiquei de ser commandado por um general tão bravo, tão intelligente e consummado como elle era. *Saldanha salvou então a causa* por seus esforços na esquerda da linha desde Lordello até á Foz, tendo commettido Solignac o erro grande de abandonar o importante monte do *Crasto*, e a loucura de permittir ao inimigo que levantasse a bateria, de Serralves. Saldanha *viu logo* a necessidade de tomar a bateria, e brilhou mais que tudo pela maneira maravilhosa por que fez as fortificações... Emquanto Solignac dormia, Saldanha trabalhava, porque é um soldado independente e bravo, e *foi só devido a Saldanha o ter-se salvado a Foz*. Quando o perigo é maior, é que se póde verdadeiramente avaliar o que seja Saldanha»[2]. E, não con-

[1] *Memorias* citadas, vol. II, pag. 235 e 237.

[2] Shaw, *Personal memoirs and correspondence of colonel Charles Shaw, comprising a narrative of the war for consti-*

tente com todas estas affirmativas no seu livro, ainda Shaw repete nas cartas que lhe são appendice: «Saldanha com a batalha de 4 de março *salvou o Porto*, mas eu receio que as intrigas não deixem acreditar o facto» (General Saldanha has saved Oporto, but I fear intrigue won't give him credit) [1]. Grande confissão n'aquelle momento, e precaução não menor para os vindouros.

N'este resumo do escriptor estrangeiro, e testemunha ocular, não só se vê o prodigio das fortificações, como tambem se principia a conhecer a maneira por que Saldanha conseguia o prodigio.

O coronel inglez Hodges, testemunha tambem presencial, diz: «N'aquella linha da Foz, Saldanha era activissimo e costumava pôr em pratica a sua natural sagacidade e coragem» [2].

Venha á barra outra testemunha insuspeita: «Desembarcando no Porto em janeiro de 1833, Saldanha achou aquella nobre cidade e o valente exercito que a defendia *como já quasi nas mãos do inimigo*... por uma rara felicidade se deu a Saldanha o commando do districto da Foz... Para defender a estrada da Foz e conservar a communicação com o mar, communicação que por inepcia estava quasi cortada, começou logo a fazer o reducto chamado do *Pastellei-*

tutional liberty in Portugal, vol. II, pag. 12, 13, 14 e 256, e carta XCV.

[1] Shaw, obra citada, pag. 244 e carta XXIV.

[2] *Narrative of the expedition to Portugal in 1832*, by G. Lloyd Hodges, Sq., Late Colonel in the service of the Queen of Portugal, London, 1833, vol. II, pag. 286.

ro, e após este o do *Pinhal,* a que os soldados pozeram depois o nome de *Saldanha,* posições importantissimas... em que fez construir dois fortes reductos, *cuja necessidade até ali ninguem tinha visto,* nem o mesmo general Solignac. Com elles se emendou, quanto possivel, o erro imperdoavel de não ter o mesmo general francez segurado no dia 24 de janeiro a importantissima, vizinha, posição do monte do Crasto, com a posse da qual, *sem as obras do conde de Saldanha, os rebeldes nos teriam em poucos dias cortado as nossas communicações com a Foz.* Esta sabia operação do conde de Saldanha o acreditou logo não só para com os nossos, mas para com os estrangeiros que estavam no Porto, por uma tal maneira, que desde aquelle dia mais e mais se fortificou a idéa de que elle era o *unico* que podia salvar a patria e a liberdade, o que os seus mesmos inimigos não se atreveram a negar»[1].

Na exposição apresentada ao imperador pelo marechal Solignac, em nome dos commandantes dos corpos, ponderava-se que: «por se terem esquecido, na primitiva defeza da cidade, as formidaveis posições que offerecia a margem do rio (de Lordello á Foz), não só a causa constitucional estava em risco de se perder, mas, o que era peior, sem esperança para o futuro»[2].

Um escriptor estrangeiro, testemunha tambem presencial, narra:

[1] *Annaes,* por José Liberato, vol. IV, pag. 334 e 335, e 25.
[2] Veja-se este importante documento nos *Annaes* citados, vol. IV, pag. 250.

«Tinha havido uma apathia inexplicavel em permittir que o inimigo podesse fazer á sua vontade e impunemente as fortificações para impedir o desembarque dos mantimentos. Quando se representava ao quartel general que o inimigo augmentava as suas obras, respondia-se: «Deixal-os, havemos de lh'as tomar», mas em breve tempo ellas foram completadas, e em tal estado de perfeição, que não estava no poder dos liberaes tomal-as com todo o exercito... Os liberaes n'aquelle momento pareciam estar satisfeitos, como a cobra que tem a cabeça n'um buraco; assim, não vendo o perigo, deixa o corpo fóra para lh'o açoitarem á vontade. Saldanha appareceu em campo, tomou conta de toda a esquerda da linha da defeza que protegia a communicação entre a cidade e a Foz. Os seus serviços n'aquella occasião *nunca poderão ser apreciados de mais*... O descuido em permittir que o inimigo de tal maneira fortificasse o monte *Crasto*, só podia remediar-se parcialmente, e assim o conseguiu elle, construindo um reducto n'uma bella posição, dominando-a por um fogo cruzeiro. Esta foi chamada a bateria do *Pinhal*. O local foi bem escolhido, *e obstou á total aniquilação da esquerda da linha dos liberaes*, ao inimigo ganhar a Senhora da Luz, e portanto a completar suas vistas de cortar as communicações com o mar, *o que seria igual a vencer a causa* [1].»

[1] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 161 a 163. Como o auctor d'esta obra, *A guerra civil em Portugal*, no *Aviso ao publico* que a precede, se desculpa dos erros de

Com estas fontes contestes, fazem côro outras posteriores, n'este ponto fundamental da salvação do Porto. «Saldanha, narra o brilhante escriptor Pinheiro Chagas, era *indispensavel* no Porto. O duque da Terceira era uma espada valente, mas Saldanha era uma cabeça estrategica. Veiu a final para o Porto, e o seu conselho, rectificando as posições dos liberaes, fazendo com que occupassem pontos importantes, *foi a salvação da liberdade*»; e acrescenta: «No cerco do Porto foi Saldanha quem viu n'um relance o segredo da defeza, *que nem Solignac nem os outros tinham descoberto*»[1].

Um biographo, não menos imparcial, escreveu na mesma occasião:

«No cerco do Porto bastou a sua presença (de Saldanha) para que tudo mudasse de aspecto. Póde dizer-se que *foi o marechal quem principalmente salvou a liberdade e a constituição;* essa gloria *ninguem lh'a póde disputar*. Os sitiados, cada vez mais apertados pelos numerosos exercitos realistas, soffrendo a fome, a miseria e toda a quantidade de privações, acabariam de exhaurir-se se proseguissem nas successivas sortidas que nenhum effeito produziam. Foi então que o marechal Saldanha appareceu *como um anjo da victoria, como uma espada salvadora*[2].»

Mas como é que o general Saldanha realisava as

redacção pela sua qualidade de estrangeiro, tomâmos a liberdade de rectificar as citações na parte grammatical.

[1] *Morte do duque de Saldanha,* pelo sr. Pinheiro Chagas *(Diario da Manhã* de 22 de novembro de 1876).

[2] Na *Democracia* de 23 de novembro de 1876.

fortificações salvadoras, julgadas impossiveis pela falta de braços? Como é que o prodigio se operava? Fallem as fontes primitivas:

«Não havia homem mais estremecido pelos soldados, escreve o destemido Shaw que o presenceava, do que o general Saldanha... trabalhava nas trincheiras com os homens de dia e de noite, e olhava de continuo pela segurança d'elles; por isso é que estavam promptos sempre para sacrificarem a vida sob o commando d'elle[1].»

«Pouco antes da sua chegada, narra outro escriptor que o presenciou, tinha havido toda a qualidade de difficuldades em constituir obras de defeza... mas a popularidade de Saldanha, a confiança que o povo baixo tinha n'elle *conseguiam maravilhas;* ninguem que não fosse Saldanha poderia ter feito sapadores de uma tal gente[2].»

Resumâmos o que nos diz no ponto um escriptor, tambem testemunha ocular. Depois de narrar a maneira por que Saldanha, fortificando a linha que lhe fôra entregue, annullára os funestos resultados das baterias inimigas, acrescenta:

«Saldanha, pela confiança e popularidade que tinha até na gente mais somenos, pela affeição e carinho com que agasalhava a todos, teve a boa fortuna de constituir em sapadores e homens de fachina as praças dos batalhões de voluntarios de que dispunha. Artistas, como muitos d'elles eram, frequente foi

[1] Shaw, *Personal memoirs and correspondance*, vol. II, pag. 13 a 15 e 256.

[2] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 163.

entre elles largarem os trabalhos e pôrem de parte as ferramentas para acudirem ás armas, e debaixo do fogo e com muito risco de vida defenderem um terreno que estava collocado a meio tiro de espingarda da bateria (miguelista) de Serralves... n'aquelle logar tiveram pois os sitiados de trabalhar a peito descoberto em muitas occasiões, para segurarem um ponto por assim dizer já conquistado ao inimigo; e onde á força de improbo trabalho e risco de vida levantaram com effeito as suas respectivas fortificações, que progrediram com incrivel rapidez [1].»

Aqui está, na presença dos factos expostos e das fontes historicas, a chave do enigma.

Não se vê unicamente o prodigio das fortificações, vê-se tambem a maneira por que Saldanha, pela especialidade do seu caracter, operava o prodigio com a pouca gente de que dispunha. Emquanto os engenheiros tinham declarado a impossibilidade das fortificações na linha da Foz pela falta de braços, Saldanha meditava o como de si proprio arrancaria o milagre e venceria a impossibilidade; por isso os operarios, que não chegavam para os outros, chegavam para elle, multiplicando-lhes as forças e os desejos a sua presença, a sua voz e o seu exemplo. Era no trabalho das obras o mesmo segredo que no fogo das batalhas. Sobre os artifices, como sobre os soldados, sobre o homem qualquer que fosse, produzia aquelle segredo que os proprios estrangeiros admiravam, sem o saberem decifrar.

[1] Sr. Soriano, *Historia do cerco do Porto*, vol. II, pag. 131, 132 e 145. Consulte-se o cap. II.

Ahi está o motivo por que sobrelevava d'entre os outros; ahi está por que elle constituia uma individualidade especial a que tudo obedecia como por encanto; ahi está por que, tão distante do Porto, o seu prestigio accendia as imaginações e na vinda d'elle collocavam a esperança da salvação, exercito e povo; ahi está a incognita por que é chamado no momento do perigo capital por aquelles mesmos que lhe não tinham querido dar a gloria de vencer; ahi está por que são obrigados a entregar-lhe o commando da linha indefeza logo em seguida á sua desobediencia salvadora que lhe valeu a importantissima posse do *Pinhal;* ahi está por que os paizanos voluntarios da Foz, sem obrigação nenhuma, e só fascinados por aquelle rosto e por aquelle carinho, se arrojam a trabalhar com perigo imminente de vida no levantamento das fortificações a peito descoberto, embora se vissem dizimar pelos tiros do inimigo; ahi está por que elle, ainda no meio dos seus proprios trabalhos n'aquelle ponto fundamental das linhas, vae no dia 4 de março conseguir um novo prodigio.

Tinha conquistado o indispensavel monticulo do *Pinhal,* não ha duvida, estava-o fortificando, mas de um momento para o outro podia o inimigo, ali fronteiro, e umas poucas de vezes mais numeroso do que elle, vir destruir-lh'o, e, destruindo-lh'o, perdidos ficavam aquelles arrojados esforços, e perdida irremediavelmente a causa, cujo perigo Saldanha previra. «Chegára o momento, diz com rasão um escriptor, para o general Saldanha mostrar se poderia

defender as linhas do seu commando tão bem como as tinha construido»[1].

VII

Foi então que um desertor do inimigo, tendo logo tornado a fugir para o campo dos realistas d'onde viera, deu a conhecer ao perspicaz Saldanha ser nem mais nem menos do que um espião, e que, indo declarar que o celebre reducto do *Pinhal* ainda estava desprovido de artilheria, o inimigo o viria atacar no dia seguinte: presentimento instantaneo d'aquella imaginação vivaz!

Que fazer em tal aperto?

Mãos á obra! Para ver se resistia ao inimigo, levou Saldanha toda a noite a acabar de fortificar o mencionado e perigoso reducto do *Pinhal*, trabalhando todos com tal ancia, artifices, soldados, officiaes de fileira, e até os do estado maior do general, que antes do amanhecer estavam na bateria duas peças e um obuz. Ahi principiou a estrategia de Saldanha, e, por assim dizer, o prologo da comedia que no correr da manhã desempenharia com o seu talento de actor militar.

Vamos ver.

Ordenou, e conseguiu, que as duas peças e o obuz fossem collocados sem ruido, para que o inimigo, tranquillisado pelo seu espião-desertor suppozesse,

[1] *A guerra civil em Portugal,* por um estrangeiro, pag. 167.

como effectivamente suppoz, que ia atacar uma posição desartilhada.

Não se enganou o ardiloso estrategico. Ao amanhecer, os realistas, com forças sete vezes superiores, atacaram a linha esquerda (do Lordello á Foz)[1].

Era a celebre batalha de 4 de março.

Vendo-se contra forças tão desproporcionaes ás suas, que inventa Saldanha? a comedia de que ha pouco fallámos: ordena previamente aos seus soldados que se conservem com a bateria encoberta para que o inimigo julgue que ainda está desprovida de artilheria (conforme a informação do desertor), que elles mesmos se escondam com o reducto, deixando approximar as columnas inimigas atė lhes verem os botões, e que não rompam o fogo senão á sua voz.

Assim o executaram á risca.

O inimigo, enthusiasmado pela tranquillidade dos liberaes, marchava rapidamente contra elles, contando já com a victoria. Ao estar quasi sobre o reducto a força realista, ouve-se no campo liberal a voz de «fogo», e os liberaes rompem, a um tempo, uma descarga cerrada de sua fuzilaria e artilheria. O inimigo, assombrado, surprezo, deixa o campo coberto de cadaveres e retira em grande precipitação. Volta

[1] Os realistas atacaram com 10:000 homens; os liberaes defendiam-se com 1:400, e nas suas posições mais arriscadas apenas com 700 homens (*Narrativa* de Saldanha, citada, comparada com a noticia official da *Chronica do Porto*. Vejam-se tambem as *Memorias* do general Cunha Mattos, vol. II, pag. 57.

á carga. Por tres vezes entre o *Pastelleiro* e o *Pinhal* tentaram os realistas valorosamente romper a linha; por tres vezes foram briosamente repellidos. Novas columnas se apresentam; novas columnas são successivamente rechassadas á bayoneta pelos liberaes, que, saindo para alem dos reductos, as lançam para dentro das proprias linhas sitiadoras.

Realisa prodigios ao longo da linha liberal a pequena força dirigida por Saldanha: na defeza do reducto Pinhal, o coronel Pacheco, ferido no ardor da peleja, não quer abandonar o commando do seu afamado regimento 10; o major Cabral no Pastelleiro, o coronel Fonseca na posição da Luz, os habeis engenheiros Serra e Barreiros, os officiaes do estado maior, e muitos outros comportam-se maravilhosamente. O tenente de artilheria José Victorino Damazio, atravessado por uma bala, apenas lhe fazem o primeiro curativo torna ao posto, retoma o commando da sua peça, e unicamente ordens repetidas o obrigam a retirar-se do campo. O valente major Shaw, encarregado de sustentar a communicação entre o Pastelleiro e Lordello, cobre-se de gloria á frente dos seus, repellindo com intrepidez ataques vigorosos do inimigo. É com este heroico major que succede no meio da acção uma scena curiosissima. Vendo morrer os seus, em torno de si, e atacado por forças muito superiores, corre a Saldanha a pedir-lhe mais tropa, e pelo menos uma peça.

— «Mais tropa! Nem um soldado lhe posso dar, meu Shaw, responde-lhe Saldanha, não vê o que por cá vae? Dar-lhe-hei a custo uma peça, mas, veja lá!

olhe que m'a ha de restituir logo depois» — e concedeu-lhe que a levasse[1].

Nada mais engraçado no meio d'aquelle fogo! Saldanha e Shaw, namorados da gloria, conhecedores da responsabilidade (um da responsabilidade geral, o outro da especial), a disputarem uma peça, como dama formosa, requestada loucamente por dois amantes! Possuidor da peça requestada, Shaw reforça com ella a sua gente, e desaloja e torna a desalojar, da parte do pinhal a seu cargo, as columnas do inimigo, que duas vezes o atacou furiosamente, e duas vezes foi corajosamente repellido.

Fazendo a devida justiça, escriptores constitucionaes e realistas são accordes em elogiar a actividade e o zêlo do conde de S. Lourenço, commandante em chefe do exercito sitiador.

O combate durou o dia todo. As columnas do exercito realista ficaram desbaratadas, retomada pelos liberaes a aldeia da Foz, sem a qual o Porto não se poderia conservar; entre os inimigos nascia o respeito ao general Saldanha que n'aquelle dia se estreiava; nos soldados e no povo creava-se um novo enthusiasmo, de que participaram os proprios estrangeiros, que escreveram para os seus paizes (narra um historiador) «ter sido a acção de 4 de março a mais brilhante que até ali se havia dado, e em que se tinha desenvolvido uma verdadeira pericia militar»[2]; o celebre reducto, onde se jogava a sorte

[1] Shaw, obra citada, vol. II, pag. 243.
[2] *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 35.

da causa liberal ficava salvo, e Saldanha victorioso, com forças umas poucas de vezes inferiores ás do inimigo. No principio de fevereiro tomára a poder de valentia o ponto capital da defeza; no correr do mez fortificára-o pela maneira prodigiosa que vimos; agora, a 4 de março, sustentava-o não menos prodigiosamente, para nunca mais o perder. Taes foram os resultados salvadores da batalha de 4 de março.

E não sómente salvára a causa, como n'aquelle mesmo dia a venceria ali, se o marechal Solignac o tivesse auxiliado. Por duas vezes lhe mandou Saldanha pedir que operasse um movimento forte sobre a direita das linhas, porque de vencer estava Saldanha seguro, pois que por esta combinação de movimentos, soffrendo o inimigo um destroço completo, era provavel que perdesse a importante posição do *Crasto;* mas Solignac permaneceu de braços cruzados no ponto do *Bom Successo,* como assombrado do que via praticar ás tropas do commando de Saldanha[1].

«Esta derrota do inimigo (no dia 4 de março), escreve o competente almirante Napier, serviu-lhe de

[1] *Annaes*, vol. IV, pag. 34 e 35; *Historia do cerco do Porto*, do sr. Soriano, vol. II, pag. 147. Consultem-se mais para esta batalha: Shaw, citado, vol. II, pag. 237 e carta XXXIV; Badcock, citado, pag. 208; *Annaes*, vol. II, pag. 32-35; *Revista historica de Portugal; Relatorio* do ministro da guerra; *Noticia official* na *Chronica* de 7 de março de 1833; *Narrativa* de Saldanha, citada; sr. Luiz Valdez (quanto aos corpos que pelejaram e ás perdas) no seu escripto *Lista geral dos officiaes do exercito libertador*, pag. 181.

severa lição, e inspirou grande confiança á tropa e aos habitantes, que principiaram a acreditar que o Porto era inconquistavel»[1]; e ao competente almirante Napier faz côro um não menos competente general estrangeiro, testemunha presencial, escrevendo no dia seguinte d'esta batalha: «Os creditos do conde de Saldanha têem augmentado excessivamente no exercito»[2].

Assim confirmava Saldanha desde o dia 29 de janeiro, em que declarára o estado de perdição em que o Porto se via, até este dia 4 de março em que o salvava, a opinião unanime que impoz o chamamento d'elle. Aos testemunhos historicos, já indicados, acresce um dos mais officiaes, se não o mais official, o relatorio apresentado ás côrtes, em 1834 pelo ministro da guerra, superior tambem a toda a suspeição relativamente a Saldanha, declarando: que na presença do perigo imminente do Porto, a defeza das posições que eram *essenciaes* á causa liberal se devêra á *maior pericia* e desvelo do general Saldanha.

E outro documento não menos official e insuspeito para com Saldanha, havia declarado ao noticiar a gloriosa batalha de 4 de março: «O conde de Saldanha desenvolveu tanto zêlo e actividade nas fortificações do *Pastelleiro*, quanta habilidade e coragem mostrou em defendel-as. Da quinta do Salabert até Lordello, do Pastelleiro até á Luz, n'este largo es-

[1] Napier, *Guerra da successão*, vol. I, pag. 126.
[2] *Memorias* citadas, vol. II, pag. 250.

paço *em que nada existia ha dez dias*, pôde o general Saldanha repellir, no fim d'elles, todos os esforços do exercito inimigo»[1]. Este documento é nada menos do que a parte official da *Chronica*. Portanto, a confissão official, isto é, a representante do governo hostil a Saldanha, e, alem d'isso, representante do que até ali se fizera e *do que não se fizera*, demonstrava a desfortificação do ponto *essencial* antes de Saldanha chegar, a fortificação operada por elle em poucos dias, a salvação devida pela batalha de 4 de março á mesma fortificação; e esta confissão no *jornal do governo* era manifestada na presença do proprio chefe do estado maior imperial, Solignac, e na dos generaes que desde o começo tinham exercido o commando e dirigido a empreza!

Do conde de Saldanha não esperava menos o exercito que tinha reclamado a sua vinda, e que o recebêra a 28 de janeiro, enviando ao inimigo em toda a linha uma descarga de buchas, annunciando a chegada d'elle. Aquella descarga de papel era mais seria que todas as descargas de balas que os sitiados tinham disparado até ali. Não podia matar um unico soldado, mas podia matar uma causa, e matou-a.

VIII

Fallaram n'este importantissimo assumpto os fa-

[1] *Noticia official*, n.º 13, das operações do exercito libertador, Porto, 5 de março de 1833, na *Chronica Constitucional*, de 7 de março d'aquelle anno, n.º 57.

ctos irrespondiveis e o complexo dos documentos, contestes, uniformes e insuspeitos de nacionaes e de estranhos.

Será a nossa humilde penna a primeira que preste homenagem a todos esses valentes soldados, officiaes e generaes que no altar da liberdade offereceram as suas carreiras, o pão das suas familias, e o sacrificio da propria existencia. Em letras de oiro lhes escreverá a historia os nomes. E não só aos que no campo da honra pereceram, como a todos esses heroicos mutilados que ficaram patenteando nas suas mutilações as provas da sua heroicidade. Quantos valentes não derramaram o proprio sangue! quantos mesmo, não o derramando, se cobriram de gloria! Mas um houve, que, ultrapassando o nivel, os excedeu a todos. Quando, segundo a opinião geral, que não é licito contestar na presença das fontes historicas, não restava esperança para a causa constitucional, quando a linha essencial da defeza fôra completamente descurada, sem nem sequer conhecerem que d'ella dependia a existencia da mesma causa; quando a barra, que o mesmo é dizer, o unico ponto para os mantimentos, provisões de guerra e communicação com o resto do mundo, estava quasi absolutamente fechada e de todo o estaria em poucos dias, foi elle chamado a salvar a mesma causa. Dispensado na quadra da esperança, porque foi então chamado no momento da agonia?

Quando, no meio dos tres flagellos, nem suspeitavam que lhes estavam para cortar o unico ponto de redempção, onde estava dentro dos muros da mar-

tyr cidade o cabo de guerra, que á estrategia summa, á perspicacia superior, ao relance de vista, reunisse o arrojo dos temerarios, o iman que attrahisse o povo para sacrificar as vidas, e a desobediencia que a superioridade justifica? O valorosissimo conde de Villa Flor, arrojado no campo, mas não se conhecendo com forças para dirigir a empreza, dava nobremente a sua demissão; o imperador, assumindo o commando com a sua vontade de ferro e a heroica dedicação que lhe veiu a custar a vida, não tinha chefe do estado maior; Solignac é chamado do estrangeiro, como o ultimo recurso, para occupar o logar, abandona o ponto capital do *Crasto*, perde logo o prestigio na estreia do seu commando, e prova que não é piloto para aquella nau. Todos os primeiros empunham o bastão supremo, e nenhum póde com elle. Cada um possuia altas qualidades, o seu dote especial e honrosissimo: a intelligencia, o valor, a dedicação, a fé no exito; a reunião d'ellas porém, a individualidade, que todas abrangesse, teve-a aquelle, que, por saberem que a tinha, alguns haviam afastado no começo, mas depois todos reclamaram que viesse.

Embora ligado a La Fayette, cujo *republicanismo* declinava a presidencia de uma republica para fundar uma monarchia, achavam-lhe resaibos republicanos em janeiro de 1832 quando partiu a expedição que demandaria Portugal, mas já lh'os não descobriam d'ali a dez mezes, quando perdidos o chamaram para os salvar. Em janeiro podia ser dispensado e substituido pelos outros, mas que faziam agora os outros que elle era chamado a substituir?

Sombreára-os o vulto, porque o sabiam superior a todos, mas appellaram para essa superioridade quando só ella lhes podia acudir. Então já não era republicano, nem reprobo, nem chefe dos exaltados, nem impedido pela Hespanha! Glorifique a Saldanha aquelle facto, mas abra na historia um assombroso exemplo a vindouros, do que seja o flagello da intriga, o poder da inveja, a injustiça dos que, por valerem pouco, forcejam sempre, mas não conseguem nunca, sobrepujar os distinctos, que a natureza enriquece e que o trabalho premeia.

Veiu, e bastou vir para logo pôr o dedo sobre a chaga, para o ponto da perdição ser logo conhecido, fortificado milagrosamente, e não menos milagrosamente conservado; bastou vir para conquistar por sua iniciativa e responsabilidade o ponto essencial, base indispensavel das novas fortificações, e para realisar o impossivel segundo os outros, pelos dotes especiaes do seu caracter (como os documentos o provaram), convertendo assim em baluarte inexpugnavel a linha capital, que se achava absolutamente aberta e completamente indefeza; bastou vir para mostrar que o brado da opinião publica fôra justo, e o chamamento acertado. Quando, mezes decorridos, no momento de desembarcar a rainha no caes do Terreiro do Paço, o imperador lhe disse as sabidas palavras: «Maria, não lhe apresento o general Saldanha que já conhece, mas o marechal Saldanha a quem deve o estar hoje aqui», o outorgador da Carta fazia um acto de justiça: dava a Saldanha o testemunho que lhe devia.

De quanto fica amplamente demonstrado se prova pois, que o achar-se a actual dynastia occupando o throno portuguez se deve em geral a todos os valentes que pela causa se cobriram de gloria, mas em especial ao marechal Saldanha; e que, se a liberdade foi definitivamente implantada em Portugal, se, alem de independentes, como em Ourique, somos livres como no Porto, ao marechal Saldanha em especial o deve a nação portugueza.

CAPITULO XIX

SALDANHA FUZILADO

I

Porque não? Acaso não foram fuzilados marechaes? principes? não caíu guilhotinada a cabeça de um rei de França? não tinha sido já garrotada a de um rei de Inglaterra? perdoou-se mesmo ás gentis cabeças de formosissimas damas? não vê ainda hoje o viajante, quando visita a lugubre Torre de Londres, o cepo onde as manchas amarellentas attestam que foi ali degolada a enredadeira mór do mundo?

Porque não ha de, então, ser mandado fuzilar o general Saldanha dentro dos muros do Porto, que elle salvou, pelo marechal francez que o deixava perder? Porque não?

Acabava o general Saldanha de salvar o Porto com os entrincheiramentos da tão essencial como fraca linha esquerda e com a batalha de 4 de março, que, firmando a segurança das suas obras, provou ao inimigo que a linha da Foz, apesar de ser o ponto mais fraco topographicamente e o mais importante como

chave da barra, se podia considerar inexpugnavel emquanto ali estivesse o general estrategico.

Decorriam vinte dias, quando a 24 de março o inimigo, atacado na direita da linha constitucional o reducto das Antas, conseguia apoderar-se d'elle no primeiro impulso, compellido depois a abandonal-o graças ao denodo de Silva Pereira (conde das Antas) e de Schwalbach, tendo saído valentemente fóra das trincheiras o duque da Terceira, que ali dirigia a resistencia no seu districto militar, o ministro da guerra, Agostinho José Freire, e o da marinha, Bernardo de Sá Nogueira, que chegou a receber um ferimento leve. Muito concorreu para esta grande vantagem na linha direita o destroço do inimigo na esquerda, d'onde o conde de Saldanha o repelliu vigorosamente em frente do *reducto-Pinhal*, obrigando a retirar em desordem a columna que intentava atacar o *Pastelleiro*, ficando assim inutilisado o ataque do inimigo á linha esquerda pela resistencia tenaz do general[1].

Do mesmo modo foi inutil para os realistas a defeza do seu reducto do monte Cobello, que perderam no dia 9 de abril, e que no dia seguinte debalde tentaram recuperar, repellido tambem na mesma occasião o ataque sobre Lordello.

Por mais requestada que fosse pelos realistas a esquerda da linha constitucional, pois que não perdiam ensejo de a namorar com as suas teimosas in-

[1] *Noticia official*, n.º 14, de 25 de março de 1833, na *Chronica Constitucional* de 10 de abril d'aquelle anno, n.º 78.

sistencias, no intento de a conquistarem, a ingrata, defendida por um leão, não se deixava cair nos braços dos apaixonados amantes, e um dos escriptores do tempo e testemunha ocular diz-nos textualmente que «de dia para dia se tornava Saldanha cada vez mais poderoso pelas suas victorias»[1].

Mas os mezes succediam-se; á guerra e ao bombardeamento, que ceifavam as vidas dos habitantes, accumulava-se a peste, á peste a fome; escasseiavam os generos de primeira necessidade; a barra encapellada estivera incommunicavel com o mundo mais de quarenta dias, a esquadra inspirava receios seriissimos pela falta do pagamento, e, na presença d'este gravissimo estado, o marechal Solignac, segundo a propria declaração do documento official por excellencia: «não tirava o exercito da inacção que perdia a causa, nem emprehendia operações que a podessem salvar»[2].

Esta penosa e arriscadissima situação doia a quantos ali pensavam e sentiam!

II

Quem nos dias 7, 25 e n'outros do mez de maio d'aquelle anno de 1833 vagueasse pelas margens do Douro, entre Lordello e a Foz, veria, ao desdobrarem-se as primeiras sombras da noite, largar mys-

[1] *Historia do cerco do Porto,* citada, vol. II, pag. 159.

[2] *Relatorio* do ministro da guerra, Agostinho José Freire, apresentado ás côrtes no anno de 1834.

teriosamente da praia uma lancha conduzindo um vulto que se furtava ás vistas e suspeitas dos que o poderiam delatar, entrando momentos depois no brigue da marinha ingleza *Nautilo*. Quem presenciasse este facto incomprehensivel, poderia igualmente ver outro barco saír tambem mysteriosamente da praia mais longinqua, pertencente ás posições do exercito realista, e largar outro passageiro no mesmo brigue *Nautilo*.

O indiscreto que a taes segredos lhe fosse dado assistir, querendo demorar-se na margem, veria pelo alto correr da noite saírem do mesmo brigue os mesmos dois escaleres, e irem largar, um á praia liberal da Foz, o outro á dos realistas, aquelles dois embuçados. Se mais curioso fosse ainda, e se os mysteriosos se deixassem desembuçar, vel-os-ía a ambos fardados. Se mais o picasse a curiosidade e lh'o consentisse a escuridão das noites, conheceria que o da Foz era sempre o mesmo, emquanto o da praia contraria se revezava; e, se de curioso se transformasse em mosca, poderia, voando para dentro do *Nautilo*, vel-os jantar na camara do commandante inglez Paulett, juntamente com os coroneis *liberaes* Badcock, Shaw, ou Sorell, conversando até á hora do regresso, umas vezes com ardor, com serenidade outras, mas sempre com a galanteria de cavalheiros.

Que mysteriosos seriam aquelles, que, militando em campos oppostos, se davam furtivas entrevistas em logar neutro? Que segredos trocariam ali aquelles dois, que de noite se apertavam as mãos a sorrir,

e no dia seguinte poderiam, inimigos, brandir as espadas em pleito mortal?

Mysterios eram esses, que a brisa da noite não revelava.

III

Estamos no dia 30 d'aquelle mez de maio, no paço do Porto. O imperador, segundo o costume, levantára-se com a madrugada. Ás sete horas e meia acabava de receber o marechal Solignac [1]. Tomado de assombro entrava no gabinete do imperador o seu chefe do estado maior. Minutos depois ardia no sr. D. Pedro o assombro de Solignac, e este que, após a narrativa, havia pronunciado a sentença «*fuzilado*», moderára o tom ao ver duplicado no imperador o colerico espanto que lhe transmittíra.

Não eram dois homens, eram as estatuas da admiração que mutuamente se entreolhavam [2].

[1] *Boletim* do paço, de 30 de maio de 1833 (na *Chronica* de 31).

[2] Foi Solignac o primeiro que sentenciou Saldanha, antes de o ouvir, a ser fuzilado (*Annaes*, vol. IV, pag. 107). Sobre a applicação das penas que alguem aconselhou contra Saldanha, veja-se *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 179. «Solignac rompeu immediatamente em injuriosas expressões contra Saldanha; e clamando que não havia remedio senão *mandal-o fuzilar no dia seguinte*, foi sem perda de tempo communicar a novidade a D. Pedro, que lhe approvou a sentença e deu logo aó conde o nome de traidor» (*Annaes*, vol. IV, pag. 87). Veja-se tambem *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 181.

Terminada a entrevista, Solignac retirou-se.

Costumava o sr. D. Pedro saír de manhã para correr as linhas, e por essa occasião lhe faziam roda successiva os generaes e a officialidade. Foi Horta o primeiro a quem viu, e logo correu para elle.

—Horta, saiba que ha entre nós um traidor!

—Um traidor?

—E é general.

Horta ficou assombrado.

—Um general traidor!

—O general Saldanha.

Horta passára repentinamente por duas transformações oppostas. Após o espanto, um riso involuntario lhe saíu dos labios, como quem acorda de sonho afflictivo.

—Está vossa magestade enganado. Se o traidor é o general Saldanha, não ha traidor nenhum no exercito, respondeu Horta, que não cabia em si de contente.

O imperador seguiu. A noticia correu, voou ao longo das linhas [1].

Conhece o leitor a magistral ceia de Christo, aquelle indescriptivel cenaculo pintado por Leonardo de Vinci. Lembra-se, de certo, da electricidade de

[1] Referem os *Annaes* que D. Pedro passou a ir pelas linhas dar esta noticia á tropa, com tão pouco effeito, porém, que ninguem fez caso (*Annaes,* vol. IV, pag. 87). Ha mais de uma versão a respeito do official por quem principiou, e de quem recebeu a resposta indicada. Que foi o coronel Horta, declarou-nos o antigo ajudante de ordens de Saldanha, o sr. visconde do Pinheiro.

movimentos nos olhos, nos rostos, nos braços de cada um dos discipulos, perante a accusação de que um d'elles vendia a causa em que todos se achavam empenhados. Áquelles rapidos movimentos de surpreza e de indignação poderia comparar-se o momento repentino de indignação e de surpreza geral quando correu que havia um traidor no exercito. Desfazer-se em agua o céu sobre um incendio, foi logo em seguida o resultado que em todos produziu á palavra «traidor» o nome de Saldanha. O instantaneo contentamento succedeu á surpreza, pois que, pronunciado unicamente o nome do general Saldanha, o mesmo foi conhecerem (como Horta logo bradára) que nenhum traidor havia.

E a proposito diz-nos com rasão e com chiste um escriptor estrangeiro, testemunha presencial, que depois de ter corrido a noticia todos tomaram como divertimento o ouvirem dizer que Solignac ameaçára Saldanha de o metter em conselho de guerra, avaliando mal a intelligencia dos portuenses quem suppozesse que elles acreditariam a calumnia[1].

A esse tempo Solignac, ainda tomado de assombro, no seu gabinete, relatava ao ajudante general o brigadeiro Valdez (depois conde do Bomfim) o caso estupendo. N'um desaguisado com o almirante inglez, suppondo este que Solignac entrava no segredo, alludíra ás entrevistas de Saldanha com os generaes realistas no brigue *Nautilo,* e ao que elle Solignac chamava a *traição* de Saldanha.

[1] *A guerra civil em Portugal,* por um estrangeiro, pag. 181 e 182.

Valdez, amigo e admirador do accusado, attonito com as revelações de Solignac. escrevia logo a Saldanha, para a Foz, onde se achava na sua occupação official.

IV

Carta do brigadeiro Valdez a Saldanha:

«Porto, 30 de maio de 1833.

«Meu caro general e amigo.

«Ser-me-ha difficil descrever a v. ex.ª a dor e inquietação em que fiquei esta manhã, quando o marechal (Solignac) me deu noticia de que v. ex.ª tinha tido conferencias com os generaes miguelistas, Lemos e visconde da Bahia, e que havia tratado com elles sem o marechal ou sua magestade imperial terem tido a mais pequena parte n'um assumpto tão delicado e tão importante. V. ex.ª sabe avaliar a circumspecção, que é necessaria, por todos os principios e regras estabelecidas, a respeito de um tal assumpto, para que os seus inimigos se não possam aproveitar de taes factos para atacar e denegrir a reputação de v. ex.ª, e para que os verdadeiros amigos de v. ex.ª, em cujo numero eu me conto (aos quaes os laços da amisade exigem que nós demos parte de assumptos d'esta importancia), não se considerem offendidos pela falta de franqueza e de confiança de v. ex.ª no facto a que me refiro. Alem d'isto, como prova da minha completa franqueza, é do meu dever declarar a v. ex.ª que, alem d'este seu procedimento causar ao marechal um des-

gosto immenso, os braços lhe cairam de assombro, e que, apesar do desejo que tem de adoçar por todos os modos possiveis o extremo pezar de sua magestade imperial, e de intervir a favor de v. ex.ª, empregando tudo quanto lhe dictava a sua inclinação, tem-se visto no maior embaraço, tendo já v. ex.ª estado com elle mais de uma vez depois d'aquellas conferencias, sem lhe ter feito a mais pequena communicação a tal respeito. Tudo quanto, sobre este caso, aqui se tem dito (que eu não acreditaria e de que nem quereria sequer ouvir fallar, se o proprio marechal m'o não certificasse) torna indispensavel que v. ex.ª se apresente immediatamente ao marechal, que deseja ter uma conferencia com v. ex.ª Por isso lhe peço que venha communicar a sua magestade imperial tudo o que é devido ao mesmo augusto senhor. Concluo esta, repetindo que sou sempre—De v. ex.ª, amigo fiel e devoto camarada

«*Valdez*.

«Ao ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. general Saldanha.»

Resposta de Saldanha:

«Foz, 30 de maio, ás onze horas.

«Acabo de receber a carta que v. ex.ª me fez a honra de escrever, e agradeço-lhe a dedicação que me testemunha. Sinto porém immenso que tenha tido tanto pezar por um assumpto que a mim me não dá o mais pequeno cuidado.

«Independente por natureza e por principios, estou convencido pela minha experiencia e reflexão, de

que os homens não julgam as acções dos outros pelo que ellas são em realidade, mas unicamente em relação á situação especial d'elles. Conhecendo eu isto, e por conseguinte dirigindo sempre a minha vida publica e a particular segundo os dictames da minha consciencia, soffro tranquillamente as injustiças que sempre me têem feito, e confio na posteridade. Fique v. ex.ª bem persuadido de que me é completamente indifferente não só a opinião que os ministros, o marechal e o imperador possam ter formado a meu respeito, mas igualmente o procedimento que todos elles quizerem ter commigo. Seguro da minha consciencia, desprézo as accusações dos meus inimigos e dos invejosos, e renuncio á amisade dos que lhes derem credito, sem attenderem aos sentimentos de honra e de probidade sem mancha, que sempre me têem animado.

«Podia eu dar todas as explicações, que satisfariam cabalmente a v. ex.ª, mas não o quero fazer, recusando-me igualmente ao pedido que v. ex.ª me faz de ir procurar o marechal, porque este passo poderia parecer desejo de me justificar de um procedimento, de que aliás me honro. Póde v. ex.ª fazer d'esta carta o uso que julgar conveniente.

« *Saldanha.*

«Ao ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. general Valdez[1].»

[1] Vejam-se estas duas cartas na obra de Shaw, citada, vol. II, pag. 35 a 37.

V

Não carecia d'esta resposta quem de perto conhecia o general Saldanha, mas o leitor que o não conhecesse, viu já n'ella um documento onde cada linha deixa transparecer a tranquillidade, o nobre orgulho, a consciencia do procedimento, e, superior a tudo, aquelle brado que nunca deixava de saír dos labios d'elle quando, por não o comprehenderem, o accusavam: «Appello para a posteridade».

Pois não foi necessaria a posteridade; algumas horas bastaram.

Vendo Solignac, pelo correr do dia, que Saldanha não se lhe apresentava, como Egas Moniz aos pés do rei de Leão, com a corda ao pescoço, para se desculpar da horrenda *traição*, de que se devia originar o fuzilamento, mandou-lhe recado official para que se lhe apresentasse.

Acudiu Saldanha, como lhe cumpria, ao recado do chefe do estado maior, e entrou no paço ás nove horas da noite [1].

Ahi foi a scena tremenda entre Saldanha, o imperador e Solignac.

Estreiou-se este dizendo a Saldanha que, se estivesse ao serviço da França, seria fuzilado [2]. Foi então, ali mesmo, que o conde de Saldanha, indignado

[1] *Boletim official* de 31 de maio de 1833, na *Chronica Constitucional do Porto* de 1 de abril, n.º 129.

[2] Napier, obra citada, cap. IX, pag. 154.

pela leviandade com que lhe tinham offendido o provado caracter, perguntou a Solignac se não era licito, e, mais do que licito, justo, fazer n'uma guerra civil o que seria notado nas guerras de nação contra nação. Foi ali que, declarando-se de ha muito horrorisado, já da situação miseranda, peste, fome e guerra, que devastava a cidade sitiada, já do sangue de irmãos vertido por irmãos, patenteou nobrementte o plano que o desvelava a bem da sua patria, da sua rainha e da liberdade. Foi ali que narrou as suas entrevistas com o general Lemos e o visconde da Bahia, *em navio neutro da marinha britannica, presenceando-as o commandante do mesmo navio sir Jorge Paulett, os coroneis do exercito liberal Badcock, Shaw e Sorell, consul inglez*[1]; todos estes da confiança do imperador, e Sorell, de confiança tal, que o proprio imperador declarára estar em excellentes relações com elle, e que nunca deixaria de o consultar quando conviesse, principalmente depois da recommendação de Palmella[2], que tinha tambem na sua mão os documentos para comprovar esta verdadeira confiança[3]. Foi ali que declarou que as *mysteriosas* entrevistas levavam por intento alcançar, sob as bases fundamentaes, rainha D. Maria II e Carta Constitucional, findar a lucta, conseguindo o partido liberal

[1] Shaw, obra citada, vol. II, pag. 34; Badcock, obra citada, pag. 243, 244 e 252.

[2] Carta do imperador a Palmella, de 10 de dezembro de 1832 (*Correspondencia do duque de Palmella*, vol. IV, pag. 849).

[3] Carta de Sorell ao marquez de Palmella (*Correspondencia* citada, pag. 860).

pacificamente os dois grandes fins em que pela guerra se achava empenhado. Não tinha ainda apresentado o negocio ao governo? Não. E foi tambem ali que declarou ter muito de proposito deixado de o fazer, por querer unicamente apresental-o ao mesmo governo, para o imperador o resolver como entendesse, quando estivessem combinados de parte a parte os preliminares, que todavia se tinham inutilisado, porque do lado realista não se desistia do casamento da sr.ª D. Maria II com o sr. D. Miguel. E o que só ali não explicou Saldanha, porque lh'o prohibia a modestia, foi que a possibilidade do exito dependeria do complexo das qualidades que a pessoa d'elle reunia, pois que *era com Saldanha que os inglezes prestavam os seus bons officios para se tratar d'este negocio*[1]. Mas foi tambem ali que, no dizer de um dos escriptores coevos, o imperador confessou a Saldanha que, se houvera seguido os conselhos do conde, não teria o irmão assumido a corôa; e foi ali, no dizer do mesmo escriptor, que o sr. D. Pedro e Solignac, depois de ouvirem Saldanha, quasi lhe pediram perdão e se prostraram de joelhos[2]. A expressão póde ser figurada, mas revela bem o estado em que ambos ficaram.

Quando saíu do paço o conde de Saldanha, não para ser fuzilado, mas para adquirir maior estima ainda, Solignac envergonhado convidava-o a jantar com elle no dia seguinte, desejoso de que o publico

[1] *Annaes*, citados, vol. IV, pag. 85; *Historia do cerco*, citada, vol. II, pag. 177 a 179.

[2] *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 88.

soubesse que se conservavam na amisade intima que sempre dedicára a Saldanha, e a quem sempre considerára como general insigne [1]. O *traidor* atraiçoava a sua justa colera, segundo o costume, abraçando Solignac e acceitando o convite.

Cumprindo a promessa, foi Saldanha ao Porto no dia seguinte jantar com Solignac. Depois do jantar voltava para a Foz. Ouçâmos uma testemunha ocular, o valente Shaw: «De tarde regressava Saldanha do Porto, acompanhado por muitos officiaes. Vinham todos conversando, rindo, e d'entre as vozes sobresaía a de Saldanha, que dizia: — Bom é que me venham guardando tantos amigos, para eu não ser fuzilado. — Assim que os vi tão contentes e risonhos, juntei-me tambem á cavalgata, e obtive auctorisação de Saldanha para copiar as duas cartas, e as transcrever depois no meu livro» [2].

O fuzilado resvalára do poste para resuscitar triumphante.

[1] *Annaes,* pag. citada; *Memorias* do general Cunha Mattos, vol. II, pag. 250.

[2] Shaw, obra citada. vol. II, pag. 34.

CAPITULO XX

DA ROCHA TARPEIA AO CAPITOLIO

I

Fôra no 1.º de junho (como acabámos de ver) o jantar das pazes offerecido por Solignac a Saldanha, e de que este regressára no fim de tarde para o seu quartel general na Foz. No dia seguinte desembarcavam ali Napier, Mendizabal e o duque de Palmella, recebidos por Saldanha de braços abertos e fazendo-lhes acolhimento cordialissimo.

Voltava Palmella de Londres, onde acabava de prestar á causa liberal o serviço relevantissimo de obter a vinda de cinco vapores para completarem a esquadrilha, trazendo comsigo Napier, que a devia commandar. Mendizabal era portador do dinheiro para a expedição maritima, devida tambem aos meios pecuniarios ministrados em parte pelo sr. Henrique José da Silva (depois barão de Lagos) e pelo seu sogro, assim como ao emprestimo *Ardoin,* representado por Mendizabal. Para satisfazer os debitos á guarnição da esquadrilha mandára de Lisboa dezeseis mil li-

bras o barão de Quintellá (conde do Farrobo). Faça-se justiça a todos.

II

— Partirá já a expedição maritima para qualquer parte do reino? Partindo, será directamente para demandar Lisboa?

— Não partirá por emquanto?

— Tomar-se-ha a offensiva irrompendo-se as linhas dos sitiadores?

Taes eram os pontos que se controvertiam.

Que resolução definitiva se adoptará, pois que chegou o momento?

Estamos no paço do Porto. Grande conselho militar se acha reunido na sala de despacho do imperador. Preside o sr. D. Pedro. Presentes, alem do ministerio, o marechal Solignac e os chefes do estado maior do exercito; o duque de Palmella; o duque da Terceira, o conde de Saldanha e o general Stubbs, commandantes das tres divisões; os generaes de brigada e o governador das armas do Porto[1].

Batem onze horas e um quarto d'aquelle dia 11 de junho quando o regente declara aberta a sessão do grande conselho militar, que é chamado a emittir opinião sobre o destino immediato das operações[2].

[1] *Chronica Constitucional* do Porto, de 12 de junho de 1833, n.º 137.

[2] *Chronica Constitucional* de 12 de junho de 1833, citada.

A todos revela a consciencia que este é um dos dias solemnes para a causa.

O imperador propõe a questão:

—Se conviria embarcar as forças para emprehender um ataque *directo* sobre a capital;

—Se preferivel seria que a força expedicionaria desembarcasse n'algum ponto, seguindo pelo interior das provincias até demandar Lisboa;

—Ou se conviria atacar primeiro o exercito sitiador.

Era a idéa de Napier que se abandonasse ao inimigo a Foz e a linha esquerda, indo elle Napier, com a gente de que se podesse dispor, forçar a barra de Lisboa, ou desembarcar proximo a ella [1]. Solignac opinava que se emprehendesse um ataque em força contra as linhas do exercito realista pela parte do norte ou do sul do Douro [2].

Como se acaba de mostrar, nem Solignac, chefe do exercito, nem Napier, chefe da esquadra, votavam pela expedição ao sul do reino.

Ouçamos agora a narrativa de Saldanha.

Diz elle: «O primeiro a fallar foi Solignac, que propoz que atacassemos o inimigo ao sul do Douro, e que marchassemos sobre Lisboa; e foram do mesmo parecer todos os que se lhe seguiram antes de mim. Foi a minha opinião que se fizesse uma expe-

[1] Napier, *Guerra da successão*, vol. I, pag. 168 e 169; *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 191 e 192.

[2] *Relatorio* do ministro da guerra ás côrtes, citado; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, pag. 192; *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 98.

dição para o Algarve e Setubal, a fim de occupar na costa o maior numero possivel de portos, que viriam a ser outros tantos pontos de reunião para os constitucionaes, que não podiam ir reunir-se ao Porto. Ponderei a temeridade de tentar o ataque da posição do sul, e de emprehender uma marcha de cincoenta leguas em presença de um inimigo tão superior em forças, com uma tão numerosa cavallaria»[1].

Os generaes e officiaes superiores do conselho approvaram a opinião de Saldanha, que prevaleceu[2]. O duque de Palmella foi tambem de voto contrario a que a expedição intentasse «um golpe de mão directo» sobre Lisboa, como queria Napier. «Eu votei contra isso (escreveu o duque) por me parecer que não se devia jogar a causa da rainha n'uma só carta»[3].

O ministerio igualmente opinou pela expedição ao Algarve,[4] e o imperador, que veiu a adoptar a opinião do grande conselho militar, confirmativa da opinião do conde de Saldanha, encerrou a sessão.

Solignac, vencido, pedia a demissão de chefe do estado maior imperial.

III

Embarcam em seguida dois mil e quinhentos homens. É nomeado o duque da Terceira para com-

[1] *Narrativa* de Saldanha, de 22 de outubro de 1866.

[2] *Narrativa* citada.

[3] Carta do duque de Palmella a Abreu e Lima, de 7 de junho de 1833 *(Correspondencia do conde da Carreira,* pag. 92).

[4] *Relatorio* do ministro da guerra ás côrtes em 1834, citado.

mandante da expedição; acompanha-a o duque de Palmella na qualidade de governador civil das povoações que adherirem á causa liberal, e Napier, já vice-almirante, é elevado a major general e commandante da esquadra[1].

Larga ferro para o sul a expedição no dia 20; a 21 desapparece das aguas do Porto.

Partiram. «Com vento bonançoso e de feição navegam para o sul, pulando-lhes o coração de jubilo á vista da brilhante perspectiva que se lhes apresenta», escreve o proprio Napier, atrevido conductor d'aquelles destemidos aventureiros.

Acceita a demissão de Solignac no dia 13, era no dia 14 nomeado chefe do estado maior imperial o conde de Saldanha. Na vespera o duque de Palmella escrevia:

«Não se perde nada com Solignac, não inspirava a menor confiança. Creio que o imperador tomará João Carlos para chefe do estado maior, e é a melhor cousa que elle póde fazer para inspirar confiança ás tropas e aos habitantes do Porto[2].»

«O exercito ficou *encantado* com a nomeação de Saldanha, que em realidade significa a de commandante em chefe», escreve Shaw, que o presenceava[3]. O coronel Hodges acrescenta: «Saldanha era o indigitado pela opinião geral como *de todos o mais*

[1] *Chronica Constitucional do Porto*, de junho de 1833, n.os 136, 148 e 149.

[2] Carta do duque de Palmella a Abreu e Lima, de 13 de junho de 1833 (*Correspondencia do conde da Carreira*, pag. 93).

[3] Shaw, vol. II, cap. II, pag. 50.

proprio para tomar o commando e a direcção do exercito, e isto sem que Saldanha se impozesse»[1]. Napier diz tambem: «D. Pedro ambicionava a gloria, e tinha-se em conta de grande general; mas quando Saldanha ficou á testa do seu estado maior e adquiriu a sua confiança, entregou-lhe quasi inteiramente o commando do exercito»[2].

Singular condição a d'aquelle homem! Deixam-no em París porque sombreiava, e chamam-no quando se acham perdidos; ainda está salvando o Porto com as fortificações da Foz como leão guardando a porta de ferro, e pronunciam contra elle a palavra «fuzilamento»; do quasi oratorio passa em algumas horas para os braços do accusador imprudente, e em doze dias para o logar superior do exercitó após o seu voto no conselho. Da rocha Tarpeia levam-no ao capitolio.

[1] Hodges, obra citada, pag. 286.
[2] Napier, obra citada, vol. II, pag. 342.

CAPITULO XXI

ACÇÃO DE 5 DE JULHO

Saíra a barra a expedição, mas deixava enfraquecida a defeza do Porto, levando uma parte da já minguada força com que dentro da cidade resistiam os liberaes a um exercito desproporcionalmente mais numeroso. Presentindo a vantagem que lhe sorria, o exercito realista predispõe-se para dar batalha. Não o moveria menos a idéa do patriotismo, sabendo que em breve ia chegar ao seu campo um marechal estrangeiro para assumir a direcção suprema, e tambem não causará admiração o patriotismo, commandando o exercito sitiador o conde de S. Lourenço «cuja actividade e zêlo lhe fizeram a maior honra», escreve um historiador presencial[1].

Não reflexionava, porém, o exercito realista, que, no campo contrario, ao general que só apparecia nominalmente succedêra um que não se limitava a *visitar as linhas*, como o primeiro, mas que *passeiava* por ellas[2].

[1] Saint-Pardoux, *Campanhas de Portugal*, pag. 8.

[2] Shaw, *Personal memoirs and correspondance*, vol. II, pag. 256.

É uma hora d'aquelle dia 5. O exercito sitiador ataca a linha esquerda do Porto (sobre Lordello) em todo o semi-circulo da defeza, desde o Carvalhido até á casa da fabrica do Antunes.

Duas columnas realistas, saindo de seus entrincheiramentos, avançam, entre a quinta do Wanzeller e a casa do Placido, no intento de cortarem as communicações do Porto com a Foz.

A primeira columna ataca o centro e a direita da fabrica do Antunes, o ponto visivelmente mais arremettido. O capitão Pedroso, de infanteria 15, á frente da sua companhia e com parte da quinta, investe com tal denodo os realistas, de posse, no primeiro impeto, de parte da fabrica disputada, que os desaloja apesar da desproporção das forças, emquanto o valoroso brigadeiro Duvergier, seguido de algumas companhias do segundo regimento de infanteria da Rainha, repelle a reserva da columna que primeiro tomára a posição; mas recebendo n'um braço o ferimento mortal que lhe ha de produzir a morte, é substituido por Zuppi, que, apesar de ver caír ferido tambem gravemente o bravo capitão Victorino, sustenta a posição tenazmente.

Ao mesmo tempo que a primeira columna dos realistas atacava, retrocedia, flanqueava e tornava a atacar, como dissemos, a frente e a direita da fabrica, a segunda columna irrompia-lhe sobre a esquerda, envolvendo assim o ponto por todos os lados. Via-se, por tal affinco, a acertada importancia que o general realista ligava a esta posição, por assim dizer a chave da linha esquerda do Porto, salvação

ou perdição da cidade e da causa. Mas, por isso mesmo, o general do exercito sitiado oppunha, apesar das suas diminutas fôrças, resistencia igual ás valorosas investidas, e a segunda columna realista era repellida com ardor, deixando o campo coberto de mortos e feridos. O inimigo estava sendo ali protegido por um vivissimo fogo dos seus reductos de Serralves e das baterias da margem esquerda do Douro; mas Saldanha, que dirigia *pessoalmente* o fogo nos pontos atacados «com a pericia e acerto que o distinguia»[1], manda logo collocar em fogo cruzado e nos angulos convenientes a unica peça e o obuz de que alí podia dispor, e por este modo auxilia as novas cargas de infanteria pelos flancos e em frente da fabrica, tornada a atacar pelos realistas por todos os lados.

Em presença d'aquelle movimento estrategico e repentino, combinado com o arrojo da execução, vê-se desanimar a linha do inimigo, estorcer-se como longa serpente, ceder, desistir, retirar-se, e proseguindo na idéa de cortar a linha da Foz, ir flanquear pela direita a quinta do Wanzeller.

Mas, habilmente prevenido este movimento, não póde o inimigo chegar a realisal-o. Porquê? Porque Saldanha, antecipando-se, tomou de repente a offensiva, mandando irromper para a posição realista Casa da Prelada, desalojando-o d'ella vigorosamente, e, desalojando-o tambem da aldeia de Francos entre a casa da Prelada e a quinta do Wanzeller, avançou

[1] *Chronica Constitucional* de 12 de julho de 1833.

toda a sua linha exterior um quarto de legua para alem da linha constitucional até ali existente.

Não era só heroica defeza, era já uma victoria. Estava frustrado o ataque do exercito realista contra a esquerda liberal, chave do Porto; e, alem d'isto, havia sido obrigado a recuar a sua linha de assedio.

Batiam tres horas e meia.

Não desistiu ainda o inimigo. Vendo perdido o ataque sobre a esquerda, arremetteu, em tres columnas, contra o centro e a direita da cidade, reforçando-se com tropas que mandára passar do sul para o norte.

De nada lhe valeu. No centro é repellido por uma força de infanteria 9 protegida pela artilheria, que se engrinalda de gloria n'esta acção. O ataque realista contra a direita redobrou de violencia, protegido simultaneamente pelas suas baterias do Crasto, de Oliveira, da Pedra Salgada, de Valbom, e do Contumil, guarnecidas todas de artilheria grossa. Na presença d'este vivissimo fogo uma parte da força na extrema direita é mandada formar em columna e repellir o inimigo pela estrada de Cosme, e tão arrojadas correm estas cargas, dirigidas pelo major Balthazar Pimentel (depois conde de Campanhã) e pelos proprios ajudantes de ordens de Saldanha, D. Miguel Ximenes e Gourget, que o inimigo é arremessado para dentro dos seus entrincheiramentos em fuga precipitada.

Emquanto estas brilhantes cargas decidem a acção n'aquelle ponto extremo, outra columna recebe

ordem de seguir pelo começo da estrada de Vallongo e conclue o desbarato do inimigo.

Íam dar cinco horas quando os derradeiros tiros denunciavam o termo da batalha, começada na esquerda, seguida no centro e finalisada na extrema direita.

E era tambem ali na extrema direita, em frente da quinta da China, no proprio campo da batalha, que o imperador, enthusiasmado com a felicidade do exito e com a valentia de que fôra testemunha, ao som das musicas e aos vivas do povo convertido em batalhões de voluntarios, elevava por distincção o marechal de campo Saldanha ao posto de tenente general: «pelos distinctos serviços prestados n'aquelle dia (assim resa a ordem do exercito), pelo acerto e precisão com que dirigiu as operações da defeza e ataque contra o inimigo, apparecendo em todos os pontos e comportando-se sempre com o seu costumado valor e actividade»[1].

O ministro dos negocios estrangeiros, marquez de Loulé, officiava ao nosso ministro em Londres, declarando-lhe que o imperador promovêra sobre o proprio campo da honra a tenente general o conde de Saldanha, pelo sangue frio e intelligencia com que dirigiu a acção[2]. O decreto, que no dia seguinte lhe sanccionou o posto conferido no campo da honra, declarava, formaes palavras: «que o conde de Salda-

[1] *Chronica Constitucional do Porto,* de 6 de julho de 1833.

[2] Officio do marquez de Loulé ao nosso ministro em Londres, Abreu e Lima, de 6 de julho de 1833 (*Correspondencia do conde da Carreira,* pag. 756).

nha não só dera as mais judiciosas e acertadas providencias para rechassar o inimigo nos successivos ataques que intentou contra todos os pontos das linhas da defeza do Porto, como *dirigíra em pessoa* todas as operações, com a intrepidez, denodo e sangue frio que o caracterisam»[1].

O Porto contemplava-o. «Saldanha (relata um escriptor estrangeiro, testemunha presencial) deu n'esse dia provas da sua habilidade, actividade e bravura, e o publico em geral, vendo a promptidão com que todos saíram para seus postos, contemplou o grande dia da prova com esperanças bem fundadas da victoria»[2]. «Foi tal a intelligencia (escreve outro historiador do tempo), a intrepidez e a energia com que Saldanha dirigiu as acções do dia 5 de julho nos diversos pontos do assalto, que D. Pedro, querendo-lhe dar um testemunho publico do muito que elle tinha merecido, em frente da quinta da China, no mesmo campo da batalha o nomeou tenente general»[3].

E aquella quem é? É Maria Thereza, a intrepida minhota, casada com o soldado de infanteria 15, Mathias de Campos. Que praticou a destemida no decorrer da acção? Pensava os feridos, levava agua aos soldados empenhados no fogo, conduzia para os postos avançados dezeseis barris de polvora, e, para

[1] Decreto de 6 de julho de 1833, na *Ordem do dia* (n.º 12) de 13 d'aquelle mez.

[2] *A guerra civil em Portugal e o sitio do Porto*, por um estrangeiro, Londres, 1836, pag. 203.

[3] *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 122.

que os combatentes carregassem as espingardas mais depressa, ía-lhes preparando os cartuchos, mordendo-os e distribuindo-os. O imperador concedia áquella heroina uma ração de viveres e o soldo por inteiro. Outras distincções distribuiu ali o imperador aos benemeritos.

Tal fôra o dia 5 de julho, e n'elle ganhára o general Saldanha a primeira batalha (pelo modo admiravel que fica exposto) depois de lhe ser entregue a direcção superior do exercito liberal na qualidade de chefe do estado maior.

CAPITULO XXII

LEÃO CONTRA LEÃO

I

No mesmo dia 5 de julho, em que Saldanha ganhava tão brilhante victoria, estreiando o seu novo cargo de chefe do estado maior imperial, vencia tambem um combate naval nas aguas do cabo de S. Vicente o vice-almirante Napier, que vimos largar da barra do Porto com a expedição commandada pelo duque da Terceira.

Tendo desembarcado no Algarve a divisão, e proseguindo Napier depois, ao correr da costa, na direcção da capital, encontrou-se com a esquadra realista. No mencionado dia 5 vieram ás mãos, em força a todos os respeitos desproporcional. A esquadra realista compunha-se de dez navios (em que entravam duas naus) com trezentas e setenta e duas bôcas de fogo, emquanto a esquadrilha liberal tinha unicamente seis vasos e cento e setenta e seis peças. Em pouco tempo se deixou aprisionar a esquadra realista, resistindo só (alem da fragata *Princeza Real* tomada pela fragata *D. Maria II)* a nau *Rainha*, que

recebeu a abordagem da fragata *Rainha de Portugal*, pelejando como um tigre, até á morte, o valente Barreiros, commandante da nau abordada, segundo a propria confissão de Napier, e assim protestando heroicamente contra os que se entregavam, arriando bandeira.

II

Mas que facto extraordinario está occorrendo nos arraiaes do exercito realista em frente do Porto? Que reflorida esperança de melhor futuro?

Como é que oito dias depois de perdida a sua esquadra no dia 5, e da batalha igualmente perdida ali, n'aquellas linhas, no mesmo dia, tudo seja contentamento, festa, enthusiasmo ao correr dos entrincheiramentos que apertam, como cinto de ferro, a cidade sitiada, mas até ali vencedora? Que bons agouros auspiciam os fastos ao exercito sitiador? Que luzida cavalgata é aquella, de generaes e officiaes, que, tendo desembarcado em Villa do Conde, entram no dia 13 de julho, emplumados e alegres, nos arraiaes realistas, como soldados da *Vendée* que foram, trazendo nas frontes as estrellas propicias, e nas laminas das espadas as promessas da victoria?

Quem é, principalmente, aquelle que d'entre elles todos sobresáe, a quem as bandeiras se abatem, os generaes curvam as espadas do commando, e a quem o proprio rei, saindo-lhe ao encontro, recebe abrindo-lhe os braços?

Não empunha a espada unicamente, empunha um

bastão; são-lhe inferiores os generaes do posto mais subido; traja farda de marechal, é mais ainda do que marechal, é o heroico vencedor de Argel, e á expressão *Vencedor de Argel* corresponde, no dizer geral do mundo, «astro da victoria, alumiando a causa que elle quizesse ganhar».

É Bourmont, o invencivel, que chega ás linhas, chamado para assumir o commando geral do exercito realista, e com elle, e como elle invenciveis, Clouet, e Larochejaquelin, e Almer, e Grival, e Breviel, e tantos outros, que, sob a direcção do chefe, vão receber os commandos de brigadas e de regimentos.

Chegava Bourmont. Homem, podia ter as maculas mais ou menos accentuadas da natureza humana; cabo de guerra, quantos na historia lograriam comparar-se-lhe? Do seu proprio caracter lhe vinha o denodo extremo, do grande mestre recebêra as lições da estrategia, a experiencia aperfeiçoára-lhe a tactita, e o archanjo da guerra lhe coroára sempre as qualidades, revelando-lhe os segredos da victoria.

Aos vinte e tres annos tomára posse da cidade de Maus por um arrojo que admirou o mundo; militára brilhantemente nas campanhas de Italia, da Russia, da Allemanha e da sua França; recebêra a patente de general de divisão, relatam os documentos, pelo seu valor e talentos militares; a simples noticia de que elle acceitára a causa de Luiz XVIII preparára o desastroso panico de Waterloo, e o derradeiro de seus recentes triumphos nada menos fôra do que a celebre conquista de Argel, obtida n'um repente, mostrando

nas operações do desembarque e nas do sitio capacidade igual á valentia. A conquista ganhára para elle o bastão de marechal, e era este marechal, quem precedido de tão justa fama recebia do exercito realista a esplendida ovação, nuncia da victoria, que não era só esperança, mas já certeza.

Áquella chegada os sitiados recebem um nome que a artilheria sitiadora lhe dispara em toda a linha. — *Saldanha* — dissera para os realistas a descarga geral de buchas no dia 28 de janeiro; — *Bourmont* — respondia agora aos liberaes a descarga geral, tambem de buchas, bilhete com que os realistas lhes pagavam a visita. Não são dois nomes que se cruzam, são duas tempestades que se embatem.

III

No dia seguinte quem podesse entrar, ás dez horas da manhã, no gabinete de trabalho do imperador D. Pedro, no paço do Porto, veria ali dois homens: um mostrando, ou simulando, tranquillidade, o outro visivelmente inquieto. Pimentel (futuro conde de Campanhã) ouvia respeitoso, mas firme, o que lhe reflexionava o superior militar que ao longo do gabinete passeiava desassocegado, com as mãos cruzadas nas costas, como nas occasiões que se lhe afiguravam de perigo imminente.

Não era o perigo que elle receiava, porque nunca jamais conheceu temor aquella vontade de ferro; era o resultado nefasto do perigo. Esse temia-o elle,

não por si, mas pela obra de emancipação em que empenhára a vida. Em dois mundos outorgára a liberdade aos seus subditos, e em dois mundos lhe desculparam os seus subditos as imperfeições, para n'elle estremecerem a fonte da liberdade. Outorgára-a com a penna, despedaçaram-na, vinha agora conquistal-a com a espada. Guerreiro, encaminhou para o reino os que anciavam reinvindicar as regalias populares; dictador, havia sanccionado com o seu nome as leis immortaes que nos Açores lançaram os fundamentos do Portugal novo sob a iniciativa dos arrojados ministros que as conceberam. Proeminente pela jerarchia real, equilibrava o impeto nos magnates, inspirava confiança a todos, n'elle encontrava a grande empreza um centro activo e sempre vigilante. No fundo da alma o preconceito da raça tinha-lhe arreigado a força do mando, mas no revoltear das idéas transparecia-lhe a dedicação ás instituições livres. Descurado — como da epocha era natural, e attenuação lhe seja — educou-se a si proprio, e a adversidade serviu-lhe de lição. Reflectia-se-lhe o talento na viveza do olhar, na rapidez d'elle a energia do animo. Ambicionava a gloria como artista que era, e para a conseguir não havia difficuldade que não affrontasse. Possuia actividade rara, valor extremo. Resoluto diante do perigo, tardio na resolução, mas, depois de ter uma vez deliberado, nenhum obstaculo o demovia do intento. Arrebatado o tornava a organisação sanguinea, e o excesso da franqueza prejudicou-o muitas vezes, não lhe sendo demasiado familiar a sentença de que

«nem todas as verdades se dizem». Rispido no momento de o contrariarem, compadecia-se rapidamente da desgraça que lhe surgia defronte. Não o esmorecia a contrariedade, enthusiasmando-o — como impressionavel que era — a esperança do exito. Se a liberdade é ventura, e é, tornou felizes os dominios que desmembrou, mas foi desventurado elle. Cingindo duas corôas, ficando sem nenhuma, descerá ao sepulchro, poeta da liberdade, emancipando os povos com a sua palavra, e sellando a emancipação com o sacrificio da propria vida. Como o carvalho altivo, soffreu impavido as tempestades, não vergou, só caíu quando o raio o prostrou de vez, e foi-lhe benigno o raio, matando-o no momento em que devia morrer. Finda a obra, cumprido o mandato, o espirito do obreiro subiu ao firmamento da historia, onde os erros sombreiam como nuvens, mas onde a luz resplandece como o sol.

IV

Corria o colloquio de ambos, quando se abriu a porta do gabinete imperial, e entrou o chefe do estado maior. Saldanha instantaneamente estranhou o imperador.

— Que ha de novo, perguntou-lhe o sr. D. Pedro, mal que Saldanha o comprimentou.

— Nada que eu saiba, meu senhor.

— Nada! retorquiu o regente com assombro. Pois o conde não sabe que Bourmont tomou hontem o commando do exercito de meu irmão?

—E não me diz vossa magestade quantos mil homens trouxe Bourmont comsigo?

—Soldado nenhum, mas acompanham-no mais de cem officiaes, e elle mesmo vale por um exercito.

—Meu senhor, acudiu então Pimentel, já tive a honra de dizer a vossa magestade que servi muitos annos no grande exercito de Napoleão, e que vossa magestade póde estar socegado, porque, segundo o meu voto, nenhum dos marechaes de França poderia dar lições ao chefe do estado maior de vossa magestade.

E assim progrediu animada a conversação[1].

Vê-se d'esta entrevista a impressão do imperador com a chegada de Bourmont e dos officiaes francezes que o acompanhavam. Saldanha, embora se conhecesse filho dilecto da victoria, não poderia, de si para comsigo, deixar de medir a extensão da responsabilidade que em breve ía ser tremenda para elle.

V

Ao enthusiasmo do exercito realista juntava-se a opinião publica fóra do paiz e dentro da cidade sitiada. As noticias vindas de França e de Inglaterra davam por finda a lucta da liberdade com a chegada de Bourmont. Os governos absolutos da Europa e estadistas d'entre os mais distinctos consideravam a ida do marechal francez não só como salvação da

[1] *Narrativa* de Saldanha, citada.

causa legitimista de Portugal, mas tambem da causa peninsular; e lord Palmerston, então no ministerio inglez, desejando estorvar aquella vinda, esteve quasi resolvido a consideral-a como infracção da neutralidade[1].

Os *fundos* liberaes soffreram desde logo baixa consideravel[2]. A chegada de Bourmont trazia o desanimo a grande parte dos defensores do Porto[3]. Negociantes estrangeiros recebiam conselho de se retirarem com os seus haveres[4]. Muitas familias inglezas residentes na cidade, e que haviam soffrido o bombardeamento com animo desassombrado, desanimando agora com a vinda do marechal francez, refugiavam-se nos navios da marinha britannica[5]. O proprio consul no Porto poz á disposição dos seus compatriotas e familias, alem da sua casa, a igreja ingleza como refugio de salvação para o dia do assalto quando os realistas entrassem na cidade[6]. O terror entre os não combatentes era geral[7]. Estava tão certo da victoria o partido sitiador, que Bourmont prometteu ir jantar ao Porto n'aquelle dia, e n'algu-

[1] Officio do sr. Antonio Ribeiro Saraiva ao visconde de Santarem, de 4 de julho de 1833. *Chronica Constitucional do Porto*, de 23 de setembro d'aquelle anno.

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 128 e 129.

[3] *Portugal, de 1828 a 1834*, pag. 238, pelo sr. Pina Manique.

[4] *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 212 e 213.

[5] *Histoire générale*, citada.

[6] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 206; Napier, *Guerra da successão*, vol. I, pag. 279.

[7] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, pag. 201.

mas casas chegaram a preparar jantares para os novos hospedes [1].

A todas estas circumstancias de enthusiasmo para os realistas, de temor para os constitucionaes, vinha juntar-se um dos maiores fundamentos, se não o maior, para as reciprocas opiniões dos dois partidos: o estado das forças de cada um d'elles.

Na propria occasião em que chegára para reforço do exercito realista o novo marechal commandante em chefe, com a pratica, pericia e fama de Bourmont, acompanhado de outros generaes e officiaes distinctissimos, viram os liberaes, de suas forças, já tão minguadas, deduzir dois mil e quinhentos homens de todas as armas de que se compoz a divisão que deixára o Porto, ficando alem d'isso os differentes pontos das linhas sem a coadjuvação de militares valorosos como o duque da Terceira, José Jorge Loureiro, o coronel Mendes, Mousinho de Albuquerque, o marquez de Fronteira, o conde de Ficalho, e muitos officiaes de fileira, cujo numero e denodo deixavam de auxiliar a defeza.

Com a partida d'aquella expedição, e para oppor a um exercito de trinta e cinco mil homens, auxiliado por artilheria numerosa e de grosso calibre, commandado pelos novos officiaes francezes, e dirigido pelo marechal Bourmont, Saldanha só podia contar com cinco mil homens de tropa de linha e sete mil dos corpos nacionaes [2].

[1] *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 138.

[2] Exposição official de Solignac no ultimo conselho em junho de 1833. — 7:000 dos corpos nacionaes e 7:500 de tropa

Tratando da batalha de Waterloo, escreve Thiers: «Effectivamente era uma temeridade extrema o dar Napoleão batalha tendo unicamente cento e vinte mil homens contra duzentos e vinte mil, formados em parte dos primeiros soldados da Europa, commandados por generaes exasperados, resolvidos a vencer ou morrer»[1]. Parecem escriptas de vez para o nosso caso em todas aquellas particularidades as palavras do grande historiador. Do assalto, que tão grave responsabilidade ia impor a Saldanha, que diria Thiers, se soubesse que, em logar de cento e vinte contra duzentos e vinte, o defensor do Porto dispunha só de doze mil homens (sendo menos de metade unicamente de tropa de linha), e segundo outros apenas de nove mil homens, contra um exercito nas circumstancias que ha pouco expozemos, exasperado pelos revezes successivos, ardendo em enthusiasmo pelas rasões expostas, todo elle estimulos ao lado dos officiaes estrangeiros, e commandado pelo novo marechal francez, a quem reputava o Deus da victoria!

Pois foi assim. Para oppor a tantos contras tinha o exercito libertador uma esperança: o seu general.

Tudo indica o assalto para o dia seguinte. Conhecem-se distinctamente os aprestes do inimigo, vê-se

de linha, mas d'esta haviam já saído do Porto os 2:500 com o duque da Terceira. Um escriptor estrangeiro, presencial, marca apenas 9:000 em vez de 12:000 *(Guerra civil,* pag. 196 a 198).

[1] *Histoire du consulat et de l'empire.*

a tropa realista da margem-sul atravessar para a linha do norte, sente-se a marcha dos esquadrões, ouve-se o rodar da artilheria de campanha para tomar posições estrategicas; «a desproporção das forças era tão grande, escreve Napier, que, segundo todas as regras da guerra, o Porto devia caír n'aquelle dia»[1]. Como no momento, em que perpendicularmente se agglomeram significativos castellos de nuvens, nos diz a consciencia que vae estalar trovoada medonha, assim pairava a tempestade bellica sobre a cidade sitiada. Todos avaliavam a solemnidade do momento.

Mas se Bourmont não dormia, tambem não dormia Saldanha. Aquelle assalto vae ser um acto decisivo. O marechal francez, se vencesse, conquistaria apenas mais um dia de triumpho, mas, se perdesse, eclypsaria os louros da sua vida gloriosa; não jogava só um dia, jogava a sua corôa marcial, e jogava-a aos sessenta annos. Era serio. Ajuiza-se dos esforços supremos que elle empregaria, primeiro nas predisposições, depois no proprio assalto. Saldanha, sobre o arriscar a inconcussa fama do seu nome, já glorioso, ía ter mais uma vez na mão a perda ou a salvação da causa que lhe fôra confiada. Não eram dois simples generaes que ali estavam agora, um defronte do outro; sim dois gigantes, que, mais do que a vida, iam jogar a gloria ou a desgraça eterna. Eram dignos um do outro na empreza bellica. Adivinhavam-se. Um, o de fóra, tinha do seu lado a

[1] Obra citada, vol. I, pag. 279.

força, o outro o desespero; e ambos a reputação dos seus nomes, e ambos a salvação das suas causas. Corre a noite, noite sem fim, desponta o primeiro arrebol do dia 25. Leão contra leão, ao mandado de ambos rugem surdamente os dois campos...

Que vae succeder d'aqui a momentos?

CAPITULO XXIII

ASSALTO DE 25 DE JULHO

I

Saldanha corrêra a linha de extremo a extremo, e, ainda envolvido tudo nas trevas, já elle se achava á frente do estado maior na linha esquerda, onde com rasão ajuizava que o inimigo estrearia o assalto. Não se esquecêra o previdente general, da sentença do seu epico patricio:

.... nunca louvarei
o capitão que diga não cuidei.

Cuidára o capitão; e proverbial é para todos o como em circumstancias taes sabia cuidar.

Nunca o embaraçou a mingua de tropas. Regosijava-se mesmo de vencer com forças inferiores ás contrarias; que os seus officiaes e soldados fossem de ferro, este o seu empenho. Incommodava-o jogar com muitos trunfos; o que desejava era ter bons parceiros, que, entreadivinhando-lhe as puxadas, lhe executassem o plano á risca, ajudando-o a ganhar a partida.

O plano, a quem o revelava de antemão? Responda o seu travesseiro que tantas vezes ficou mal com elle, todo escandalisado de nem ser digno para confidente quem tão bons somnos lhe preparava depois das batalhas, e tão inspiradoras vigilias lhe offerecia quando a estrategia lhe refloria do pensamento. Assim germinava a idéa, assim a fecundava no recondito, a vestia de fórmas, a discutia comsigo, de um lado para prevenir o desastre, do outro para se aproveitar da victoria, e d'este modo, na imaginação do guerreiro, a um tempo fogosa e reflectida, se iam formando no remanso das noites e desde os alicerces os edificios bellicos.

II

Clareia o crepusculo d'aquelle dia 25 de julho, e lá está elle já, rodeado dos seus, no ponto mais fraco, e portanto mais serio, de toda a linha da defeza, junto á quinta *Wanzeller*, sereno o semblante, apurando o ouvido, pondo a alma nos olhos, na apparencia tranquillo como intrepido, no interior agitado como general que se desejasse multiplicar por todos os logares da lucta. Commandantes, officiaes, soldados, quantos a distancia permittia que o vissem, tinham os olhos fitos n'elle, e d'elle recebia cada combatente um dos raios que partiam d'aquelle astro da victoria; confissão de todos os que militaram debaixo do seu commando.

Batem cinco horas. Restruge nos ares a primeira

descarga geral da artilheria realista dos reductos de *Serralves*, do *Crasto*, do *Verdinho*, da *Furada* e de todos os outros de ambas as margens do Douro. *Rainha e Carta*, responde nos corações toda a linha liberal á mortifera salva que annunciava o assalto.

Dera signal o campo inimigo. Á descarga geral das baterias principiaram a saír dos entrincheiramentos realistas quatro differentes columnas de todas as armas, acompanhadas de dezeseis bôcas de fogo.

Forcejaremos pela clareza, fazendo ao leitor narrativa resumida, mas indispensavel, nos pontos fundamentaes.

Era a lucta na linha esquerda por emquanto, como dissemos. As quatro columnas realistas, coadjuvando-se ao longo da linha, encaminhavam-se aos quatro pontos essenciaes, e tinham por intento previo o cortarem as communicações da cidade com a Foz.

Dirigiu-se a primeira columna sobre o logar de *Francos* e *casa da Prelada.*

A segunda columna sobre a quinta *Wanzeller* pelos seus dois flancos e centro.

A terceira columna sobre *Lordello.*

A quarta columna sobre o reducto do *Pastelleiro* pelos seus flancos.

Alem das peças volantes, auxiliava as quatro columnas nos quatro ataques um fogo geral vivissimo de artilheria de grosso calibre, lançado sem interrupção de todos os reductos realistas ao redor da cidade. Era a tempestade do fogo.

Ás seis horas da manhã o assalto combinado investia toda a linha esquerda do Porto, desde o Carvalhido á Foz. Da quinta *Wanzeller*, o ponto mais importante e arriscado, o general Saldanha, que não podia estar ao mesmo tempo em todas as posições do combate, enviára para cada uma das principaes um dos seus officiaes do estado maior, estabelecendo assim os fios electricos de que elle era o centro, e d'ali corria tambem aos outros logares, onde, pelo que lhe vinham annunciar, ou pelo que entrevia, julgava opportuna a sua direcção especial.

III

A primeira columna realista, acommettendo o logar de *Francos*, obtivera no impeto a vantagem de se apossar da posição, cedendo os destacamentos liberaes ao desproporcionado das forças; mas o capitão Solla, ajudante de ordens de Saldanha (depois barão de Francos pelos feitos de armas que ali executou n'aquelle dia), com reforços que uniu aos destacamentos desalojou o inimigo. Ousado este, segunda e terceira vez arremette, segunda e terceira vez é desalojado. Á quarta investida, Solla acaba de reunir a sua gente, á frente d'ella dá uma carga desesperada á bayoneta, e da posição disputada com tanta valentia desaloja definitivamente o inimigo, que se retirou em fuga, deixando sobre o campo numero consideravel de mortos e feridos. Entre os actos de arrojo praticados n'esta carga de bayoneta, viu-se o

porta-bandeira Bizos pelejar contra uns poucos de soldados de cavallaria realista, sendo finalmente acutilado por elles depois de ter morto o primeiro que o atacou; mas, embora acutilado, Bizos sobreviveu ás feridas.

IV

Emquanto a posição de Francos era assim acommettida pela primeira columna que por fim retirou, atacava a segunda columna realista com o maior impeto a importantissima e essencial posição da quinta *Wanzeller*, pelo centro e pelos flancos. Era um ataque infernal. A sub-columna do flanco direito (contra os liberaes) encontrou defronte de si o coronel Moura Furtado e quarenta soldados, que a levaram de vencida. No flanco esquerdo oppozeram-se, fazendo carnificina terrivel, o tenente coronel Borso e o major Cassano, carregando á bayoneta. Muda a scena de repente: o centro realista, que ainda não tinha chegado a arremetter, foi investido pelos liberaes, que, já vencedores nos flancos, auxiliaram a investida do centro, e por este movimento combinado e estrategico pozeram em debandada n'aquelle ponto as forças realistas.

Era esta posição quinta *Wanzeller* que o marechal Bourmont mais affincadamente queria levar de assalto, e por isso mais tenaz resistencia lhe era offerecida pelo general sitiado. Por aquelle motivo emprehenderam os realistas segunda investida violenta. N'esta segunda investida, os liberaes mandados fa-

zer um movimento magistral para tomar uma bateria, executaram-no admiravelmente, avançando para alem das linhas, mas não conseguiram o fim, porque, emboscada a cavallaria de Villa Viçosa, ficariam cortados, se não reentrassem nos entrincheiramentos, para onde a cavallaria os compelliu.

Encarniçada era a disputa de ambos os lados. Terceiro violentissimo ataque vão dar os realistas á quinta *Wanzeller*. A sua cavallaria, para animar e auxiliar a infanteria, investe com tanta bravura, que chega até ás trincheiras, até aos proprios muros da quinta, e o bravo Brassaget (ajudante de Bourmont) tinha-se apeiado do cavallo para carregar a pé na frente dos caçadores. Mas ao valor dos realistas oppõe baluarte o valor dos liberaes, todos da mesma raça, os de um e de outro lado, irmãos que se feriam sobre a mãe commum, que ali estava chorando lagrimas de sangue! Á terceira e magnifica investida correspondeu, portanto, magnifica e terceira resistencia. Os esquadrões realistas viram-se combatidos pela cavallaria sitiada, cujo bravo commandante João Nepomuceno de Macedo operou o que era n'elle proverbial: prodigios de valor; auxiliada tambem a defeza liberal (por um movimento repentino) com duas peças de artilheria volantes, estrategicamente oppostas á nova e repentina direcção que os realistas deram á sua bateria de campanha no flanco direito.

Salva dos tres successivos e violentissimos ataques por todos os lados, a importante posição da quinta *Wanzeller*, disputada cinco horas a fio com

heroica valentia, logrära ficar gloriosamente vencedora.

V

A posição de Lordello foi investida (centro e flancos) pela terceira das quatro grandes columnas que vimos irromper das linhas realistas.

Á sub-columna que pretende invadir a povoação não lh'o consente o fogo cruzado das primeiras casas, apesar da valentia do terceiro regimento realista de Lisboa commandado pelo destemido Duchatel, que é ferido quatro vezes. Distingue-se nos liberaes o tenente coronel Celestino, carregando á bayoneta com o bravo capitão Pedroso e a sexta companhia do seu regimento 15. Não menos se distinguem no flanco esquerdo o sempre denodado tenente coronel Shaw e o coronel Dodgins, pela intrepidez com que sustentam o fogo, tendo previamente de ceder á grande superioridade das forças que os atacaram. Shaw repelle em seguida os realistas de todos os pontos do flanco de que se tinham apossado, e repelle-os á bayoneta.

Segunda vez o inimigo lhe assalta os pontos, segunda vez os leva Shaw adiante de si em cargas de bayoneta, para alem da posição, que valentemente conserva.

Repellida nos flancos, a columna realista enovela-se no centro, e assim reforçada e compacta investe no ponto da Casa Branca, tanto mais esperançada de a levar de vencida, quanto não receiava en-

contrar ali artilheria. Esperança vã! Mandada encobrir fôra ali uma peça. Desmascarada de repente, o inimigo desprevenido recebe as descargas da fuzilaria, sustentadas pela bôca de fogo, vacilla, retrocede. Segunda vez acommette, mas debalde. Desesperado acommette ainda terceira vez, e terceira vez se lhe inutilisa o acommettimento.

Repellida assim, tão vigorosamente, no centro e nos flancos, tropeçando nos seus cento e trinta mortos e innumeros feridos, a columna inimiga que investíra contra as posições de Lordello é obrigada a reentrar nos seus entrincheiramentos ás onze horas e tres quartos do dia.

VI

A quarta columna, finalmente, era a que tinha investido contra a importante posição do *Pastelleiro*, o reducto do *Pinhal*, e o terreno que lhes ficava intermedio. Foi este um dos quatro pontos atacados onde mais ardente e mortifero se tornou o assalto.

A forte columna realista irrompeu simultaneamente pelos flancos e centro, protegida por dez peças, formando tambem parte d'ellas os melhores esquadrões da cavallaria de Chaves e do Fundão, que praticaram maravilhas. Que general a commandava? O intrepidissimo Larochejaquelin, e dizer Larochejaquelin (refere o general Clouet na sua narrativa official) é dizer tudo. A direcção do ataque ás posições do *Pastelleiro* foi digna d'aquelle sympathico e

brioso general. Mas quem encontrava elle na sua frente, defendendo as posições? Pacheco, o arrojadissimo commandante do 10 de infanteria, que ali dirigia a brigada defensiva. O *Pastelleiro* foi investido e disputado palmo a palmo. A afamada *Flecha dos Mortos*, ponto essencial, atacada por forças superiores, chegou a ser tomada pelo regimento de infanteria de Cascaes. Os legendarios regimentos, Cascaes e 10, os dois rivaes, arremessaram-se um contra o outro, como leões enfurecidos. Por uma combinação habil a Flecha é readquirida pelos liberaes.

Segunda investida ás mesmas posições, e com a mesma violencia; segunda defeza brilhante, e segunda vez é readquirida a Flecha. Havia horas que a posição do *Pastelleiro* estava sendo disputada de parte a parte com uma tenacidade quasi superior aos esforços humanos.

Então a columna realista suspende-se por algum tempo, revigora as forças, dispõe-se á terceira investida, e auxiliada pelos esquadrões de cavallaria (pasmosos por seu denodo) levando á frente o proprio Larochejaquelin (que é ferido n'um pulso), arremette pela terceira vez contra a Flecha, mas a heroica defeza de Pacheco ultrapassa a heroica investida de Larochejaquelin. O violento fogo do reducto *Pastelleiro* combinado com as cargas de bayoneta pela frente, e o movimento estrategico da quinta companhia do regimento 10 pelo flanco, obrigam a columna realista a ceder, a largar a preza, a retirar-se precipitadamente, deixando este ponto da linha jun-

cado de mortos e feridos. A quarta e derradeira investida significou antes um protesto do que um ataque.

Deve-se advertir que os movimentos da columna realista foram protegidos por um fogo das suas baterias tão violento, dirigido principalmente contra o reducto do *Pinhal*, que era um verdadeiro inferno de balas e granadas; mas, apesar de quasi derrocado, o heroico reducto não se calou, auxiliando prodigiosamente o desbarato d'esta quarta columna. Para a defeza geral das posições de toda a linha não concorreu menos a recommendação estrategica de Saldanha, que, vista a desproporção das forças, os movimentos das defezas e das investidas pelos flancos auxiliassem os centros das forças para envolver o inimigo[1].

VII

Vencedora estava após horas successivas toda a linha esquerda do exercito liberal, desde a Foz até o centro, nas quatro posições capitaes, fechos do ferreo cinto que apertava o Porto.

A batalha é como a doença do homem, e que

[1] N'esta defeza da linha se distinguiram muito, alem de João Nepomuceno e de Pacheco, Bressane, os majores Miranda e Gil Guedes, o alferes José Paulino de Sá Carneiro e muitos outros. Para o complemento dos mais distinctos, veja-se a noticia official na *Chronica Constitucional* de 3 de agosto de 1833, e para os distinctos no exercito realista os officios de Bourmont e de Clouet de 26 de julho.

doença mais terrivel do que a batalha! Resiste ao principio o doente com todas as forças reunidas, vão minguando, abate o corpo, levanta-se a vontade, peleja então o espirito com todo o ardor da resistencia; depois, o espirito abate por sua vez, nem já espirito, nem corpo; depois, a convulsão do moribundo, derradeiro adeus á vida; por fim, o suspiro decisivo, envolvido na saudade eterna. Assim é a batalha. Ás poderosas descargas no principio, responde o tinir furioso das espadas, as acclamações do enthusiasmo nos que logram ir vencendo, as vozes do desespero nos que vencidos vão ficando; mas correm as horas, desalentam os esforços, a artilheria enrouquece, as cargas afrouxam, depois o simples sussurro geral, mas inintelligivel, percorre o campo todo, no fim aquella entrecortada serie de tiros soltos, vagos, suspiros finaes da batalha, melancolico adeus da despedida aos bravos que morreram...

VIII

Intacta assim, finalmente, a linha esquerda, vencidos os realistas, vencedores os liberaes, Saldanha, que principiára a dirigir pessoalmente a defeza na posição *Wanzeller* por mais critica e perigosa, corria d'ali aos outros pontos arriscados, já para animar os defensores com a sua presença fascinadora, já para ordenar as providencias locaes que a estrategia lhe aconselhasse, encontrando-se em toda a parte onde o perigo era mais imminente e os combates

mais renhidos[1]. Vendo agora, com o seu tacto marcial, que já ponto nenhum da esquerda tornaria a correr perigo, fixou o pensamento na direita das linhas, como o pae que tendo todos os filhos doentes, nos que ainda não receberam os seus cuidados põe attenção não menos affectuosa.

Que faz então Saldanha? Deixando a esquerda, segue para o centro, e do centro correrá para a direita. O imperador assistia á batalha no forte da Gloria. Pouco antes de Saldanha, vê chegar um official de cavallaria. É o coronel inglez Badcock. Presenceando os prodigios de valor do seu exercito, o imperador estava nervoso, impressionado, ainda inquieto pela posição *Wanzeller*, e pergunta-lhe com emphase:

—Que lhe parece, coronel?

—Como vossa magestade vê, o inimigo tem sido repellido em todos os pontos.

—Mas renovará o ataque?

—Parece-me que não, meu senhor.

O imperador sorriu-se e apertou-lhe a mão[2].

Chegava Saldanha com o seu estado maior ao forte da Gloria, de caminho para a linha direita, seu fito n'este momento. O imperador, enthusiasmado, dirigiu a Saldanha as expressões mais carinhosas

[1] Discurso do deputado Jervis de Athouguia (testemunha presencial) na sessão da camara dos deputados de 15 de abril de 1834, na presença dos que assistiram á batalha; e tambem a *Noticia official* na *Chronica do Porto*, de 3 de agosto de 1833.

[2] Badcock, obra citada, pag. 304.

pelos feitos que lhe vira praticar desde o começo da batalha.

—Dê-me vossa magestade licença, disse-lhe Saldanha, vou correr a nossa linha. Bourmont é um grande general, e eu, no logar d'elle, assim que visse o ataque do centro bem engajado, atacaria a extrema direita com alguns batalhões[1].

D. Pedro saudou-o contentissimo, e Saldanha seguiu a todo o galope com o seu estado maior.

IX

Que succede na direita?

Havendo sido infructifera á columna realista de quatro mil homens, postada na baixa de Campanhã, a investida ali contra a linha, avançára sobre a columna liberal entre o *Bomfim* e *Guellas de Pau.* Os piquetes liberaes retiraram para o seu corpo, que era um regimento belga. Se o regimento retrocede, a linha direita fica invadida, e a cidade do Porto, heroicamente salva na linha esquerda (como acabámos de ver), cairá nas mãos do inimigo.

Era no momento em que Saldanha, levado por uma das inspirações que tantas vezes lhe occorriam, chegava a *Guellas de Pau.*

Chega. Que vê? O regimento belga cedia, retirava em precipitação. O general intenta reunil-o; já não é tempo.—«Mandae os vossos portuguezes»,

[1] *Narrativa* de Saldanha, citada.

bradavam-lhe os que retiravam. Uma linha formidavel de atiradores realistas sustentada por tres batalhões em columna, investia já, certa da victoria.

É o momento supremo da batalha.

Saldanha comprehende-o n'um repente, olha em torno de si para mandar avançar a reserva; nem um só corpo ha de reserva, nem um só esquadrão que sustenha a investida, nem sequer uma companhia que opponha ao ataque! Ficará n'aquelle instante perdida a causa, já vencedora na esquerda? Cairá o Porto depois dos esforços inauditos d'aquelle dia? Não ha força? ha *elle*. Não ha reserva ali? será reserva aquelle estado maior. Não ha trincheiras? trincheiras serão os peitos d'aquelles bravos. Então a historia do mundo recolhe um facto que transmittirá admirada aos seculos. Saldanha n'um relance desembainha a espada, os dezenove officiaes do seu estado maior as desembainham com elle, vinte lanceiros que o acompanham enristam as lanças. O exercito realista conquistará o Porto, mas por cima dos corpos d'aquelles quarenta heroes. Vencer ou morrer, é o pensamento unanime; e Saldanha, mandando-os rapidamente metter em linha, carrega, elle, o general em chefe, na frente d'aquelles bravos, sobre o primeiro batalhão inimigo, que avançava alvoroçado. O batalhão dá-lhes umas poucas de descargas á queima-roupa. Que importavam aquellas descargas aos que já se consideravam os moribundos da patria? Estavam já todos sobre o batalhão; acutilam-no; debanda para os flancos, debanda para a retaguarda, envolve o segundo batalhão, os

dois envolvem o terceiro, debanda tudo, até irem buscar a salvação na columna de Campanhã, de que haviam destacado, e que por fim retira tambem. O general Saldanha, no meio de um fogo infernal, salvava com aquelle ultimo acto a cidade e a causa do Porto.

Mas quê? Quasi ao seu lado caíra mortalmente ferido (succumbindo horas depois) o seu fiel amigo e ajudante de ordens havia dezesete annos, D. Fernando de Almeida, e em roda via feridos tambem, do estado maior que o acompanhava, o major Domingos Manuel Pereira de Barros, o alferes Antonio de Mello Breyner, o brigadeiro Bento da França (conde de Fonte Nova), o capitão Guillet, contusos o tenente coronel Manuel Maria da Rocha Colmieiro, o capitão Luiz de Mello Breyner (conde de Mello)! E assim restaurava a posição da linha direita liberal o vencedor, que deixava aberto, com a carga que ficou legendaria, um exemplo unico entre os fastos da historia portugueza, por não dizer da historia do mundo.

Entrava á cidade; acclamava-o o exercito, a população acclamava-o. Vinham-lhe risonhos os labios, nos olhos borbulhavam-lhe lagrimas. A sua brilhantissima espada despedaçára a do conquistador de Argel, mas a sua alma perdêra um dos seus primeiros amigos.

Os escriptores inglezes, testemunhas da guerra, citam com admiração a carga salvadora. O coronel Badcock diz: «Atacado o ponto do Bomfim, Saldanha, receioso do que iria ali, corre para lá, chega, vê a praça já invadida, os realistas a entrarem; que faz

então? carrega, elle proprio, com o seu estado maior e repelle-os»[1].

O almirante Napier escreve: «Uma forte columna atacou o forte do Bomfim, e conseguiu chegar até á entrada da praça; porém Saldanha, collocando-se á frente do seu estado maior e uma força de lanceiros, atacou vigorosamente a columna, repellindo o inimigo depois de grande carnagem»[2].

Outro escriptor diz: «O inimigo appareceu na sua esquerda (direita dos liberaes) com forças respeitaveis. Saldanha correu a este ponto, e com os officiaes do seu estado maior e alguns lanceiros dirigiu uma carga das mais atrevidas que até ali se viram, censurada por sua temeridade, mas gabada pelo exito feliz»[3]. Outro acrescenta: «Saldanha poz-se á testa de vinte lanceiros, e seguido pelo seu estado maior todo e por alguns outros, até generaes, voluntarios na empreza, fez um ataque de espada na mão dos mais atrevidos que se têem visto... elle felizmente escapou das balas, mas não das expressões populares, nem da amigavel censura de D. Pedro por se ter exposto tanto»[4].

«Saldanha não era só general, era soldado tambem, diz outro escriptor (e dos mais brilhantes), a sua bravura chegava a ser temeraria; n'um dos ataques dos miguelistas ás linhas do Porto, em que elles

[1] Badcock, obra citada, pag. 304.
[2] *Guerra da successão*, vol. I, pag. 280.
[3] *Revista historica de Portugal*, pag. 166.
[4] *Historia da guerra civil e sitio do Porto*, por um estrangeiro, pag. 213 e 214.

chegaram a penetrar na cidade, carregou-os á frente do seu estado maior de espada em punho; e depois de os repellir, conservou-se tranquillamente no meio de um chuveiro de balas»[1]. Poderiamos citar ainda muitos outros escriptores, e entre elles testemunhas presenciaes no Porto[2].

A batalha foi geral. Exercito de linha, batalhões de voluntarios, todos tinham desempenhado o seu dever por fórma admiravel. Ás trincheiras correram igualmente, mães, esposas, filhas, umas levando agua aos combatentes, outras polvora, munições, ainda outras pelejando entre as fileiras, mordendo os cartuchos, conduzindo os feridos ás costas (como possantes minhotas), ajudando os primeiros curativos, animando, consolando, e uma perdendo um braço ao transportar para o fogo um barril de polvora: complexo de actos que a historia deve transmittir como testemunho de verdade heroica.

X

Davam tres horas da tarde. Acabára o assalto. Reentravam em seus entrincheiramentos as forças desbaratadas do exercito realista, mas tendo tam-

[1] Sr. Pinheiro Chagas, *Morte do marechal Saldanha.*

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 139; *Historia do cerco do Porto*, tomo II, pag. 222 e outros.

Alem dos valentes officiaes do estado maior de Saldanha feridos na celebre carga entraram n'ella tambem: D. Miguel Ximenes (que deveu ao seu heroico valor não ser morto por dois soldados inimigos), Jorge Wanzeller, Vellez Barreiros, Balthazar de Almeida Pimentel, Pedro Paulo Ferreira de Sou-

bem honrado a nação. Com valentia extrema combateram, e, ao vel-as combater assim, o leitor esquece-se do partido a que umas e outras pertenciam, para se lembrar só de que é portuguez, e de que ambos os campos honraram o nome da mãe commum.

As forças liberaes reentravam na cidade no meio de applausos delirantes. Estavam já requentados os jantares para os conquistadores, e as familias inglezas não tinham tido necessidade de se refugiar na igreja britannica. O pranto aos que não voltaram, prestava culto á saudade; o regosijo prestava-o aos soldados da causa. A noite foi toda repiques de sinos, luminarias, girandolas, vivas, musicas; fulgia a cidade em festa, narravam-se as façanhas geraes, corriam de bôca em bôca as scenas parciaes de valentia, commentava-se a carga intrepida do general. Ao povo, ao eterno poeta, faziam côro as inspirações do enthusiasmo particular. Passos Manuel expandia o seu grande coração d'esta maneira:

San Thiago em Clavijo brande a lança
E com seu nobre arrojo salva a Hespanha,
Bourmont submette Argel á altiva França,
Porém um portuguez, o gran Saldanha,
Da patria amor, enlevos e esperança,
Que inveja faz a toda a gente estranha,
Arrostando no Porto o fero imigo
Calca os louros de Argel e de Clavijo.

E na Foz? Que espectaculo singular na extensa

sa, José Julio do Amaral, João de Vasconcellos e Sousa, José Antonio Lopes e Antonio Nicolau de Almeida e Liz (*Noticia official* n.º 17, na *Chronica do Porto* de 3 de agosto de 1833).

planicie do reducto do Pinhal? É um acampamento, mas não de homens. São as mulheres da povoação levando a noite a coser os sacos, que, para a eventualidade de investida no dia seguinte, devem ser collocados (antes do amanhecer) no celebre reducto, vencedor, mas desmantelado.

O imperador, que, ainda mal convalescente, assistira á batalha do principio ao fim, não cessava de elogiar a valentia da defeza e as brilhantes investidas da offensiva contra as columnas realistas desproporcionalmente superiores. O que tudo induziu um escriptor competente, o almirante Napier, a admirar a defeza do Porto «contra um inimigo *tão superior e no ultimo ataque* commandado por um general da reputação do marechal Bourmont»[1]. Ao lado de Napier levantam-se outros escriptores louvando o acerto com que Saldanha dispozera a resistencia, a actividade com que a sustentou, o emprego de todos os recursos da sciencia bellica[2]. A estas provas põe fecho a prova official. É uma carta regia do sr. D. Pedro:

«Conde de Saldanha, tenente general dos reaes exercitos, chefe do meu estado maior. Tomando em consideração a pericia com que vos houvestes no memoravel dia 25 de julho, repellindo consideraveis forças inimigas em seus successivos e desesperados ataques contra as principaes posições das linhas do Porto, pondo em pratica com a maior dexteridade e

[1] *Guerra da successão*, vol. II, pag. 212.

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 138; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 223.

coragem as minhas ordens, dando disposições tão habilmente concebidas como energicamente executadas, carregando com poucos officiaes do estado maior e vinte lanceiros a força superior, que tentando occupar os postos avançados entre o Bomfim e Guellas de Pau, não pôde resistir ao impeto de tão grande bravura, alcançando-se em resultado de tantas proezas uma completa victoria... por estes motivos hei por bem, em remuneração de tão distincto merecimento e de tão altos serviços, elevar-vos á dignidade de gran-cruz da muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito»[1]...

Que significativa resposta não é este documento ao abandono de Saldanha na expedição ao Mindello! Que lição, para os reis não se deixarem illudir pelos invejosos, e para os invejosos se desenganarem do que valem!

XI

O commandante do exercito realista na sua narrativa do dia seguinte, 26 de julho, chamava ao assalto um reconhecimento em força.

Não advertia o general que mais se accusava, declarando ter feito um reconhecimento para perder a mais cruenta batalha que deu aquelle exercito. Um sizudo escriptor do campo vencido, tratando d'esta batalha, responde ao general da sua causa o seguin-

[1] Por despacho de 15 de agosto de 1833 (*Chronica Constitucional de Lisboa* de 28 de agosto de 1833).

te: «Os tristes acontecimentos que acabámos de narrar tornaram mais urgente *um supremo esforço* (note-se) do campo dos realistas, a fim de que o desalento que ia calando no exercito não levasse o governo do reino a luctar com difficuldades insuperaveis. Resolveu-se portanto que se atacasse em grande força e immediatamente a cidade sitiada»[1]. E um official francez, ao serviço do proprio exercito sitiador, escreveu: «Tornava-se urgente animar os realistas por um successo. O marechal Bourmont sentiu mais que nunca a necessidade d'este... e fez as suas disposições *para dar um combate decisivo e tomar o Porto*»[2].

Ao combate decisivo para tomar o Porto é que chamava reconhecimento o general contrario! O assalto de 25 de julho era portanto o supremo esforço do exercito sitiador. Ao supremo esforço do ataque respondeu o supremo esforço da defeza. Ao leão de Argel, o leão de Portugal. Eram heroes os officiaes da Vendée? Por isso o não foram menos os que venceram heroes. Eram os sitiadores a expressão da valentia? Por isso o domar-lhes o impeto não foi valentia menor. Praticaram prodigios de arrojo? Por isso foi gloria o derrotal-os. Pelejavam como em desafio magestoso, digno de ambos os exercitos? Por isso ambos ficaram enobrecidos, um na victoria, o outro no infortunio. Era, alem do desafio geral, o desafio individual entre o marechal de França e o general

[1] *Portugal*, pelo sr. Pina Manique, pag. 241.

[2] Saint-Pardoux, *Campanhas de Portugal em 1833 e 1834*, traducção portugueza, cap. I, pag. 15.

portuguez ? Por isso a corôa marcial de Bourmont rolou aos pés de Saldanha, que a levantou com a sua espada invicta, para a depositar entre os heroicos trophéus da nação portugueza.

CAPITULO XXIV

SALDANHA OBRIGA A LEVANTAR O CERCO DO PORTO BATALHA DE 18 DE AGOSTO

I

Finalmente!

Não podéra Saldanha até ali emprehender a guerra offensiva, mas fôra obrigado a limitar-se á defensiva. É chegado o momento. Vae irromper. Batalha nenhuma déra ainda, em que a previdencia, a estrategia, a harmonia das disposições lograssem occasião de attingir o alto ponto que vamos presencear.

No mez de junho assistira o leitor á partida da expedição commandada pelo duque da Terceira, e transportada na esquadra por Napier. Desembarcando no Algarve, seguindo admiravelmente afouto pelo Alemtejo, aproveitando-se da imprevidencia do general realista, que foi occupar Beja em vez de defender a estrada de Lisboa, o destemido duque da Terceira, guiado pela sua estrella propicia, e rodeado de um punhado de valentes, arremettendo (a 23 de julho) na Piedade e em Cacilhas contra as forças de Telles Jordão, que destroçou, entrava no dia 24 na capital, abandonada pelos realistas sem dispararem um tiro.

Chegada a noticia no dia 26, o imperador embarcou a 27 para a capital, onde chegou a 28, deixando a Saldanha o mando supremo do exercito do Porto.

A divisão realista do duque de Cadaval seguira de Lisboa para Coimbra. Ali a foram encontrar o sr. D. Miguel e Bourmont com parte das forças que levaram das linhas do Porto. De Coimbra, meiado agosto, partiu contra a capital o exercito realista. Ficava continuando o cerco o distincto general francez Almer, um dos que tinham vindo com Bourmont.

II

Não conhecia Saldanha os impossiveis de outros generaes, mas tambem não havia forças humanas que o obrigassem a arrostar com o impossivel absoluto. Sirva de exemplo a sua negativa no anno de 1823 a ir commandar a burlesca expedição contra o Brazil. Para demonstração porém dos quasi impossiveis que vencia, acabámos de ver um exemplo na carga de 25 de julho, tinhamol-o visto na America vencendo a cavallaria de Artigas, havemos de o ver ainda na acção de Torres Vedras e n'outras.

Applicando estas considerações ao momento, recordemo-nos de que Saldanha se oppozera em junho d'aquelle anno á investida contra as linhas do Porto. Quando, levantado o cerco, foram examinadas as fortificações inimigas, sustentadas por trinta e cinco mil homens, todos palparam a impossibilidade que Saldanha presentíra. Agora, a difficuldade era ainda

immensa, mas o talento, o plano trabalhado no recondito, o arrojo coroando plano e talento poderão vir a intentar o passo formidavel. E todavia, em tudo era ainda inferior ao seu antagonista o exercito liberal, nas forças, na especialidade de cada arma, nos aprestes, no terreno em que deveria operar, na fortissima e quasi inexpugnavel posição de Vallongo, em que o inimigo se poderia sustentar para depois recaír sobre o Porto.

Se não se tratava pois de um impossivel absoluto, Saldanha tinha contra si, dado que intentasse obrigar o inimigo a levantar o cerco, uma d'aquellas difficuldades dignas d'elle.

Intentou.

Vira Saldanha o inimigo abandonar as posições do monte do Crasto e de Serralves, concentrar-se mais, e fechar o sitio nos reductos do Contumil que têem na sua retaguarda o celebre reducto Real. Apesar da superioridade numerica das forças realistas, os officiaes do estado maior de Saldanha entreadivinhavam que na mente lhe andava trabalhando plano audacioso.

Era complexo o plano. Como general de primeira ordem, tinha de prevenir, a par da possivel victoria, a eventualidade dos desastres, de attender ao ataque nos differentes pontos, de manter a defeza das linhas para não ficarem a descoberto e não receberem surpreza de columna inimiga, que se aproveitasse da saída dos liberaes para lhes cortar a retirada. Não menos tinha de attender á necessidade de impedir que as forças realistas da margem-sul passassem o

bradavam-lhe os que retiravam. Uma linha formidavel de atiradores realistas sustentada por tres batalhões em columna, investia já, certa da victoria.

É o momento supremo da batalha.

Saldanha comprehende-o n'um repente, olha em torno de si para mandar avançar a reserva; nem um só corpo ha de reserva, nem um só esquadrão que sustenha a investida, nem sequer uma companhia que opponha ao ataque! Ficará n'aquelle instante perdida a causa, já vencedora na esquerda? Cairá o Porto depois dos esforços inauditos d'aquelle dia? Não ha força? ha *elle.* Não ha reserva ali? será reserva aquelle estado maior. Não ha trincheiras? trincheiras serão os peitos d'aquelles bravos. Então a historia do mundo recolhe um facto que transmittirá admirada aos seculos. Saldanha n'um relance desembainha a espada, os dezenove officiaes do seu estado maior as desembainham com elle, vinte lanceiros que o acompanham enristam as lanças. O exercito realista conquistará o Porto, mas por cima dos corpos d'aquelles quarenta heroes. Vencer ou morrer, é o pensamento unanime; e Saldanha, mandando-os rapidamente metter em linha, carrega, elle, o general em chefe, na frente d'aquelles bravos, sobre o primeiro batalhão inimigo, que avançava alvoroçado. O batalhão dá-lhes umas poucas de descargas á queima-roupa. Que importavam aquellas descargas aos que já se consideravam os moribundos da patria? Estavam já todos sobre o batalhão; acutilam-no; debanda para os flancos, debanda para a retaguarda, envolve o segundo batalhão, os

dois envolvem o terceiro, debanda tudo, até irem buscar a salvação na columna de Campanhã, de que haviam destacado, e que por fim retira tambem. O general Saldanha, no meio de um fogo infernal, salvava com aquelle ultimo acto a cidade e a causa do Porto.

Mas quê? Quasi ao seu lado caíra mortalmente ferido (succumbindo horas depois) o seu fiel amigo e ajudante de ordens havia dezesete annos, D. Fernando de Almeida, e em roda via feridos tambem, do estado maior que o acompanhava, o major Domingos Manuel Pereira de Barros, o alferes Antonio de Mello Breyner, o brigadeiro Bento da França (conde de Fonte Nova), o capitão Guillet, contusos o tenente coronel Manuel Maria da Rocha Colmieiro, o capitão Luiz de Mello Breyner (conde de Mello)! E assim restaurava a posição da linha direita liberal o vencedor, que deixava aberto, com a carga que ficou legendaria, um exemplo unico entre os fastos da historia portugueza, por não dizer da historia do mundo.

Entrava á cidade; acclamava-o o exercito, a população acclamava-o. Vinham-lhe risonhos os labios, nos olhos borbulhavam-lhe lagrimas. A sua brilhantissima espada despedaçára a do conquistador de Argel, mas a sua alma perdêra um dos seus primeiros amigos.

Os escriptores inglezes, testemunhas da guerra, citam com admiração a carga salvadora. O coronel Badcock diz: «Atacado o ponto do Bomfim, Saldanha, receioso do que iria ali, corre para lá, chega, vê a praça já invadida, os realistas a entrarem; que faz

então? carrega, elle proprio, com o seu estado maior e repelle-os»[1].

O almirante Napier escreve: «Uma forte columna atacou o forte do Bomfim, e conseguiu chegar até á entrada da praça; porém Saldanha, collocando-se á frente do seu estado maior e uma força de lanceiros, atacou vigorosamente a columna, repellindo o inimigo depois de grande carnagem»[2].

Outro escriptor diz: «O inimigo appareceu na sua esquerda (direita dos liberaes) com forças respeitaveis. Saldanha correu a este ponto, e com os officiaes do seu estado maior e alguns lanceiros dirigiu uma carga das mais atrevidas que até ali se viram, censurada por sua temeridade, mas gabada pelo exito feliz»[3]. Outro acrescenta: «Saldanha poz-se á testa de vinte lanceiros, e seguido pelo seu estado maior todo e por alguns outros, até generaes, voluntarios na empreza, fez um ataque de espada na mão dos mais atrevidos que se têem visto... elle felizmente escapou das balas, mas não das expressões populares, nem da amigavel censura de D. Pedro por se ter exposto tanto»[4].

«Saldanha não era só general, era soldado tambem, diz outro escriptor (e dos mais brilhantes), a sua bravura chegava a ser temeraria; n'um dos ataques dos miguelistas ás linhas do Porto, em que elles

[1] Badcock, obra citada, pag. 304.

[2] *Guerra da successão*, vol. I, pag. 280.

[3] *Revista historica de Portugal*, pag. 166.

[4] *Historia da guerra civil e sitio do Porto*, por um estrangeiro, pag. 213 e 214.

chegaram a penetrar na cidade, carregou-os á frente do seu estado maior de espada em punho; e depois de os repellir, conservou-se tranquillamente no meio de um chuveiro de balas»[1]. Poderiamos citar ainda muitos outros escriptores, e entre elles testemunhas presenciaes no Porto[2].

A batalha foi geral. Exercito de linha, batalhões de voluntarios, todos tinham desempenhado o seu dever por fórma admiravel. Ás trincheiras correram igualmente, mães, esposas, filhas, umas levando agua aos combatentes, outras polvora, munições, ainda outras pelejando entre as fileiras, mordendo os cartuchos, conduzindo os feridos ás costas (como possantes minhotas), ajudando os primeiros curativos, animando, consolando, e uma perdendo um braço ao transportar para o fogo um barril de polvora: complexo de actos que a historia deve transmittir como testemunho de verdade heroica.

X

Davam tres horas da tarde. Acabára o assalto. Reentravam em seus entrincheiramentos as forças desbaratadas do exercito realista, mas tendo tam-

[1] Sr. Pinheiro Chagas, *Morte do marechal Saldanha.*

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 139; *Historia do cerco do Porto*, tomo II, pag. 222 e outros.

Alem dos valentes officiaes do estado maior de Saldanha feridos na celebre carga entraram n'ella tambem: D. Miguel Ximenes (que deveu ao seu heroico valor não ser morto por dois soldados inimigos), Jorge Wanzeller, Vellez Barreiros, Balthazar de Almeida Pimentel, Pedro Paulo Ferreira de Sou-

bem honrado a nação. Com valentia extrema combateram, e, ao vel-as combater assim, o leitor esquece-se do partido a que umas e outras pertenciam, para se lembrar só de que é portuguez, e de que ambos os campos honraram o nome da mãe commum.

As forças liberaes reentravam na cidade no meio de applausos delirantes. Estavam já requentados os jantares para os conquistadores, e as familias inglezas não tinham tido necessidade de se refugiar na igreja britannica. O pranto aos que não voltaram, prestava culto á saudade; o regosijo prestava-o aos soldados da causa. A noite foi toda repiques de sinos, luminarias, girandolas, vivas, musicas; fulgia a cidade em festa, narravam-se as façanhas geraes, corriam de bôca em bôca as scenas parciaes de valentia, commentava-se a carga intrepida do general. Ao povo, ao eterno poeta, faziam côro as inspirações do enthusiasmo particular. Passos Manuel expandia o seu grande coração d'esta maneira:

San Thiago em Clavijo brande a lança
E com seu nobre arrojo salva a Hespanha,
Bourmont submette Argel á altiva França,
Porém um portuguez, o gran Saldanha,
Da patria amor, enlevos e esperança,
Que inveja faz a toda a gente estranha,
Arrostando no Porto o fero imigo
Calca os louros de Argel e de Clavijo.

E na Foz? Que espectaculo singular na extensa

sa, José Julio do Amaral, João de Vasconcellos e Sousa, José Antonio Lopes e Antonio Nicolau de Almeida e Liz (*Noticia official* n.° 17, na *Chronica do Porto* de 3 de agosto de 1833).

planicie do reducto do Pinhal? É um acampamento, mas não de homens. São as mulheres da povoação levando a noite a coser os sacos, que, para a eventualidade de investida no dia seguinte, devem ser collocados (antes do amanhecer) no celebre reducto, vencedor, mas desmantelado.

O imperador, que, ainda mal convalescente, assistira á batalha do principio ao fim, não cessava de elogiar a valentia da defeza e as brilhantes investidas da offensiva contra as columnas realistas desproporcionalmente superiores. O que tudo induziu um escriptor competente, o almirante Napier, a admirar a defeza do Porto «contra um inimigo *tão superior e no ultimo ataque* commandado por um general da reputação do marechal Bourmont»[1]. Ao lado de Napier levantam-se outros escriptores louvando o acerto com que Saldanha dispozera a resistencia, a actividade com que a sustentou, o emprego de todos os recursos da sciencia bellica[2]. A estas provas põe fecho a prova official. É uma carta regia do sr. D. Pedro:

«Conde de Saldanha, tenente general dos reaes exercitos, chefe do meu estado maior. Tomando em consideração a pericia com que vos houvestes no memoravel dia 25 de julho, repellindo consideraveis forças inimigas em seus successivos e desesperados ataques contra as principaes posições das linhas do Porto, pondo em pratica com a maior dexteridade e

[1] *Guerra da successão*, vol. II, pag. 212.

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 138; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 223.

coragem as minhas ordens, dando disposições tão habilmente concebidas como energicamente executadas, carregando com poucos officiaes do estado maior e vinte lanceiros a força superior, que tentando occupar os postos avançados entre o Bomfim e Guellas de Pau, não pôde resistir ao impeto de tão grande bravura, alcançando-se em resultado de tantas proezas uma completa victoria... por estes motivos hei por bem, em remuneração de tão distincto merecimento e de tão altos serviços, elevar-vos á dignidade de gran-cruz da muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito»[1]...

Que significativa resposta não é este documento ao abandono de Saldanha na expedição ao Mindello! Que lição, para os reis não se deixarem illudir pelos invejosos, e para os invejosos se desenganarem do que valem!

XI

O commandante do exercito realista na sua narrativa do dia seguinte, 26 de julho, chamava ao assalto um reconhecimento em força.

Não advertia o general que mais se accusava, declarando ter feito um reconhecimento para perder a mais cruenta batalha que deu aquelle exercito. Um sizudo escriptor do campo vencido, tratando d'esta batalha, responde ao general da sua causa o seguin-

[1] Por despacho de 15 de agosto de 1833 (*Chronica Constitucional de Lisboa* de 28 de agosto de 1833).

te: «Os tristes acontecimentos que acabámos de narrar tornaram mais urgente *um supremo esforço* (note-se) do campo dos realistas, a fim de que o desalento que ía calando no exercito não levasse o governo do reino a luctar com difficuldades insuperaveis. Resolveu-se portanto que se atacasse em grande força e immediatamente a cidade sitiada»[1]. E um official francez, ao serviço do proprio exercito sitiador, escreveu: «Tornava-se urgente animar os realistas por um successo. O marechal Bourmont sentiu mais que nunca a necessidade d'este... e fez as suas disposições *para dar um combate decisivo e tomar o Porto*»[2].

Ao combate decisivo para tomar o Porto é que chamava reconhecimento o general contrario! O assalto de 25 de julho era portanto o supremo esforço do exercito sitiador. Ao supremo esforço do ataque respondeu o supremo esforço da defeza. Ao leão de Argel, o leão de Portugal. Eram heroes os officiaes da Vendée? Por isso o não foram menos os que venceram heroes. Eram os sitiadores a expressão da valentia? Por isso o domar-lhes o impeto não foi valentia menor. Praticaram prodigios de arrojo? Por isso foi gloria o derrotal-os. Pelejavam como em desafio magestoso, digno de ambos os exercitos? Por isso ambos ficaram enobrecidos, um na victoria, o outro no infortunio. Era, alem do desafio geral, o desafio individual entre o marechal de França e o general

[1] *Portugal*, pelo sr. Pina Manique, pag. 241.

[2] Saint-Pardoux, *Campanhas de Portugal em 1833 e 1834*, traducção portugueza, cap. I, pag. 15.

bradavam-lhe os que retiravam. Uma linha formidavel de atiradores realistas sustentada por tres batalhões em columna, investia já, certa da victoria.

É o momento supremo da batalha.

Saldanha comprehende-o n'um repente, olha em torno de si para mandar avançar a reserva; nem um só corpo ha de reserva, nem um só esquadrão que sustenha a investida, nem sequer uma companhia que opponha ao ataque! Ficará n'aquelle instante perdida a causa, já vencedora na esquerda? Cairá o Porto depois dos esforços inauditos d'aquelle dia? Não ha força? ha *elle*. Não ha reserva ali? será reserva aquelle estado maior. Não ha trincheiras? trincheiras serão os peitos d'aquelles bravos. Então a historia do mundo recolhe um facto que transmittirá admirada aos seculos. Saldanha n'um relance desembainha a espada, os dezenove officiaes do seu estado maior as desembainham com elle, vinte lanceiros que o acompanham enristam as lanças. O exercito realista conquistará o Porto, mas por cima dos corpos d'aquelles quarenta heroes. Vencer ou morrer, é o pensamento unanime; e Saldanha, mandando-os rapidamente metter em linha, carrega, elle, o general em chefe, na frente d'aquelles bravos, sobre o primeiro batalhão inimigo, que avançava alvoroçado. O batalhão dá-lhes umas poucas de descargas á queima-roupa. Que importavam aquellas descargas aos que já se consideravam os moribundos da patria? Estavam já todos sobre o batalhão; acutilam-no; debanda para os flancos, debanda para a retaguarda, envolve o segundo batalhão, os

dois envolvem o terceiro, debanda tudo, até irem buscar a salvação na columna de Campanhã, de que haviam destacado, e que por fim retira tambem. O general Saldanha, no meio de um fogo infernal, salvava com aquelle ultimo acto a cidade e a causa do Porto.

Mas quê? Quasi ao seu lado caira mortalmente ferido (succumbindo horas depois) o seu fiel amigo e ajudante de ordens havia dezesete annos, D. Fernando de Almeida, e em roda via feridos tambem, do estado maior que o acompanhava, o major Domingos Manuel Pereira de Barros, o alferes Antonio de Mello Breyner, o brigadeiro Bento da França (conde de Fonte Nova), o capitão Guillet, contusos o tenente coronel Manuel Maria da Rocha Colmieiro, o capitão Luiz de Mello Breyner (conde de Mello)! E assim restaurava a posição da linha direita liberal o vencedor, que deixava aberto, com a carga que ficou legendaria, um exemplo unico entre os fastos da historia portugueza, por não dizer da historia do mundo.

Entrava á cidade; acclamava-o o exercito, a população acclamava-o. Vinham-lhe risonhos os labios, nos olhos borbulhavam-lhe lagrimas. A sua brilhantissima espada despedaçára a do conquistador de Argel, mas a sua alma perdêra um dos seus primeiros amigos.

Os escriptores inglezes, testemunhas da guerra, citam com admiração a carga salvadora. O coronel Badcock diz: «Atacado o ponto do Bomfim, Saldanha, receioso do que iria ali, corre para lá, chega, vê a praça já invadida, os realistas a entrarem; que faz

então? carrega, elle proprio, com o seu estado maior e repelle-os»[1].

O almirante Napier escreve: «Uma forte columna atacou o forte do Bomfim, e conseguiu chegar até á entrada da praça; porém Saldanha, collocando-se á frente do seu estado maior e uma força de lanceiros, atacou vigorosamente a columna, repellindo o inimigo depois de grande carnagem»[2].

Outro escriptor diz: «O inimigo appareceu na sua esquerda (direita dos liberaes) com forças respeitaveis. Saldanha correu a este ponto, e com os officiaes do seu estado maior e alguns lanceiros dirigiu uma carga das mais atrevidas que até ali se viram, censurada por sua temeridade, mas gabada pelo exito feliz»[3]. Outro acrescenta: «Saldanha poz-se á testa de vinte lanceiros, e seguido pelo seu estado maior todo e por alguns outros, até generaes, voluntarios na empreza, fez um ataque de espada na mão dos mais atrevidos que se têem visto... elle felizmente escapou das balas, mas não das expressões populares, nem da amigavel censura de D. Pedro por se ter exposto tanto»[4].

«Saldanha não era só general, era soldado tambem, diz outro escriptor (e dos mais brilhantes), a sua bravura chegava a ser temeraria; n'um dos ataques dos miguelistas ás linhas do Porto, em que elles

[1] Badcock, obra citada, pag. 304.

[2] *Guerra da successão*, vol. I, pag. 280.

[3] *Revista historica de Portugal*, pag. 166.

[4] *Historia da guerra civil e sitio do Porto*, por um estrangeiro, pag. 213 e 214.

chegaram a penetrar na cidade, carregou-os á frente do seu estado maior de espada em punho; e depois de os repellir, conservou-se tranquillamente no meio de um chuveiro de balas»[1]. Poderiamos citar ainda muitos outros escriptores, e entre elles testemunhas presenciaes no Porto[2].

A batalha foi geral. Exercito de linha, batalhões de voluntarios, todos tinham desempenhado o seu dever por fórma admiravel. Ás trincheiras correram igualmente, mães, esposas, filhas, umas levando agua aos combatentes, outras polvora, munições, ainda outras pelejando entre as fileiras, mordendo os cartuchos, conduzindo os feridos ás costas (como possantes minhotas), ajudando os primeiros curativos, animando, consolando, e uma perdendo um braço ao transportar para o fogo um barril de polvora: complexo de actos que a historia deve transmittir como testemunho de verdade heroica.

X

Davam tres horas da tarde. Acabára o assalto. Reentravam em seus entrincheiramentos as forças desbaratadas do exercito realista, mas tendo tam-

[1] Sr. Pinheiro Chagas, *Morte do marechal Saldanha.*

[2] *Annaes,* vol. IV, pag. 139; *Historia do cerco do Porto,* tomo II, pag. 222 e outros.

Alem dos valentes officiaes do estado maior de Saldanha feridos na celebre carga entraram n'ella tambem: D. Miguel Ximenes (que deveu ao seu heroico valor não ser morto por dois soldados inimigos), Jorge Wanzeller, Vellez Barreiros, Balthazar de Almeida Pimentel, Pedro Paulo Ferreira de Sou-

bem honrado a nação. Com valentia extrema combateram, e, ao vel-as combater assim, o leitor esquece-se do partido a que umas e outras pertenciam, para se lembrar só de que é portuguez, e de que ambos os campos honraram o nome da mãe commum.

As forças liberaes reentravam na cidade no meio de applausos delirantes. Estavam já requentados os jantares para os conquistadores, e as familias inglezas não tinham tido necessidade de se refugiar na igreja britannica. O pranto aos que não voltaram, prestava culto á saudade; o regosijo prestava-o aos soldados da causa. A noite foi toda repiques de sinos, luminarias, girandolas, vivas, musicas; fulgia a cidade em festa, narravam-se as façanhas geraes, corriam de bôca em bôca as scenas parciaes de valentia, commentava-se a carga intrepida do general. Ao povo, ao eterno poeta, faziam côro as inspirações do enthusiasmo particular. Passos Manuel expandia o seu grande coração d'esta maneira:

San Thiago em Clavijo brande a lança
E com seu nobre arrojo salva a Hespanha,
Bourmont submette Argel á altiva França,
Porém um portuguez, o gran Saldanha,
Da patria amor, enlevos e esperança,
Que inveja faz a toda a gente estranha,
Arrostando no Porto o fero imigo
Calca os louros de Argel e de Clavijo.

E na Foz? Que espectaculo singular na extensa

sa, José Julio do Amaral, João de Vasconcellos e Sousa, José Antonio Lopes e Antonio Nicolau de Almeida e Liz (*Noticia official* n.º 17, na *Chronica do Porto* de 3 de agosto de 1833).

planicie do reducto do Pinhal? É um acampamento, mas não de homens. São as mulheres da povoação levando a noite a coser os sacos, que, para a eventualidade de investida no dia seguinte, devem ser collocados (antes do amanhecer) no celebre reducto, vencedor, mas desmantelado.

O imperador, que, ainda mal convalescente, assistira á batalha do principio ao fim, não cessava de elogiar a valentia da defeza e as brilhantes investidas da offensiva contra as columnas realistas desproporcionalmente superiores. O que tudo induziu um escriptor competente, o almirante Napier, a admirar a defeza do Porto «contra um inimigo *tão superior e no ultimo ataque* commandado por um general da reputação do marechal Bourmont»[1]. Ao lado de Napier levantam-se outros escriptores louvando o acerto com que Saldanha dispozera a resistencia, a actividade com que a sustentou, o emprego de todos os recursos da sciencia bellica[2]. A estas provas põe fecho a prova official. É uma carta regia do sr. D. Pedro:

«Conde de Saldanha, tenente general dos reaes exercitos, chefe do meu estado maior. Tomando em consideração a pericia com que vos houvestes no memoravel dia 25 de julho, repellindo consideraveis forças inimigas em seus successivos e desesperados ataques contra as principaes posições das linhas do Porto, pondo em pratica com a maior dexteridade e

[1] *Guerra da successão*, vol. II, pag. 212.

[2] *Annaes*, vol. IV, pag. 138; *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 223.

coragem as minhas ordens, dando disposições tão habilmente concebidas como energicamente executadas, carregando com poucos officiaes do estado maior e vinte lanceiros a força superior, que tentando occupar os postos avançados entre o Bomfim e Guellas de Pau, não pôde resistir ao impeto de tão grande bravura, alcançando-se em resultado de tantas proezas uma completa victoria... por estes motivos hei por bem, em remuneração de tão distincto merecimento e de tão altos serviços, elevar-vos á dignidade de gran-cruz da muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito»[1]...

Que significativa resposta não é este documento ao abandono de Saldanha na expedição ao Mindello! Que lição, para os reis não se deixarem illudir pelos invejosos, e para os invejosos se desenganarem do que valem!

XI

O commandante do exercito realista na sua narrativa do dia seguinte, 26 de julho, chamava ao assalto um reconhecimento em força.

Não advertia o general que mais se accusava, declarando ter feito um reconhecimento para perder a mais cruenta batalha que deu aquelle exercito. Um sizudo escriptor do campo vencido, tratando d'esta batalha, responde ao general da sua causa o seguin-

[1] Por despacho de 15 de agosto de 1833 (*Chronica Constitucional de Lisboa* de 28 de agosto de 1833).

te: «Os tristes acontecimentos que acabámos de narrar tornaram mais urgente *um supremo esforço* (note-se) do campo dos realistas, a fim de que o desalento que ia calando no exercito não levasse o governo do reino a luctar com difficuldades insuperaveis. Resolveu-se portanto que se atacasse em grande força e immediatamente a cidade sitiada»[1]. E um official francez, ao serviço do proprio exercito sitiador, escreveu: «Tornava-se urgente animar os realistas por um successo. O marechal Bourmont sentiu mais que nunca a necessidade d'este... e fez as suas disposições *para dar um combate decisivo e tomar o Porto*»[2].

Ao combate decisivo para tomar o Porto é que chamava reconhecimento o general contrario! O assalto de 25 de julho era portanto o supremo esforço do exercito sitiador. Ao supremo esforço do ataque respondeu o supremo esforço da defeza. Ao leão de Argel, o leão de Portugal. Eram heroes os officiaes da Vendée? Por isso o não foram menos os que venceram heroes. Eram os sitiadores a expressão da valentia? Por isso o domar-lhes o impeto não foi valentia menor. Praticaram prodigios de arrojo? Por isso foi gloria o derrotal-os. Pelejavam como em desafio magestoso, digno de ambos os exercitos? Por isso ambos ficaram enobrecidos, um na victoria, o outro no infortunio. Era, alem do desafio geral, o desafio individual entre o marechal de França e o general

[1] *Portugal*, pelo sr. Pina Manique, pag. 241.

[2] Saint-Pardoux, *Campanhas de Portugal em 1833 e 1834*, traducção portugueza, cap. I, pag. 15.

portuguez ? Por isso a corôa marcial de Bourmont rolou aos pés de Saldanha, que a levantou com a sua espada invicta, para a depositar entre os heroicos trophéus da nação portugueza.

CAPITULO XXIV

SALDANHA OBRIGA A LEVANTAR O CERCO DO PORTO
BATALHA DE 18 DE AGOSTO

I

Finalmente!

Não podéra Saldanha até ali emprehender a guerra offensiva, mas fôra obrigado a limitar-se á defensiva. É chegado o momento. Vae irromper. Batalha nenhuma déra ainda, em que a previdencia, a estrategia, a harmonia das disposições lograssem occasião de attingir o alto ponto que vamos presencear.

No mez de junho assistíra o leitor á partida da expedição commandada pelo duque da Terceira, e transportada na esquadra por Napier. Desembarcando no Algarve, seguindo admiravelmente afouto pelo Alemtejo, aproveitando-se da imprevidencia do general realista, que foi occupar Beja em vez de defender a estrada de Lisboa, o destemido duque da Terceira, guiado pela sua estrella propicia, e rodeado de um punhado de valentes, arremettendo (a 23 de julho) na Piedade e em Cacilhas contra as forças de Telles Jordão, que destroçou, entrava no dia 24 na capital, abandonada pelos realistas sem dispararem um tiro.

E assim é tambem o mundo: se a saudade pranteia as doces recordações, a esperança é o sorriso de novas felicidades.

CAPITULO XXVI

CERCO DE LISBOA—ACÇÕES DO MEZ DE SETEMBRO

I

É agora em Lisboa. O Porto passára o encargo para a capital, que recebia com o encargo o sublime exemplo em que tinham tido olhos fitos quantos ouviam narrar os padecimentos e esforços da cidade invicta.

Quando em julho abrira Lisboa as portas á divisão liberal, principiaram os habitantes a correr ás armas, e foram-se organisando os batalhões de voluntarios fixos e moveis.

Mas a defeza? as linhas de fortificações que salvassem a capital logo que o exercito realista lhe chegasse ás portas? Declara-nos Napier que no dia 11 de agosto Bourmont estava em plena marcha sobre Lisboa; o ministro não o devia ignorar, e comtudo não se dava ordem alguma para fortificar a capital, nem se punha uma pá ou uma picareta na terra[1].

N'esta situação, exposto por Napier o estado das

[1] Napier, *Guerra da successão*, vol. I, pag. 309 e 310.

cousas, o regente mandou principiar as obras da defeza, visitando-as diariamente. D'ahi a doze dias, a 25, desembarcava Saldanha, chegando do Porto.

De feito, assim que o general Saldanha teve a certeza de que o marechal Bourmont levára do cerco do Porto uma parte das forças, e que, juntando-se-lhe as que o duque de Cadaval conduzíra para Coimbra, Bourmont marcharia com uma fortissima divisão sobre a capital, onde não havia senão os mil e quinhentos homens do duque da Terceira, e a força irregular dos voluntarios, enthusiasticos, mas inexperientes nos primeiros dias, tratou logo de acudir ao perigo imminente em que o imperador, a capital e a causa se iam achar. Mas não o podia fazer emquanto o Porto estivesse cercado, e que não expozesse o Porto por algum acto de extrema audacia lhe pedíra o regente.

Solicitando porém no principio de agosto auctorisação do imperador, e recebendo-a para executar o que entendesse, forçou as linhas sitiadoras do Porto a 18 de agosto, e libertando-o como o tinha salvado, pôde immediatamente realisar o complemento do seu grande plano, correndo a Lisboa, trazendo uma valorosa divisão, trazendo-se a si proprio, e chegando exactamente quando o perigo, pelos motivos expostos, ia ser tremendo.

Logo no dia immediato o imperador e elle correram os arrabaldes.

«O general Saldanha chegou do Porto no dia 25, sem esperar pela licença, escreve Napier, e *foi uma felicidade que elle désse um passo tão decidido*, pois

ainda que o imperador era extremamente activo, era-lhe conveniente ter perto de si o chefe do seu estado maior, e eu sei que elle ficou satisfeito de o ver, bem como o ficou o povo de Lisboa em geral[1].» Acrescenta o mesmo Napier: «O imperador conheceu o seu merecimento (de Saldanha), e, eu o acredito, depositou n'elle toda a sua confiança... As fortificações continuavam *com uma grande actividade*, bem como a organisação e disciplina das novas levas»[2].

Releve-nos o leitor que ás palavras do almirante que tudo presenceou, acrescentemos novos testemunhos para ficar bem verificado, pelos verdadeiros processos da historia, o ter sido providencial para a causa da liberdade a chegada de Saldanha a Lisboa sem aguardar auctorisação, como não menos fôra providencial a sua chegada ao Porto.

Em harmonia com a exposição de Napier declara o insuspeito auctor dos *Annaes*, por occasião da chegada de Saldanha a Lisboa, que os serviços d'elle eram tão importantes, e ao mesmo tempo tão necessarios *para a salvação da causa publica*, que desde os degraus do throno até ás ultimas classes todos a um tempo se ajoelharam diante d'elle e o adoraram[3]; que tendo-lhe sido dada officialmente a direcção de todas as operações contra o inimigo, achára elle as linhas summamente imperfeitas e irregulares; a tropa apesar de numerosa no maior desarranjo; que usando da sua costumada actividade e conhecida in-

[1] Napier, *Guerra da successão*, citada, vol. II, pag. 323 e 324.
[2] *Guerra da successão*, citada, vol. I, pag. 324 e 325.
[3] *Annaes*, por José Liberato, vol. IV, pag. 168 e 169.

telligencia militar, cuidou logo em todos os meios de defeza tanto no material como no pessoal, sendo tão acertados estes meios, que no dia 5 de setembro pôde completamente rebater um fortissimo ataque do inimigo[1].

Outro escriptor, testemunha presencial, acrescenta: «O general Saldanha, como chefe do estado maior de D. Pedro, providenciára tudo quanto julgára necessario para a defeza regular de Lisboa depois da sua chegada do Porto, já activando os trabalhos das fortificações das linhas, já fazendo guarnecer os reductos e baterias da precisa artilheria, e já finalmente organisando e disciplinando do melhor modo possivel os batalhões nacionaes moveis e fixos»[2].

A estas provas importantes acresce a significativa declaração do proprio imperador, quando no decreto em que o nomeou marechal do exercito considera a *promptidão, zêlo e sciencia militar* com que executou a defeza da capital[3].

E sobre todos estes documentos o testemunha ainda o documento official por excellencia. Se abrirmos a serie dos boletins diarios do paço, veremos que do dia 25 de agosto em diante (dia da chegada de Saldanha) o regente passou a correr as linhas duas vezes por dia, em logar de uma como até ali, e demo-

[1] *Annaes* citados, vol. IV, pag. 180 e 181.

[2] *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 279.

[3] Decreto de 22 de setembro de 1833, na *Chronica Constitucional de Lisboa* e na ordem do dia n.º 136.

rando-se a examinar os trabalhos e a animar as gentes muito mais tempo[1]. Do dia 25 em diante vê-se claramente que principiou o verdadeiro affan.

A chegada portanto de Saldanha por iniciativa sua, trazendo uma divisão, e, de accordo com a energica vontade e activo zêlo do sr. D. Pedro, vindo ser o grande fortificador e disciplinador, produziu a salvação de Lisboa, e com a batalha de 18 de agosto libertava elle ao mesmo tempo as duas capitaes: na do norte havendo obrigado o inimigo a levantar o sitio, na do reino vindo para o obrigar a levantar.

E providencial fôra a demora de Bourmont. Se este houvesse chegado ás portas da capital poucos dias antes (como podia e devia ter chegado), que seria de ti, Lisboa? «Terias caído nas mãos d'elle» responde um escriptor inglez, testemunha de vista[2].

II

Mas eis que se approxima o exercito realista, e defronta com Lisboa no dia 3 de setembro.

Estabelecida se acha a grande linha realista contra a grande linha constitucional.

Cairá Lisboa, ainda insufficientemente fortificada por falta de tempo, diante do desproporcionado exercito que a vem conquistar?

A convite do marechal Bourmont assistira ao con-

[1] Boletins do paço, comparativos, nos mezes de agosto e setembro de 1833, na *Chronica Constitucional de Lisboa.*

[2] Badcock, citado, pag. 354.

selho dos generaes o bravo conde da Bahia. Tinha este militar uma quinta em S. Sebastião (vulgarmente chamada do Seabra). Conhecedor de todos os sitios da localidade e da melhor maneira de por ella se penetrar em Lisboa, propoz o conde que o exercito sitiador atacasse em duas grandes columnas, investindo uma (a todo o custo) o largo de S. Sebastião, e a outra seguindo ao longo do bosque Louriçal, voltando á direita e entrando na sua quinta, em quanto os fortes d'ella fossem atacados de frente por outras forças. O conselho approvou a idéa do conde da Bahia.

Ao irrompimento franco, porém, como no assalto de 25 de julho no Porto, preferiu Bourmont a trama. Deixando em reserva uma parte do seu exercito, e não atacando o largo de S. Sebastião, preferiu todo o interior da quinta Louriçal, para depois investir com a cidade quando, tomada aquella quinta, podesse passar d'ella para a quinta Bahia, que pegava com a cidade. É um irrompimento ardiloso o que o illustre marechal realista vae tentar. O leão transformava-se em raposa.

Vae tentar, dissemos. Melhor diriamos: que em seu conceito lhe vae abrir as portas da capital, pois que tão seguro estava da victoria, que aos commandantes dos corpos foi transmittida ordem para fazerem observar a disciplina mais rigorosa na sua entrada em Lisboa! O testemunho é insuspeito; é de um official realista[1].

[1] Saint-Pardoux, *Campanhas de Portugal*, pag. 45.

Mas defronte de Bourmont, o estrategico e arrojado, estava já tambem o arrojado e estrategico Saldanha. Baixára o panno sobre a tragedia da segunda cidade do reino; levantava-se agora o da capital.

III

Ás cinco horas e meia da madrugada n'aquelle dia 5 de setembro, onze mil homens em seis columnas saem das linhas realistas para irromperem as constitucionaes. Ameaçando o centro pelo Campo Pequeno em breve se conheceu que era por ali um ataque falso. Na sua direita, porém, bifurcando-se, ao deixarem Sete Rios, uma parte da força investiu pela estrada de Campolide, outra pela de Palhavã; aquella para auxiliar o movimento pelo flanco direito, esta para tomar a quinta Louriçal, e d'ella passar para a quinta do Seabra (quinta Bahia).

Infelizmente para os atacantes, o grande reducto da Atalaya (ponto importantissimo das posições liberaes) dominava as estradas investidas de Campolide e Palhavã. A columna realista que proseguia para Campolide, não podendo romper, deixa de auxiliar o movimento da sua companheira de Palhavã, e assiste á batalha sem intentar novos acommettimentos.

É a brigada realista e imponente do valoroso coronel Dubreuil que vem atacar em Palhavã o palacio e jardim Louriçal com a mira na quinta, e d'esta para a do Seabra.

É ali, em todo aquelle espaço, que durante horas

se empenha a batalha em que os combatentes pareciam leões, não homens. O impeto dos realistas sobre o palacio foi soberbo. O tenente Rubichon, ajudante de ordens de Dubreuil, dá o exemplo, sendo um dos primeiros que arremette. Não o dá menor o bravo conde da Bahia, que, pelas rasões expostas, voluntariamente se offerecêra para acompanhar ao fogo esta brigada, e que pelejou com summo arrojo, tendo o cavallo ferido com cinco balas.

Avançam os realistas com a sua artilheria, que sustenta contra a dos liberaes um fogo terrivel. A poder de investidas lograram penetrar no palacio, tomado, perdido e retomado. A lucta era desesperada como o foi do principio ao fim. De ambos os lados se estavam praticando prodigios de valor, e, alem da tropa de linha, os cidadãos de Lisboa, convertidos n'um repente em soldados da liberdade, combatiam honrosamente. No palacio, trespassado de metralha e de mosquetaria, os soldados realistas precipitavam-se das janellas para o jardim, que foi tomado, perdido, retomado, reperdido e tornado a tomar. Multiplicavam-se os momentos em que se não sabia qual dos dois campos era o vencedor, qual o vencido. Ambos conheciam que se jogava ali a sorte da causa, porque, uma vez senhores os realistas d'aquella quinta Louriçal, e depois da do Seabra (Bahia), Lisboa podia considerar-se tomada.

A acção continuava. Do palacio tinham os atacantes passado para o jardim. Do jardim para o bosque. Duplicada ali a esperança dos que atacavam, duplicado o perigo dos que defendiam, ainda mais se ac-

cendia a lucta. As legiões batiam-se furiosas, e o anjo da guerra parecia excitar a furia dos combatentes.

Os realistas dividiram-se.

Para a direita do bosque inuteis lhes foram os esforços contra o reducto liberal da Atalaya, investido desesperadamente, desesperadamente sustentado, e o reducto resistia, como rochedo batido pelas vagas, mas sem que as vagas o lograssem dominar.

Emquanto na direita ficava vencedor o reducto da Atalaya, pela esquerda os realistas, arremettendo contra o reducto do Seabra (Bahia) que lhes daria a posse d'aquella quinta, importantissima para a tomada de Lisboa, apoderavam-se de uma altura, fronteira a elle. Já meio desmantelado este reducto, é mandada marchar para o sustentar a terceira brigada de artilheria de campanha (composta de seis peças e um obuz) que occupava o largo de Arroios. Esta brigada, sob o digno commando de Barros de Vasconcellos, cumpre diligentemente a ordem, guarnece a desmantelada bateria do Seabra, repara-a com presteza, e o referido commandante Barros dirige ali o fogo durante o resto da acção, chegando a fazer calar a artilheria inimiga postada em Palma de Cima e no Pinheiro. Não menos digno é o comportamento do capitão commandante Manuel Thomás dos Santos. Com distincção superintende o fogo de algumas baterias da frente o capitão de artilheria Francisco de Paula Lobo de Avila. Outro illustre capitão da mesma arma, Fortunato José Barreiros, quando os artilheiros principiam a abandonar a bateria baixa

de Campolide toma rapido o commando e dirige-o valorosamente.

Para defender a posição do reducto Seabra investe contra os realistas, collocados, como acabâmos de ver, na altura fronteira, a brigada de D. Thomás Mascarenhas. Cáe mortalmente ferido este brioso general, merecendo distincção por sua valentia o ajudante de campo do imperador, conde de Ficalho, ao acompanhar a carga. Prejudicava muito aos liberaes o fogo de uma linha de atiradores realistas ao longo de um muro que os acobertava. Do reducto do Seabra, que intenta arremettel-a, é mandado o valente artilheiro José Maria Lobo de Avila ao reducto da Atalaya com aviso para que cessem de disparar contra aquelle ponto. Conseguindo chegar com a ordem, são os atiradores realistas desalojados intrepidamente para alem do muro indicado.

O bosque do Louriçal (que principiámos a ver disputado com ardor inaudito por uns e outros) era uma batalha. A defeza liberal luctava aqui de mais a mais com a situação do terreno. O 5 de caçadores, commandado pelo intrepido Xavier, estava successivamente praticando prodigios de valor contra o não menos valoroso batalhão de Lamego. Dir-se-ia um duello entre ambos. O bosque todo era fogo. Uma parte dos luctadores pelejava quasi á queima-roupa e aos grupos. Um dos alferes, o distinctissimo D. Alexandre de Sousa Coutinho, que, ainda mal convalescente de um ferimento no Porto, accorrêra voluntario, havia sustentado a todo o transe um ponto importante quando uma bala o feriu de morte; o sar-

gento Alves da Encarnação admirava pelo excesso do animo nas investidas do seu grupo; para outro lado, o capitão José Maria Taborda defendia-se heroicamente no seu posto; o tenente Sabino Ferraz não affrouxava nos exemplos da maior valentia, tendo acutilado os primeiros audaciosos que forçaram o bosque.

Em todo o ambito da batalha a defeza era ferrea. Commandantes, officiaes, soldados de linha, cidadãos voluntarios, combatiam como se distincções entre elles não houvesse. O general Saldanha, segundo o seu costume, corria aos pontos mais arriscados onde as providencias e o exemplo do commando geral se tornavam mais instantes e especiaes. Balthasar Pimentel acompanhava-o, mostrando o valor proverbial no conde de Campanhã; o valente brigadeiro Valdez (conde do Bomfim) recebêra ao lado de Saldanha um ferimento; o intrepido duque da Terceira tinha um cavallo ferido, e o proprio imperador no alto de Campolide esteve para ser victima de uma bala de artilheria que, passando junto d'elle, foi perto d'ali matar um fachina.

Mas que é? O que excita a admiração de quantos o presenceiam? É o alferes de caçadores Luiz Candido Cordeiro Furtado. Acommettem-no. São dois contra elle? dois contra um só? combate desigual! Não. São tres? quatro? cinco? seis? seis contra um! Não. Sete? Não. São oito, oito contra o alferes. Como elle está combatendo contra oito! Defende-se e ataca a um tempo, é-lhe chammas a olhar. Cáe-lhe o primeiro, acutilado aos pés, mata o segundo, outro

tambem mata, está rodeado, acutila o quarto, mata ainda outro, está já ferido, mas ainda peleja furioso, e tornado a ferir e ainda peleja, quer ainda matar os restantes, mas o bravo cáe por fim, mortalmente ferido, immortalmente heroe!

É tempo já. Senhores do palacio e do jardim os realistas, mas desalojados em frente do reducto da Atalaya, estacados apesar de esforços supremos defronte do reducto Seabra, são definitivamente repellidos do bosque, da quinta, do jardim, do palacio, arremessados valorosamente, pelas forças liberaes, para fóra das linhas da defeza, e perseguidos alem d'essas mesmas linhas.

Mas quando o exercito realista ia ser obrigado a ceder sem conseguir o intento de conquistar Lisboa, um feito de armas que a historia deve celebrar occorreu na divisão sitiadora. Era ponto importantissimo da acção (como dissemos) o reducto da Atalaya, atacado e tornado a atacar pelos realistas (como vimos), defendido e tornado a defender pelos liberaes. Mal póde soffrer que se perca a batalha o coração ardente de um moço, cuja familia fôra sempre venerada. Luiz de Larochejaquelin, sobrinho do general de cavallaria ferido no Porto, corre ao tio, implora-lhe um esquadrão, recusa-lh'o o general, insiste o destemido moço, logra por fim obtel-o, e á frente d'elle quer ver, morrendo ou vencendo, se a batalha se reaccende e a sorte póde ser mudada por um acto heroico. Desembainha a espada, enthusiasma o seu esquadrão, e condul-o, aonde? ao celebre reducto da Atalaya. Por onde? pela frente do reducto! Era uma

loucura, mas uma loucura de valente. Irrompe, vão successivamente ficando atrás d'elle os soldados dizimados pelas descargas recebidas, admiram-se os de fóra, assombram-se os de dentro, e já na esplanada, já quasi no fosso, com os que ainda o acompanham, Luiz de Larochejaquelin illustra a sua memoria, a sua familia, a sua nação, caindo morto, crivado de balas, chorado pelos seus, glorificado pelos contrarios, deixando escripto com o sangue da sua juventude e das suas esperanças uma pagina de oiro no livro da humanidade: a pagina da virtude pelo sacrificio. Era um estrangeiro, mas a virtude tem por palco o mundo, e por espectadores os seculos!

Vão sendo compellidas as forças realistas a reentrar nas suas linhas. «A ultima carga á bayoneta que eu dirigi (escreve o general Saldanha) para expulsar o inimigo da altura em frente da quinta do Seabra (Bahia) teve logar ás dez horas da noite. O inimigo era desalojado de todos os pontos que occupava»[1].

Uma scena exemplar e commovedora se presenceou. Parochos da capital e suburbios, seguidos dos ecclesiasticos das suas igrejas, corriam ás linhas, e d'ellas, mesmo debaixo do fogo, conduziam os feridos para o hospital de sangue, davam aos moribundos os soccorros da religião e as consolações da caridade, serviam de enfermeiros no campo aos que de soccorros instantes careciam pelo perigo imminente em que estavam.

[1] Narrativa de Saldanha, na carta publicada no *Jornal do Commercio*, citada.

Tal foi a acção de 5 de setembro, defensiva das linhas de Lisboa, em que o general Saldanha, como acabámos de ver, e, segundo as expressões de um escriptor: desbaratou com *extrema pericia e valor* as formidaveis columnas do inimigo que esteve quasi a entrar na cidade; e em que, na presença da declaração official exarada no proprio decreto do imperador, «foram dignos de toda a consideração (formaes palavras) o valor, acerto e actividade com que se houve n'aquelle dia, *acudindo a toda a parte onde era necessario*, fazendo executar as manobras mais acertadas, repellindo o inimigo de todos os pontos, e correspondendo em tudo á confiança n'elle depositada»[1]. E assim mostrou Saldanha ao vencedor de Argel que os soldados da capital a sabiam defender do assalto, como do assalto defenderam tambem, ao seu mando, os soldados do Porto a cidade da Virgem.

IV

Nove dias decorreram sem o exercito realista tornar a investir as linhas.

Voltou na manhã do dia 14, d'esta vez na sua esquerda e em menos força.

O ponto acommettido foi a trincheira *Casa forte*, no Alto de S. João. Os piquetes liberaes, retirando para as reservas, cederam a posição aos realistas, desalojados estes por fim á bayoneta pelo bravo caçado-

[1] Decreto de 22 de setembro de 1833, na *Chronica Constitucional de Lisboa*; ordem do dia n.º 136.

res 2, auxiliado de flanco, ficando restabelecida a linha. Foi tambem admirado por generaes e soldados o valor dos batalhões de voluntarios.

Debalde tentaram pela segunda vez conquistar a cidade.

V

Como se vê, apesar de sitiada n'uma linha tão extensa, de luctar contra forças muito superiores, de ser atacada por generaes de fama universal e cujo prestigio animava o exercito por elles dirigido, a heroica Lisboa, como o Porto heroico, tinha o mau gosto de resistir com o valor mais estrenuo, e de não fazer a vontade aos sitiadores, deixando-se-lhes caír nas mãos. O general Clouet dava a sua demissão, Bourmont, desbotada a aureola pelas batalhas que não fazia senão perder, dava a demissão tambem como elle; Larochejaquelin e uma grande parte dos officiaes francezes seguiam o exemplo dos seus patricios desditosos.

O exercito realista (cujos soldados, embora sem a direcção que mereciam, pelejavam com o proverbial valor da nação de que eram filhos) viu, n'um dos ultimos dias d'aquelle mez de setembro, uma parte da mesma cavalgata de generaes e officiaes que tinha presenceado havia tres mezes.

Separavam-na porém duas grandes differenças: no mez de junho entravam-lhe acampamentos a dentro, e agora saiam-lhe acampamentos para fóra; da primeira vez vinham no meio das acclamações espe-

rançosas, e agora retiravam-se, murchas as corôas, valentes individualmente como guerreiros, mas desprestigiados como cabos de guerra, pois que não tinham conseguido para os que d'elles aguardavam a salvação da sua causa senão desastres successivos. Das linhas constitucionaes, e perante aquelle funebre cortejo, admiremol-os no seu valor, respeitemol-os no seu infortunio, mas conheçamos, n'este momento em que elles deixam os arrayaes legitimistas, que o conde de Campanhã prophetisára bem, quando no gabinete do imperador dissera ao regente que o seu chefe do estado maior daria ao conquistador de Argel as lições que o magico travesseiro lhe costumava inspirar. Acertára o vidente Campanhã.

Tinham sido vencidos por Saldanha os generaes seus patricios; acabavam de o ser os generaes francezes; entrava agora em scena o valoroso general escocez, Macdonell, substituindo Bourmont no commando geral do exercito realista.

Novo desafio. Que succederá ao general escocez?

CAPITULO XXVII

DESEMBARQUE DA RAINHA EM LISBOA

Não se parecia com um rio; era o Tejo um salão de crystal. Meia Lisboa se cruzava n'elle. Outra parte da população lhe bordava as margens. Esquadra portugueza, esquadras de Inglaterra e de França, embarcações mercantes, fragatas, faluas, barcos de todas as praias na extensa linha e em todas as direcções, quantas musicas tinha a cidade compondo a orchestra d'aquelle salão immenso, as senhoras de azul e branco, os homens com seus trajos de festa, o enthusiasmo em todos os corações, a curiosidade em todos os rostos, e o sol abrilhantando o espectaculo: tal corria a manhã d'aquelle dia 23 de setembro de 1833.

E o que é que, despovoando a capital sitiada, levava ao Tejo n'aquelle delirio os habitantes, desde o imperador até o cidadão mais humilde?

Barra dentro havia entrado na vespera a rainha que symbolisava a constituição dos portuguezes.

Quem era? uma menina. D'onde vinha? da proscripção. Que demandava? um sceptro que desencadeava algemas. Tres corôas lhe cingiam a fronte ju-

venil: a innocencia, a desgraça e a emancipação dos povos. A innocencia tornava-a sympathica; a desgraça, heroica; a emancipação das gentes fazia-a adoravel.

Já corria pelo Tejo todo o como ella era. Gentil, como os seus quatorze annos; a pelle, setim; a côr, alva; olhos, celestes; cabellos, como o oiro; porte nobre; rosto reflexivo; no olhar, o sobresalto do que via; no sorriso, o prazer de ser ali o culto de todos.

Sobre o Tejo saudavam-na as salvas das torres, das esquadras, dos fortes. Na cidade esperavam por ella os batalhões nacionaes e a povoação. Quantas mães lhe não tinham sacrificado os filhos! De quantos maridos não estavam ali as viuvas! Viuvas e mães queriam pedir consolações ao rosto da creança, que, por lhes haver acceitado o sacrificio, ellas (sem a conhecer) estremeciam, como saudosas credoras de amor e de gratidão.

Saudavam-na paizanos e soldados, uns como ao symbolo da paz, os outros como ao labaro da victoria: e as proprias creanças que ainda não podiam comprehender a independencia, acompanhando o impulso geral, pulando e palmeando, saudavam a creança que lhes vinha trazer a ellas, geração que se havia de seguir, a liberdade que lograriam depois gosar.

E comtudo infeliz tinha sido, mesmo antes de avaliar a infelicidade. Aos sete annos perdêra a mãe, aos nove a corôa, sobre os mares andára proscripta, nas incertezas lhe corrêra a infancia, cada navio lhe podia noticiar a morte do pae, estava-lhe dependente

o futuro da fortuna variavel das armas, n'um dia rainha para sempre ou exilada perpetua, e n'estas crueis anciedades passára os dias, as noites, a quadra infantil que forma o caracter, e porventura d'estas anciedades crueis lhe proviera aquella melancolica tinta de que o rosto se lhe embebêra, como certas rosas que desabrochando em madrugadas nevoentas nos entremostram levemente desbotada a côr por um suave tom de tristeza.

Vinha aureolada do respeito que a desgraça infunde e da sympathia que doura a desgraça quando recae na innocencia. Na sua proscripção a Europa enchêra de affagos a creança orphã, e de considerações a rainha desthronada. Logo em 1828, quando apenas de nove annos, aportando a Gibraltar e sabendo ali os successos de Portugal, seguira para Londres, a joven rainha recebia, onde quer que chegava, recepção gentilissima. Para habitar lhe deu o rei de Inglaterra o sumptuoso palacio de *Grillon*, hospedagem dos soberanos estrangeiros. Foi ali que a 12 de outubro (seis dias após a chegada) recebeu dos emigrados, seus subditos, o juramento de fidelidade.

Devia arrancar lagrimas, n'aquelle dia 12 de outubro de 1828, o ver aquella menina em terra estrangeira, sem pae nem mãe, confundindo com os sorrisos, que a infancia não abdica, as lagrimas que da consciencia arranca a verdade, rodeada dos seus subditos, desterrados como ella, recebendo nas mãos infantis — que só de brinquedos sabem tratar — a promessa das vidas, ali jurada por aquelles proscriptos, modernos israelitas na cidade tumultuosa para

elles deserto, volvendo os olhos para aquella menina, arca santa de suas esperanças, e o pensamento para a terra da promissão onde nenhum sabia se chegaria a entrar; e rainha, generaes, officiaes, escriptores, advogados, artistas, a todos rasoirando ali a religião do infortunio, estes de sobrecasaca já incolôr, aquelles entrajados entre militar e civil, a outros cobrindo-os as vestes com que da patria emigraram, quasi todos vivendo de parco subsidio, e todos infelizes como a creança, a quem estavam ali jurando vencer ou morrer por ella, joven representante da eterna liberdade.

Recebida solemnemente pelo rei Jorge IV no paço de Windsor, passou dia e noite com a familia real e a côrte, rodeada de carinhosa curiosidade por motivo de seus tenros annos e circumstancias extraordinarias. O povo por toda à parte lhe fazia acolhimento sympathico. Em França offereceu-lhe Luiz Filippe o celebre palacio de Meudon, com solemnidades reaes e affectuosas distincções. Na segunda viagem á Europa foi acolhida como da primeira vez. No proprio paço de Windsor hospedou-a o rei sumptuosamente; de Inglaterra partiu demandando a nossa barra, e em festa delirante vae Lisboa recebel-a.

É meio dia. Formam alas os escaleres das esquadras, guarnecidos dos seus officiaes; apinham-se nas vergas as tripulações; fluctuam nos mastros milhares de bandeiras; cortando vem o Tejo, por entre as linhas das embarcações sem conto, a galeota regia, ao troar das salvas e ao estrepito dos vivas. Mal cabe a população no Terreiro do Paço, onde vae ser o des-

embarque. No caes das Columnas se acha o senado da camara defronte do mar. Na face direita do quadrado, o estado maior tendo á frente Saldanha e o duque da Terceira; na face esquerda, a côrte. Aproa a galeota. O imperador desembarcando, offerece a mão á rainha, que piza pela vez primeira a terra portugueza; apresenta-lhe Saldanha, e, publicando o despacho excepcional, pronuncia as palavras memoraveis: «Maria, não lhe apresento o general Saldanha que já conhece, mas o marechal Saldanha, *a quem deve o estar hoje aqui*». O présidente do senado recita o discurso de congratulação. Vinha radiante o imperador, a imperatriz no brilho da sua formosura e elegancia, a rainha no florir dos seus quatorze annos, mal podendo conter as lagrimas. Meninas, trajadas ricamente, lhe levantavam arcos, outras lhe íam florejando o caminho até ao pavilhão, onde chegou debaixo do palio.

Não cessando os vivas, o imperador acenou pedindo silencio. Então a rainha, adiantando-se, bradou commovida:—Viva a Carta Constitucional!

Ajuiza-se facilmente do electrico enthusiasmo que este brado da rainha despertou, ainda mesmo que não nol-o revelassem os documentos do tempo. Aquelle «*Viva a carta*» era a declaração, pelos labios regios, de que o absolutismo da *Corôa* cedia o logar ao direito da *Nação;* de que a lei velha, gloriosa como tombo das victorias passadas, se inclinava diante da lei nova, labaro das modernas conquistas: emancipação do pensamento, regalia das liberdades. A realeza osculava a democracia, e o osculo da paz firmava

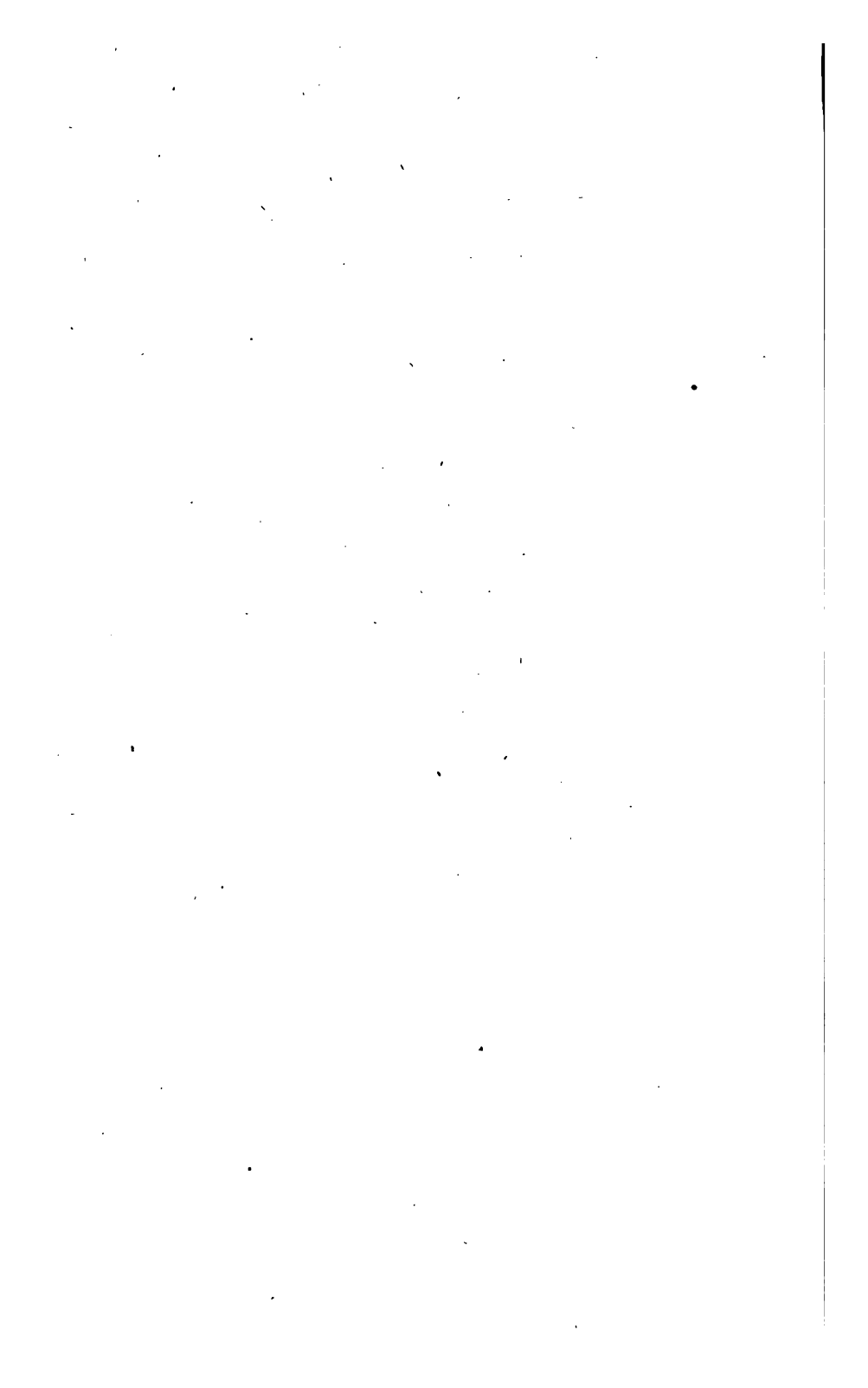
a alliança commum. Aquelle *viva*, lançado ao paiz pela *rainha criança*, annunciava a aurora do Portugal *novo*, em que o rei passava a exercer o «officio de reinar» (como annos depois o escreveu um filho d'aquella creança), e em que a nação principiava a ser arbitra dos seus destinos. A rainha acclamava o povo livre, o povo livre acclamava a rainha constitucional. Era sublime aquelle *viva*, que em sua concisão traduzia, com o desmoronamento da civilisação que desempenhára o seu mandato, o levantamento da civilisação em que se lia o Progresso. E por isso levantado pela rainha, foi completado pelo *viva* com que a povo a saudou.

Partiu o cortejo em grande gala para a Sé, onde foi celebrado solemne *Te Deum*, annunciando-o a salva real do castello, dada por tres senhoras. Da Sé, com o mesmo ceremonial, para o paço das Necessidades.

No dia seguinte o imperador acompanhado da imperatriz, em coche descoberto, levou a rainha ás linhas, onde passaram a grande revista em frente das tropas. Rompia um piquete de lanceiros, seguia-se todo o estado maior imperial, precedido do marechal Saldanha, logo depois o coche, a passo. Os officiaes adiantavam-se das fileiras para beijar a mão á creança coroada; as musicas tocavam o hymno constitucional; um concurso extraordinario, Lisboa inteira por assim dizer, se apinhava ao longo das fortificações. O quadro geral era esplendido. A rainha fazia a primeira visita ao seu exercito, e como ella se recordaria d'aquelle 12 de outubro de 1828 em que,

no palacio *Grillon* de Londres, recebêra, joven proscripta, o juramento dos proscriptos, que lhe estavam agora provando tel-o sabido cumprir. Na vespera fôra o delirio da povoação, n'este momento é o delirio do exercito em toda a extensão das linhas da defeza, onde os peitos são baluartes, acclamando, á proporção que ella passava, a representante da liberdade.

E a rainha passava; e a rainha sorria-se; e elles sorriam-se, curiosos e enthusiasmados, para aquella creança, bandeiras por terra, armas apresentadas, lagrimas nos olhos, alento novo para as novas batalhas que iam pelejar. E a rainha passava; e os soldados acclamavam n'aquella creança o symbolo que tinham invocado nas defezas titannicas, nos ataques heroicos, nas cargas de bayoneta, nas investidas da cavallaria, nos hospitaes quando gemiam, nos campos quando expiravam, nas saudades quando moribundos, nas esperanças da victoria quando indecisa, nas glorias do triumpho quando já seguro.

E assim estava já a rainha entre os defensores da liberdade.

CAPITULO XXVIII

SALDANHA OBRIGA O EXERCITO REALISTA A LEVANTAR O CERCO DE LISBOA

I

Era a 8 de outubro, ao anoitecer, quatorze dias depois da grande revista que fechou o capitulo antecedente. N'uma das salas do paço das Necessidades achava-se o imperador com a imperatriz e a rainha, tocando piano, quando entrou Saldanha. O imperador, impressionavel como era, vendo-o chegar áquella hora, levou-o para o gabinete contiguo, e mal cerrada ainda a porta, perguntou-lhe ancioso:

—É alguma novidade, conde?

—Não, meu senhor.

—A esta hora!

—Venho pedir uma licença. Estamos a 8; a 12 é o dia dos annos de vossa magestade. Ora eu não quero que vossa magestade esteja cercado pelo inimigo no dia dos seus annos.

—Creio nos bons desejos do conde, tornou-lhe o regente, mas como se ha de realisar o seu desejo?

—Com a permissão de vossa magestade tomarei

a offensiva, e atacarei o inimigo depois de ámanhã.

—Com que força? Bem sabe que na revista que meu irmão passou antes de hontem havia 22:000 bayonetas e 3:100 cavallos.

—Meu senhor; eu posso dispor, para o ataque, de 8:000 bayonetas e 600 cavallos. Concebi o plano de maneira que, se tiver bom resultado, ha de ser o mais bello feito de armas dos tempos modernos; e se falhar, não passará de uma sortida sem consequencias graves.

—Pois seja, conde.

Saldanha despediu-se do imperador e saíu[1].

O almirante Napier, na sua obra *Guerra da successão*, admira-se de não serem convidados, elle e o duque da Terceira, para conselho militar que precedesse o combate, e parece estranhar que o proprio ministro da guerra ignorasse até o dia 9 as intenções de Saldanha[2].

A admiração de Napier não é senão um documento mais do segredo inviolavel que Saldanha guardava nos seus planos estrategicos, de que elle só fazia confidente a si proprio, e cujo bom resultado n'esta mesma batalha do dia 10 indicam as palavras seguintes de um narrador dos successos d'aquelle dia: «Tudo estava tão habil e prudentemente disposto,

[1] *Narrativa* de Saldanha, na *Histoire générale*, pag. 98. No discurso da corôa em 1834 lê-se que o exercito realista era então de 16:000 homens, o que se nos afigura calculo diminuto, mas tambem n'elle se lê que, dos 8:300 homens do exercito liberal, apenas 2:500 eram soldados experimentados.

[2] Vol. II, pag. 13.

que o movimento (contra o exercito realista) só foi apercebido quando principiou a executar-se, e *com tão sabia reserva foi combinado o plano da sortida,* que não surprehendeu mais os nossos inimigos do que os habitantes da capital, dos quaes a maior parte a ignorou até alto dia. Cercar suas combinações de um véu impenetravel é o primeiro talento do homem de guerra»[1].

Esta narrativa responde ao almirante Napier; em nome dos segredos de Saldanha (porque foi Saldanha que planeou e delineou o ataque), se é que o proprio Napier não responde a si proprio, quando no mesmo volume diz: «Saldanha era um official que queria que as suas ordens fossem obedecidas, *tomando sobre si a responsabilidade*»[2]. Aqui está provada a chave do mysterio nos segredos militares de Saldanha.

II

Compellir o exercito realista a descercar Lisboa, como o obrigára a descercar o Porto; libertar em outubro a capital do reino, como em agosto libertára a capital do norte; e deixar Lisboa completamente livre no dia 12, anniversario do imperador: tal fôra a confidencia de Saldanha com o seu travesseiro, e tal a idéa com que traçou, a sós comsigo, o plano de que entendia sair-lhe o exito feliz.

[1] *Chronica Constitucional do Porto,* de 18 de outubro de 1833.

[2] *A guerra da successão,* vol. II, pag. 73.

Mãos á obra.

Quando ás dez horas da manhã d'aquelle dia 10 de outubro, Saldanha, passando alem das linhas, investiu contra as posições do exercito sitiador, grande foi a surpreza d'este. Não era só com forças de campo que o exercito realista recebia o ataque. Sobre forças muito superiores, estava já entrincheirado, disposto em posições escolhidas e com a sua artilheria assestada. Saldanha, alem de atacar com forças muito inferiores, irrompia contra um inimigo fortificado e na defensiva.

Em quatro columnas dividiu Saldanha a parte do exercito que levou comsigo, deixando sufficientemente guarnecidas as linhas de Lisboa. A columna da direita seguiu pelo caminho da Portella, a do centro direito por Arroios (sobre o Mirante do Freire), e as duas da esquerda pela estrada do Rego com destino a Tilheiras.

A batalha tornou-se então geral.

O flanco direito dos realistas, em Bemfica, sustentou bem o terreno, sob o commando do valoroso Brassaget. A artilheria, dirigida pelo brigadeiro Coelho, depois ferido gravemente, desordenou o impeto dos batalhões inglezes do exercito liberal, que debandaram, mas uma nova columna caiu sobre as forças realistas com tal ancia que as dispersou para o centro, sendo necessario que ali as contivesse na fuga o proprio sr. D. Miguel[1].

Na Portella, flanco esquerdo (direita liberal), foi

[1] Saint-Pardoux, citado, pag. 68.

muito renhida a peleja. A brigada do general realista Osorio, tendo disputado o campo, atacado de frente e ameaçado pelos lados, teve de ceder, operando a retirada sobre a Charneca. Assim ficava rota a esquerda realista.

Desalojados de ambos os flancos, os realistas vieram, como era natural, auxiliar o centro, mas por isso mesmo tambem as columnas liberaes dos flancos, perseguindo-as, lhes vieram fechar o semi-circulo. No Campo Pequeno a brigada realista do general Nunes de Andrade, pelejando com denodo, viu-se obrigada a ceder o terreno e a retirar-se para o Campo Grande, onde se realisou o ultimo acto da tragica peleja. A esse tempo vinha impellida (da esquerda realista) para o mesmo Campo a brigada da policia, commandada valorosamente por Luiz de Bourmont. Foi então, ali, no Campo Grande, o momento mais encarniçado, o coração da batalha, pelo concentrado das forças. Uns e outros se gladiavam como leões. A final o exercito realista cede ao impulso dos liberaes. Nem já a cavallaria de Bourmont, apesar de emprehender uma carga feliz, se póde oppor á confusa retirada. O exercito liberal arremette de vez o centro, e arremeça as forças contrarias até o Lumiar, logrando mesmo apoderar-se das primeiras casas da povoação.

Anoitecia.

Estava o exercito realista desalojado finalmente da linha toda que cercára Lisboa! Bivacaram[1].

[1] Consultem-se comparativamente as noticias officiaes na *Chronica de Lisboa*, os escriptores do tempo, e tambem a *Nar-*

Saldanha aproveitou um momento para correr ao paço das Necessidades, onde o imperador (que assistíra á parte principal do combate), a rainha e a imperatriz o receberam com o maior alvoroço, e onde o regente lhe disse as expressões mais affectuosas pelo exito obtido e pelas proezas que lhe víra praticar.

III

Desalojado fôra no dia 10, como acabámos de ver, o exercito realista, de todas as posições em que sitiava Lisboa. De noite retirou do Lumiar para Loures, proseguindo as bagagens na direcção de Santarem. Sobre grande numero de prisioneiros, caíram, em poder dos liberaes, despojos de grande importancia, artilheria, munições, armamentos, abundancia de madeira, uma porção de bagagens, e até um canzarrão pertencente ao sr. D. Miguel.

Na manhã seguinte (dia 11) continuando a perseguir o inimigo, encontrou-o Saldanha em Loures, descrevendo o exercito realista uma curva, cujo centro era a povoação, occupando a artilheria as eminencias, a cavallaria e a infanteria a planicie.

Na confrontação de todos os documentos, é necessario especialmente ler Saint-Pardoux, o escriptor legitimista presencial, para se conhecer até que ponto levou Saldanha a sua extrema habilidade n'esta

rativa do general Macdonell de 26 de outubro de 1833 na *Chronica de Lisboa* de 6 de dezembro d'aquelle anno.

batalha do segundo dia. Proseguindo do Lumiar para Loures, mandou reconhecer por um esquadrão as excellentes posições que o atilado Macdonnel tinha escolhido, principalmente para a sua cavallaria com que tinha esperança de ganhar a acção e marchar de novo sobre Lisboa. O esquadrão foi repellido, mas tinha realisado o intento de reconhecer as posições, pois, como disse Napoleão: «A cavallaria de um general é o seu oculo de ver ao longe, o prolongamento dos seus braços, e não menos as suas azas para fender o espaço»[1].

N'este momento acabava Saldanha de formar o plano completo. Em logar de fazer a vontade a Macdonnel, atacando-o de frente nas suas posições de Loures, onde a numerosa cavallaria realista lograva ter a primazia, occupou pelo contrario as sobranceiras posições de Odivellas (apesar de poder ser torneado, mas para temeridades taes é que era Saldanha), mandou collocar a cavallaria no seu flanco direito, ordenando-lhe que sustentasse o ponto contra a cavallaria inimiga (moinho da Ameixoeira e casa do conde de Peniche), e, rompendo fogo terrivel de artilheria, combinado com uma extensa linha de atiradores, esperou a Macdonnel, obrigando-o a atacal-o, em vez de ser elle Saldanha quem atacasse.

O resultado saíu-lhe mathematico.

Macdonnel mandou ao coronel Bourmont que for-

[1] Sentença de Napoleão (no livro *Elementos da arte militar*, do sr. D. Luiz da Camara Leme).

çasse com a sua brigada as alturas de Odivellas. O valente coronel, rompendo a linha dos atiradores liberaes nos altos do monte, chegou ao cume. Estendia-se uma planicie. Ao entrar n'ella, Bourmont encontrou quatro batalhões, formados em quadrado, que resistindo ao impeto o obrigaram a retirar. Vendo a sua esquerda em retirada, o general realista muda de tactica e ordena o ataque pela direita (esquerda liberal); mas Saldanha por um movimento rapidissimo fez passar a cavallaria do flanco direito para o esquerdo, e, lançando-a contra o inimigo de combinação com as cargas de bayoneta, completa o desbarato das forças contrarias, precipitando-as para as primitivas posições de Loures. Cerrada a noite, Macdonell vê-se obrigado a emprehender a retirada sobre Santarem, executada com summa pericia pelo general realista[1].

Tal foi esta segunda gloriosa batalha (no dia 11) do levantamento do sitio, em que o marechal Saldanha, pelo seu estrategico e admiravel movimento de flanco, em logar de investir o inimigo de frente sobre Loures, o obrigou a atacal-o para o vencer nas posições que habilmente escolheu.

Era noite.

Uma scena curiosa acontecêra no correr do combate. Saldanha apeiára-se n'uma collina avançada d'onde podia ver toda a linha da batalha. O impera-

[1] Podem-se consultar: Saint-Pardoux, *Campanhas*, citadas, pag. 71, 72 e 73; *Chronica de Lisboa*: Napier. *Guerra da successão*, vol. II. cap. I.

dor, que já na vespera estivera exposto ao fogo, como seu costume era, chegára á collina e apeiára-se tambem. Decorridos poucos minutos, caiam ali mortos, de balas, o creado de um dos ajudantes de Saldanha e tres ordenanças.

—«Meu senhor, disse então para o regente o camarista Almeida, é o marechal Saldanha que está commandando, e vossa magestade expõe a vida sem motivo.»

O imperador, collocando-se atrás de Saldanha e alargando-lhe os braços, entrou a rir, dizendo para o camarista: —«Pois faço um reducto do peito do marechal» —mas, largando repentinamente os braços de Saldanha, exclamou: — «Pobre Maria, se uma bala nos levasse a ambos!»

«Aquelle heroe, refere Saldanha, fazia de mim o conceito de que mesmo depois da sua morte a causa de sua filha seria salva se eu continuasse a viver[1].»

IV

Anoitecêra, dissemos. N'essa noite de 11 para 12, Macdonell principiou a retirada do exercito em fórma, e deu entrada em Santarem no dia 15.

Saldanha, tendo de esperar em Santo Antonio do Tojal noticias da divisão de Torres Vedras que partíra de Peniche, entrou no dia 13 na Castanheira, e, proseguindo, estabelecia no dia 16 o quartel gene-

[1] *Narrativa* de Saldanha, citada.

ral no Cartaxo, os postos avançados na Ponte de Asseca; no Valle, a sua direita apoiada nas alturas ao longo do Tejo; a sua esquerda na Azambujeira e Atalaya.

V

Brilhantissimo feito de armas executára Saldanha, mas o decidir a causa n'aquelle dia intentava elle, como segredára ao imperador. Tudo planeára para aquelle fim, tudo previra e dispozera. Atacando de frente (no dia 10), como atacou e venceu, ordenára Saldanha previamente que a força de Peniche (commandada pelo general Nepomuceno e pelo barão de Sá) viesse, n'aquelle mesmo dia, investir o inimigo e impedir-lhe essa estrada real, emquanto, na retirada do exercito realista sobre Santarem, as canhoneiras, subindo o Tejo, lh'a cortassem[1]. Atacado, vencido e cortado, o inimigo exhalaria n'aquelle dia o ultimo suspiro.

O plano fôra magistral, a execução realisavel. Infelizmente, apesar de mandar as instrucções a Peniche por um dos seus ajudantes (o barão de Francos) no vapor *Jorge IV*, saido de proposito na noite de 8[2], as forças partindo de Peniche, suppondo talvez que a batalha não tivera bom exito, detiveram-se no caminho, e não chegaram a executar o movimento habilmente planeado.

[1] *Narrativa* de Saldanha, citada.

[2] Serviço da barra em 8 de outubro, na *Chronica* de 10.

Por outro lado as canhoneiras encarregadas de cortar a retirada ao exercito realista em Alhandra tambem não realisaram o plano de Saldanha na parte que lhes pertencia executar. O almirante Napier explica os *porquês*. Recommendâmol-os ao leitor, por serem necessarios n'este ponto de maxima importancia para a historia.

«Chegando eu a Lisboa, vindo de Alhandra, escreve Napier, achei com grande surpreza e admiração minha que o inspector do arsenal e o commandante da tropa que ía na esquadrilha, depois de terem desembarcado na estrada e ali permanecido poucas horas, *abandonaram a posição sem até mesmo terem avistado o inimigo, e voltaram ao arsenal com todas as lanchas artilhadas e tropa, deixando aos miguelistas e suas bagagens a passagem franca, sem que nada os incommodasse*. Ordenei que immediatamente voltassem pelo rio acima, porém na manhã seguinte soprava o vento com tanta violencia, que nem o brigue de guerra nem a canhoneira poderam chegar a tempo, e o exercito e bagagem inimiga que retiraram de Loures ás duas horas da manhã passaram sem a menor interrupção. São inuteis quaesquer commentarios sobre esta conducta, e só é para sentir que o imperador não tivesse alguma cousa mais do diabo no seu temperamento, e não tivesse feito exemplos onde eram necessarios»[1]. Cremos estar explicado o phenomeno pelo competente almirante.

[1] Napier, *Guerra da successão*, vol. II, pag. 15 e 16.

Em mais outro documento, relativo á retirada do exercito realista, escripto pelo duque de Palmella, se confirma tambem que, para a causa ficar ali n'aquelle dia completamente vencedora (como Saldanha planeára e dispozera) só faltou que as forças mandadas vir de Peniche tivessem atacado o flanco do inimigo. «Esta manhã (de 12) creio que os inimigos já se acham para lá do Tojal, e é evidente que marcham para Santarem. Faltou *para a cousa ser completa* que o Bernardo de Sá lhes apparecesse hontem (11) pelo flanco, como esperavamos que faria, pois já no dia 9 escrevêra de Torres Vedras, mas infelizmente não appareceu»[1].

Saldanha, portanto, não se podendo dividir em tres, nem estar ao mesmo tempo no seu exercito do centro, na estrada de Montachique e no Tejo, não jogou a audaz partida senão com as forças do seu proprio exercito, e, apesar de só, de desajudado dos outros elementos com que tinha contado, operou as maravilhas acabadas de presencear, contra um inimigo muito mais numeroso, contra cavallaria considerada por Bourmont a melhor que tinha visto[2], contra um general afamado que, estreando n'aquelles dois dias o seu commando, havia de empregar todos os esforços para não perder (como Bourmont)

[1] Carta do duque de Palmella a Abreu e Lima, de 12 de outubro de 1833 (na *Correspondencia do conde da Carreira*, pag. 110).

[2] Carta do cavalheiro realista Carlos Mathias de 17 de agosto de 1833 ao sr. Antonio Ribeiro Saraiva (na *Chronica do Porto* de 17 de dezembro d'aquelle anno).

logo na primeira batalha a fama que o aureolava, contra posições excellentes, contra militares que tambem pelejavam heroicamente.

Não investiu a retirada do exercito realista com mais precipitação? Acertadamente praticou, e bastaria saber-se que era Saldanha aquelle que ousára atacar o Pinhal da Foz e tomar as alturas de Vallongo para se ficar certo de que a investida contra a retirada de Macdonnel em Villa Franca e Villa Nova nas condições em que se achava e desajudado das operações que elle ordenára, mas que se não tinham podido realisar, seria uma imprudencia *absoluta* que arriscaria o exito brilhantissimo que elle proprio acabava de alcançar. E aqui se prova o que já n'outro logar dissemos: que Saldanha vencia (permitta-se-nos a phrase) *impossiveis possiveis*, como na Foz, em Vallongo e Torres Vedras; mas impossiveis absolutos, audacias com a certeza positiva de resultado nefasto, não havia forças humanas que o obrigassem a realisal-os; e, no complexo d'estas vistas, na harmonia d'estas qualidades, é que estava a potencia do seu talento.

Foi admirado unanimemente o rasgo de Saldanha, pela maneira por que obrigou o inimigo a levantar o cerco. O almirante Napier declara, que o «desalojar o inimigo de suas posições em frente de Lisboa foi certamente uma afouta empreza»[1].

«O dia 10 de outubro, narram os *Annaes*, foi ainda mui glorioso para as nossas armas. Os rebeldes

[1] *Guerra da successão*, vol. II, pag. 18.

Saldanha aproveitou um momento para correr ao paço das Necessidades, onde o imperador (que assistira á parte principal do combate), a rainha e a imperatriz o receberam com o maior alvoroço, e onde o regente lhe disse as expressões mais affectuosas pelo exito obtido e pelas proezas que lhe vira praticar.

III

Desalojado fôra no dia 10, como acabámos de ver, o exercito realista, de todas as posições em que sitiava Lisboa. De noite retirou do Lumiar para Loures, proseguindo as bagagens na direcção de Santarem. Sobre grande numero de prisioneiros, caíram, em poder dos liberaes, despojos de grande importancia, artilheria, munições, armamentos, abundancia de madeira, uma porção de bagagens, e até um canzarrão pertencente ao sr. D. Miguel.

Na manhã seguinte (dia 11) continuando a perseguir o inimigo, encontrou-o Saldanha em Loures, descrevendo o exercito realista uma curva, cujo centro era a povoação, occupando a artilheria as eminencias, a cavallaria e a infanteria a planicie.

Na confrontação de todos os documentos, é necessario especialmente ler Saint-Pardoux, o escriptor legitimista presencial, para se conhecer até que ponto levou Saldanha a sua extrema habilidade n'esta

rativa do general Macdonell de 26 de outubro de 1833 na *Chronica de Lisboa* de 6 de dezembro d'aquelle anno.

batalha do segundo dia. Proseguindo do Lumiar para Loures, mandou reconhecer por um esquadrão as excellentes posições que o atilado Macdonnel tinha escolhido, principalmente para a sua cavallaria com que tinha esperança de ganhar a acção e marchar de novo sobre Lisboa. O esquadrão foi repellido, mas tinha realisado o intento de reconhecer as posições, pois, como disse Napoleão: «A cavallaria de um general é o seu oculo de ver ao longe, o prolongamento dos seus braços, e não menos as suas azas para fender o espaço»[1].

N'este momento acabava Saldanha de formar o plano completo. Em logar de fazer a vontade a Macdonnel, atacando-o de frente nas suas posições de Loures, onde a numerosa cavallaria realista lograva ter a primazia, occupou pelo contrario as sobranceiras posições de Odivellas (apesar de poder ser torneado, mas para temeridades taes é que era Saldanha), mandou collocar a cavallaria no seu flanco direito, ordenando-lhe que sustentasse o ponto contra a cavallaria inimiga (moinho da Ameixoeira e casa do conde de Peniche), e, rompendo fogo terrivel de artilheria, combinado com uma extensa linha de atiradores, esperou a Macdonnel, obrigando-o a atacal-o, em vez de ser elle Saldanha quem atacasse.

O resultado saíu-lhe mathematico.

Macdonnel mandou ao coronel Bourmont que for-

[1] Sentença de Napoleão (no livro *Elementos da arte militar*, do sr. D. Luiz da Camara Leme).

injustiça da rainha absoluta. O sr. D. Pedro entendeu — e entendendo-o assim, interpretou bem a alma do conde de Saldanha — que nenhum agradecimento regio, attestado publicamente, lhe poderia ser mais agradavel do que a rehabilitação legal de seu avô.

A liberdade, na expansão do seu jubilo, prestava homenagem na primeira praça portugueza *ao despota*, no dizer dos que estudam a historia pela rama, porém despota que lançou os fundamentos progressistas do Portugal novo, edificio politico, de que eram operarios estes mesmos guerreiros de 10 e 11 de outubro, á voz do chefe que reivindicava com as ar-

a tão illustre genio, e fizeram com ingratidão incrivel desapparecer a sua imagem do centro d'aquella mesma cidade, que elle tinha feito renascer das cinzas, para ser uma das mais bellas capitaes da Europa.

«Tomando pois todos estes motivos na devida consideração, e querendo ao mesmo tempo tributar ao grande homem a justiça que lhe é devida, e apagar os vestigios de uma ingratidão, de que a geração presente rejeita a responsabilidade e desapprova o erro: hei por bem, em nome da rainha, que a imagem em bronze do marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, que havia sido arrancada do pedestal da estatua equestre de meu augusto avô, de quem fôra tão leal servidor e de quem tão zelosamente procurára sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar; e que por lembrança do dia em que se praticou este acto de justiça, se lhe ajunte por baixo, em letras de bronze, a inscripção seguinte = *12 de outubro de 1833* =.

«O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Palacio das Necessidades, em 10 de outubro de 1833. = D. PEDRO, Duque de Bragança. = *Candido José Xavier.*

(*Chronica Constitucional de Lisboa*, de 12 de outubro de 1833.)

mas o que seu avô instituira com as idéas. Reparando legalmente a injuria, que a nação tinha já vingado moralmente, levando por mão propria a reparação ao neto do marquez, presenteando Saldanha com o mimo tão delicado e merecido da condecoração que representa o valor, a lealdade e o merito, o imperador agradecia d'este modo ao general que em fevereiro e março d'aquelle anno salvára a causa, que em julho domára Bourmont, que levantára os cercos das duas capitaes e que teria agora mesmo posto remate á lucta se todos houvessem executado as determinações do seu plano.

« Que succederá ao general escocez que substituira Bourmont? » perguntámos ao cerrar o capitulo antecedente. A Macdonell succedeu o mesmo que a Bourmont: foi vencido.

Saldanha cumprira a palavra que dera ao imperador em 8 de outubro. Promettêra-lhe que a 12, no dia dos seus annos, o cerco de Lisboa estaria levantado e a capital liberta. No dia 12 de outubro estava levantado o cerco e liberta a capital. O inimigo ficava encerrado em Santarem; e o marechal vencedor, sentinella entre Santarem e Lisboa, defendendo a capital, e planeando novas occasiões para victorias novas.

Saldanha aproveitou um momento para correr ao paço das Necessidades, onde o imperador (que assistíra á parte principal do combate), a rainha e a imperatriz o receberam com o maior alvoroço, e onde o regente lhe disse as expressões mais affectuosas pelo exito obtido e pelas proezas que lhe víra praticar.

III

Desalojado fôra no dia 10, como acabámos de ver, o exercito realista, de todas as posições em que sitiava Lisboa. De noite retirou do Lumiar para Loures, proseguindo as bagagens na direcção de Santarem. Sobre grande numero de prisioneiros, caíram, em poder dos liberaes, despojos de grande importancia, artilheria, munições, armamentos, abundancia de madeira, uma porção de bagagens, e até um canzarrão pertencente ao sr. D. Miguel.

Na manhã seguinte (dia 11) continuando a perseguir o inimigo, encontrou-o Saldanha em Loures, descrevendo o exercito realista uma curva, cujo centro era a povoação, occupando a artilheria as eminencias, a cavallaria e a infanteria a planicie.

Na confrontação de todos os documentos, é necessario especialmente ler Saint-Pardoux, o escriptor legitimista presencial, para se conhecer até que ponto levou Saldanha a sua extrema habilidade n'esta

rativa do general Macdonell de 26 de outubro de 1833 na *Chronica de Lisboa* de 6 de dezembro d'aquelle anno.

batalha do segundo dia. Proseguindo do Lumiar para Loures, mandou reconhecer por um esquadrão as excellentes posições que o atilado Macdonnel tinha escolhido, principalmente para a sua cavallaria com que tinha esperança de ganhar a acção e marchar de novo sobre Lisboa. O esquadrão foi repellido, mas tinha realisado o intento de reconhecer as posições, pois, como disse Napoleão: «A cavallaria de um general é o seu oculo de ver ao longe, o prolongamento dos seus braços, e não menos as suas azas para fender o espaço»[1].

N'este momento acabava Saldanha de formar o plano completo. Em logar de fazer a vontade a Macdonnel, atacando-o de frente nas suas posições de Loures, onde a numerosa cavallaria realista lograva ter a primazia, occupou pelo contrario as sobranceiras posições de Odivellas (apesar de poder ser torneado, mas para temeridades taes é que era Saldanha), mandou collocar a cavallaria no seu flanco direito, ordenando-lhe que sustentasse o ponto contra a cavallaria inimiga (moinho da Ameixoeira e casa do conde de Peniche), e, rompendo fogo terrivel de artilheria, combinado com uma extensa linha de atiradores, esperou a Macdonnel, obrigando-o a atacal-o, em vez de ser elle Saldanha quem atacasse.

O resultado saíu-lhe mathematico.

Macdonnel mandou ao coronel Bourmont que for-

[1] Sentença de Napoleão (no livro *Elementos da arte militar*, do sr. D. Luiz da Camara Leme).

ção, recuando na presença do que reputava loucura.

Ocioso não jazêra entretanto o exercito liberal. Se o navio não singrava pelo estorvo dos cachopos, nem por isso o velame deixava de ser aperfeiçoado pelo cuidadoso perito para o ensejo opportuno. A 4 de janeiro, dia seguinte ao da grande revista, passada pelo imperador no Cartaxo, mandava o regente declarar ás tropas que tivera a maior satisfação «em observar a ordem mais perfeita, a disciplina mais rigorosa e um asseio superior a toda a espectativa após tão ardua tarefa», terminando assim: «As providencias adoptadas, a fórma judiciosa por que estão distribuidos os corpos nas diversas posições, tudo confirma a sua magestade na justa confiança que tem posto no marechal do exercito conde de Saldanha[1]», e este documento corroborava-o a palavra auctorisada do almirante, que tudo presenceando, escreveu: «Saldanha era incansavel em organisar o exercito no Cartaxo; a cada revista se conhecia palpavelmente o quanto ia melhorando tanto em vestuario como em disciplina militar»[2]. Aprestando-se para o momento com a actividade que lhe era propria, o cabo de guerra não se esquecia do rifão nacional: Quem vae para o mar, avia-se em terra.

II

Impossibilitado Saldanha de atacar Santarem, exas-

[1] *Ordem do dia* de 4 de janeiro de 1834 na *Chronica Constitucional de Lisboa* de 6.

[2] Napier, *Guerra da successão*, vol. II, pag. 56.

perado de que o não atacassem, volvidos já tres mezes após o levantamento do cerco da capital, ideando todos os planos possiveis, e de entre elles escolhendo o de proseguir para as provincias do norte, para que, dominado o reino todo, Santarem se resolvesse a tomar um expediente desesperado que lhe fosse perdição, vae commetter novo arrojo. Entregando ao duque da Terceira o commando das forças do Cartaxo no dia 12 de janeiro, marcha pela estrada de Rio Maior sobre Leiria.

De mais-que temeraria alcunharam esta operação militar. Saldanha sabia melhor o que emprehendia do que os seus conselheiros. Nas temeridades póde occorrer o desastre, mas que seria da historia da civilisação, se a temeridade não fosse um elemento dos espiritos superiores? Na temeridade, como em tudo, ha um segredo. A chave do segredo é o talento. Feliz de quem a possue.

Lá vão. Em tres columnas dividiu Saldanha a força de quatro mil e quinhentos homens que do Cartaxo levou comsigo sobre Leiria. A primeira, commandada por Schwalbach, teve ordem de atravessar o rio Liz, indo occupar a estrada entre Leiria e Coimbra, para cortar a retirada ao inimigo. Saldanha acompanha-a. A segunda columna, dirigida por Xavier, foi destinada a atacar a cidade pela estrada real que ía da Batalha; a terceira, confiada a Vasconcellos, seguia pelo caminho de Cós. Por esta combinação habil das forças, Leiria necessariamente havia de ficar entalada.

Era extraordinario o enthusiasmo dos soldados,

apesar de um temporal por mais de quarenta e oito horas, e de saberem achar-se fortificado com artilheria de grosso calibre o celebre castello.

Ao approximarem-se as columnas liberaes rompe contra ellas a artilheria. Na estrada da Batalha duas companhias do 5.º de caçadores investem os realistas e obrigam-nos a recolher ás linhas. Conhecendo estes, ao verem a primeira columna passar o rio Liz, que o plano de Saldanha era cortar-lhes a retirada, e querendo prevenir o movimento, abandonam o castello, a propria cidade, e retiram sobre Coimbra. Debalde retiram. A estrategia do marechal tudo previra. Se do sul vem afugentados para o norte pelas forças que os perseguem, ao norte, na estrada de Coimbra, encontram a columna que para lhes obstar passára o Liz, e á frente de cuja cavallaria se achava o proprio Saldanha. Assim cortadas, as forças realistas são desbaratadas completamente. Da guarnição que se compunha de mil e quinhentos homens só tres officiaes e seis soldados poderam fugir unidos. Caíram no poder do vencedor, o governador militar, as auctoridades civis, os officiaes e soldados, quatro peças, duas bandeiras, todas as munições e bagagens [1].

Mas eis que na perseguição do inimigo ao longo da estrada de Coimbra se presenceia uma scena commovedora. Íam-se apeando os soldados (como é de triste costume) para se apossarem dos despojos. Tres

[1] Podem-se consultar como fontes o *Boletim do paço* de 16 de janeiro de 1834, *Chronica de Lisboa* de 17, officios do marechal Saldanha de 15, 16 e 18 de janeiro, *Chronicas* de 16, 17 e 21. Na de 18 vem os nomes dos que se distinguíram.

lanceiros o não fazem. Que vêem elles? O que é que enternece nos momentos ferinos o coração d'aquelles homens? Recúam diante da cubiça, porquê? Lavram ali um protesto de amor contra a barbaridade natural, por que rasão? Pois não se estão agora apeando tambem? Não se apossam de objectos? Não tornam logo depois a montar?

Sim apeam-se, mas não é para depositarem despojos nas garupas, é para conchegarem a si uns entes inoffensivos. Não são riquezas que levantam da estrada, são duas creancinhas de dois e tres annos, caídas quando fugia um soldado da policia a que pertenciam, e só por milagre ainda não esmagadas pela cavallaria. Ali jaziam por terra á espera da morte a cada instante. Já estão levantadas do perigo imminente, já se acham ao collo dos carinhosos lanceiros. São os unicos soldados que não trazem despojos? Trazem os despojos mais preciosos: duas vidas que salvaram, dois innocentes que lhes estenderam os bracinhos, que vão rindo para elles, pulando-lhes contentes entre os braços ao trotear dos cavallos. Estão já na cidade, procuram-lhes a mãe, que as recebe entre lagrimas, é a mulher do policia que fugia na turba, e a historia regista os nomes dos tres lanceiros: Antonio da Silva, João Sutherland e Francisco José Nunes. Corações formosos. Bemaventuradas mães que taes filhos crearam no amor da humanidade!

Sejam-nos consolação nas lides humanas, por entre os capitulos sanguinolentos, as paginas amoraveis. Ali vae da cadeia de Leiria para a de Coimbra uma

escolta realista das milicias de Lamego, conduzindo algemados o prior de Cós e mais dois liberaes. Ouve a escolta os tiros na cidade, e quer logo matar barbaramente os presos. Desembainha a espada o alferes da escolta, Polycarpo José, e, com perigo mesmo de morrer aos tiros da propria gente do seu commando, colloca-se entre ella e os presos, bradando-lhe: «O primeiro que atirar sobre algum d'estes presos fica atravessado com esta espada».

Hesitam os soldados, entreolham-se, murmuram, seguem ameaçadores, vae o alferes sempre álerta de espada desembainhada, observando-lhes os movimentos, ouve-se o tropel, approxima-se a cavallaria constitucional, são soltos os presos, e presa a escolta com o seu alferes. Mas quê? A prisão do vencido é a gloria do heroe. O prior e os companheiros, no momento de se verem livres, lançam-se nos braços do que livre os salvára, e acorrentado lhes recebe as lagrimas de gratidão. Narram logo o acontecido. O commandante da columna informa em seguida o marechal. Participa Saldanha o facto ao regente, e recommenda o militar brioso; recebe em resposta a ordem para a soltura do alferes e a conservação do posto e honras militares, embora não queira deixar de permanecer fiel á bandeira realista que jurára. Oh! se ao rei proscripto houvessem rodeado conselheiros como este alferes, quem sabe se teria comido o pão do exilio!

Tres dias depois, a 18, chegava a Leiria o ajudante de campo do imperador, Calça e Pina, para felicitar

o marechal e a divisão pelo feito audacioso e habilidade com que fôra executado[1].

III

Tomada Leiria no dia 15 pela tactica que presenceámos, e deixada ali uma guarnição de mil e quinhentos homens, era o fito de Saldanha continuar para o norte, segundo o plano da campanha, que ideára. Motivo que depois exporemos o levou sobre Torres Novas, d'onde se approximou no dia 25.

Estava em Torres Novas, alem de infanteria realista, uma parte da afamada cavallaria de Chaves, duzentos e vinte dragões. «Os nossos soldados ardiam em desejos de se encontrar com elles, officiava o marechal, felizmente coube-me a ventura de lhes proporcionar a occasião»[2].

Empregando o ardil, Saldanha obrigou os piquetes do inimigo a retirarem-se, não lhes mostrando senão um esquadrão para não amedrontar o grosso da força, convidando-a assim comicamente a esperar por elle.

A pouca distancia de Torres Novas dividiu a cavallaria pelos dois ramaes, que levavam á povoação. Foram os esquadrões da direita os que primeiro entraram na villa, d'onde já tinha retirado a infanteria realista, perseguida pela constitucional.

[1] Consulte-se a *Chronica de Lisboa* de 21 de janeiro de 1834, e a notavel circular de Saldanha aos corpos.

[2] Officio de Saldanha de 25 de janeiro de 1834.

Ao enthusiasmo da infanteria corresponde o da cavallaria. Indescriptivel é a decisão com que irrompe e o valor com que peleja. Ao ver defronte os dragões de Chaves, com sanha os acommette, uns e outros se envolvem na lucta, a ponto de que um official, o capitão José de Vasconcellos, chega a ficar prisioneiro alguns minutos. Dão exemplo os commandantes, brilham os officiaes, está assombrando o arrojo dos soldados Terena e Joaquim Ignacio, arde a peleja entre os esquadrões contrarios, redemoinham as espadas e as lanças entre nuvens de pó, furioso está o combate, decide-se a final, são vencidos os dragões, ennublado o prestigio da valorosa cavallaria de Chaves, aniquilada a maxima parte d'ella[1].

Avultado é o numero dos distinctos no campo vencedor, muitos ajudantes de Saldanha tinham acompanhado com arrojo as cargas da cavallaria, e comtudo Saldanha recusou-se a indicar-lhes os nomes para receberem as condecorações. Porque? «Por entrarem nas cargas sem permissão minha», escreve o marechal no seu officio. De modo que aos olhos d'elle o crime dos seus ajudantes era quando se expunham e distinguiam mais!

Leiria tomada, destroçada em Torres Novas a cavallaria de Chaves, que vae occorrer seguidamente na curta digressão de Saldanha?

Pernes dará a resposta.

[1] Officios de Saldanha de 25 e 28 de janeiro; decreto de 29 de janeiro, na *Chronica de Lisboa* do dia 31.

IV

Sabendo o general Povoas que Saldanha, alem de ter desfalcado a sua divisão deixando em Leiria uma força, ainda destacára, da que lhe restava em Torres Novas, uma columna para a villa de Pernes, enviou de Santarem sobre esta villa uma divisão de cinco mil homens no duplo intento de desbaratar a columna liberal em Pernes e de cortar a retirada de Saldanha[1]. Era commandada pelo brigadeiro Canavarro e por Brassaget.

Estando já na ponte de Alviella, Saldanha, «como habil estrategico e não menos valente capitão», segundo as palavras imparciaes de um escriptor legitimista, retrocede para Torres Novas, e n'um repente marcha em direcção a Pernes para salvar a columna que destacára, chegando ali com a sua tropa antes da aurora do dia 30 em que Pernes ia ser atacada, que o mesmo é dizer, chegando exactamente no instante indispensavel, e quando o inimigo imaginava tudo, menos o ir encontral-o na sua frente.

Ás oito horas da manhã d'aquelle dia 30, Saldanha, já em Pernes, onde acabava de chegar, vendo que a divisão realista não atacava (pois que só para as dez horas tinha resolvido investir com a villa), marchou ao encontro do inimigo sem a minima hesitação, apesar da inferioridade das suas forças, e elle é que tomou a offensiva, arremettendo.

[1] Saint-Pardoux, citado, pag. 90.

CAPITULO XXIX

TOMADA DE LEIRIA E DE TORRES NOVAS
ACÇÃO DE PERNES

I

O bom filho á casa torna. Dos generaes estrangeiros, que não lograram senão perder batalhas, o exercito realista voltava para os generaes da nação, e de entre estes para o primeiro dos d'aquelle partido. Ao reorganisador Macdonell succedia o intelligentissimo Povoas; mas este, como o seu antecessor, inactivo se achava defronte de Saldanha, ainda meiado janeiro.

Habil fôra Saldanha em não commetter á loucura de investir com Santarem. Já se disse que o marechal Saldanha levou a vida a ousar temeridades censuradas por aquelles que não tinham fé no exito, mas a impossiveis absolutos não havia forças que o obrigassem. Santarem devia-se considerar inexpugnavel[1], e o proprio duque de Wellington, podendo-a assaltar com um exercito immenso, respeitou a posi-

[1] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, Londres, 1836, pag. 245; *Historia do cerco*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 323.

ção, recuando na presença do que reputava loucura.

Ocioso não jazêra entretanto o exercito liberal. Se o navio não singrava pelo estorvo dos cachopos, nem por isso o velame deixava de ser aperfeiçoado pelo cuidadoso perito para o ensejo opportuno. A 4 de janeiro, dia seguinte ao da grande revista, passada pelo imperador no Cartaxo, mandava o regente declarar ás tropas que tivera a maior satisfação «em observar a ordem mais perfeita, a disciplina mais rigorosa e um asseio superior a toda a espectativa após tão ardua tarefa», terminando assim: «As providencias adoptadas, a fórma judiciosa por que estão distribuidos os corpos nas diversas posições, tudo confirma a sua magestade na justa confiança que tem posto no marechal do exercito conde de Saldanha[1]», e este documento corroborava-o a palavra auctorisada do almirante, que tudo presenceando, escreveu: «Saldanha era incansavel em organisar o exercito no Cartaxo; a cada revista se conhecia palpavelmente o quanto ia melhorando tanto em vestuario como em disciplina militar»[2]. Aprestando-se para o momento com a actividade que lhe era propria, o cabo de guerra não se esquecia do rifão nacional: Quem vae para o mar, avia-se em terra.

II

Impossibilitado Saldanha de atacar Santarem, exas-

[1] *Ordem do dia* de 4 de janeiro de 1834 na *Chronica Constitucional de Lisboa* de 6.

[2] Napier, *Guerra da successão*, vol. II, pag. 56.

perado de que o não atacassem, volvidos já tres mezes após o levantamento do cerco da capital, ideando todos os planos possiveis, e de entre elles escolhendo o de proseguir para as provincias do norte, para que, dominado o reino todo, Santarem se resolvesse a tomar um expediente desesperado que lhe fosse perdição, vae commetter novo arrojo. Entregando ao duque da Terceira o commando das forças do Cartaxo no dia 12 de janeiro, marcha pela estrada de Rio Maior sobre Leiria.

De mais que temeraria alcunharam esta operação militar. Saldanha sabia melhor o que emprehendia do que os seus conselheiros. Nas temeridades póde occorrer o desastre, mas que seria da historia da civilisação, se a temeridade não fosse um elemento dos espiritos superiores? Na temeridade, como em tudo, ha um segredo. A chave do segredo é o talento. Feliz de quem a possue.

Lá vão. Em tres columnas dividiu Saldanha a força de quatro mil e quinhentos homens que do Cartaxo levou comsigo sobre Leiria. A primeira, commandada por Schwalbach, teve ordem de atravessar o rio Liz, indo occupar a estrada entre Leiria e Coimbra, para cortar a retirada ao inimigo. Saldanha acompanha-a. A segunda columna, dirigida por Xavier, foi destinada a atacar a cidade pela estrada real que ía da Batalha; a terceira, confiada a Vasconcellos, seguia pelo caminho de Cós. Por esta combinação habil das forças, Leiria necessariamente havia de ficar entalada.

Era extraordinario o enthusiasmo dos soldados,

apesar de um temporal por mais de quarenta e oito horas, e de saberem achar-se fortificado com artilheria de grosso calibre o celebre castello.

Ao approximarem-se as columnas liberaes rompe contra ellas a artilheria. Na estrada da Batalha duas companhias do 5.º de caçadores investem os realistas e obrigam-nos a recolher ás linhas. Conhecendo estes, ao verem a primeira columna passar o rio Liz, que o plano de Saldanha era cortar-lhes a retirada, e querendo prevenir o movimento, abandonam o castello, a propria cidade, e retiram sobre Coimbra. Debalde retiram. A estrategia do marechal tudo previra. Se do sul vem afugentados para o norte pelas forças que os perseguem, ao norte, na estrada de Coimbra, encontram a columna que para lhes obstar passára o Liz, e á frente de cuja cavallaria se achava o proprio Saldanha. Assim cortadas, as forças realistas são desbaratadas completamente. Da guarnição que se compunha de mil e quinhentos homens só tres officiaes e seis soldados poderam fugir unidos. Caíram no poder do vencedor, o governador militar, as auctoridades civis, os officiaes e soldados, quatro peças, duas bandeiras, todas as munições e bagagens [1].

Mas eis que na perseguição do inimigo ao longo da estrada de Coimbra se presenceia uma scena commovedora. Íam-se apeando os soldados (como é de triste costume) para se apossarem dos despojos. Tres

[1] Podem-se consultar como fontes o *Boletim do paço* de 16 de janeiro de 1834, *Chronica de Lisboa* de 17, officios do marechal Saldanha de 15, 16 e 18 de janeiro, *Chronicas* de 16, 17 e 21. Na de 18 vem os nomes dos que se distinguíram.

metade da divisão, pois que a outra parte ficára morta ou prisioneira[1].

Alem do avultado numero de mortos, e da aniquilação da sua infanteria, os realistas perderam as bandeiras dos regimentos 17 e 1, setecentos e nove prisioneiros, grande quantidade de armamentos, e quinze cavallos do esquadrão de Chaves, evitando o marechal, contra forças muito superiores, o ser-lhe cortada a retirada, o poder seguir para Lisboa a vanguarda do exercito realista, não se deixando cair na rede; e pelo seu inesperado movimento de Alviela a Pernes dando aos contrarios uma resposta que lhes custou carissima, e á historia militar uma pagina que lhe ficará gloriosa.

Um escriptor legitimista, Saint-Pardoux, chamou

[1] Saint-Pardoux, pag. 91. A perda dos liberaes foi de 3 mortos e 17 feridos. Saldanha recommenda com especialidade Balthazar Pimentel, o benemerito coronel Pedro Paulo Ferreira de Sousa, que por sua muita intelligencia, zêlo e relevantes serviços n'esta acção recebeu o titulo de barão de Pernes, os officiaes do seu estado maior e outros militares mencionados no seu officio de 31 de janeiro de 1834 (Supplemento ao n.º 29 da *Chronica de Lisboa* de 3 de fevereiro). Veja-se tambem o officio do ministro da guerra de 4 de fevereiro, na *Chronica* de 6.

Saldanha não podia mandar atacar Santarem pelo duque da Terceira no dia da acção de Pernes. Se era inexpugnavel Santarem para o exercito de Saldanha reunido, como o não seria para as forças do Cartaxo sem as de Saldanha e sem as de João de Nepomuceno que para Vallada foram destacadas contra as do inimigo, e sobre tudo isto na incerteza do exito em Pernes, cuja acção estava occorrendo? É inacceitavel por isto o reparo de Napier.

escolta realista das milicias de Lamego, conduzindo algemados o prior de Cós e mais dois liberaes. Ouve a escolta os tiros na cidade, e quer logo matar barbaramente os presos. Desembainha a espada o alferes da escolta, Polycarpo José, e, com perigo mesmo de morrer aos tiros da propria gente do seu commando, colloca-se entre ella e os presos, bradando-lhe: «O primeiro que atirar sobre algum d'estes presos fica atravessado com esta espada».

Hesitam os soldados, entreolham-se, murmuram, seguem ameaçadores, vae o alferes sempre álerta de espada desembainhada, observando-lhes os movimentos, ouve-se o tropel, approxima-se a cavallaria constitucional, são soltos os presos, e presa a escolta com o seu alferes. Mas quê? A prisão do vencido é a gloria do heroe. O prior e os companheiros, no momento de se verem livres, lançam-se nos braços do que livre os salvára, e acorrentado lhes recebe as lagrimas de gratidão. Narram logo o acontecido. O commandante da columna informa em seguida o marechal. Participa Saldanha o facto ao regente, e recommenda o militar brioso; recebe em resposta a ordem para a soltura do alferes e a conservação do posto e honras militares, embora não queira deixar de permanecer fiel á bandeira realista que jurára. Oh! se ao rei proscripto houvessem rodeado conselheiros como este alferes, quem sabe se teria comido o pão do exilio!

Tres dias depois, a 18, chegava a Leiria o ajudante de campo do imperador, Calça e Pina, para felicitar

o marechal e a divisão pelo feito audacioso e habilidade com que fôra executado[1].

III

Tomada Leiria no dia 15 pela tactica que presenceámos, e deixada ali uma guarnição de mil e quinhentos homens, era o fito de Saldanha continuar para o norte, segundo o plano da campanha, que ideára. Motivo que depois exporemos o levou sobre Torres Novas, d'onde se approximou no dia 25.

Estava em Torres Novas, alem de infanteria realista, uma parte da afamada cavallaria de Chaves, duzentos e vinte dragões. «Os nossos soldados ardiam em desejos de se encontrar com elles, officiava o marechal, felizmente coube-me a ventura de lhes proporcionar á occasião»[2].

Empregando o ardil, Saldanha obrigou os piquetes do inimigo a retirarem-se, não lhes mostrando senão um esquadrão para não amedrontar o grosso da força, convidando-a assim comicamente a esperar por elle.

A pouca distancia de Torres Novas dividiu a cavallaria pelos dois ramaes, que levavam á povoação. Foram os esquadrões da direita os que primeiro entraram na villa, d'onde já tinha retirado a infanteria realista, perseguida pela constitucional.

[1] Consulte-se a *Chronica de Lisboa* de 21 de janeiro de 1834, e a notavel circular de Saldanha aos corpos.

[2] Officio de Saldanha de 25 de janeiro de 1834.

injustiça da rainha absoluta. O sr. D. Pedro entendeu — e entendendo-o assim, interpretou bem a alma do conde de Saldanha — que nenhum agradecimento regio, attestado publicamente, lhe poderia ser mais agradavel do que a rehabilitação legal de seu avô.

A liberdade, na expansão do seu jubilo, prestava homenagem na primeira praça portugueza *ao despota,* no dizer dos que estudam a historia pela rama, porém despota que lançou os fundamentos progressistas do Portugal novo, edificio politico, de que eram operarios estes mesmos guerreiros de 10 e 11 de outubro, á voz do chefe que reivindicava com as ar-

a tão illustre genio, e fizeram com ingratidão incrivel desapparecer a sua imagem do centro d'aquella mesma cidade, que elle tinha feito renascer das cinzas, para ser uma das mais bellas capitaes da Europa.

«Tomando pois todos estes motivos na devida consideração, e querendo ao mesmo tempo tributar ao grande homem a justiça que lhe é devida, e apagar os vestigios de uma ingratidão, de que a geração presente rejeita a responsabilidade e desapprova o erro: hei por bem, em nome da rainha, que a imagem em bronze do marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, que havia sido arrancada do pedestal da estatua equestre de meu augusto avô, de quem fôra tão leal servidor e de quem tão zelosamente procurára sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar; e que por lembrança do dia em que se praticou este acto de justiça, se lhe ajunte por baixo, em letras de bronze, a inscripção seguinte = *12 de outubro de 1833* =.

« O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Palacio das Necessidades, em 10 de outubro de 1833. = D. Pedro, Duque de Bragança. = *Candido José Xavier.*

(*Chronica Constitucional de Lisboa,* de 12 de outubro de 1833.)

Curiosa é, n'este ponto, a apreciação de Napier. Ao mesmo tempo que se mostra admirado da temeridade de Saldanha, elogiando-o, não deixa de o fazer a beneficio de inventario, pelo perigo a que se expoz, enfraquecendo no Cartaxo a defeza da capital e arriscando-se a ser cortado.

A feição geral de Saldanha explica o facto, que em Saldanha parece contradictorio; feição geral, que é aos olhos de um criterio verdadeiro a expressão caracteristica da sua individualidade.

Pois a vida de Saldanha o que significava (como a historia dos factos successivos o tem provado) senão a audacia defronte do perigo, acautelada pelas previsões, estrategia e todos os recursos do seu grande talento?

No genero humano é o conjuncto das qualidades variadas, e por assim dizer contradictorias, que forma a personalidade d'aquelle que se distingue, como na ordem natural as estações oppostas compõem a harmonia do anno.

Mal attingiria Saldanha a craveira de grande capitão que o mundo admirou, se recuasse diante do perigo geral das suas operações militares. Que teria sido do Porto, em que pélagos se haveria submergido a causa da liberdade, se em fevereiro de 1833 não houvesse commettido a desobediente loucura de ir arremetter com forças insufficientissimas, pela maneira já expendida, a fortificação realista que impedia a defeza salvadora da Foz? Onde estaria o completo levantamento do cerco do Porto pela acção de 18 de agosto, se, limitando-se a forçar as linhas, não

CAPITULO XXIX

TOMADA DE LEIRIA E DE TORRES NOVAS
ACÇÃO DE PERNES

I

O bom filho á casa torna. Dos generaes estrangeiros, que não lograram senão perder batalhas, o exercito realista voltava para os generaes da nação, e de entre estes para o primeiro dos d'aquelle partido. Ao reorganisador Macdonell succedia o intelligentissimo Povoas; mas este, como o seu antecessor, inactivo se achava defronte de Saldanha, ainda meiado janeiro.

Habil fôra Saldanha em não commetter a loucura de investir com Santarem. Já se disse que o marechal Saldanha levou a vida a ousar temeridades censuradas por aquelles que não tinham fé no exito, mas a impossiveis absolutos não havia forças que o obrigassem. Santarem devia-se considerar inexpugnavel[1], e o proprio duque de Wellington, podendo-a assaltar com um exercito immenso, respeitou a posi-

[1] *A guerra civil em Portugal*, por um estrangeiro, Londres, 1836, pag. 245; *Historia do cerco*, pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 323.

ção, recuando na presença do que reputava loucura.

Ocioso não jazêra entretanto o exercito liberal. Se o navio não singrava pelo estorvo dos cachopos, nem por isso o velame deixava de ser aperfeiçoado pelo cuidadoso perito para o ensejo opportuno. A 4 de janeiro, dia seguinte ao da grande revista, passada pelo imperador no Cartaxo, mandava o regente declarar ás tropas que tivera a maior satisfação «em observar a ordem mais perfeita, a disciplina mais rigorosa e um asseio superior a toda a espectativa após tão ardua tarefa», terminando assim: «As providencias adoptadas, a fórma judiciosa por que estão distribuidos os corpos nas diversas posições, tudo confirma a sua magestade na justa confiança que tem posto no marechal do exercito conde de Saldanha[1]», e este documento corroborava-o a palavra auctorisada do almirante, que tudo presenceando, escreveu: «Saldanha era incansavel em organisar o exercito no Cartaxo; a cada revista se conhecia palpavelmente o quanto ia melhorando tanto em vestuario como em disciplina militar»[2]. Aprestando-se para o momento com a actividade que lhe era propria, o cabo de guerra não se esquecia do rifão nacional: Quem vae para o mar, avia-se em terra.

II

Impossibilitado Saldanha de atacar Santarem, exas-

[1] *Ordem do dia* de 4 de janeiro de 1834 na *Chronica Constitucional de Lisboa* de 6.

[2] Napier, *Guerra da successão*, vol. II, pag. 56.

perado de que o não atacassem, volvidos já tres mezes após o levantamento do cerco da capital, ideando todos os planos possiveis, e de entre elles escolhendo o de proseguir para as provincias do norte, para que, dominado o reino todo, Santarem se resolvesse a tomar um expediente desesperado que lhe fosse perdição, vae commetter novo arrojo. Entregando ao duque da Terceira o commando das forças do Cartaxo no dia 12 de janeiro, marcha pela estrada de Rio Maior sobre Leiria.

De mais que temeraria alcunharam esta operação militar. Saldanha sabia melhor o que emprehendia do que os seus conselheiros. Nas temeridades póde occorrer o desastre, mas que seria da historia da civilisação, se a temeridade não fosse um elemento dos espiritos superiores? Na temeridade, como em tudo, ha um segredo. A chave do segredo é o talento. Feliz de quem a possue.

Lá vão. Em tres columnas dividiu Saldanha a força de quatro mil e quinhentos homens que do Cartaxo levou comsigo sobre Leiria. A primeira, commandada por Schwalbach, teve ordem de atravessar o rio Liz, indo occupar a estrada entre Leiria e Coimbra, para cortar a retirada ao inimigo. Saldanha acompanha-a. A segunda columna, dirigida por Xavier, foi destinada a atacar a cidade pela estrada real que ia da Batalha; a terceira, confiada a Vasconcellos, seguia pelo caminho de Cós. Por esta combinação habil das forças, Leiria necessariamente havia de ficar entalada.

Era extraordinario o enthusiasmo dos soldados,

apesar de um temporal por mais de quarenta e oito horas, e de saberem achar-se fortificado com artilheria de grosso calibre o celebre castello.

Ao approximarem-se as columnas liberaes rompe contra ellas a artilheria. Na estrada da Batalha duas companhias do 5.º de caçadores investem os realistas e obrigam-nos a recolher ás linhas. Conhecendo estes, ao verem a primeira columna passar o rio Liz, que o plano de Saldanha era cortar-lhes a retirada, e querendo prevenir o movimento, abandonam o castello, a propria cidade, e retiram sobre Coimbra. Debalde retiram. A estrategia do marechal tudo previra. Se do sul vem afugentados para o norte pelas forças que os perseguem, ao norte, na estrada de Coimbra, encontram a columna que para lhes obstar passára o Liz, e á frente de cuja cavallaria se achava o proprio Saldanha. Assim cortadas, as forças realistas são desbaratadas completamente. Da guarnição que se compunha de mil e quinhentos homens só tres officiaes e seis soldados poderam fugir unidos. Caíram no poder do vencedor, o governador militar, as auctoridades civis, os officiaes e soldados, quatro peças, duas bandeiras, todas as munições e bagagens [1].

Mas eis que na perseguição do inimigo ao longo da estrada de Coimbra se presenceia uma scena commovedora. Íam-se apeando os soldados (como é de triste costume) para se apossarem dos despojos. Tres

[1] Podem-se consultar como fontes o *Boletim do paço* de 16 de janeiro de 1834, *Chronica de Lisboa* de 17, officios do marechal Saldanha de 15, 16 e 18 de janeiro, *Chronicas* de 16, 17 e 21. Na de 18 vem os nomes dos que se distinguíram.

Então a infanteria realista, ao descer no intuito que indicámos, lança uma extensa linha de atiradores, que rompe um fogo terrivel sobre a divisão de Saldanha. O fogo dos atiradores orchestram-n'o com a retumbancia do começo das batalhas oito peças e dois obuzes, com tanta actividade (escreveu depois o marechal em seu officio) que, alem de baterem fortemente o terreno dos liberaes, levariam o terror e o desalento a tropas menos disciplinadas ou de valor menos comprovado. Este fogo da artilheria, verdadeiramente infernal (como lhe chama o tenente coronel Edward Alexander, que o testemunhou[1]), durante mais de uma hora o foi soffrendo sem retorquir a divisão de Saldanha.

E a divisão de Saldanha não o soffria unicamente assim, retrocedia, suspendia-se, tornava a retroceder, tornava a suspender-se; e o inimigo cada vez a avançar mais e com maior enthusiasmo.

Quê! Saldanha recuava! Saldanha cedia! Onde o valente de 4 de março? de 25 de julho? de 18 de agosto? de 10 de outubro? de 30 de janeiro? E Saldanha cedia, não restava duvida. O dia 18 de fevereiro vae ser para os realistas a vingança de tantas batalhas perdidas, a indemnisação de tantos mezes de infortunio; a espada invicta, vencida finalmente! E os liberaes a verem caír os seus mortos, a ouvirem gemer os seus feridos, e os realistas a verem retroceder os seus contrarios. Proxima está já da ponte a

[1] Edward Alexander, *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*, pag. 138.

escolta realista das milicias de Lamego, conduzindo algemados o prior de Cós e mais dois liberaes. Ouve a escolta os tiros na cidade, e quer logo matar barbaramente os presos. Desembainha a espada o alferes da escolta, Polycarpo José, e, com perigo mesmo de morrer aos tiros da propria gente do seu commando, colloca-se entre ella e os presos, bradando-lhe: «O primeiro que atirar sobre algum d'estes presos fica atravessado com esta espada».

Hesitam os soldados, entreolham-se, murmuram, seguem ameaçadores, vae o alferes sempre álerta de espada desembainhada, observando-lhes os movimentos, ouve-se o tropel, approxima-se a cavallaria constitucional, são soltos os presos, e presa a escolta com o seu alferes. Mas quê? A prisão do vencido é a gloria do heroe. O prior e os companheiros, no momento de se verem livres, lançam-se nos braços do que livre os salvára, e acorrentado lhes recebe as lagrimas de gratidão. Narram logo o acontecido. O commandante da columna informa em seguida o marechal. Participa Saldanha o facto ao regente, e recommenda o militar brioso; recebe em resposta a ordem para a soltura do alferes e a conservação do posto e honras militares, embora não queira deixar de permanecer fiel á bandeira realista que jurára. Oh! se ao rei proscripto houvessem rodeado conselheiros como este alferes, quem sabe se teria comido o pão do exilio!

Tres dias depois, a 18, chegava a Leiria o ajudante de campo do imperador, Calça e Pina, para felicitar

o marechal e a divisão pelo feito audacioso e habilidade com que fôra executado[1].

III

Tomada Leiria no dia 15 pela tactica que presenceámos, e deixada ali uma guarnição de mil e quinhentos homens, era o fito de Saldanha continuar para o norte, segundo o plano da campanha, que ideára. Motivo que depois exporemos o levou sobre Torres Novas, d'onde se approximou no dia 25.

Estava em Torres Novas, alem de infanteria realista, uma parte da afamada cavallaria de Chaves, duzentos e vinte dragões. «Os nossos soldados ardiam em desejos de se encontrar com elles, officiava o marechal, felizmente coube-me a ventura de lhes proporcionar a occasião»[2].

Empregando o ardil, Saldanha obrigou os piquetes do inimigo a retirarem-se, não lhes mostrando senão um esquadrão para não amedrontar o grosso da força, convidando-a assim comicamente a esperar por elle.

A pouca distancia de Torres Novas dividiu a cavallaria pelos dois ramaes, que levavam á povoação. Foram os esquadrões da direita os que primeiro entraram na villa, d'onde já tinha retirado a infanteria realista, perseguida pela constitucional.

[1] Consulte-se a *Chronica de Lisboa* de 21 de janeiro de 1834, e a notavel circular de Saldanha aos corpos.

[2] Officio de Saldanha de 25 de janeiro de 1834.

CAPITULO XXIX

TOMADA DE LEIRIA E DE TORRES NOVAS
ACÇÃO DE PERNES

I

O bom filho á casa torna. Dos generaes estrangeiros, que não lograram senão perder batalhas, o exercito realista voltava para os generaes da nação, e de entre estes para o primeiro dos d'aquelle partido. Ao reorganisador Macdonell succedia o intelligentissimo Povoas; mas este, como o seu antecessor, inactivo se achava defronte de Saldanha, ainda meiado janeiro.

Habil fôra Saldanha em não commetter a loucura de investir com Santarem. Já se disse que o marechal Saldanha levou a vida a ousar temeridades censuradas por aquelles que não tinham fé no exito, mas a impossiveis absolutos não havia forças que o obrigassem. Santarem devia-se considerar inexpugnavel[1], e o proprio duque de Wellington, podendo-a assaltar com um exercito immenso, respeitou a posi-

[1] *A guerra civil em Portugal,* por um estrangeiro, Londres, 1836, pag. 245; *Historia do cerco,* pelo sr. Soriano, vol. II, pag. 323.

ção, recuando na presença do que reputava loucura.

Ocioso não jazêra entretanto o exercito liberal. Se o navio não singrava pelo estorvo dos cachopos, nem por isso o velame deixava de ser aperfeiçoado pelo cuidadoso perito para o ensejo opportuno. A 4 de janeiro, dia seguinte ao da grande revista, passada pelo imperador no Cartaxo, mandava o regente declarar ás tropas que tivera a maior satisfação «em observar a ordem mais perfeita, a disciplina mais rigorosa e um asseio superior a toda a espectativa após tão ardua tarefa», terminando assim: «As providencias adoptadas, a fórma judiciosa por que estão distribuidos os corpos nas diversas posições, tudo confirma a sua magestade na justa confiança que tem posto no marechal do exercito conde de Saldanha[1]», e este documento corroborava-o a palavra auctorisada do almirante, que tudo presenceando, escreveu: «Saldanha era incansavel em organisar o exercito no Cartaxo; a cada revista se conhecia palpavelmente o quanto ía melhorando tanto em vestuario como em disciplina militar»[2]. Aprestando-se para o momento com a actividade que lhe era propria, o cabo de guerra não se esquecia do rifão nacional: *Quem vae para o mar, avia-se em terra.*

II

Impossibilitado Saldanha de atacar Santarem, exas-

[1] *Ordem do dia* de 4 de janeiro de 1834 na *Chronica Constitucional de Lisboa* de 6.

[2] Napier, *Guerra da successão*, vol. II, pag. 56.

perado de que o não atacassem, volvidos já tres mezes após o levantamento do cerco da capital, ideando todos os planos possiveis, e de entre elles escolhendo o de proseguir para as provincias do norte, para que, dominado o reino todo, Santarem se resolvesse a tomar um expediente desesperado que lhe fosse perdição, vae commetter novo arrojo. Entregando ao duque da Terceira o commando das forças do Cartaxo no dia 12 de janeiro, marcha pela estrada de Rio Maior sobre Leiria.

De mais que temeraria alcunharam esta operação militar. Saldanha sabia melhor o que emprehendia do que os seus conselheiros. Nas temeridades póde occorrer o desastre, mas que seria da historia da civilisação, se a temeridade não fosse um elemento dos espiritos superiores? Na temeridade, como em tudo, ha um segredo. A chave do segredo é o talento. Feliz de quem a possue.

Lá vão. Em tres columnas dividiu Saldanha a força de quatro mil e quinhentos homens que do Cartaxo levou comsigo sobre Leiria. A primeira, commandada por Schwalbach, teve ordem de atravessar o rio Liz, indo occupar a estrada entre Leiria e Coimbra, para cortar a retirada ao inimigo. Saldanha acompanha-a. A segunda columna, dirigida por Xavier, foi destinada a atacar a cidade pela estrada real que ía da Batalha; a terceira, confiada a Vasconcellos, seguia pelo caminho de Cós. Por esta combinação habil das forças, Leiria necessariamente havia de ficar entalada.

Era extraordinario o enthusiasmo dos soldados,

escolta realista das milicias de Lamego, conduzindo algemados o prior de Cós e mais dois liberaes. Ouve a escolta os tiros na cidade, e quer logo matar barbaramente os presos. Desembainha a espada o alferes da escolta, Polycarpo José, e, com perigo mesmo de morrer aos tiros da propria gente do seu commando, colloca-se entre ella e os presos, bradando-lhe: «O primeiro que atirar sobre algum d'estes presos fica atravessado com esta espada».

Hesitam os soldados, entreolham-se, murmuram, seguem ameaçadores, vae o alferes sempre álerta de espada desembainhada, observando-lhes os movimentos, ouve-se o tropel, approxima-se a cavallaria constitucional, são soltos os presos, e presa a escolta com o seu alferes. Mas quê? A prisão do vencido é a gloria do heroe. O prior e os companheiros, no momento de se verem livres, lançam-se nos braços do que livre os salvára, e acorrentado lhes recebe as lagrimas de gratidão. Narram logo o acontecido. O commandante da columna informa em seguida o marechal. Participa Saldanha o facto ao regente, e recommenda o militar brioso; recebe em resposta a ordem para a soltura do alferes e a conservação do posto e honras militares, embora não queira deixar de permanecer fiel á bandeira realista que jurára. Oh! se ao rei proscripto houvessem rodeado conselheiros como este alferes, quem sabe se teria comido o pão do exilio!

Tres dias depois, a 18, chegava a Leiria o ajudante de campo do imperador, Calça e Pina, para felicitar

o marechal e a divisão pelo feito audacioso e habilidade com que fôra executado[1].

III

Tomada Leiria no dia 15 pela tactica que presenceámos, e deixada ali uma guarnição de mil e quinhentos homens, era o fito de Saldanha continuar para o norte, segundo o plano da campanha, que ideára. Motivo que depois exporemos o levou sobre Torres Novas, d'onde se approximou no dia 25.

Estava em Torres Novas, alem de infanteria realista, uma parte da afamada cavallaria de Chaves, duzentos e vinte dragões. «Os nossos soldados ardiam em desejos de se encontrar com elles, officiava o marechal, felizmente coube-me a ventura de lhes proporcionar a occasião»[2].

Empregando o ardil, Saldanha obrigou os piquetes do inimigo a retirarem-se, não lhes mostrando senão um esquadrão para não amedrontar o grosso da força, convidando-a assim comicamente a esperar por elle.

A pouca distancia de Torres Novas dividiu a cavallaria pelos dois ramaes, que levavam á povoação. Foram os esquadrões da direita os que primeiro entraram na villa, d'onde já tinha retirado a infanteria realista, perseguida pela constitucional.

[1] Consulte-se a *Chronica de Lisboa* de 21 de janeiro de 1834, e a notavel circular de Saldanha aos corpos.

[2] Officio de Saldanha de 25 de janeiro de 1834.

lavras especiaes na propria communicação escripta sobre o campo: «O commendador Damazo acompanhou-me em todo este dia, conduzindo-se com muito valor, e a sua companhia me foi de bastante auxilio, pelo conhecimento que tem do terreno»[1].

— Condecorei-o com a Torre e Espada, dizia alegremente o marechal pelo correr da vida, quando narrava este caso, e já sem o credo na bôca por alguma bala que não trouxesse sobrescripto para os *dilettanti* das batalhas.

IV

É a afamada batalha de Almoster na lucta da liberdade uma das paginas mais gloriosas pela tactica magistral com que foi vencida, pelos feitos de armas que a distinguiram, e pelos resultados para o exito da causa.

Pondo fóra do combate dois mil contrarios (cinco mil, relata a *Revista historica)*, deixando nas mãos do vencedor tres bandeiras, duzentos e trinta prisioneiros, e abundantes munições, inutilisando para sempre militares de extremo valor como Brassaget, Santa Clara e outros, provando que todas as combinações do inimigo se quebravam de encontro ao cabo de guerra que lhe embargava o passo, originando a deserção espantosa (causa esta acrescentada ás outras causas do enfraquecimento geral), tendo aber-

[1] Officio de Saldanha, de 18 de fevereiro de 1834, na *Chronica Constitucional de Lisboa.*

to com o desguarnecimento das provincias do norte, Beira e Alemtejo, a maior probabilidade para conquistar aquellas provincias (como se vae conseguir) ao mesmo tempo que esse desguarnecimento não produziu a compensação que d'elle se aguardava, que era a tomada da capital, antes teve como resultado o desbarato d'essas forças, a batalha de Almoster descarregava sobre a causa realista, alem de todas estas fatalidades, os dois golpes mais decisivos: a perda completa da força moral, e o desengano de que para sempre lhe ficava cerrada a estrada de Lisboa, desengano de que os chefes se compenetraram tanto, que nunca mais intentaram sequer o acommettel-a, sendo a batalha de Almoster, como um anno depois o declarou uma testemunha ocular na presença de tantos que a ella tinham assistido, *de uma importancia vital* para a causa da liberdade [1], e como tambem o exprimiu outra testemunha ocular, o *supremo esforço para conquistar Lisboa* [2].

Em Almoster jogou os dados supremos a lucta que durou dois annos, e á qual esta batalha acabava de pôr moralmente o remate. Na Asseiceira o inimigo, moribundo, exhalará o ultimo suspiro, em Almoster quebrou-se-lhe o esforço derradeiro. O sol da causa realista sumiu-se no horisonte. Que lhe vae restar? Um crepusculo, envolvendo em cinzas uma epocha de que os seus se despediam.

Realmente fôra um supremo esforço para conquis-

[1] Jervis de Athouguia, na sessão de 15 de abril de 1835.
[2] Alexander, *Sketches*, etc., citado, pag. 132.

tar a capital; porque o era, se empenhou no intento a causa realista, de Almoster ao Tejo, a todo o custo; e por ser conhecido o intento aos seus contrarios, não pôde vencer a resistencia, que ficou tradicional.

Em todos os pontos da extensa linha, onde n'este dia memoravel quiz passar as pontes, que o mesmo é dizer, abrir o caminho para Lisboa, lh'o não consentiu o marechal que as defendia. D'aquella batalha fizeram os realistas o coração da sua existencia, a maior parte do sangue ali concentraram para reanimar a vida, mas o coração estalou-lhes, e o grande intento desfez-se-lhes como o fumo. O immenso esforço das divisões que chamaram para Santarem, a excellente harmonia do plano, a furia do irrompimento, a valentia no ardor da lide, a tenacidade quando a esperança foi amarellecendo, provavam que elles queriam jogar ali a partida solemne, como jogaram e como perderam. Era o desespero summo. Conhecia-se que o era, pela teima com que pelejavam e pelos sacrificios com que não desistiam. Tinham a seu favor a grande superioridade das forças, uma cavallaria legendaria, tres vezes mais numerosa, o plano da acção (pois que atacavam), a selecção do ponto para o acommettimento, e uma ardencia na lucta, que o periodico official dos liberaes confessa imparcialmente n'estes termos: «Seria injusto negar aos nossos contrarios esforço, rapidez em movimentos, pertinacia em sustentar as suas posições e ardor no empenho de ganhar a victoria; de tudo isto, porém, e da superioridade das forças zombou a pericia do mare-

chal Saldanha, a sua previsão e serenidade de animo no calor do combate, e a serena ordem e disciplina, sendo a batalha de Almoster uma das mais pelejadas que temos tido»[1].

Mas á tenacidade do exercito realista oppoz barreira o procedimento do exercito liberal, que nas palavras do seu chefe encontrou o espelho dos seus feitos: «Em verdade confesso que na minha longa carreira militar *nunca vi* desenvolver maior coragem e presença de espirito, do que apresentaram n'esta batalha os nossos bravos soldados e valentes officiaes. Todos mereceram os maiores louvores: estes, debaixo do fogo, souberam, sem se alterar, dar as vozes do commando; aquelles, com a precisão da mais exacta disciplina e valor, obedeceram a elles. Foi-me grato observar durante o maior calor do combate a alegria percursora da victoria, que se divisava no semblante de todos».

Isto relata o marechal Saldanha da sua gente.

E elle?

De si não falla, mas fallou então a divisão toda, falla ainda hoje a tradição viva, dão testemunho os guerreiros que o presencearam. Um d'elles exclamou no parlamento, diante dos que assistiram á celebre batalha: «De quantos no fogo de Almoster se expozeram muitissimo, nenhum se expoz mais e em mais pontos do que o marechal Saldanha; onde era necessario o general, ouvia-se o commando do gene-

[1] *Chronica Constitucional de Lisboa* de 25 de fevereiro de 1834.

ral; onde era necessario o soldado, via-se pelejar o marechal como soldado»[1]. Outro escreveu: «Bravo como a sua espada, assombrava a maneira por que acudia a todos os differentes logares»[2]. Ignorando o ponto da linha que o inimigo tinha escolhido para a investida principal, atacado por forças muito superiores, Saldanha foi ordenando as providencias salvadoras de cada uma das posições successivamente acommettidas. Não era uma batalha campal, franca, aberta, com todas as vantagens d'este genero de batalhas, em que as difficuldades da tactica são vencidas pelo valor, e em que no arrojo está a chave da victoria. D'estas batalhas, mais faceis e mais felizes, raras teve Saldanha; era batalha de estrategia summa no plano da defeza, dependendo depois essencialmente da pericia e do calculo. A primeira parte da batalha foi sendo para Saldanha, na presença do inimigo, uma charada difficil, cujas syllabas se lhe tornava mister ir adivinhando gradualmente, e cujo conceito encerrava nada menos do que a sorte da capital, da causa portanto que lhe estava confiada. Com o sangue frio porém do jogador de xadrez defronte de um amigo em commodo gabinete, foi elle, debaixo do fogo enygmatico da linha contraria, applicando a todos os pontos, com exactidão que os resultados demonstraram ser mathematica, as graduadas forças das differentes armas, até que no ultimo ponto, convidado pelo inimigo para a peleja principal, a accei-

[1] Jervis de Athouguia, sessão da camara dos deputados de 15 de abril de 1835.

[2] Alexander, citado, pag. 135-139.

tou, chamando-o, simulando retirar-se, attrahindo-o como o iman ao ferro para a posição que intentava, e a final, chegada a occasião, correu para elle, abriu os braços de fogo, n'elles o estreitou, e o precipitou nos abysmos.

A batalha de Almoster ficou assim representando na galeria das guerras um quadro classico, pela estrategia com que foi acceita e pelo talento com que foi ganhada.

CAPITULO XXXI

UM ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS AO VIVO

I

Ha de custar a acreditar, mas foi verdade.

Quantas calumnias não cairam sobre a cabeça do grande romancista, alcunhando-o de inventor dos seus contos! De romance pôderia taxar-se a narrativa que se vae ler, se não fosse um capitulo embora menos conhecido da lucta de 1834, uma das estrophes mais arrojadas da grande epopea liberal, e se o não provassem documentos irrefragaveis.

Meão de altura, grosso, corado, rosto franco e aberto, qual o do marinheiro, inimigo de etiquetas, odiando o reinado da papelada e das secretarias, direito ao fim, rochedo nas resoluções como um inglez, destemido como um leão, generoso como um valente, zombando das difficuldades, amando a aventura, fascinando-o a incognita: tendes defronte de vós o almirante Napier, o protogonista do romance-verdade.

Leu o relatorio da batalha de Almoster, deixou passar vinte e quatro dias, fervia-lhe o sangue, foi ás nove horas da noite de 14 comprimentar o impe-

rador, disse-lhe um segredo, o regente abriu os olhos, abriu os braços, o almirante sorriu-se e saiu, deixando estupefacto o imperador.

No serviço da barra publicado pela *Chronica official* liam-se estas palavras, relativas ao dia 16: — « Embarcações saidas, barco de vapor inglez, ao serviço de Portugal, *Cidade de Edimburgo*, para Setubal com tropas ». — O annuncio occultava quem dirigia o vapor. Quem era? Napier.

Havia inevitavelmente um mysterio em tudo isto. Havia; mas duas palavras o aclaram. N'uma das noites antecedentes, Napier tivera insomnia. Insomnia n'um inglez é caso grave. De manhã visitára o ministro da guerra, e dissera-lhe:

— Dê-me vossa excellencia licença para ir tomar os portos de Portugal.

— Não auctoriso loucuras.

O almirante saiu. Dispoz o seu *Edimburgo*, foi ao paço, disse ao imperador o tal segredo, e levantou ferro, deixando o imperador assombrado e o ministro enfurecido. Vão lá encarcerar o aprisionador da esquadra realista!

Saindo a barra a 16, chega a Setubal no dia seguinte. Quer logo levantar ferro na ancia do intento sobre o norte; impede-lh'o o temporal. Impede? Mas alem não está Alcacer do Sal? Então o insoffrido, ardendo em desejos de matar o tempo, requer ao ministro licença telegraphica para ir surprehender Alcacer. O ministro respondeu-lhe em acto continuo:

— Regresse o almirante a Lisboa immediatamente.

— Pois sim, já regresso.

O regresso immediato para Lisboa foi o retorquir ao ministro:

— A minha volta produziria mau effeito; cá sigo para o destino que intentei—e pondo-se a resmungar com os seus botões emquanto a resposta voava por ares e ventos, dizia de si para comsigo:

— A fallar a verdade, tudo isto poderá parecer desacertado, mas esta guerra não é como as outras guerras, e no meio de tantas intrigas é necessario que os generaes tomem a responsabilidade de mil cousas. Decididamente não volto para Lisboa, nem pelos demonios, sem descarregar um golpe onde quer que seja.

Quando o ministro recebeu o despacho telegraphico da desobediencia, já o almirante findára o discurso com os botões, e o *Edimburgo* singrava ligeiro para a sua aventura. Mandassem contra Napier a esquadra de Napier!

Saíndo a barra de Setubal com os seus quinhentos marinheiros, o que lhe ha de dar na cabeça, nas alturas do cabo Mondego? Ir conquistar a Figueira por desfastio. Não lh'o consente a ressaca. Juntando ao *Edimburgo* os vapores *Lord* e *Jorge IV*, o brigue *Villa Flor* e a corveta *Eliza*, segue rumo para a sua India incognita.

A 24 de março declarava em Lisboa o periodico official que se ignorava o destino do almirante. Bem se lhe dava o almirante da ignorancia official do governo.

Lá navega elle com a sua esquadrilha. Bons ventos o conduzam.

II

Abicando á foz do rio Minho, acha difficil atacar o forte, que mesmo á embocadura do rio defende Caminha. Que faz? Vae desembarcar na povoação hespanhola da *Guardia*, fronteira a Caminha. O governador, na boa fé, mostra-lhe o panorama, aquelle esplendido painel! Napier fica extasiado. De repente bate na testa:—É soberba a vista, mas eu não vim aqui para admirar paizagens, vim para ver as fortificações de Caminha, e estudar como hei de lá penetrar.

Faz do ladrão fiel, põe tudo em pratos limpos ao governador da terra hespanhola, e pede-lhe que deixe á noite desembarcar a sua gente para assim investir contra Caminha, sem ter de atacar o forte que defende a barra. O governador, outro original como elle, põe as mãos na cabeça. Liberal, quer; governador, não póde. São chamados a conferencia (quem o acreditaria?) o consul portuguez *realista* D. Manuel, e o juiz. Folga o governador com o alvitre. Um representante do sr. D. Miguel, que ha de dizer? Um juiz, como opinará senão pelo cumprimento da neutralidade? Isto pensava innocentemente o governador com os seus botões; mas a pratica differe da theoria. O consul realista votou a favor de Napier; o juiz—curvemo-nos perante o *veredictum* da justiça—lançou a vara na balança... Não profundemos. Napier deu-lhe um grande abraço. O governa-

dor nem ao menos teve o direito de desempatar. Caíra na sua propria rede. Resignou-se.

É meia noite. O forte, que na barra defende Caminha e o rio Minho, dorme o somno da innocencia emquanto na sua retaguarda, já dentro do rio, estão passando da margem gallega para a margem portugueza os marinheiros de Napier com a velocidade da navegação... a varas!

Lá desembarcaram fóra da villa. Encaminha-os um guia. Os piquetes dormem. São surprehendidos. Sentinellas sobre as muralhas? Não ha. Bravo! mas, ó desgraça, as muralhas não se podem subir. Ó destino incessante dos realistas! um postigo se esqueceram logo n'aquella noite de fechar, o postigo das sortidas. Ora os postigos abertos não se inventaram senão para deixarem entrar! Vae entrando tudo á formiga pelo providencial postigo. Estão já dentro da praça. Um troço apodera-se do quartel, sem resistencia. Outro vae a casa do governador, visital-o. Estremunhado o governador chega á janella, e brada ás armas. Responderam-lhe as armas, atravessando-o. Havia já um estremecimento electrico em toda a villa. Então, por entre as sombras da noite, sáe de casa um vulto esbranquiçado, pernas para que te quero, de rua para rua, de travessa para travessa; como quem leva atrás de si um exercito... de lobishomens. Olha, corre, volta, retrocede, caminha, torna a voltar, e depois de mil hesitações, depois de mil receios, lá encontra uma porta aberta por onde enfia. É o juiz de fóra, em fralda de camisa!

Uma das rasões d'este desfraldamento, deu-a o

abbade de Moledo ao corregedor de Valença queixando-se de que esse juiz de fóra de Caminha « mandára os milicianos tirar-lhe para as urgencias do estado mais do que elle abbade recebia! e que á presença do magnanimo sr. D. Miguel ía elle, filho da melhor nobreza das provincias do norte, levar um tal despotismo e barbaridade, porque aliás lhe iriam tirar os lençoes da cama » [1]. Quando o juiz de fóra de Caminha fazia d'estas aos seus, calcule-se o que faria aos contrarios. Por isso, pernas para que te quero, como acabámos de ver.

Mas eis Caminha em poder de Napier á hora das bruxas.

Fique assente que a tomada d'esta praça dá o typo ás que se lhe vão seguir: preparação aventureira, surpreza comica, intimação burlesca de fuzilamento, governo liberal nomeado logo por Napier, proclamação aos habitantes, bóta-fóra para outra praça, tudo isto n'um abrir e fechar de olhos.

Especimen:

« Ao commandante do forte na foz do rio Minho.— Ill.^{mo} sr.—Surprehendi Caminha; não podeis ser soccorrido. Se vos renderdes, conservareis o vosso posto; senão, assaltarei o forte, e vós como a vossa guarnição sereis passados ao fio da espada.=*Napier.* »

O forte rendeu-se logo.

[1] Officio do abbade de Moledo ao corregedor de Valença, de 12 de março de 1834, na *Chronica Constitucional de Lisboa*, de 15 de abril.

«Habitantes de Caminha, libertei-vos. Apresentae-vos e armae-vos em defeza da vossa legitima soberana. Todo o homem se alistará debaixo das suas bandeiras, ou sairá da villa. =*Napier*.»

Ás mil maravilhas. Havia poucas horas que tomára Caminha; é marchar — ó perplexidade! — á direita, para Vianna? mas Valença? Á esquerda, para Valença? mas Vianna? Em frente, para Ponte do Lima? mas os flancos? Vá, para Vianna.

Cavallos para o estado maior e para a officialidade improvisada? Rocins, machos, mulas, o que podér ser. Lá vae tudo. Napier na frente, a rir-se. A meio caminho, Affife defendida por um batalhão de milicias. O batalhão faz-lhe as honras da terra com a mais gentil galhardia: ao ver approximar-se a cavalgata, retira-se para os montes e deixa-a passar. Lá continua Napier a marcha á frente dos seus marinheiros, montado n'um rocim, e tão satisfeito como o seu duque de Wellington á testa do exercito de Watterloo.

Vianna!

A uma legua recebe recado do coronel governador pedindo-lhe que faça alto e que espere por elle. Qual alto nem meio alto! Ao inimigo nunca se diz que sim. No arrabalde encontra o mesmo coronel com o regimento de milicias, para capitular. O da Barca não annuira e retirára-se com o seu regimento. Entrada de Napier na cidade com o regimento de milicias atrás de si, hymno constitucional na praça, posse das dezenove peças e dois obuzes, uma moeda a cada soldado para ficarem, installação do governo, pro-

clamação: — « Habitantes de Vianna, estaes livres e debaixo do governo da vossa legitima rainha e da Carta. Vivei felizes uns com os outros. Os que abandonaram a cidade, regressarão para os seus lares; ninguem será perseguido por suas opiniões politicas = *Napier* ».

Nada de aquecer o logar. Apenas rompe a madrugada seguinte, para Ponte do Lima. Lá vão. Passam no arrabalde de uma aldeia. Grande mercado. As minhotas nem dão fé do cyrio. Que faz Napier? Endireita para o mercado, e convida a aldeia a dar um viva a D. Maria II. A aldeia dá o viva, como o daria a D. Miguel I, ou ao imperador da China. Prosegue. Que foguetaria é aquella? Ponte do Lima a acclamar a rainha e a Carta! Entrada triumphal, acolhimento esplendido, governo logo nomeado. A proclamação d'esta vez não saiu do tinteiro. E já no dia seguinte, com setecentos homens, para Valença! Toma-os a noite no meio do caminho depois de cinco leguas enfadonhas.

Bivacam n'um bosque.

Descansar.

« Quem vae para o mar, avia-se em terra. » Aqui devêra ter sido o inverso: quem vae para a terra avia-se no mar. Foi o que elles descuraram. Algum vinho, pão nenhum. Ó Providencia! nunca um touro apparecêra em circumstancias mais propicias do que no fim da tarde áquelles esfomeados. Tolo foi o touro que investiu com elles. Apanham-no, matam-no, bifestecam-no, e comem-no. Esfriára a noite. Fogueiras accesas. Nada de dormir, que podem ser sur-

prehendidos. Então Napier, no meio dos seus maritimos, maritimo e folgasão como elles, que ha de ordenar áquella turba-multa? Que passe cada um a narrar a sua vida, e o como tinham vindo para Portugal. Entre gargalhadas foi successivamente recebida, em volta d'aquella magna fogueira, a historia, cada qual mais curiosa, de cada um d'aquelles aventureiros. Principiaram-se a desenrolar sapateiros fallidos, alfaiates arruinados, roubadores de creanças, ladrões de caça nas tapadas, presos resuscitados, amantes illudidos, um não acabar! Este havia-se alistado voluntariamente, aquelle tinha sido furtado como as creanças quando o vinho lhe pesava mais do que a rasão, e levado para bordo sem dar por tal; mas, apesar de tudo, comportavam-se todos bem, assevera Napier. N'um abrir e fechar de olhos se passou a noite assim.

Rompe o dia 31. Levantar, marchar.

Lá marcham. Ás duas horas chegam ao alcance de bala. O incansavel Napier divide as forças em torno da praça que é fortissima, quasi inexpugnavel, defendida por famosas fortificações, e manda-lhe a classica intimação: — « Ao governador de Valença.— Senhor, tenho uma esquadra em Caminha, e, se vos não entregaes á vossa legitima soberana, mandarei buscar cem peças de artilheria, cercarei a praça, e a vossa guarnição será passada á espada. = *Cabo de S. Vicente* ».

Ficou sem resposta a intimação.

Enthusiasmada estava a gente de Napier, e mais o estaria se o estomago lhe não andasse a dar ho-

ras. Touro ainda elles tinham levado; mas pão? mas fructa? Para tudo ha remedio. Pois de nada servirá o carro em que de Ponte do Lima trouxeram dinheiro? Então alguns d'aquella gente, convertidos em arautos, vão annunciar pelas cercanias a chegada dos aventureiros, e, sem aspirarem ás honras de uma ilha dos Amores, mas limitando as ambições aos regalos de pão, fructas e vinhos, convidam as minhotas a improvisar um mercado. O mercado surge. Ó rei dinheiro! ó Jupiter do seculo XIX! De fogo não são, mas de oiro, os raios da tua omnipotencia. Lá estão, marinheiros, soldados, minhotas, comendo, bebendo, rindo, entendendo-se, uma delicia!

O governador de Valença, vendo que as peças de artilheria inimigas principiavam a chegar ao cerco, e a tropa em movimento scientifico, *mise-en-scene* intencional do grande comico almirante, manda a Napier um parlamentario para a entrega da praça no dia 3. Ou *logo*, ou nada, responde Napier. O governador cede. A guarnição depõe as armas; e o almirante, respeitando as opiniões politicas e as propriedades particulares, ao entrar em Valença apodera-se de cento e dez peças de artilheria e quinze morteiros. Pareciam estupefactos com os os realistas progressos que Napier tinha feito. Cedia tudo ao atrevido.

Nomeado o governo, e reentrando em Caminha, Napier fechava o circulo, que, tendo principiado pela burlesca surpreza d'esta villa, seguindo para Vianna, torneando para Ponte do Lima, passando para Valença, vinha dar ao primeiro ponto d'onde partira. Em dez dias e n'um passeio folgazão tomára o al-

mirante o alto Minho, apossando-se de cento e cincoenta e seis peças de artilheria e dezenove morteiros, e dando ensejo ao barão do Pico do Celleiro para se apoderar do sul da provincia. D'este modo, quando no dia 3 de abril chegava ao Porto o duque da Terceira para tomar o commando das forças do norte, encontrava obediente á rainha a provincia do Minho. Vindo tambem ao Porto o protogonista da comedia, já trasladada a factos, recebia no theatro uma demonstração enthusiastica[1].

III

Os romances seduzem, e as victorias são como as cerejas. Uma vez entrado n'aquelle caminho, fervia-lhe o sangue. Embarcando no seu inseparavel *Edimburgo* em direcção a Lisboa, pelas alturas da Figueira namora-se d'ella segunda vez, mas tambem segunda peça lhe préga a ressaca. «Ah! Figueira! tu m'a pagarás».

Entra a barra de Lisboa, e a Figueira a bailar-lhe na cabeça. — «Lá se avenham os generaes com a terra, o mar pertence-nos a nós, marinheiros do *Edimburgo*; para a Figueira».

[1] Officio do prefeito do Porto ao ministro da guerra, de 5 de abril de 1834. Consultem-se, como documentos de todo este capitulo: a correspondencia official de Napier na *Chronica Constitucional de Lisboa* dos mezes de março e abril de 1834; os artigos da mesma *Chronica* nos referidos mezes; *Guerra da succéssão*, de Napier, vol. II; officio do duque da Terceira de 3 de abril.

Á barra da Figueira abica em principios de maio. Dar-se-ha o caso que a ingrata lhe escape ainda d'esta vez?

A ressaca! É de mais. Pois não importa, ha de ser por força.

— Capitão Henry, vá reconhecer a praia.

Ó desgraça! uma das lanchas afunda-se no reconhecimento da praia, e nas vagas desapparecem para sempre os marinheiros. Ó felicidade, que não abandonas o teu valído! Um d'elles salva-se, e as ondas vomitam-no vivo na areia, como á baleia a Jonas. Prendem-no os realistas, levam-no á presença do governador. O marinheiro de Napier aprendêra na escola do mestre. Interrogado sobre as forças bloqueadoras, tomando ares de natural ingenuidade, faz-se Molière em proveito do seu almirante, e com taes artes exagera o maganão as forças liberaes, que o governador sem mais demora reune a sua gente e abandona a Figueira. O marinheiro baixára o panno á comedia. Logo desembarca Napier, lá vae a chusma caminho da villa, cada um como póde, e no cyrio o marquez de Resende, fardado e com todas as condecorações, sentado n'um machinho. A Figueira recebe Napier entre festejos n'aquelle dia 8 de maio. Como do costume, nomeação do governo e retumbatica proclamação[1].

A 14 do mez, auxiliado por novos reforços, defronta com Ourem fortificada. Classica intimação ao governador, resposta negativa.

[1] Officio de Napier ao ministro da guerra, de 8 de maio de 1834, na *Chronica Constitucional* de 12.

Vamos a elles. Aprestes do cerco. No dia seguinte cae-lhe em poder um convento no arrabalde. De que modo? de um modo original: a tropa de Ourem obrigava os habitantes a ir fortifical-o. Quando afrouxavam nos trabalhos, a tropa atirava-lhes da villa; quando se reanimavam, os de Napier atiravam-lhes do cerco. Preso por ter cão, preso por não ter cão. Entre dois fogos, amigo e inimigo, os paizanos tiveram logica: entregaram a Napier o convento. O governador pede então vinte e quatro horas. — Nem vinte e quatro minutos. Ourem é-lhe entregue por capitulação. A 17 marcha para Torres Novas, e dentro de poucos dias regressa para a capital.

Ia acabar o seu romance, como o tinha começado, originalmente. Mandando para a costa do Algarve parte da esquadra, enviava o resto d'ella para as aguas da ilha da Madeira, e dando ao capitão Bertrand as suas instrucções n'um memorandum, ordenava-lhe que se o principe realista demandasse aquella ilha, ainda fiel á sua causa, o aprisionasse, e com todo o respeito o conduzisse para a bahia de Cascaes, avisando-o a elle almirante, e guardando o maior segredo.

Era ou não era um *Monte Christo* inacreditavel se não fosse um Napier em carne e osso, aquelle maritimo engraçadissimo, que se apossava dos portos de mar por uma especie de bruxaria, e que levava o imperador a dizer chistosamente, que Napier fazia a guerra por sua conta?

IV

Escreve Deus direito por linhas tortas. Napier, com a vista no Alemtejo, oppozera-se á expedição contra as provincias do norte que o marechal Saldanha indicára no mez de janeiro. A expedição do Alemtejo não se realisou, e ao norte que Napier não queria é que elle proprio, obedecendo á verdade que o marechal descobrira desde o principio, deveu os resultados felizes do seu valoroso atrevimento.

Era portanto a idéa de Saldanha, aliás combatida pelo almirante, que ao mesmo almirante abrira as portas d'aquelle norte, que tão generosamente inflorou a fronte do sympathico marinheiro.

CAPITULO XXXII

A GRANDE QUESTÃO DO PLANO DA CAMPANHA

I

Chegado é o momento de assentar com as provas da historia a magna questão do plano da campanha liberal nos sete mezes do seu ultimo periodo desde o levantamento do cerco de Lisboa até o derradeiro acto em Evora Monte, questão que se nos afigura ser estudada pela primeira vez no complexo de todos os seus pontos, e á luz dos documentos até agora ineditos.

II

As povoações ao correr da estrada de Lisboa até o Cartaxo, ao verem passar o imperador para as revistas, cantarolavam:

D. Pedro vae,
D. Pedro vem,
mas não entra
em Santarem;

assim como:

Saldanha p'ra cima,
Saldanha p'ra baixo,
mas não passa
do Cartaxo.

Mas porque é que estiveram os realistas sete mezes em Santarem, não se ultimando a lucta mais brevemente?

Inexpugnavel como era Santarem, cumpria ter havido um plano militar por parte dos liberaes, realisar-se e dever-se a este plano o acabamento da guerra.

Houve?

Eis a base do assumpto.

Assentemos a questão com simplicidade e clareza.

Surgia n'esta base fundamental do plano da campanha uma grande contrariedade. O marechal Saldanha era o chefe do estado maior imperial, não o supremo chefe do exercito, nem chefe supremo do exercito havia *de facto*. Com este inconveniente maximo luctou a causa da liberdade. Fosse o marechal Saldanha o cabeça unico e responsavel só perante si proprio, o senhor absoluto dos seus movimentos e das operações dos sub-chefes, que d'elle unicamente recebessem as ordens, e a causa da liberdade não teria sido acabada de ganhar em maio, porém muito antes.

Competia ao marechal Saldanha, como chefe do estado maior, a direcção superior das operações; como tal propoz o plano do resto da campanha, e o executal-o. Veremos em breve qual foi. Embaraça-

ram-lh'o, substituiram-n'o por movimentos infructiferos, e a final viram-se obrigados a lançar mão d'elle, mas muito mais tarde do que devêra ser.

Qual a rasão principal d'este facto, por não dizer d'este cahos?

O marechal Saldanha, de direito chefe do estado maior, não era de facto o chefe supremo e unico da guerra, como logicamente devêra ser. Differentes exerciam na pratica esta missão: o imperador, o ministro da guerra, o almirante Napier, o duque da Terceira, Saldanha.

Como é que se harmonisavam os pensamentos diversos de todos estes cabeças?

O ministro da guerra em vez do acommettimento directo sobre o inimigo, querendo arrogar para si a gloria da salvação da patria (aliás obtida pelo exercito) desejava que se ultimasse a lucta pela diplomacia em logar de o ser pelas armas. Em resultado d'este desejo, embaraçou as operações militares do marechal nos pontos fundamentaes a começar pelo norte. Este foi o principio adoptado *desde que o exercito occupou o Cartaxo,* pondo-se estorvos por todas as maneiras aos movimentos militares, demorou-se a lucta assim e a demora foi devida ao ministro.

Todas estas declarações, de uma luz importantissima para esclarecer a questão de maxima valia que se vae tratar n'este capitulo, foram apresentadas logo na primeira sessão ordinaria do anno de 1835, em pleno parlamento, por um deputado militar, testemunha n'esse mesmo exercito do Cartaxo, diante das outras testemunhas, e na presença do proprio

ministro a quem se referia, *sem que o mesmo ministro lhe respondesse uma unica palavra!*[1]

Não nos propomos confirmar nem levantar as arguições lançadas ao ministro pelo orador, cujo discurso acabámos de citar. O que urge, á vista d'elle, ficar assente, é o facto principal e significativo de serem embaraçadas pelo ministro as importantissimas operações de Saldanha, quando este as queria do Cartaxo principiar a executar sobre o norte, demorando o ministro a lucta e obstando ao intento harmonico do marechal.

Assim, em principios de março de 1834 escrevia Saldanha ao ministro da marinha Margiochi, seu antigo mestre, n'uma carta affectuosa: que o embaixador inglez, estando ali no Cartaxo dois dias, lhe lêra um projecto do ministro da guerra, Agostinho José Freire, e outras cousas mais, porém que o mesmo ministro da guerra guardára para com elle (Saldanha) sobre estes e outros negocios o mais profundo silencio![2].

Se por um lado o ministro embaraçára desde a estreia o arrojado plano sobre o norte, Napier propunha o plano dos movimentos no Alemtejo para evitar que os realistas houvessem de tirar as subsistencias d'aquelle celleiro provincial. Este plano era de ordem inferior.

Vejamos o imperador e o duque da Terceira. Aqui

[1] Discurso do deputado Jervis de Athouguia de 17 de março de 1835, *Diario da Camara* do dito anno, pag. 650.

[2] Carta de Saldanha ao ministro da marinha, de 3 de março de 1834 (do Cartaxo).

recresce a curiosidade. Salvou-se um documento importante que pela vez primeira vae ver a luz publica lançando claridade no magno assumpto, e que patenteando uma parte do quadro, deixa transparecer a confusão em que se achavam os que se oppunham ao plano de Saldanha. Querendo este em janeiro de 1834, emprehender (como emprehendeu) o movimento contra Leiria, para d'ali seguir sobre o norte, indicavam todas as considerações, que o ficasse substituindo no commando do exercito de operações do Cartaxo o duque da Terceira. O que era natural n'este caso? Que o imperador, ou o ministro da guerra, nomeasse o duque. O ministro com força para embaraçar, mas sem ella para resolver, desapparecia n'este assumpto. Restava o imperador pela sua posição superior de regente e de commandante em chefe do exercito, pelo seu caracter franco, pela sua arrojada iniciativa. Pois o mais a que o imperador pôde chegar foi a inquirir Saldanha sobre o que as diligencias d'este obteriam do duque da Terceira, e collocados fóra do assumpto imperador e ministro, Saldanha teve que tratar directamente e como favor particular com o outro marechal, seu collega. Para isto enviou um dos ajudantes a pedir ao duque houvesse de o ficar substituindo no Cartaxo emquanto elle ía emprehender o movimento ao norte; e o energico imperador, involuntariamente espectador mudo, pedia a Saldanha que o informasse dos resultados da negociação, quando aliás, ao imperador, ao ministro, ao supremo chefe, a *um, qualquer que fosse*, deveria competir, com a responsabilidade ampla de

todos os actos, a direcção absoluta, harmonica e unitaria da empreza bellica, na lucta em que Portugal andava empenhado.

O importantissimo documento, a que nos referimos, aclara de tal modo o ponto, que o pomos na presença do leitor; é a carta autographa, e até agora inedita, do proprio imperador ao marechal Saldanha:

«Lisboa, 17 de dezembro de 1833.

«Meu conde:

«O duque da Terceira não está longe de acceitar, *segundo me disse o Solla*, que deve lá chegar hoje, porém tendo dito, antes de hontem, que hontem responderia á uma hora da tarde, a sua resposta foi que como o conde lhe não tinha escripto, elle lhe não escrevia, e como para acceitar desejava fazer algumas reflexões e apresentar algumas condições, por isso, enviaria um official a dizer-lhe o que queria. Veremos quaes são as condições, e *como elle aqui em nada me fallou, é provavel que nada me diga depois de mandar o official*. Eu estou com bastante curiosidade; assim que souber quaes são as condições, mande-me parte mais depressa do que faria se eu não fosse tão curioso. Tudo vae bem por cá, por lá tudo vae como sempre; n'esta convicção estou, por contar que lá tenho amigos, no numero dos quaes muito especialmente conto o conde. Aproveito mais esta occasião para lhe assegurar que sou

«Seu amigo

«*D. Pedro*.[1]»

[1] Original pertencente ao archivo da casa Saldanha.

Consultam-se as fontes, agrupam-se os factos, e a admiração invade o espirito. Ha cousa alguma mais curiosa (por não dizer mais triste, para o general que devia dirigir a lucta sem obstaculos) do que a situação que este documento vem revelar á historia? Um ministro da guerra desapparecendo para determinar as ordens quando se trata de realisar um plano capital, e apparecendo depois de emprehendido magistralmente esse plano, para lhe impedir os resultados; um commandante supremo, o imperador, constrangido a deixar o seu chefe de estado maior valer-se da amisade pessoal com o marechal, que, substituindo-o, lhe podesse facilitar a empreza; um commandante supremo, a quem um dos seus marechaes subchefes (Terceira) não declarava as condições que pedia ao marechal do Cartaxo; um commandante supremo, implorando a um inferior que lhe matasse a curiosidade, communicando-lhe as condições que de Lisboa mandava um marechal seu subordinado, quando na mesma cidade se achava elle proprio commandante supremo e imperial; um marechal em Lisboa estabelecendo condições para outro marechal no Cartaxo, por intermedio de um ajudante, a occultas do ministro, a occultas do imperador, estando com este e nada lhe dizendo, matando-o de curiosidade e nada lhe revelando; um almirante, impondo planos de movimentos contrarios ao do competente, para declarar depois com a penna, e confirmar com a sua marinha, que era inferior o seu plano, e bom o que tinha combatido (indicado aliás pelo marechal do Cartaxo) como em parte se demonstrou no capitulo an-

tecedente, e n'este se acabará de demonstrar; um chefe do estado maior com o plano militar da sua alta intelligencia, vencendo prodigiosamente estes obstaculos todos para a execução do mesmo plano! Começa-se pois a provar o ponto que estabelecemos: quanto mais breve teria o marechal Saldanha terminado a lucta, se, em logar do cahos indicado—imperador, ministro da guerra, almirante, marechaes—houvesse um só como nas campanhas de Wellington, de Napoleão, de Moltke, para não fallar nas da historia antiga, que dirigisse com o mando absoluto e com ampla responsabilidade a campanha liberal: «O poder pertence aos mais sabio», principio eterno, reduzido a fórmula quarenta annos depois do nosso caso por uma das intelligencias mais luminosas da França, por não dizer do genero humano.

III

Em presença d'este cahos, d'este lastimoso quadro da questão, profundemol-a.

Arremessado por Saldanha o exercito realista para dentro de Santarem, qual era o plano do marechal para o termo da lucta? Era o emprehender uma expedição ao norte, e, reduzidas á obediencia as provincias do Minho, Traz os Montes e Beira, vir obrigar os realistas pelo bloqueio (como se dirá) a darem uma ultima batalha em que já isolados exhalassem o ultimo suspiro.

Não ha n'este ponto da expedição ao norte diver-

gencia nos escriptores que foram testemunhas presenceaes.

«Tinha-se antes discutido (escreve o auctor dos *Annaes)* qual conviria melhor, operar vigorosamente no lado do sul, ou do norte, para por este modo obrigar o inimigo a sair de Santarem... *Havia sido sempre opinião de Saldanha que se devia começar pelo norte,* pois que ali já tinhamos uma grande base de operações, que era o Porto. Em consequencia d'isto, se lhe ordenou que formasse o seu plano e o executasse. Assim elle o fez e começou a executar, caindo rapidamente sobre Leiria, tomando-a, e voltando depois sobre Torres Novas e Pernes, onde teve as duas brilhantes acções que mencionei... Aqui porém principiaram as intrigas *movidas pelos ciumes, que a não interrompida gloria do conde causara, e que se julgou necessario interromper quanto possivel*.... para se realisar este projecto (da expedição ao sul) recebeu Saldanha ordem quando menos o esperava para vir tomar as antigas posições do Cartaxo.

«Era portanto bem natural que tal deliberação fortemente o escandalisasse, o que assim aconteceu, porque esta medida imprudente e perigosa ia destruir todos os seus planos militares, (e era toda em favor do inimigo por outras rasões, acrescenta o escriptor). Apesar d'isto o marechal obedeceu, contra a vontade de todo o exercito, que na retirada bem mostrou o desgosto com que o fazia, e pediu a demissão, que não lhe foi acceita... quando lhe chegou a noticia da batalha de Almoster conheceu o ministro qne contra a felicidade e a intelligencia do

marechal não podia luctar e até o duque da Terceira declarou que se não encarregava da projectada expedição (ao sul)[1].»

Napier escreveu: «As vistas de Saldanha dirigiam-se mais para o norte... mostrou-se muito descontente em receber a ordem de voltar para o Cartaxo»[2]. Poderiamos acrescentar citações.

Mas, sobre a uniformidade dos escriptores da epocha, ha uma fonte da maxima valia. É nada menos do que a preciosa correspondencia, de janeiro a maio de 1834, entre Saldanha, o imperador, o ministro da guerra e o ajudante general Valdez, correspondencia que vem pela primeira vez ser a base d'este especial assumpto historico, em geral tão pouco sabido, como fundamentalmente importante.

No seu intento do norte havia Saldanha conseguido (em janeiro de 1834) emprehender do Cartaxo a sua audaciosa investida sobre Leiria, na idéa de proseguir para Coimbra, Porto, e depois voltar para o complemento do seu intento; mas, quando se dispunha a continuar a marcha, recebe em Leiria a ordem para a suspender «desfazendo o que elle tinha proposto»[3], embaraçando assim o ministro a continuação das operações decisivas.

Obedeceu e flanqueou sobre Torres Novas. Destroça ali a cavallaria de Chaves, e que succede? Ordena-lhe o ministro que mande cento e cincoenta ca-

[1] *Annaes* por José Liberato, vol. IV, pag. 287 a 290.

[2] *A guerra da successão*, vol II, pag 54 e 133.

[3] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 31 de janeiro de 1834 (de Pernes).

vallos para o Cartaxo ao duque da Terceira. Tambem obedeceu, mas vendo desfeito o seu magistral plano para o norte, expõe ao ministro, que, devendo-se-lhe attribuir (a elle Saldanha) em Portugal e na Europa a boa ou má direcção das operações, e sendo evidente (pela carta do ministro) que o imperador julga as opiniões de outras pessoas preferiveis ás d'elle nos objectos da sua competencia, pede a sua demissão de chefe do estado maior imperial, declarando-se promptissimo para tomar o commando de qualquer ponto ou columna que se lhe queira confiar [1].

Não lhe foi concedida a demissão, mas (crer-se-ha?) diz-lhe o ministro: «Considerando que se tinha acabado o commando (da expedição) de que o haviam encarregado, era desejo do imperador, que elle estivesse perto da sua pessoa, para transmittir ao exercito as imperiaes ordens»[2], e Saldanha respondia-lhe: «Ora tendo-se a commissão acabado, o que para mim foi novidade, parece-me que era o duque da Terceira (a quem sua magestade tinha dito que vinha para o exercito, só emquanto ella durasse) e não eu quem devia recolher (a Lisboa)... Parece que se tece contra mim toda a sorte de intrigas. Eu desprezo-as, como sempre fiz, mas não quero estar n'uma falsa posição. Eu só tenho ambição de bem servir a minha patria, e, para o poder fazer com

[1] Carta de Saldanha ao ministro, de 25 de janeiro de 1834 (de Torres Novas).

[2] Carta do ministro da guerra a Saldanha, de 30 de janeiro (na do marechal de 31).

efficacia, farei tudo quanto possa, para não comprometter a minha reputação, unico dote que deixarei aos filhos... Outra vez peço que seja nomeado outro chefe do estado maior»[1]; de maneira que toma arrojadamente Leiria na idéa do norte, e mandam-no suspender na execução do grande plano; tiram-lhe cento e cincoenta cavallos, quando ia carecer d'elles para destroçar a cavallaria inimiga (como destroçou); e no proprio dia 30, em que elle se achava nos campos de Pernes ganhando a notavel acção, estava-lhe escrevendo o ministro da guerra, que tinha cessado o commando de toda essa commissão militar, impellindo-o a que no dia seguinte pedisse a exoneração, elle, o proprio heroe d'aquelles dias, desejando afastal-o do exercito, quer no caminho para o Porto, quer no commando do Cartaxo, quer nos proprios momentos das suas victorias (que eram as proprias victorias da causa commum), convidando-o a vir para Lisboa tomar o seu logar effectivo de chefe do estado maior, e como tal dirigir as operações, quando exactamente o impediam de realisar a operação fundamental que elle propunha!

Prosigâmos.

Pelejada a batalha de Pernes a 30, e não acceita a demissão, Saldanha ancioso por que se acabasse a lucta (sem que os liberaes regressassem a ir marcar passo no Cartaxo) planeia tres dias depois, e em seguimento da expedição, um novo golpe. Leiamol-o em extracto.

[1] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 31 de janeiro de 1834 (de Pernes).

Ao ministro da guerra escreve Saldanha n'esse dia 2 de fevereiro, que — tendo o inimigo feito alto na Gollegã e em direcção a Torres Novas, offerecendo batalha n'aquelles campos pela superioridade da sua cavallaria, se se quer acabar esta terrivel lucta, é necessario ir ali batel-o, para o que bastará que lhe mandem (a elle Saldanha) mais duzentos cavallos e um regimento de infanteria. «Não se prolonguem os males da patria (acrescenta elle); pelo amor da mesma patria, pelo bem do serviço da rainha, peço encarecidamente a sua magestade que tome uma resolução, pela qual me proporcionem a mim, ou ao duque da Terceira, os meios de acabar tão terrivel lucta.—De v. ex.ª, amigo e venerador. *Conde de Saldanha.*=Pernes, 2 de fevereiro de 1834, ás oito horas da noite[1]».

Em logar de lhe enviarem de Lisboa os dois corpos, mandavam-lhe instrucções *para que se recolhesse ao Cartaxo com a sua divisão!* Ali tinha chegado o imperador, horas antes, para lhe pedir que não instasse pela exoneração solicitada, e para com a sua presença attenuar a má impressão produzida sobre a tropa que reentrava desesperada no Cartaxo (como já anteriormente se provou) depois de lhe terem negado o movimento á Gollegã, e sobretudo de lhe haverem impedido proseguir para o norte, depois do primeiro e glorioso acto da tomada de Leiria.

Segue-se passo a passo o caminho de todo este

[1] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 2 de fevereiro de 1834.

assumpto importantissimo, lêem-se os documentos preciosos, e custa ainda a acreditar!

IV

Temos visto até aqui a serie de estorvos, postos ao grande plano de Saldanha, e segue-se logicamente o indagarmos qual o plano que tinham de contrapor ao do marechal. Antes porém d'este ponto, curioso e grave, não é menos logico avaliar a objecção de Napier áquelle projecto.

Napier, que, segundo vímos no capitulo antecedente, haveria de realisar no generoso norte o seu romance-verdade, não tinha sympathisado com o plano das operações ao mesmo norte. Suppunha difficil a passagem do Mondego na occasião das chuvas; Saldanha tendo de deixar uma guarnição em Coimbra, desfalcaria a força que o acompanhava.

Quanto á impossibilidade ou difficuldade de atravessar o Mondego, é uma questão de facto, e o facto prova que não havia *cheia*, nem obstaculo algum para o passar. A ultima cheia fôra em 1831, e só em 1838 é que veiu a repetir-se[1]. Mais ainda. Tomada Leiria no dia 15 de janeiro, saíram de Coimbra forças realistas, caminho d'aquella cidade, sem lh'o impedir a passagem do Mondego[2]. Ora a ponte de Coimbra não estava filiada em nenhum dos dois

[1] Carta (de 10 de abril de 1878) do sr. Joaquim Martins de Carvalho, illustrado redactor do *Conimbricense*, ao auctor.

[2] Carta do sr. Joaquim Martins de Carvalho, citada.

partidos. Se n'aquella mesma occasião dava saida aos realistas, de Coimbra, na direcção de Leiria, tambem havia de dar entrada aos liberaes, de Leiria para Coimbra.

Saldanha, tomada Leiria, tinha já uma posição entre elle e Coimbra, cidade immensamente liberal, onde podia formar uma guarnição na maxima parte de segunda linha, e o proprio Napier mostra a rapidez com que se formavam os batalhões moveis, persuadido elle de que homens nenhuns se faziam soldados tão depressa, nem tão facilmente como os portuguezes[1]. Em Coimbra havia unicamente uma guarnição realista de mil homens e um batalhão de voluntarios urbanos[2]. Outras forças vieram em seguida affluindo, formando-se a brigada ligeira de Rebocho e a columna do brigadeiro Ricardo, mas não se atreveram nunca a investir com Leiria, apesar de se approximar a sua cavallaria até os Machados. Menos se atreveriam a investir Coimbra; mas, se a retomassem, não a poderiam sustentar quando Saldanha voltasse das provincias do norte, já senhor d'ellas, e quem sabe mesmo se a idéa de Saldanha não seria tomar a posse effectiva de Coimbra, unicamente no seu regresso?

Era uma ousadia por parte de Saldanha a expedição ao norte para a realisação do seu plano de campanha, que em breve concluisse a lucta?

Era; mas o que foi (na sua vida) senão ousadia a

[1] *A guerra da successão*, vol. II, pag. 245.

[2] Carta (de 12 de abril de 1878) do sr. Joaquim Martins de Carvalho ao auctor.

serie de façanhas bellicas de que elle sempre saiu vencedor? Póde-se porventura duvidar de que Saldanha soubesse do seu officio? Se emprehendia a expedição ao norte, é porque tinha deixado segura a defeza das posições contra Santarem, e elle proprio assim o declara ao ministro[1]. Se o duque da Terceira acceitou no Cartaxo o substituir interinamente Saldanha na defeza da linha que estava cobrindo a capital, é porque tinha tambem a intima convicção de que a podia defender. De accordo com esta convicção, rodeiavam o duque intelligencias poderosas, amigos dedicados, como eram José Jorge Loureiro e Mousinho de Albuquerque, e estes não lhe consentiriam uma audacia evidentemente perigosa. A desventura chegaria a ponto de se precipitarem no mesmo abysmo a rasão dos dois marechaes, dos dois chefes d'estado maior, dos commandantes das brigadas, e o espirito unanime da divisão de operações?

Alem d'isto as condições do exercito realista em Santarem eram differentes d'aquellas em que depois baseou o seu ataque ás linhas de Almoster. A terrivel epidemia, dizem os proprios escriptores realistas, ceifava aos milheiros as vidas dos militares, chegando a lançarem-se para os fossos os cadaveres que não havia tempo de enterrar[2]. As batalhas de 10 e 11 de

[1] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 31 de janeiro de 1834, citada.

[2] *Campanhas*, por Saint-Pardoux, pag. 94 e 97; *Portugal*, pelo sr. Manique, pag. 256; e tambem *A guerra da successão*, por Napier, vol. II, pag. 56.

outubro, aggravadas para os realistas com a deserção, tinham-lhes reduzido o exercito (declara tambem um dos referidos escriptores, testemunha presencial) a pequeno numero de soldados em estado de combater[1], e bem que a energia de Macdonell tivesse ido reorganisando o exercito[2], a intriga lavrava entre os generaes, acabando de ser moralmente obrigado o proprio Macdonell a pedir a sua demissão. Todas estas rasões se davam as mãos para que os realistas não podessem emprehender em janeiro contra a linha do Cartaxo a grande e solemne investida que emprehenderam depois, e a prova é que, vendo-se quasi um mez livres de Saldanha e da divisão que este levára comsigo, não se atreveram a acommetter a referida linha para demandar Lisboa.

Contra a divisão do conde de Almer, no Minho, conduzia Saldanha outra, fazendo a base das suas operações no Porto, onde havia mais forças que se lhe juntassem, e valendo no dobro e no triplo (como a experiencia o tinha provado) a tropa que o possuia por general, continuando ainda a ser providencial o complemento das declarações do mesmo Napier, adverso ao norte, quando confessa que «só uma cousa com juizo praticou o governo, o enviar o duque da Terceira ao norte»[3]; isto é, a realisação do plano fundamental de Saldanha, mandado anteriormente suspender pela doce illusão dos tristes planos do sul!

[1] Saint-Pardoux, citado, pag. 73; Napier, pag. citada.
[2] Saint-Pardoux, citado, pag. 79.
[3] *A guerra da successão*, vol. II, pag. 316.

V

Se o marechal Saldanha, porém, firme no seu plano de acabar a lucta com a expedição ao norte e resultados d'ella, foi constrangido (como vimos) a não o realisar, qual era então o plano que intentavam substituir ao do marechal? A rejeição de um plano ideado e principiado já a executar pelo primeiro general, pelo cabo de guerra a cuja competencia todas as consciencias se curvavam, e n'um assumpto da maxima importancia, como a campanha da liberdade, suppõe a existencia de outro plano mais bem combinado pela intelligencia e mais proveitoso nos resultados.

É tambem o almirante Napier, testemunha ocular e um dos conselheiros officiosos, que nos principia a responder a esta pergunta solemne, dizendo-nos: «Quanto a medidas ou planos militares, nunca os tiveram»[1], confissão tremenda que, embora superflua pelas provas que abundam e que o leitor vae ter defronte de si, mais outra vez confirma o facto.

Não tinham planos nenhuns por sua parte, e pela outra embargavam ao director official da campanha a iniciativa de ir aniquilar o inimigo pelos meios que elle ideava!

Proseguia o tempo. Vencidas por Saldanha, em janeiro e fevereiro, as acções de Leiria, Torres Novas, Pernes e Almoster, embaraçado o plano do norte, inventaram um plano de quem os não tinha, uma idéa

[1] *A guerra da successão*, vol. II. pag. 315.

secundaria. De que se hão de lembrar? De ir fazer a guerra no Alemtejo, para impedir que d'ali fossem mantimentos para Santarem, pensamento de ordem inferior, sem harmonia de vistas, sem pôr mira na raiz da questão. Ao segundo intento, de ver se distrahiam para o Alemtejo as forças realistas que marchassem contra o barão de Sá, em Beja ou no Guadiana, respondia Saldanha ao ministro da guerra: «Isso é bom de imaginar, mas é nullo e de nenhum effeito. Que importa ao general rebelde no Alemtejo que uma força nossa esteja em Salvaterra, emquanto elle com as suas reunidas vae atacar as que temos isoladas em Beja? Tornando-se aliás de uma grande necessidade, quanto a estas operações do sul, exatamente o contrario, isto é, mandar um reforço directo ao barão de Sá, em logar de se inutilisar esse reforço, mandando-o para Salvaterra, no intento de distrahir o general miguelista de marchar contra o Sá, pois que não se consegue o distrahil-o[1]».

Impedido a Saldanha, em janeiro, o grande plano de proseguir para o norte a fim de concluir a lucta, intentando-se contra o seu voto a occupação de pontos secundarios no Alemtejo, onde não eram necessarios[2], distrahindo-se as forças dos pontos essenciaes, e no meio d'este cahos pretendendo-se fazer çaír sobre elle a responsabilidade de algum desastre no Alemtejo ou no Algarve, se, de encontro aos seus

[1] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 26 de março de 1834, na carta de Saldanha ao imperador, de 31 do mesmo mez.

[2] Carta de Saldanha ao ministro, de 26 de março, citada.

proprios avisos, não mandasse passar uma força para Salvaterra, o marechal novamente pedia (em 31 de março) a exoneração de chefe do estado maior imperial[1]; mas o imperador, luctando com as differentes correntes dos seus officiosos e secundarios conselheiros, escutava na consciencia lucida uma voz verdadeira: o não se poder conformar com a separação de Saldanha; e outro documento importante, inedito até hoje, do proprio punho do regente, respondia no dia seguinte ao novo pedido do marechal. Era este:

«Lisboa, 1 de abril de 1834.

«Meu conde:

«Recebi a sua carta de 31 do mez passado, e li-a com toda a reflexão. A causa da patria, da liberdade e da rainha, o interesse que tenho pela sua reputação e a amisade que entre nós existe não permittem que eu o faça substituir por outro no commando do exercito de operações, e que o dispense de chefe do meu estado maior, privando-o da gloria que ainda póde adquirir. Espero que a sua boa rasão lhe fará conhecer, por esta minha resposta negativa, que eu tenho no conde a mesma confiança que sempre tive, e que sou seu verdadeiro amigo.

«*D. Pedro*[2].»

Passavam os mezes, o que não passava era a verdade; podem temporariamente encobril-a as trevas

[1] Carta de Saldanha ao imperador, de 31 de março de 1834.

[2] Carta do imperador a Saldanha; o original pertence ao cartorio da casa Saldanha.

da ignorancia ou da inveja, mas d'essas trevas renasce ella ainda mais pura, e a verdade era o plano do norte, indicado pelo marechal desde o principio. Andavam ás apalpadellas; destacavam forças para Alcacer e eram-lhes destroçadas; queriam enviar tropa de linha para Salvaterra, em logar de a mandarem de reforço ao barão de Sá para o Algarve; baseiavam-se nos pontos secundarios, em vez de se elevarem a planos de primeira ordem, ás idéas grandes, aos actos de talento superior; obrigavam por todos estes e outros desacertos o legal director da campanha a pedir a demissão para afastar de si a responsabilidade, em seguida lançavam-se-lhe nos braços pedindo-lhe que cedesse para não aggravar o estado das cousas, e elle cedia, «para que ninguem se persuadisse que procurava dar logar a qualquer manifestação de desgosto pela sua separação»[1]; obstinavam-se em não lhe executar a idéa fundamental, e quando elle, o planeador estrategico, lhes mandava declarar «que as diversões por differentes pontos do reino de nada valiam emquanto o inimigo estivesse em Santarem», perguntava-lhe o ministro da guerra com a maior innocencia: «Mas como se ha de elle (o exercito em Santarem) aniquilar emquanto tiver paiz para d'elle tirar recursos, dinheiro e gente»?[2]

O marechal respondia-lhe em acto continuo, renovando o seu primitivo plano do norte, combinado

[1] Carta de Saldanha ao imperador, de 13 de abril de 1834.

[2] Carta do ministro da guerra a Saldanha, de 9 de março de 1834 (na de Saldanha de 10).

com uma operação sobre Santarem, e se no inverno, quando se começou a executar o movimento, era necessario que marchasse uma columna, agora, livre já o norte das forças realistas do conde de Almer, bastava que fosse um general, porque no Porto havia força mais que sufficiente para as operações. Assim, era o plano de Saldanha na sua resposta de 10 de março ao ministro, de accordo com os movimentos no norte, o seguinte, bloqueando Santarem: — «Passar de noite tres dos nossos melhores batalhões para o sul, atacar Salvaterra, e fazer marchar sobre Almeirim duzentos cavallos; ao mesmo tempo fazer subir a nossa esquadrilha até á Ribeira, queimar e destruir todos os barcos que encontrasse... logo depois, e deixando no sul a força necessaria para correrias, eu passaria o Paul, e continuando a occupar a ponte da Asseca, estabeleceria a direita da força, que passasse, nas alturas alem da ponte do Celleiro, estendendo a esquerda na direcção de Alcanhões, e cortando assim ao inimigo todos os recursos. Em tal situação só tinha o inimigo a escolher ou o decidir a questão n'uma batalha, ou por uma marcha de noite ganhar algumas horas para chegar ao Zezere. Eis-aqui tem v. ex.ª aquillo que eu tencionava pôr em execução logo que chegassem os belgas, se sua magestade imperial approvasse, e assim respondo a v. ex.ª [1]»; plano este de Saldanha combinado com as operações do norte.

Recebiam esta carta no dia 11 (de março), mas

[1] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 10 de março de 1834.

cegos, surdos, ainda em Lisboa tentavam planos isolados, e tão isolados como inefficazes, para o sul; até que a final — já era mais que tempo — se resolvem a adoptar o inalteravel plano de Saldanha, sendo designado o duque da Terceira para dirigir as operações do norte, continuando Saldanha no seu commando geral, para superintender os movimentos sobre Santarem, quando Terceira, obedientes já as provincias do norte, viesse operar, de accordo com elle, sobre aquella villa, ponto final da lucta.

Não se acreditava, escrevia Saldanha, a inacção em que tinham estado as forças liberaes do norte, compostas, só no Porto, de doze mil homens, não tendo o inimigo n'aquellas provincias e na Beira senão um regimento de linha [1].

Uma carta de 26 de março, em que alem do mais dava opiniões e conselhos de primeira ordem (que, para não acrescentar materia, com pezar omittimos) dirigida por Saldanha ao ministro da guerra, com recommendação de que o ministro a levasse ao imperador [2], não só não lh'a levou o ministro, mas negou ao sr. D. Pedro que tivesse tido conhecimento dos importantes assumptos que ella continha! [3] O que obrigou o marechal a escrever directa-

[1] Carta de Saldanha ao general Valdez, de 23 de março de 1834.

[2] Carta de Saldanha ao ministro da guerra, de 26 de março de 1834, *in fine*, na de Saldanha ao imperador, de 31 março de 1834.

[3] Carta de Saldanha ao imperador, de 31 de março de 1834, § 1.º

mente ao imperador, alem de uma carta em 31 de março, outra preciosissima, pela immensa luz que lança sobre a questão geral, e principalmente sobre a questão especial do norte e de Santarem, expondo-lhe que, não desejando que pesasse sobre elle (marechal) a responsabilidade de certos actos da campanha que desapprovava, conhecia ser-lhe necessario collocar-se em estado de poder provar a todo o tempo a sua verdadeira posição, e assim dizia ao imperador:

«Desde que cheguei a Lisboa, e sempre que tive a honra de fallar a vossa magestade sobre operações, disse constantemente que ao sul do Tejo deviamos limitar-nos a occupar as cidades e villas que já então guarneciamos, e (note-se) *empregar todos os meios que podessemos para restabelecer nas provincias do norte a auctoridade da rainha.* Se a minha opinião houvesse sido adoptada, o desastre de Alcacer não teria tido logar; se se tivesse abandonado a idéa de manobrar no Alemtejo, não se teria visto vossa magestade na necessidade de me mandar retirar de Pernes quando se decidiu a ida do duque da Terceira para aquella provincia (Alemtejo); e ultimamente, se o barão de Sá se tivesse limitado a fazer levantar os bloqueios dos differentes pontos que occupavamos no Algarve, não teriam sido victimas os voluntarios de Lagos, nem teriamos compromettido a parte sã dos habitantes de Beja e das margens do Guadiana, sem resultar utilidade alguma á causa da rainha e da liberdade.

«Cinco vezes escrevi ao ministro da guerra e ao general Valdez, expressando nos termos mais po-

sitivos a convicção de que no Porto havia a força necessaria para limpar as provincias do norte, pedindo que se não mandasse para ali mais tropa, e offerecendo-me para ir pôr-me á frente da que ali havia, e encarregar-me d'aquella diligencia. Vossa magestade sabe que os acontecimentos justificaram a minha opinião, pois que o barão do Pico do Celleiro, sem ter recebido reforço algum, não só tinha desaffrontado a provincia do Minho, mas estava de posse da ponte de Amarante sobre o Tamega. Se as tropas que foram mandadas para o norte, se os reforços mandados para o sul (indispensaveis aliás depois da entrada do barão de Sá no Alemtejo) tivessem tido outra applicação, muito poderia ter isto concorrido para o final resultado d'esta lucta. Quando o batalhão belga saiu de Lisboa perguntou-me o ministro da guerra, vendo que eu continuava a desapprovar as operações no sul, como se havia de aniquilar o exercito rebelde em Santarem, emquanto das partes mais remotas do reino lhe vinham mantimentos, munições de guerra e fardamentos. Respondi-lhe o que tencionava fazer para o conseguir (refere-se ao bloqueio de Santarem já exposto ao leitor), restando ao mesmo exercito rebelde de Santarem o decidir a questão n'uma batalha, ou por uma marcha de noite ganhar algumas horas para chegar ao Zezere. O ministro da guerra não me tornou a fallar n'este objecto. Julgo dever terminar asseverando a vossa magestade que, na situação em que nos achâmos, ainda a minha opinião é a mesma, isto é, que devemos fazer todos os esforços para lançar os rebeldes alem do Tejo, limi-

tando-nos (ao sul d'este rio) á conservação dos logares que occupâmos[1]...»

Esta importantissima carta do marechal ao imperador, completada com toda a correspondencia preciosa de que temos apresentado extractos da maxima valia, prova irrespondivelmente, n'esta questão fundamental da guerra, que Saldanha foi sempre contrario aos planos da campanha no sul, iniciador e conselheiro do acabamento da lucta pela combinação dos movimentos nas provincias do norte, rematados com os movimentos sobre Santarem para uma batalha final n'aquellas linhas offerecida pelo inimigo, ou, obrigado este a passar o Tejo, para acabar então de o destruir no sul. Isto sempre, e os acontecimentos a darem-lhe rasão; o marechal *só*, contra as opiniões e os factos de todos, e todos a ficarem vencidos (no ponto fundamental e *harmonico)* pelo resultado dos factos e pela verdade da sciencia.

Rendidas as provincias do norte e da Beira, o duqúe da Terceira, approximando-se da Gollegã e de Torres Novas, enviou o capitão Avila a Saldanha para lhe pedir indicações sobre o movimento que devia operar. Este facto, assim como as indicações que Saldanha mandou ao duque, participava-as Saldanha ao ministro da guerra, d'esta maneira:

«Cartaxo, 13 de maio de 1834.

«Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.

«Chegou esta manhã o capitão Avila, que veiu da parte do duque da Terceira dizer-me qual o itinera-

[1] Carta de Saldanha ao imperador. de 13 de abril de 1834.

rio que elle e o Vasconcellos seguiam até á Gollegã e Torres Novas, e perguntar-me a minha opinião sobre os movimentos ulteriores. Eu mando dizer ao duque o que julgo mais conveniente na situação presente, e que rogo a v. ex.ª queira levar ao conhecimento de sua magestade, que ordenará o que for servido. O almirante deve vir quanto antes para o Cartaxo para fazer destruir todos os meios de passar o Tejo que estejam á disposição dos rebeldes na Ribeira de Santarem. Eu faria passar para o sul a força necessaria para evitar que elle fosse incommodado n'aquella marcha: Na mesma occasião o duque e o Vasconcellos se approximariam a Santarem, estabelecendo a sua esquerda em Alcanhões, e estendendo a sua direita quanto a prudencia o permittisse. Eu passaria a ponte do Celleiro, estabelecendo a direita da força com que passasse nas alturas alem d'este ponto, estenderia a minha esquerda quanto podesse para communicar com Terceira, e conservaria sempre occupada a ponte da Asseca. É no dia 15 que o duque chega á Gollegã, tendo por conseguinte muito tempo para recebermos as determinações de sua magestade imperial.

De v. ex.ª amigo e obrigado.

«*Conde de Saldanha*[1].»

Como se vê, realisada pelo duque da Terceira, nas provincias do norte, a primeira parte do plano constante de Saldanha, e tendo aquelle perguntado a este qual a sequencia dos movimentos para o comple-

[1] Na collecção da correspondencia citada.

mento do mesmo plano, Saldanha respondeu-lhe pelo modo acabado de relatar, e confirmou a sua idéa do bloqueio pelas forças já então combinadas. Mas nem sequer foi necessario este complemento do bloqueio, porque o exercito realista de Santarem, perdendo na batalha da Asseiceira a força que destacára contra o duque, abandonou aquella villa a Saldanha (verificando-se uma das hypotheses do marechal quando estabeleceu o seu plano), devendo em Evora cidade receber o golpe final em ultima batalha. Porém na vespera enviaram os contrarios recado a Saldanha, abatendo as armas e terminando-se a lucta, como o capitulo seguinte nos vae indicar.

VI

Basta.

A collecção dos documentos officiaes, a confrontação dos factos, as fontes genuinas e scientificas da historia, responderam ás cantigas populares com que se abriu este capitulo do importantissimo assumpto na campanha da liberdade.

O que é que ficou provado? Que, se D. Pedro «vae e vem sem entrar em Santarem»—que se o marechal Saldanha «anda para cima e para baixo sem entrar no Cartaxo» foi devido a não executarem logo no principio o plano de Saldanha. Provou-se, que elle opinou sempre contra os malfadados movimentos no sul; contra a idéa de fazerem ali uma base tão improficua de operações; que desde o momento em que arremessou o inimigo para Santarem, propoz constan-

temente o projecto do movimento nas provincias do norte e Beira, para, depois de submettidas, terminar a lucta n'uma batalha junto a Santarem se o inimigo a offerecesse, ou fóra onde o inimigo procurasse refugio; provou-se que tendo sido embaraçado e impedido de realisar no começo este seu plano, todos os planos e movimentos da causa liberal, differentes d'este, se tornaram inuteis, vendo-se obrigados a lançar mão do que elle propozera.

Este plano de Saldanha (como acabámos de ver) foi o que a final prevaleceu e se executou, dando a Napier a gloria de submetter o alto Minho, ao barão do Pico de Celleiro a de se apoderar do resto da provincia, ao duque da Terceira a de tomar posse das provincias de Traz os Montés e Beira, de que a batalha da Asseiceira foi glorioso epilogo, e á causa liberal a de obter o triumpho completo em Evora.

O tempo, o justiceiro tempo, o revelador do talento e da ignorancia, encarregava-se de demonstrar a verdade. Por um lado era Napier punido (como Deus costuma punir, com amor) proporcionando-lhe a sua mesma opposição ao norte a victoria por elle obtida n'esse mesmo norte e arrancando-lhe a consciencia este brado: «Impedir que os inimigos occupassem esta rica provincia (do Minho) era ganhar um grande ponto», impedimento (note-se) contra o qual elle Napier se levantára, em opposição á idéa de Saldanha, que o propozera. Se por um lado Napier se penitenciava, penitenciava-se por outro lado o ministro da guerra, obrigado a reconsiderar (no fim de uns poucos de mezes) de todos os movimentos no sul, para

adoptar completamente a idéa fundamental de Saldanha (norte e Santarem). Quando Napier acrescentava: «Unica providencia boa que realisaram foi o mandar o duque da Terceira para o Porto», escrevia um livro em tres linhas.

Mas o mandar o duque da Terceira para o Porto era nem mais nem menos do que o plano capital de Saldanha, principiado por elle Saldanha a executar em janeiro e em seguida interrompido por ordem superior; mandar o duque da Terceira para o Porto era provar que tinham sido inuteis os planos secundarios no Alemtejo, era renunciar a todos os planos aereos que lhes tinham acudido á mente para depois se lhes mostrarem improficuos, era evidenciar o labyrinto em que tinham andado uns poucos de mezes, Saldanha obrigado a suspender o seu intento magistral, o almirante emprehendendo operações contra a ordem positiva do ministro, o duque da Terceira offerecendo condições a Saldanha a occultas do imperador, este no meio d'aquelle cahos, o ministro embaraçando o que tinha seriedade para adoptar a inefficacia; era passar por baixo das forcas caudinas, era provar finalmente que o talento é sempre o talento, e a verdade sempre a verdade. Esgotavam-se todos os planunculos, caiam todas as illusões, desappareciam todas as pequenezas, e o marechal Saldanha via finalmente os que ao principio o tinham impedido de executar o seu plano, lançarem agora mão d'elle, para ser este unico e rasoavel plano que pozesse fim á lucta, e rematasse o triumpho liberal, exactamente como no Porto fôra o mesmo Saldanha, quem, aban-

donado primeiramente em consequencia do seu merito e chamado depois de esgotados os recursos dos que não davam um passo nem viam os perigos, salvára ali a causa da liberdade.

Sempre invejado, sempre deixado para que a sua valia não prevalecesse contra os mediocres, e sempre chamado para salvar e ultimar, por ser o cabeça superior.

CAPITULO XXXIII

ULTIMOS SUSPIROS

I

Estudada a questão nas fontes genuinas, reatemos o fio dos acontecimentos.

Da batalha de Almoster á convenção de Evora Monte a causa realista exhala os derradeiros suspiros.

Ao passo que Napier tomava os portos do Minho, o barão de Sá da Bandeira, tendo partido para o Algarve no dia seguinte ao d'aquella batalha, empregava ali a sua actividade e proverbial valor. Encontrando pela causa constitucional Faro e Lagos, entrava em Tavira e Castro Marim, e perseguia os guerrilhas. Menos feliz na sua investida pelo Alemtejo, combatendo no dia 24 de abril nas alturas de S. Bartholomeu de Messines de onde retirou para Silves, defendeu Faro, a 4 de maio, do arremettimento geral que emprehendeu Cabreira, e manteve os seis pontos da provincia, Faro, Lagos, Portimão, Castro Marim, Olhão e Sagres[1].

[1] Officios do barão de Sá da Bandeira, ao ministro da guerra, de 25 de abril de 1834 (*Chronica de Lisboa* de 7 de maio) e de 6 de maio (*Chronica* de 9).

Entretanto o que succedia em todo o norte? Realisava-se com exito excellente o plano geral de Saldanha: render as provincias do norte e centro, reduzir o inimigo a Santarem, e ali obrigal-o a saír, para o acabar de despedaçar.

A verdade produziu os seus resultados. Nó 1.º de abril largava da barra o duque da Terceira, dirigindo-se ao Porto, onde chegou no dia 3 [1].

De 5 de abril até 8 de maio o duque apoderou-se das provincias de Traz os Montes e Beira sem quasi empregar a força (excepto os tiroteios nas pontes de Amarante e Pedrinha) sendo-lhe successivamente abandonadas todas as povoações. A 8 de maio entra em Coimbra, de onde as forças realistas haviam retirado na vespera, e a 14 em Thomar que as mesmas forças lhe deixavam tambem, tendo-se-lhes juntado as que de Santarem vieram reunir-se-lhes.

A tropa realista, sempre em retirada diante das forças do duque da Terceira, ía, deixando Thomar, offerecer o ultimo protesto, que o rei vencido lavrava em prol da sua causa. A deserção d'essa tropa fugitiva tinha sido espantosa, as forças physicas estavam relativamente exhaustas, e, peior ainda, o espirito abatido, desesperançado, conhecia que se approximava a ultima hora. «O inimigo, sem o menor grau de decisão, parecia incapaz de esforço algum»,

[1] *Boletim da barra* do 1.º de abril (*Chronica de Lisboa* de 3). Para o seguimento dos factos, officios do prefeito do Porto, do barão do Pico do Celleiro e do duque da Terceira, de 5 de abril (1.º Supplemento ao n.º 116 da *Chronica de Lisboa*), officios do mesmo duque, de 17 de abril, 1, 3 e 8 de maio.

escreveu Napier que se achava a pequena distancia[1]. «As tropas realistas vinham desanimadas, depois de uma retirada tão comprida, desde o Porto a Thomar», corrobora o insuspeito escriptor legitimista Saint-Pardoux[2]. Não era já a probabilidade da victoria final que pelejava, era a honra nos corações que ainda conservavam fidelidade. Os que no campo infeliz não sabiam o nome d'ella, como o ingrato brigadeiro que entregava a cavallaria de Chaves, passavam-se para a causa liberal, do mesmo modo que se passariam para a realista, se esta vencesse.

Dois dias depois, a 16 de maio, o duque da Terceira, seguindo de Thomar (como dissemos) encontrava nas alturas da Asseiceira a divisão realista, commandada pelo general Guedes. Investe contra ella o valoroso duque, e vence a batalha, caíndo-lhe em poder mil prisioneiros, quatro bandeiras, oito peças, e obrigando a retirar o resto das forças. O documento official dos liberaes, escrevia em seguida estas palavras: «Os inimigos ainda ousaram esperar o impeto das tropas da rainha, commandadas pelo marechal duque da Terceira, ao qual não ousaram pôr-se de encontro no espaço de tres provincias que elle corrêra, entre acclamações dos povos libertados, no alcance dos seus fugitivos adversarios»[3].

[1] Napier, obra citada, vol. II, pag. 244.
[2] Saint-Pardoux, obra citada, pag. 129.
[3] Supplemento ao n.º 116 da *Chronica Constitucional de Lisboa* de 18 de maio de 1834.

II

Vimos no capitulo antecedente que o duque da Terceira mandára pelo capitão Avila pedir ao marechal Saldanha a sua opinião sobre os movimentos que elle Terceira deveria operar, e que Saldanha lhe respondêra (sempre conforme o seu plano) que, approximadas as forças do duque, deveriam as de ambos os marechaes bloquear Santarem, para o inimigo ali se render ou abandonar a villa e ficar vencido. Não chegou a ser necessaria esta ultima operação do bloqueio, porque o resultado se conseguiu abandonando os realistas a villa immediatamente.

Corre a noite de 17 para 18. O exercito realista de Santarem passa o Tejo, e dirige-se para Evora. Saldanha avança logo do Cartaxo até debaixo da artilheria[1]. Ás sete da manhã (d'esse dia 18) entra na villa, onde encontrou dez peças de artilheria, tres obuzes, numerosas munições, e apresentados. Segue logo com a sua divisão pela estrada de Arrayolos, sobre a cidade de Evora; o duque da Terceira pela de Extremoz para evitar que o inimigo se refugie na praça de Elvas.

No dia 24 quando o marechal Saldanha em Montemór o Novo (a um dia de marcha apenas) ía atacar os restos do inimigo em Evora, recebe um officio do general realista Lemos, pedindo um armisticio, e mandando-o tambem pedir ao duque. Terceira con-

[1] Saint-Pardoux, citado, pag. 139.

tinuou a marchar sobre Extremoz. Saldanha respondeu-lhe que para dar mais uma prova do horror com que tinha visto derramar o sangue portuguez fazia alto n'aquella villa, de Montemór, mandando pedir ao duque da Terceira, a quem animavam os mesmos desejos, para vir ali, a fim de o ouvirem ambos; mas *impreterivelmente* no dia seguinte. Consultado logo por Saldanha o governo, sobre o armisticio, o governo recusou-o, ordenando que o exercito realista depozesse incondicionalmente as armas[1]. Saldanha continuou a marcha sobre a cidade de Evora, fez alto com a sua divisão, no dia 26, em Arrayolos e Evora Monte para dentro em quatro horas, de combinação com o duque da Terceira, cair definitivamente sobre o inimigo, e de todo o aniquilar, quando n'esse mesmo dia se apresentou o general Lemos, tendo dado a sua causa por vencida. Á noite foi assignada em Evora Monte a convenção pelos dois marechaes e por aquelle general. O imperador decretava a amnistia e as estipulações da mesma convenção. No dia 30 o marechal Saldanha entrava na cidade de Evora e perante elle depunha as armas o exercito realista. No dia 31 occupavam a praça de Elvas as forças do duque da Terceira, que, a tres leguas d'aquella praça, tinha o seu quartel general na Azaruja.

Terminára a lucta, e vencedora ficava, para nunca mais perecer, a liberdade portugueza[2].

[1] Officio de Saldanha a Lemos, de 24 de maio de 1834 (de Montemór o Novo).

[2] A convenção de Evora Monte, artigos addicionaes, a declaração do sr. D. Miguel (de 29), o inutil tratado da quadru-

III

Na manhã de 30 d'esse mez de maio saía da cidade de Evora, com alguns dos seus mais intimos partidarios, escoltado por vinte soldados da sua cavallaria e um esquadrão de lanceiros, o augusto chefe do partido realista. Chegando ao porto de Sines pela tarde do 1.º de junho, embarcava na fragata ingleza *Stag* para Genova, como fôra desejo seu.

Parabens, principe. Ao largar ferro a embarcação que te conduz, suppões-te no dia mais infeliz da tua vida, e é o menos desgraçado. Ao pedir-se aos teus futuros retratos a revelação da tua alma, transparecerá triste das linhas que photographam a verdade. Na tua lembrança levarás cravada a memoria dos que até ao fim te guardaram a fé jurada. Não mais se riscarão da tua idéa as lagrimas com que de ti se despediram, os abraços que recebeste, as armas que viste despedaçar, as barbas que a si proprios arrancavam os officiaes do teu exercito, e o significativo sussurro dos teus soldados, que, sem se lhes contagiar a ingratidão, te offereciam ainda, quando já te

pla alliança de 22 de abril, o decreto da amnistia e a correspondencia entre o ministro da guerra e os marechaes, encontram-se na *Chronica Constitucional* do mez de maio de 1834. Quem quizer consultar, colleccionados, todos estes documentos veja o Supplemento ao n.º 125, e a obra de Napier *A guerra da successão,* vol. II, notas de pag. 261 a 302, e na pag. 275 (nota) a proclamação do sr. D. Miguel, ao seu exercito.

viam perdido, o seu ultimo sangue e o seu derradeiro affecto. Evora, a tua causa, dá-te n'este ultimo dia do teu reinado a pagina sincera da sua saudade. Tudo isto fará melancolico o teu espirito, e as desgraças dos teus amigos fieis, e as recordações da tua mocidade, e as campinas por onde livre corrias; e este segredo da patria, que tem a grandeza do mysterio enraizado no fundo da alma. Todos estes entresonhos vaguearão pelo teu espirito, e, ròxeados pela saudade, te entristecerão a vida. Mas de tuas trevas surgirá depois uma luz e essa luz te alumiará um lar. Reinar e ser victoriado, é a felicidade da phantasia; amar e ser amado, á felicidade do coração. No lar verás rebentar da tua alma pedaços d'ella, crescerem, pedirem-te os braços, brincarem sobre os teus joelhos, e da tua fronte desannuvearem as tristezas. A meiguice de uma esposa virtuosa te enxugará as lagrimas, os beijos infantis de teus filhos rejuvenescerão os dias do teu inverno, e á patria, que perdeste, succederá a familia, que te consolará!

Vae. Deve ser cruel para ti este dia tenebroso; mas a historia, se não póde apagar os teus erros, não se esquece das imparciaes verdades. O teu exercito applaudia-te, amavam-te os teus seguidores, tu proprio amavas o que era da patria, honrado foste na administração financeira do teu povo, e os teus ministros honrados como tu. Rei, saes pobre da tua nação; pretendente á corôa, nunca mais incommodarás o teu paiz com invasões inuteis. Se o teu reinado acaba de ser ferreo, se a tua memoria não póde ser saudada pela bandeira do Portugal novo, que é a li-

berdade do espirito, a emancipação das gentes, a consagração dos direitos inalienaveis, o exilio será a tua pagina formosa, dando n'elle o exemplo da nobre resignação. Por isso te felicitâmos, principe, ao encetares a vida, que, sem divergencia de opiniões, te fará respeitado.

Vae, ultimo representante da monarchia de Ourique. És tu quem fecha a porta ao regimen absoluto. Vias-te crescer, vias-te desenvolver a ti proprio, e não vias, em torno de ti, nos astros do céu, nas aguas do mar, nas columnas dos ventos, no verdejar e amarellecer das folhas, no abrir e emurchecer das flores, a lei universal do Creador, a lei do movimento, seguindo entre dois mysterios, o do principio de onde veiu, e o do fim para que marcha. Tudo vias mover-se, caminhar, e só o espirito do homem julgavas parado, morto? A materia toda a realisar a lei de Deus, e só o homem, o divino modificador da materia, acorrentado e inerte? Ignoravas que a humanidade tem epochas successivas, como o grande livro as suas folhas, e que, assim como o tempo vae voltando as folhas, a civilisação vae substituindo as epochas?

Conhecemos as tuas attenuações. Prejudicou-te a negligencia de teu pae, transviou-te a influencia nefasta de tua mãe, perdeu-te a cohorte dos conselheiros que te rodeiavam, dos partidarios que tingiam de sangue as sentenças, e povoavam os carceres martyrisadores, amigos falsos, que abafavam as vozes sinceras dos teus outros ministros e partidarios que pediam tolerancia, e cujas vozes se perdiam na indecisão do teu espirito.

Cegou-te a miragem do passado, principe que amavas a gloria de teus avós. A monarchia de Ourique fôra um progresso contra o islamismo, mas o islamismo acabára; contra o predominio da nobreza, mas a nobreza recebêra o fundo golpe da mão resoluta de D. João II; contra o mysterio de um mundo sonhado, mas foi realidade o sonho portuguez, e o mundo novo surgira; contra a escravidão da patria, mas a patria emancipára-se nobremente do jugo estrangeiro. Era a vez da nação, da liberdade. A liberdade de um povo não se ataca impunemente. Algemaste-a, caíste. Justiça foi. No seculo XIX os povos já não podem ser vassallos dos reis, os reis são magistrados dos povos.

CAPITULO XXXIV

A CAMPANHA DA LIBERDADE

Se ninguem já póde crer na fabula, que aliás incendeia a imaginação da mocidade, sabem todos, que era uma synthese das heroicidades, quasi sobrehumanas, dos que tantos seculos nos precederam, e que a tradição nos tem entre nevoeiros transmittido.

Os deuses foram-se. Resignem-se os que aspirassem a Martes da fabula moderna, mas, se não podem appellar para as divinaes honras, direito lhes assiste de conquistar a fama, outr'ora consagrada aos aspirantes a deuses nas gerações homericas.

Vencer batalhas, como a de Aljubarrota, é uma heroicidade para os soldados de 1385, mesmo sem passarem a deuses, ou, antes, por isso mesmo que o não eram. A posse do continente africano, affrontando tantos estorvos, é uma africa tão notavel que a phrase significativa saíu natural do facto extraordinario. Intentar o caminho de um mundo novo, e descobrir o segredo quasi sem indicios, instrumentos, armadas, nem gente, é para fundir fabulas novas, e quem sabe se a imperfeição imputada ao grande epico das sobrehumanas emprezas lusitanas

não será aos olhos de uma crítica profunda, em logar de imperfeição, mais uma perola, por entender o poeta que só se poderiam aquilatar arrojos d'aquelle assombro pelo maravilhoso que a mythologia encerrava? O atrever-se um punhado de valentes, certa manhã, a despedaçar com os seus quarenta peitos uma escravidão sustentada pela monarchia dos Filippes, e readquirir n'uma hora o reino, que durante vinte e oito annos resistiu aos esforços supremos de uma tal monarchia, não é menos para quem tanto havia já realisado.

Mas se tudo isto parece fabula, se, por fabula parecer, lhe dariam os antigos honras divinas, a que ponto fabuloso não elevariam elles a moderna conquista das nossas liberdades? Em que nevoas de incredulidade não a envolverão porventura nossos tardios netos?

E comtudo, ahi está viva para o attestar uma parte da geração que a presenceou; ahi está outra parte que a ouviu aos paes, e que, ao lançar o pensamento para a sua infancia, ainda se lembra dos jubilos que saudavam o triumpho.

Sete mil e quinhentos eram os que n'um dia de julho aportavam ás costas de Portugal. Que pedem? Um reino. Que armada trazem para bloquear quatrocentas milhas? Nenhuma. Quantos esquadrões? Quarenta cavallos ao todo. Artilheria? Tres peças ligeiras, conduzidas á mão. Pois investem contra um reino cadaver? Não. Contra um reino, defendido no mar por uma esquadra poderosa, nas barras por fortificações seculares, em terra por um exercito de

oitenta mil homens (primeira e segunda linha) de todas as armas, valoroso como os soldados de Aljubarrota, de Ceuta, da Peninsula, um exercito que morria pelo seu rei. Este rei e esta causa, sustentados por este exercito, por esta esquadra, por esta tradição, sustinham-n'os, alem d'isso, as duas grandes forças de um estado que se baseava no regimen absoluto: o clero, que tinha a riqueza e a influencia de um terço do reino, e a nobreza que possuia a influencia e a riqueza do outro terço; — clero e nobreza, que, alem de propugnarem pela causa realista com a convicção dos seus principios, tinham dependente d'ella a conservação dos seus privilegios; mais ainda, a continuação da sua propria existencia.

Aventureiros do Mindello, não desembarqueis. Não ha em Portugal hospital de doidos para tanta gente.

Os doidos desembarcaram!

Vinte e dois mezes depois, rei, clero, nobreza, exercito, esquadra, fortificações, tradição, interesses, tudo se havia rendido ao punhado de loucos, salvos no momento de confiarem a sua causa ao poder da sua idéa.

Dois luctadores eram, e como dois luctadores anteriormente os apresentámos. Um tinha a força que defendia a legitimidade da lei *positiva*, o outro tinha a idéa que defendia a legitimidade da lei *natural*. A idéa venceu a força. Venceu, mas como que cegando, com o seu resplendor, os que defendiam o passado, para que a santidade da causa, supprindo o que faltava na força material, operasse a maravilha.

Este foi o grande exemplo da victoria immortal de

1834. Este o segredo dos martyres do christianismo quando pelejavam pela emancipação moral da humanidade e pela fraternidade humana. Este o segredo da victoria peninsular quando defendiamos a independencia da patria. Este o segredo de todos os progressos e de todas as civilisações.

Eramos os tutores do povo que pensava e do que não pensava, como a lei civil protege os que do seu entendimento não gosam a posse. Tutelavamos á custa de sangue a parte ignorante do povo, e tinhamos do nosso lado, contra as classes que sustentavam os seus privilegios de accordo com as suas convicções (façâmos justiça a todos), a outra parte da nação, que exigia os direitos de que se achava despojada. Combatiamos as castas; derrocavamos os privilegios pessoaes; faziamos de uns poucos de estados no estado um estado só, porque a nação é uma, igual o direito, e homem o homem; davamos á bandeira do novo Portugal a côr celeste, mas conservavamos-lhe as quinas, para que á tradição do que a liberdade podesse acceitar se juntassem as conquistas moraes com que o divino libertador dos povos regenerou o direito e ennobreceu a dignidade do homem.

Esta nova bandeira, que o Porto defendeu no meio da peste e da fome com uma heroicidade que assombrará as gerações, regada com o sangue de milhares dos seus filhos e com as lagrimas de uma cidade inteira, que Lisboa sustentou com a defeza brilhante dos seus habitantes, que o reino todo foi não menos acceitando e defendendo, symbolisava a liberdade provinda do christianismo. Desunidos andavam en-

tre nós os dois grandes principios. Foi a campanha liberal que os enlaçou. Triste lei a da civilisação pela guerra, mas gloriosa a guerra que implanta a semente da civilisação: o sagrado direito dos povos e portanto das nações. A velha civilisação, frondosa arvore que fôra, e que na sua virilidade produzira os seus fructos, caía, respeitavel, mas carunchosa, defronte da lei que o Creador impoz a todos os seres e a todas as instituições, lei de morte, lei de ceder o logar, quando preencheu o seu fim; em termos claros, lei natural do progresso, borboleta successiva, que, resurgindo de si mesma, vae despindo as antigas fórmas á proporção do mandato que desempenhou, para, rejuvenescida e fresca, realisar os novos trabalhos de que a Providencia a encarrega.

Assim, a campanha do Mindello, se não fundou mythologias novas, ficou sendo na historia da humanidade uma das suas paginas mais admiraveis, e conquistou para sempre a liberdade portugueza.

Ó liberdade! Como és grande na pureza dos teus principios e na fecundação dos teus resultados! O teu partido vencia, e não vencia menos o partido que entregava as armas, depois de ter luctado nobremente. Exilado o seu rei, é certo; substituido o seu regimen, não menos verdade é; dominadas as suas convicções, não ha duvida; mas equiparados os seus direitos aos dos suppostos vencedores, como cidadãos iguaes, como filhos todos da mesma patria. Vencidos pelas armas, deviam ficar sujeitos; vencidos pela idéa, a idéa, que por convicção combatiam, era a idéa que vencedores os tornava. Adversarios da liberdade,

iam ter, em virtude d'essa mesma liberdade, o parlamento aberto para os seus partidàrios, a imprensa franca para os seus jornaes, o jury organisado para os julgar como pares, o correio inviolavel para os seus segredos, o lar sagrado para as suas familias, a franquia absoluta para o seu pensamento, para a sua palavra, para a sua opinião, para as suas industrias, para as suas assembléas, para as suas manifestações, para as suas saudades e para as suas esperanças. Combatieis, convictos e honrados, pelas vossas crenças. Louvor vos seja, mas combatieis contra os vossos direitos, cidadãos. Outorgou-vol-os esta mesma liberdade, não por acto generoso, mas pelo vosso titulo humano, que nós não podiamos comprar, porque vós o não podieis vender.

Sois isto, ó liberdade! Os partidos esgrimiram, um até á morte, o outro até á victoria. A nação, porém, venceu *unanime* a sua causa, que era a consagração dos seus direitos eternos, absolutos, sagrados, imprescriptiveis, inalienaveis, superiores ás côrtes de Lamego e ás côrtes de S. Bento, a causa da natureza humana applicada á vida social.

Por isso te saúdam as gerações, ó liberdade; por isso ficou immortal a peleja que te conquistou.

CAPITULO XXXV

O MARECHAL SALDANHA NA CAMPANHA DA LIBERDADE

Despercebido não terá passado ao leitor, que na campanha da liberdade, como fundo do quadro, para d'elle destacarmos o vulto principal, nunca deixámos de citar e de louvar os feitos d'aquelles que, alem de Saldanha, concorreram para o bom exito da lucta.

Démos o seu a seu dono. A Napier mesmo dedicámos um capitulo especial. Accusações graves, desleixos incomprehensiveis, omittimol-os em relação a outros sempre que a necessidade e a imparcialidade não obrigava o historiador a tornal-os patentes.

Por vezes, sem que viesse directamente ao proposito da nossa historia, indicámos os benemeritos. Não nos limitámos ao vulto do arrojado e activissimo regente, aos chefes e commandantes, duque da Terceira, Valdez, Bernardo de Sá, Pacheco, Xavier e outros, referimo-nos (em cada acção) ás distincções dos officiaes, e até aos proprios soldados, a esses valentes anonymos, a quem folgâmos que prestasse justiça um deputado, de intelligencia elevada, no momento em que tão merecida homenagem consa-

grou á memoria do grande capitão que faz o assumpto principal d'este livro [1].

Como se viu, o general Saldanha não foi dos sete mil e quinhentos do Mindello. Pesava de mais na balança, como de mais tinha pesado aos invejosos desde que imberbe começára a distinguir-se pelos seus feitos.

Quando o Porto, porém, estava perdido, quando o seu primeiro general effectivo e commandante em chefe do exèrcito sitiado pedia nobremente a demissão por se não julgar habilitado para levar por diante a direcção da guerra, quando outro general, já estrangeiro (á falta dos nacionaes), abandonava logo na sua estreia o ponto capital da defeza, quando os clamores do exercito e os brados da opinião publica reclamavam imperiosamente a vinda de Saldanha como a unica tábua de salvação que restava á causa naufragada, vimos chamarem-n'o para que viesse da terra estrangeira, onde fôra abandonado. Vimol-o esquecer todas as injustiças, e correr á voz dos que, deixando-o nas horas da esperança, o imploravam no momento da agonia.

Vimol-o, com o testemunho presencial, escripto, unanime, de nacionaes e estrangeiros, e com o de uma cidade inteira, pôr logo o dedo na chaga, descobrir instantaneamente o ponto da perdição, com uma assombrosa intelligencia, actividade e arrojo

[1] Sr. Osorio de Vasconcellos, discurso na sessão da camara dos deputados de 27 de março da 1877. Tem sido incansavel tambem nas propostas a bem dos pobres veteranos do Mindello que restam, o sr. deputado Paula Medeiros.

suster o inimigo prestes a apoderar-se da nossa unica salvaguarda, tomar quasi inacreditavelmente o Pinhal, fortificar n'um repente, por meios especiaes da sua propria pessoa, o mesmo Pinhal, o Pastelleiro, Wanzeller, Lordello e toda a linha da Foz, fechando com mão de ferro a chave do perigo, não quando já tivessemos fóra do Porto qualquer outra praça para que appellar, porém quando a Foz era o *ultimo recurso do unico ponto* que no reino possuia a causa da liberdade, preparando a defeza n'aquelle mez de fevereiro, e sustentando-a a 4 de março contra forças umas poucas de vezes superiores. Reconhecido, havia muito, como o primeiro militar do paiz, á exposição de Saldanha se deveu a expedição ao sul, que abriu ao valoroso duque da Terceira o caminho de Lisboa, prevalecendo o voto de Saldanha ao dos chefes do exercito e da esquadra, Solignac e Napier, que propunham a cedencia da Foz ao inimigo, o rompimento impossivel das linhas, ou um ataque directo sobre a capital.

Indigitado pela opinião unanime, e nomeado chefe do estado maior, isto é, o verdadeiro director da campanha, logo a 5 de julho defende o Porto da formidavel investida do exercito realista. A 25 salva-o, pela maneira quasi inacreditavel a que assistimos, contra o invencivel marechal Bourmont, contra os generaes e officiaes francezes, abalisados, temerarios, praticos, atacada a cidade n'aquelle dia em toda a linha, animadas as forças, que a cercavam, com a segurança que já considerava certa a victoria. A 18 do mez seguinte obriga o inimigo a levantar o cerco

da cidade, por uma harmonia de combinações que saiam mathematicas, e, não contente de o expulsar para as alturas de Vallongo, leva a temeridade até investir com as mesmas alturas, desalojando-o, arremessando-o para Penafiel, tomando-lhe todas as fortificações, despojos, viveres, libertando a cidade semimorta havia onze mezes, e offerecendo logo para a defeza da capital uma divisão escolhida de entre as melhores tropas.

Embarcando em acto continuo, e por iniciativa sua, com esta divisão, vem dar vida á defeza de Lisboa, organisa-a, disciplina as forças, salva a capital de ser invadida nos dias 5 e 14 de setembro, e, sobre o ter já obrigado o exercito realista a levantar o cerco do Porto, obriga-o tambem a levantar o de Lisboa, dando-lhe batalha geral a 10 de outubro, e arrojando-o até Santarem, não o destroçando completamente, não pondo á lucta ponto final no segundo dia da batalha, por lhe não haverem completado os movimentos estrategicos do plano que ideára, e que mandára executar.

Havendo Santarem por inexpugnavel, e considerando como suprema operação para a entrega d'esta praça e para o termo da guerra a investida sobre Coimbra e o norte do reino, emprehende em janeiro seguinte a arrojadissima, e, até por sua temeridade, censurada expedição a Leiria (já na direcção ao planeado norte), apodera-se d'aquella cidade, destroça em Torres Novas a legendaria cavallaria de Chaves, realisa no segredo da noite um movimento admiravel sobre Pernes para operar a juncção com a brigada

que das suas forças destacára, e quando no dia seguinte a divisão realista o suppunha caminho do Cartaxo, encontra-o estupefacta defronte de si, ou por mais acertado dizer, recebe a inesperada visita de Saldanha, que a desbarata, afugentando para Santarem os que da tormenta se poderam salvar.

Vendo-se quasi perdido o exercito realista, emprehende o seu chefe o esforço derradeiro, e chamando das provincias forças importantes que acresçam ás que possue em Santarem, tudo reune para dar a grande batalha, que, pelos calculos e combinações dos seus generaes, lhe ha de abrir em dois dias as portas da capital. Ignorando em que ponto principal romperá o inimigo a batalha, mas aconselhado pelo dom inspirativo que parece adivinhar os mysterios, principia Saldanha desde o amanhecer a proporcionar a defeza ao ataque em toda a linha, até que a final, certo já da posição onde o general contrario empregaria o supremo esforço, vae-o attrahindo simuladamente com a estrategia que presenciámos, cae sobre elle no momento proprio, e responde ali em Almoster o *não* á causa realista que tinha já marcado o itinerario para a entrada em Lisboa.

Detido nesciamente, após a tomada de Leiria, no seu plano de acabar a campanha com a expedição ao norte, aguardou, a sorrir-se (como o facultativo assistente na junta dos medicos em que todas as opiniões caem de encontro á mestria d'elle), que fossem falhando esses burlescos planos dos sabios improvisados, viu lançarem finalmente mão d'aquelle que propozera sempre e de que fôra estultamente mandado

desviar, e contendo em respeito o inimigo para que mais não ousasse, como não ousou, arremetter com a estrada de Lisboa, teve a gloria de presenciar a realisação do seu plano, mandado executar ao duque da Terceira, que, marchando para o norte, e apoderando-se das provincias de Traz os Montes e Beiras que as forças realistas lhe iam entregando na precipitada fuga, as venceu na Asseiceira. Abandonada Santarem, entra Saldanha na praça, e, perseguindo o inimigo até á cidade de Evora, emquanto o duque da Terceira lhe cortava a eventual retirada para Elvas, obriga-o, sob pena de o acabar de destroçar em vinte e quatro horas, a propor a convenção que poz termo á lucta.

D'esta maneira salvou o marechal Saldanha no Porto a causa da liberdade com a sua brilhantissima espada, operando depois, até o fim da lucta, os feitos que se patentearam; onde não era ensejo da espada, salvou-a com os planos da sua intelligencia; e mais cedo teria concluido a contenda, se, como Alexandre, Julio Cesar, Carlos V ou Napoleão, fosse elle o cabeça *unico*, o senhor absoluto das operações militares, o responsavel exclusivo perante si proprio.

Tal é a serie dos factos fundamentaes, comprovados pelos documentos e reconhecidos pela tradição. Acrescentar ao complexo d'estes factos pompas affectadas, afigura-se-nos de gosto ruim. Na epopéa da liberdade nacional, na fundação do Portugal novo em que tantos heroes se cobriram de gloria, a consciencia publica marcou já o logar que pertence ao marechal Saldanha.

CAPITULO XXXVI

LUCTAS CASEIRAS

I

Constituida em 1834 a liberdade da nação portugueza para nunca mais perecer, começava a pratica das instituições, imperfeita no desenvolvimento como obra humana, mas civilisadora na missão e progressista nos resultados. Só a escravidão politica é isenta de imperfeições nos seus mechanicos movimentos, que obedecem á lei de uma só vontade, imposta a um rebanho de seres, não a uma sociedade de homens.

Dividiu-se a gente liberal.

Entendiam uns que, n'aquelle tempo, a Carta Constitucional continha a totalidade das liberdades necessarias ao progresso da nação e ás regalias dos cidadãos, receiando que o ultrapassar os limites d'ella abrisse para as mesmas liberdades os perigos de 1820. Não concordavam outros no receio, e opinavam por constituição mais larga. Estes se appellidaram *setembristas,* porque, logo dois annos depois, em setembro de 1836, conseguiram levantar na ca-

pital o grito da revolução que logrou a victoria. Receberam o nome de *cartistas* os que perfilharam a idéa contraria.

D'esta divisão se originou a serie de revoluções durante quinze annos, a que veiu pôr termo a regeneração em 1851. Triste é a guerra internacional, pois que irmãos são todos os povos; mais triste a que devora os filhos da mesma nação; tres vezes triste a que separa os sectarios do mesmo credo por divergencia nas applicações da doutrina em cujas aguas se baptisaram todos. Mas a lucta é a lei dos homens, e á historia compete narral-a.

Este é o periodo que fecha a vida marcial do duque de Saldanha, estreiada na campanha da peninsula, seguida pela da America, e d'ella passando para a da liberdade. Preferivel houvera sido o remanso da paz aos louros da victoria; mas, verificado o facto das nossas dissensões, este periodo vem rematar a historia do invencivel capitão.

Outro volume do nosso escripto ha de ser destinado a considerar o duque de Saldanha pela sua feição politica, diplomatica, litteraria e humana. No presente capitulo continuaremos a estudal-o especialmente pela feição militar. É só o guerreiro que vemos agora defronte de nós.

II

Victoriosa em Lisboa a revolução de setembro que tinha por chefe a Passos Manuel, jurada pela rainha

a constituição de 1822 com as alterações que um futuro congresso lhe introduzisse, tentaram resistir os cartistas. Nenhum dos dois marechaes tinha prestado juramento á nova ordem de cousas, e Saldanha, escrevendo ao ministro da guerra, declarava que assim procedia para se reservar a faculdade de a combater[1]. A 12 de julho de 1837 insurgia-se um batalhão de caçadores na villa da Barca, e em differentes pontos do reino rebentavam outros levantamentos. O governo logo nomeára logar tenente da rainha nas provincias do norte ao visconde de Sá da Bandeira, e commandante de uma columna para operar no Alemtejo ao barão do Bomfim.

Convidado o marechal Saldanha para, de accordo com o duque da Terceira, dirigir a restauração da Carta, saíu a campo, quinze dias depois de haver principiado o movimento, e apesar do estado quasi desesperado em que este se achava[2]. Tendo partido de Cintra a 27 de julho, era empenho seu e sua esperança obter o resultado sem se disparar um tiro. N'este intuito, completamente conciliador, proclamou em Castello Branco ao exercito e á nação[3]. Não o entendeu assim o governo, como era de prever; as populações não se ingeriram na contenda; os campos accentuaram-se exclusivamente militares.

Emquanto Saldanha se demorava tres dias em

[1] Discurso do marechal Saldanha de 15 de fevereiro de 1848 na camara dos pares.

[2] Discurso citado.

[3] Vejam-se as proclamações de Saldanha ao exercito e á nação, datadas de Castello Branco, em 3 de agosto de 1837.

Castello Branco para regularisar as suas forças, Bomfim, tendo visto que no sul não havia perigo, passou o Tejo em Abrantes, dirigindo-se áquella cidade, para se oppor ás forças do marechal. No dia 6 de agosto achava-se em Sarzedas. Foi então que Saldanha desde os principios do indicado mez até o dia 23, em que se apresentou livremente, e como por magia, ás portas de Lisboa, realisou por uma serie de marchas estrategicas, dignas de Julio Cesar e de Napoleão, um d'esses feitos que marcam na historia bellica do mundo uma das paginas admiraveis.

Em Castello Branco, principiado a perseguir pelas forças de Bomfim, e não lhes querendo n'aquella occasião acceitar batalha, porque o seu fito era ainda o diligenciar concluir a lucta pela conciliação, em vez de se empenhar em pelejas parciaes, já simula que se dirige para Hespanha pelo Ladoeiro[1], já demanda em realidade com a sua tropa a serra da Estrella, n'ella se introduz, d'aqui surde, alem desapparece, hoje duende, ámanhã marechal, não dando certeza d'onde esteja como phantasma após o qual se corra inutilmente, illudindo o general que o perseguia, atravessando assim aquella serra, e por escaninhos tão estreitos, por barrancos de tal ordem, que os da cavallaria tinham de seguir a pé com os cavallos a dois e dois, a um e um.

Descendo o valle do Mondego, serpeando para alargar as distancias e libertar a sua divisão, entra em Coimbra no dia 10 tranquillamente, tranquillamente

[1] Supplemento ao n.º 184 do *Diario do Governo* do anno de 1837.

se deixa ali estar até o dia 13, em que o general da divisão contraria permanecia ainda na cidade da Guarda, e d'esta cidade seguia *a marchas forçadas* sobre Coimbra[1], constando officialmente que se devia achar n'esse dia 15 n'aquella cidade[2], estando em Pombal de 17 para 18[3], a 26 partia para Leiria[4], quando a 22 occupava Saldanha já Torres Vedras, onde se lhe juntou o duque da Terceira[5]. No dia seguinte (23) acampam os dois marechaes em Loures, enviando uma força ao Campo Grande, ficando distanciado o barão do Bomfim 25 leguas!

D'esta maneira o marechal Saldanha, por uma serie admiravel de movimentos estrategicos desde Castello Branco e pela serra da Estrella, teve a habilidade de bater livremente ás portas de Lisboa, collocando-se entre a capital (que elle demandava) e o general contrario, que d'ella saíra exactamente para a cobrir, obrigando este, pelas referidas operações, a deixar descoberta a capital, e a si e á sua divisão na retaguarda.

Tinham os marechaes fundamento para confiar que

[1] No *Diario do Governo* de 18 de agosto de 1837.

[2] Boletim official de Thomar, no *Diario do Governo* de 17.

[3] Boletim official no *Diario do Governo* de 19.

[4] *Lettre du marquis de Sá da Bandeira au comte Goblet d'Alviella*, Lisbonne, 1870.

[5] Vejam-se e confrontem-se a serie toda dos boletins officiaes nos *Diarios do Governo* do mez de agosto de 1837, as declarações do ministro do reino nas sessões do congresso constituinte, artigos e partes officiaes nos referidos *Diarios do Governo*, *Lettre du marquis de Sá da Bandeira*, citada.

á sua approximação se operasse em Lisboa um movimento cartista. Outra esperança tambem nutriam. Não se verificou porém o movimento nem se realisou a esperança. Os porquês, dil-os-ha porventura a historia, mais distanciada de nós. Com boa cavallaria, mas sem um canhão sequer, apenas com um regimento provisorio de infanteria composto de simples contingentes, e tres corpos de voluntarios mal armados (de Castello Branco, Leiria e Alcobaça), os marechaes não podiam investir com Lisboa. Assim no dia seguinte (24) retrocederam para o norte com o fito na divisão auxiliar de Antas, que ía regressar de Hespanha; mas, tendo de permeio a divisão de Bomfim, fizeram alto nas planicies de Alcoentre a ver se eram atacados no terreno favoravel á cavallaria. Não o sendo, continuaram a marchar.

Por sua parte, Bomfim, no dia 25 em Pombal, proseguiu para Leiria. De Leiria partiu pela estrada de Lisboa, ao encontro dos marechaes, ás quatro horas e meia da manhã do dia 28. Entre S. Jorge e os Carvalhos se avistaram as forças inimigas, no sitio onde a estrada de Alcobaça vem entrar na que segue para Leiria.

É a acção do *Chão da Feira*, curta em duração, pois que não ultrapassou duas horas, mas violenta na intensidade.

Bomfim escolheu o terreno que lhe era favoravel e esperou a força contraria. Foi a d'elle que rompeu o fogo. Aos primeiros tiros da sua artilheria (senão ao primeiro) caíu ferido gravemente, perdendo uma perna, D. Fernando de Sousa, depois conde de Villa

Real. Os marechaes collocaram então a infanteria á direita, á esquerda a cavallaria. A altura defendida por uma parte da força, destacada do batalhão de caçadores 2 (setembrista), mandou-a Saldanha investir por um contingente de voluntarios, composto de officiaes e aspirantes (servindo ali como caçadores) pela maior parte alumnos das escolas especiaes, commandado pelo destemido Lapa, e mandou-a investir á bayoneta, sem se disparar um tiro. Porquê? Conjecturâmos que ainda no intento de mostrar o desejo de que se terminasse a lucta por conciliação, e, para isto, sem excitar com o fogo a mutua animosidade dos dois campos. A posição disputada calorosamente de uma e outra parte, com perdas e ferimentos sensiveis, foi tomada com o maior denodo pela referida força de Lapa. A cavallaria cartista occupou em seguida a posição, tomada pela sua infanteria. Os setembristas perdiam terreno. Ás abas porém da altura indicada o valoroso caçadores 2, formando em quadrado, repelliu a carga da cavallaria cartista, que luctava com a desfavoravel situação do terreno, cortado de vinhas e tão cheio de arvoredo, que os soldados tinham de abaixar as cabeças perdendo mesmo alguns as barretinas. Ali cae moribundo o commandante da cavallaria, barão de S. Cosme, morto cae um dos ajudantes do estado maior, o infeliz moço conde da Redinha, gravemente ferido outro ajudante, o intrepido Fernando Mousinho de Albuquerque, mortos ou feridos os officiaes, e n'este cruento conflicto, quasi sobre o batalhão, vê-se o valoroso Ximenes apear-se do cavallo, levan-

tas? Pendeu com a sua gente para os setembristas, excepto a segunda brigada, que proclamando a carta ao entrar em Portugal, e achando-se já debaixo do commando dos barões de Leiria e da Varzea, dentro de poucas horas se chegaria a juntar com os marechaes, em seguida ao movimento de Alcobaça, para o norte. Os barões de Leiria e da Varzea, em desobediencia ás ordens de Saldanha, levadas por Jervis de Athouguia, e apesar de terem a certeza de que os marechaes fariam juncção com elles n'aquella tarde[1], acceitaram combate em Ruivães (no dia 18) á divisão Antas, retirando-se destroçados para Chaves, onde encontraram os marechaes. Conhecendo estes a impossibilidade de prolongar a lucta, assignou-se a convenção em 20 de setembro, partindo elles para fóra do reino.

Como se viu, a nação adheriu tacitamente á revolução de setembro contra a Carta, como seis annos depois adheriu á restauração da Carta contra a revolução de setembro.

Assombrosa foi a serie dos movimentos estrategicos de Saldanha, serpeando desde Castello Branco pela serra da Estrella e valle do Mondego, até ás portas de Lisboa, deixando a marchas forçadas e á retaguarda a divisão do general contrario, que exactamente para cobrir Lisboa é que avançára contra elle. Tão admirada foi por nacionaes e estrangeiros a mesma serie de movimentos d'esta campanha na

[1] Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, na sessão de 15 de fevereiro de 1848 (*Diario do Governo* n.º 42 do referido anno).

serra da Estrella, e depois de Alcobaça por Thomar até ao Douro, que lord Wellington, logo que Saldanha chegou a Londres, teceu os maiores elogios ao discipulo que em admiração do mestre se tornára. Onze annos volvidos, a camara dos pares ouvia, dos proprios labios do marechal, este brado que da consciencia lhe arrancou a verdade: «Mais de dois mezes durou aquella celebre campanha (de 1837), e a camara me permittirá que lhe diga que *de todos os meus trabalhos militares é aquelle de que mais me honro*[1].

III

Nove annos decorreram, e na maxima parte d'este periodo exerceu o marechal Saldanha a carreira diplomatica.

Triumphára em 1846 a revolução do Minho; a rainha acceitára-a, mas discordando posteriormente da

1 Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, sessão de 15 de fevereiro de 1848. Sobre a lucta de 1837 (vulgarmente conhecida pela «revolta dos marechaes») podem-se consultar: o projecto de accordo de 30 de agosto d'aquelle anno; a convenção de Chaves de 20 de setembro; um importante e motivado escripto, assignado em París, pelos marechaes e duque de Palmella; uma exposição por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque; os *Diarios do Governo* de julho a outubro; as sessões do congresso; a *Lettre au comte Goblet d'Alviella par le marquis de Sá da Bandeira*, pag. 29 e 38; consultámos tambem *Reminiscencias de um velho*, narrativa manuscripta, pelo sr. Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.

feição reconstitutiva que a revolução tomou, quiz imprimir á politica direcção differente. Na conhecida noite de 6 de outubro demittiu o ministerio Palmella e encarregou a organisação do novo gabinete ao marechal Saldanha. Os nossos votos não podem hoje applaudir, como então não saudaram, a contra-revolução que se ficou denominando *embuscada*, como a não applaudiu nem saudou a grande maioria do paiz, mas a apreciação politica n'outro logar mais proprio e especial é que se ha de apresentar.

Resistiram as provincias do norte. O conde das Antas, presidente da junta do Porto e chefe supremo da resistencia, veiu occupar Santarem. Estava incetada a guerra civil. Saldanha, marchando para o Cartaxo a fim de cobrir a capital, estabeleceu as suas forças nas antigas posições de 1833.

Meiado dezembro o conde das Antas destacava uma divisão commandada pelo general conde do Bomfim que seguiu para Alcobaça e Caldas.

Então o marechal (no dia 19) marchou do Cartaxo, sobre aquelles pontos, mas Bomfim dirigiu-se para Torres Vedras. A esse tempo deixava Santarem o conde das Antas com outra divisão para operar de combinação com Bomfim. Quatro dias e tres noites levou Saldanha em movimentos estrategicos para atacar, ou ser atacado.

N'uma occasião em que descansavam no campo, recebe uma participação. Rodeia-o o seu estado maior. Abre-a, lê-a, sorri-se, esfrega as mãos. «Ha novidade importante», ajuiza o estado maior curioso. «Meus senhores, diz-lhes Saldanha com alegria, esta-

mos exactamente no meio das duas divisões: a primeira que nos atacar, leva».

Nenhuma o atacou.

Avistavam-se n'aquelle momento as vedetas do inimigo. Saldanha seguiu a divisão de Bomfim, que entrára em Torres Vedras. No dia 22 ás dez horas e meia da manhã, tempestuosissima (como os dias e noites anteriores) defrontava o marechal com a formidavel posição, occupada por Bomfim, que á praça inexpugnavel queria attrahir Saldanha, para ali lhe despedaçar as forças. O marechal, como se vê, acceitava o convite.

Estamos na afamada batalha de Torres Vedras, que ficou esculpida na historia militar do mundo, como um verdadeiro assombro.

A nenhum portuguez medianamente instruido é licito ignorar que as celebres linhas de Torres Vedras foram dique á torrente do exercito francez, que n'aquellas linhas encontrou pela vez primeira um obstaculo invencivel. De toda a extensão da immensa linha, é a villa o ponto fortissimo. Massena, que invadíra Portugal com um exercito de cem mil homens, incumbiu o celebre marechal Ney de principiar o ataque. Dos sessenta mil homens, alem dos reforços posteriores, que defrontavam com as linhas, Ney escolheu vinte mil para atacar Torres Vedras, sustentada só pela divisão anglo-portugueza de quatro mil homens que dominava todo o valle. Tinha já começado a execução da ordem, quando Massena, calculando as difficuldades, reuniu conselho de generaes, opinando estes que, sendo Torres

Vedras *inexpugnavel*, não se verificasse o assalto, como não se verificou, retirando-se o exercito francez, e indo encerrar-se nas fortificações de Santarem[1].

Para se ajuizar das posições, quasi inacreditaveis, que Saldanha tinha defronte de si, substituiremos a descripção que de nossa lavra poderamos apresentar pelo resumo da que faz o competente marechal: «Torres Vedras é o ponto mais forte da linha toda. As alturas de S. Vicente, cobertas com um magnifico reducto, a da Forca, e a dos Saes, na margem direita do rio Sisandro, são flanqueadas pelo fogo do castello que se póde considerar uma verdadeira cidadella d'aquellas obras, cujas golas defende. Corre entre as referidas alturas, e a villa, o rio Sisandro, que se passa por tres pontes, precedidas de calçadas mui extensas, *todas enfiadas pelo fogo do castello* e flanqueadas pelo fogo dos reductos. Essa fortissima posição havia sido occupada convenientemente pelo inimigo»[2].

Eis a famosa posição que se achava occupando o valente conde do Bomfim, do qual diz com rasão n'um dos seus melhores livros, Teixeira de Vasconcellos: «Apesar dos casos em que a sorte da guerra lhe fôra contraria, mantivera sempre o conceito de excellente official e de soldado destemido».

Na sua frente via Saldanha a inexpugnavel Torres

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 9. Póde-se consultar tambem o folheto *Succinta narração de alguns factos*.

[2] Relatorio do marechal Saldanha, de 25 de dezembro de 1846, a el-rei o sr. D. Fernando, commandante em chefe do exercito.

Vedras; na sua retaguarda tinha a divisão do conde das Antas, que o podia e devia entalar *a cada momento* contra as posições invenciveis, pois que no dia da batalha a divisão de Antas occupava Tagarro, Alcoentre e o Cercal. Por cumulo de tudo isto, Saldanha havia de atacar sem a artilheria, que só lhe chegou no fim da tarde pelo estorvo das estradas intransitaveis, a sua gente achava-se enxarcada pelas chuvas e quasi extenuada por quatro dias de marchas incessantes em movimentos estrategicos, e dois bivaques. Arremetter com Torres Vedras n'um complexo de circumstancias taes era uma temeridade assombrosa; mais do que temeridade, loucura; más o marechal, quando emprehendia loucuras taes, via-se consubstanciado em cada um dos seus soldados, e cada um dos seus soldados se julgava instinctivamente Saldanha: tal é a fé, e a fé não se discute, sente-se; não raciocina, abrasa.

O marechal Saldanha vae atacar Torres Vedras!

Lá está, na frente, com o seu oculo sybillino, examinando tudo, calculando tudo, fitando os pontos capitaes, delineando as investidas heroicas, desafiando o impossivel. Parece fascinal-o a encantadora, abrindo para elle braços de fogo.

Viu tudo. Conheceu que antes de investir com as pontes precedidas das calçadas, enfiadas pelo fogo do castello, a chave da victoria dependeria da posse do grande forte de S. Vicente que precede as pontes, e d'ellas é a primeira salvaguarda. Dois mil homens da melhor tropa de Bomfim o guarneciam. A esse tempo estendêra já o inimigo a primeira linha de

atiradores que romperam o fogo. Eram onze horas e um quarto.

Mais um acto comico das suas estrategias costumadas representou o marechal. Conhecendo a temeridade de atacar Torres Vedras com tão pouca tropa, não a apresentou ao inimigo simultaneamente, mas das estradas mandava-a saír á proporção do que ia julgando necessario, para assim o illudir, fazendo-lhe crer que dispunha de muita mais força.

—Joaquim Bento, brada Saldanha, faça recuar com o seu batalhão a linha dos atiradores, e occupe a posição que lhe indico.

Joaquim Bento estacou pela primeira vez em sua vida, e, olhando espantado para o marechal, julgou que sonhava.

—Vossa excellencia manda que eu occupe com os meus caçadores a posição que me indica?

O espanto de Joaquim Bento passára com a electricidade do raio para Saldanha ao ver o espanto do valente.

—Mando, e já, respondeu-lhe o marechal, com a sua intimativa de fogo.

Joaquim Bento não pronunciou uma palavra, desembainhou a espada, collocou-se á frente dos seus caçadores, deu a voz; e Saldanha, como o auctor dramatico ao ver o desempenho de uma das scenas mais difficeis da sua peça pelo artista em que tem fé, presenceou o marcial interprete do seu pensamento vencer a difficuldade, levando a força inimiga adiante de si, e occupar o ponto ordenado, defendido pelos caçadores no meio de um fogo infernal cruzado e

simultaneo da tropa inimiga, do Castello, do forte de S. Vicente, do cinto finalmente da defeza completa de Torres Vedras.

Á noite indo Joaquim Bento comprimentar o marechal, disse-lhe, sorrindo-se, com a franqueza de bom camarada:

—Se o duque de Wellington me désse a ordem que recebi ésta manhã, ter-lhe-ia respondido: execute-a vossa excellencia.

—Então porquê? interrompeu o marechal.

—Porque um general tem o direito de mandar fazer ousadias, mas não loucuras.

—Eu bem sabia a quem as mandava fazer, tornou-lhe Saldanha, abraçando-o.

Varrido o terreno, seguia-se investir o inexpugnavel forte de S. Vicente.

—A artilheria?

—Ainda não chegou.

—Ximenes?

—Marechal!

—O Solla que tome com a brigada o forte de S. Vicente *á bayoneta*.

Ximenes, fitando o marechal rapidamente ao receber uma tal ordem, encontrou-lhe nos olhos aquelle mesmo espelho do socego que tinha nos momentos da felicidade. Metteu esporas ao cavallo, e como que voou a levar a ordem temeraria.

Communicações d'esta importancia costumava Saldanha mandal-as por duas vezes, prevenindo a eventualidade de não poder chegar ao seu destino o primeiro ajudante.

tar do chão onde caíra o chapéu armado do marechal Saldanha, e entregar-lh'o. Brilhante mas tristemente dolorosa nas perdas fôra a carga por parte dos cartistas, como brilhante fôra a defeza do batalhão setembrista, sustentando o quadrado.

Proseguindo a acção, ordenou Saldanha a carga da sua cavallaria contra a setembrista. Avança a cavallaria, mas, quasi no momento do embate, suspendem-se uns e outros, ouvem-se vivas, menos talvez de significação politica do que de confraternidade, passando para a cavallaria cartista uma parte da contraria, restituida ao seu campo no fim da acção. Adiantando-se alguns officiaes cartistas para o estado maior contrario, tinha principiado uma certa lucta pessoal. O marechal Saldanha, approximando-se, exclama:

«Barão do Bomfim, suspendâmos a effusão do sangue, e venhamos a accordo sobre a questão constitucional do paiz.» E este desejo de ver se a lucta se decidia sem mais sangue de compatriotas (palavras dos marechaes) lhes fez terminar o combate, por um modo que lhes foi depois desfavoravel, para o vencimento da causa[1].

Tregua deram os dois campos. Distanciaram-se as forças, marchando para Leiria as de Bomfim, para Alcobaça as dos marechaes, e reunindo-se em Aljubarrota os commissionados para conferenciarem.

Não vindo a accordo sobre a questão constitucio-

[1] Officio dos marechaes ao visconde das Antas, de Boticas (proximo a Castello Branco), em 19 de setembro de 1837.

nal, cessou o armisticio e seguiram-se novos movimentos.

Sem uma unica peça de artilheria, como dissemos, com a sua força ainda mais diminuida pelas perdas resultantes da acção, vendo auxiliada repentinamente a divisão de Bomfim com a tropa commandada pelo barão do Casal, continuando principalmente a ser o fito dos marechaes demandar o norte para attrahirem a divisão auxiliar (que regressava de Hespanha), mas não o podendo já demandar pela estrada de Leiria, que fez Saldanha? Operou então para conseguir o intento uma serie de movimentos, por um modo não menos admiravel do que o anterior pela serra da Estrella. Partindo de Alcobaça por alta noite, chegou antes do amanhecer ao Alto da Serra; d'ali para Rio Maior, passou nos arredores de Santarem, onde bivacou, depois para as Olaias (Thomar) em direcção a Castello Branco e ao Douro, que passou livremente no Pocinho, achando-se no dia 18 em Moncorvo. D'este modo torneou elle a divisão de Bomfim, reforçada com a tropa de Casal, tendo simulado que ia para o sul[1], deixando pela segunda vez n'aquella campanha as forças inimigas na sua retaguarda, e, como dissemos, emprehendendo este movimento estrategico, para se reunir á divisão que vinha de Hespanha.

Para qual dos lados penderia o visconde das An-

[1] Declarações do ministro do reino ao congresso constituinte nas sessões de 5 e de 14 de setembro de 1837, fundadas n'um officio do general barão do Bomfim, que o ministro leu.

tas? Pendeu com a sua gente para os setembristas, excepto a segunda brigada, que proclamando a carta ao entrar em Portugal, e achando-se já debaixo do commando dos barões de Leiria e da Varzea, dentro de poucas horas se chegaria a juntar com os marechaes, em seguida ao movimento de Alcobaça, para o norte. Os barões de Leiria e da Varzea, em desobediencia ás ordens de Saldanha, levadas por Jervis de Athouguia, e apesar de terem a certeza de que os marechaes fariam juncção com elles n'aquella tarde[1], acceitaram combate em Ruivães (no dia 18) á divisão Antas, retirando-se destroçados para Chaves, onde encontraram os marechaes. Conhecendo estes a impossibilidade de prolongar a lucta, assignou-se a convenção em 20 de setembro, partindo elles para fóra do reino.

Como se viu, a nação adheriu tacitamente á revolução de setembro contra a Carta, como seis annos depois adheriu á restauração da Carta contra a revolução de setembro.

Assombrosa foi a serie dos movimentos estrategicos de Saldanha, serpeando desde Castello Branco pela serra da Estrella e valle do Mondego, até ás portas de Lisboa, deixando a marchas forçadas e á retaguarda a divisão do general contrario, que exactamente para cobrir Lisboa é que avançára contra elle. Tão admirada foi por nacionaes e estrangeiros a mesma serie de movimentos d'esta campanha na

[1] Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, na sessão de 15 de fevereiro de 1848 (*Diario do Governo* n.º 42 do referido anno).

serra da Estrella, e depois de Alcobaça por Thomar até ao Douro, que lord Wellington, logo que Saldanha chegou a Londres, teceu os maiores elogios ao discipulo que em admiração do mestre se tornára. Onze annos volvidos, a camara dos pares ouvia, dos proprios labios do marechal, este brado que da consciencia lhe arrancou a verdade: «Mais de dois mezes durou aquella celebre campanha (de 1837), e a camara me permittirá que lhe diga que *de todos os meus trabalhos militares é aquelle de que mais me honro*[1].

III

Nove annos decorreram, e na maxima parte d'este periodo exerceu o marechal Saldanha a carreira diplomatica.

Triumphára em 1846 a revolução do Minho; a rainha acceitára-a, mas discordando posteriormente da

[1] Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, sessão de 15 de fevereiro de 1848. Sobre a lucta de 1837 (vulgarmente conhecida pela «revolta dos marechaes») podem-se consultar: o projecto de accordo de 30 de agosto d'aquelle anno; a convenção de Chaves de 20 de setembro; um importante e motivado escripto, assignado em Paris, pelos marechaes e duque de Palmella; uma exposição por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque; os *Diarios do Governo* de julho a outubro; as sessões do congresso; a *Lettre au comte Goblet d'Alviella par le marquis de Sá da Bandeira*, pag. 29 e 38; consultámos tambem *Reminiscencias de um velho*, narrativa manuscripta, pelo sr. Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.

feição reconstitutiva que a revolução tomou, quiz imprimir á politica direcção differente. Na conhecida noite de 6 de outubro demittiu o ministerio Palmella e encarregou a organisação do novo gabinete ao marechal Saldanha. Os nossos votos não podem hoje applaudir, como então não saudaram, a contra-revolução que se ficou denominando *embuscada*, como a não applaudiu nem saudou a grande maioria do paiz, mas a apreciação politica n'outro logar mais proprio e especial é que se ha de apresentar.

Resistiram as provincias do norte. O conde das Antas, presidente da junta do Porto e chefe supremo da resistencia, veiu occupar Santarem. Estava incetada a guerra civil. Saldanha, marchando para o Cartaxo a fim de cobrir a capital, estabeleceu as suas forças nas antigas posições de 1833.

Meiado dezembro o conde das Antas destacava uma divisão commandada pelo general conde do Bomfim que seguiu para Alcobaça e Caldas.

Então o marechal (no dia 19) marchou do Cartaxo, sobre aquelles pontos, mas Bomfim dirigiu-se para Torres Vedras. A esse tempo deixava Santarem o conde das Antas com outra divisão para operar de combinação com Bomfim. Quatro dias e tres noites levou Saldanha em movimentos estrategicos para atacar, ou ser atacado.

N'uma occasião em que descansavam no campo, recebe uma participação. Rodeia-o o seu estado maior. Abre-a, lê-a, sorri-se, esfrega as mãos. «Ha novidade importante», ajuiza o estado maior curioso. «Meus senhores, diz-lhes Saldanha com alegria, esta-

mos exactamente no meio das duas divisões: a primeira que nos atacar, leva».

Nenhuma o atacou.

Avistavam-se n'aquelle momento as vedetas do inimigo. Saldanha seguiu a divisão de Bomfim, que entrára em Torres Vedras. No dia 22 ás dez horas e meia da manhã, tempestuosissima (como os dias e noites anteriores) defrontava o marechal com a formidavel posição, occupada por Bomfim, que á praça inexpugnavel queria attrahir Saldanha, para ali lhe despedaçar as forças. O marechal, como se vê, acceitava o convite.

Estamos na afamada batalha de Torres Vedras, que ficou esculpida na historia militar do mundo, como um verdadeiro assombro.

A nenhum portuguez medianamente instruido é licito ignorar que as celebres linhas de Torres Vedras foram dique á torrente do exercito francez, que n'aquellas linhas encontrou pela vez primeira um obstaculo invencivel. De toda a extensão da immensa linha, é a villa o ponto fortissimo. Massena, que invadira Portugal com um exercito de cem mil homens, incumbiu o celebre marechal Ney de principiar o ataque. Dos sessenta mil homens, alem dos reforços posteriores, que defrontavam com as linhas, Ney escolheu vinte mil para atacar Torres Vedras, sustentada só pela divisão anglo-portugueza de quatro mil homens que dominava todo o valle. Tinha já começado a execução da ordem, quando Massena, calculando as difficuldades, reuniu conselho de generaes, opinando estes que, sendo Torres

Vedras *inexpugnavel*, não se verificasse o assalto, como não se verificou, retirando-se o exercito francez, e indo encerrar-se nas fortificações de Santarem[1].

Para se ajuizar das posições, quasi inacreditaveis, que Saldanha tinha defronte de si, substituiremos a descripção que de nossa lavra poderamos apresentar pelo resumo da que faz o competente marechal: «Torres Vedras é o ponto mais forte da linha toda. As alturas de S. Vicente, cobertas com um magnifico reducto, a da Forca, e a dos Saes, na margem direita do rio Sisandro, são flanqueadas pelo fogo do castello que se póde considerar uma verdadeira cidadella d'aquellas obras, cujas golas defende. Corre entre as referidas alturas, e a villa, o rio Sisandro, que se passa por tres pontes, precedidas de calçadas mui extensas, *todas enfiadas pelo fogo do castello* e flanqueadas pelo fogo dos reductos. Essa fortissima posição havia sido occupada convenientemente pelo inimigo»[2].

Eis a famosa posição que se achava occupando o valente conde do Bomfim, do qual diz com rasão n'um dos seus melhores livros, Teixeira de Vasconcellos: «Apesar dos casos em que a sorte da guerra lhe fôra contraria, mantivera sempre o conceito de excellente official e de soldado destemido».

Na sua frente via Saldanha a inexpugnavel Torres

[1] *Histoire générale des hommes vivants*, pag. 9. Póde-se consultar tambem o folheto *Succinta narração de alguns factos*.

[2] Relatorio do marechal Saldanha, de 25 de dezembro de 1846, a el-rei o sr. D. Fernando, commandante em chefe do exercito.

Vedras; na sua retaguarda tinha a divisão do conde das Antas, que o podia e devia entalar *a cada momento* contra as posições invenciveis, pois que no dia da batalha a divisão de Antas occupava Tagarro, Alcoentre e o Cercal. Por cumulo de tudo isto, Saldanha havia de atacar sem a artilheria, que só lhe chegou no fim da tarde pelo estorvo das estradas intransitaveis, a sua gente achava-se enxarcada pelas chuvas e quasi extenuada por quatro dias de marchas incessantes em movimentos estrategicos, e dois bivaques. Arremetter com Torres Vedras n'um complexo de circumstancias taes era uma temeridade assombrosa; mais do que temeridade, loucura; más o marechal, quando emprehendia loucuras taes, viase consubstanciado em cada um dos seus soldados, e cada um dos seus soldados se julgava instinctivamente Saldanha: tal é a fé, e a fé não se discute, sente-se; não raciocina, abrasa.

O marechal Saldanha vae atacar Torres Vedras!

Lá está, na frente, com o seu oculo sybillino, examinando tudo, calculando tudo, fitando os pontos capitaes, delineando as investidas heroicas, desafiando o impossivel. Parece fascinal-o a encantadora, abrindo para elle braços de fogo.

Viu tudo. Conheceu que antes de investir com as pontes precedidas das calçadas, enfiadas pelo fogo do castello, a chave da victoria dependeria da posse do grande forte de S. Vicente que precede as pontes, e d'ellas é a primeira salvaguarda. Dois mil homens da melhor tropa de Bomfim o guarneciam. A esse tempo estendêra já o inimigo a primeira linha de

atiradores que romperam o fogo. Eram onze horas e um quarto.

Mais um acto comico das suas estrategias costumadas representou o marechal. Conhecendo a temeridade de atacar Torres Vedras com tão pouca tropa, não a apresentou ao inimigo simultaneamente, mas das estradas mandava-a saír á proporção do que ia julgando necessario, para assim o illudir, fazendo-lhe crer que dispunha de muita mais força.

—Joaquim Bento, brada Saldanha, faça recuar com o seu batalhão a linha dos atiradores, e occupe a posição que lhe indico.

Joaquim Bento estacou pela primeira vez em sua vida, e, olhando espantado para o marechal, julgou que sonhava.

—Vossa excellencia manda que eu occupe com os meus caçadores a posição que me indica?

O espanto de Joaquim Bento passára com a electricidade do raio para Saldanha ao ver o espanto do valente.

—Mando, e já, respondeu-lhe o marechal, com a sua intimativa de fogo.

Joaquim Bento não pronunciou uma palavra, desembainhou a espada, collocou-se á frente dos seus caçadores, deu a voz; e Saldanha, como o auctor dramatico ao ver o desempenho de uma das scenas mais difficeis da sua peça pelo artista em que tem fé, presenceou o marcial interprete do seu pensamento vencer a difficuldade, levando a força inimiga adiante de si, e occupar o ponto ordenado, defendido pelos caçadores no meio de um fogo infernal cruzado e

simultaneo da tropa inimiga, do Castello, do forte de S. Vicente, do cinto finalmente da defeza completa de Torres Vedras.

Á noite indo Joaquim Bento comprimentar o marechal, disse-lhe, sorrindo-se, com a franqueza de bom camarada:

—Se o duque de Wellington me désse a ordem que recebi esta manhã, ter-lhe-ia respondido: execute-a vossa excellencia.

—Então porquê? interrompeu o marechal.

—Porque um general tem o direito de mandar fazer ousadias, mas não loucuras.

—Eu bem sabia a quem as mandava fazer, tornou-lhe Saldanha, abraçando-o.

Varrido o terreno, seguia-se investir o inexpugnavel forte de S. Vicente.

—A artilheria?

—Ainda não chegou.

—Ximenes?

—Marechal!

—O Solla que tome com a brigada o forte de S. Vicente *á bayoneta.*

Ximenes, fitando o marechal rapidamente ao receber uma tal ordem, encontrou-lhe nos olhos aquelle mesmo espelho do socego que tinha nos momentos da felicidade. Metteu esporas ao cavallo, e como que voou a levar a ordem temeraria.

Communicações d'esta importancia costumava Saldanha mandal-as por duas vezes, prevenindo a eventualidade de não poder chegar ao seu destino o primeiro ajudante.

—Major Caula?

—Marechal!

—Vá repetir ao Solla a ordem que dei ao Ximenes, mas d'aqui a minutos.

—Conceda-me vossa excellencia que eu vá immediatamente, tornou Caula.

—Pois sim.

Solla, o Solla do 4 de março e do 25 de julho, ouviu a determinação do marechal com a impassibilidade de um automato, desembainhou a espada, correu, deu a voz, e á frente da sua brigada com os bravos Ximenes e Caula que se lhe encorporaram voluntariamente, executando o movimento da maneira mais atrevida, e sem artilheria que o auxiliasse, tomou á bayoneta o importantissimo forte, contra caçadores 6, infanteria 3, e o legendario batalhão de Vizeu (commandado pelo valoroso Jayme), que lhe disputaram com valentia heroica a chave da batalha, e que, depois de assim lh'a disputarem, ainda com a mesma valentia lhe disputaram o terreno até ás pontes, para onde os arremessaram as forças de Saldanha, e que o inimigo sustentava com o fogo terrivel do seu castello. No campo da batalha combatiam de parte a parte como leões.

São tres horas da tarde. Chega a artilheria, mas n'um estado terrivel, devido ás estradas e á tempestade. Vae seguir-se a investida ás pontes, defendidas pelo castello e pelos reductos que lhe completavam a defeza.

Chamados pelo marechal os tres commandantes das brigadas, estão defronte d'elle.

—Vejam os seus relogios, senhores,

Puxaram todos pelos relogios.

—Acertemol-os.

Acertaram-nos todos.

—Ás quatro horas em ponto, continuou Saldanha, cada uma das suas brigadas forçará cada uma das tres pontes, e penetraremos na villa *a todo o custo*.

Ás quatro horas da tarde as pontes de Torres Vedras eram investidas com um arrojo que a tradição recolheu. Aos regimentos 8 e 10, que na tomada do forte de S. Vicente pela brigada de Solla haviam soffrido um fogo devastador de flanco e de frente, coube o serem os primeiros que, transpondo a ponte do centro, penetraram na villa, com parte de cavallaria 8 e dos lanceiros. Pouco antes tinha-se verificado a carga dos mesmos lanceiros e cavallaria 8 contra o regimento de cavallaria 4 (de Bomfim) n'uma das avenidas d'aquella ponte, proximo ao largosinho da capella. Da maneira mais heroica recebeu o impeto, sustentando o terreno, o referido regimento 4, commandado pelo valentissimo major Seromenho, e dominaria ali o movimento, se infanteria 8 investindo com ancia memoravel o não obrigasse a retirar depois de se ver gloriosamente reduzido a menos de metade, sendo a ultima força que cedia aos invasores a tão disputada ponte do centro.

Pela ponte da direita forçavam a entrada arrojadamente e com actos do maior valor, levando Solla na frente, uma parte dos granadeiros da Rainha, a outra infanteria da brigada, e uma força de lanceiros e de cavallaria 3. Foi ali a heroicidade do cornetinha

de granadeiros. Já na ponte, aquella creança tocava desesperadamente a avançar. É gravemente ferido o mocinho, cambaleia, cáe; já caído, forceja ainda por se erguer, não cessando o toque de intervallo em intervallo, senão para bradar aos soldados que avancem. Caído no chão e a tocar! Lavado em sangue e a bradar-lhes sempre que avancem! De repente calou-se a voz, cessou o toque, segunda bala extinguíra o ultimo alento áquelle heroe de nove annos!

Á ponte da esquerda cabia sorte igual á das outras. O inimigo, destroçado nos fortes e nas posições anteriores, levado de rojo nas pontes que defendêra valorosamente, vencido dentro da villa, vendo o campo juncado de cadaveres, em poder dos vencedores um numero immenso de prisioneiros, recolhia ao castello os restos desmantelados da sua força. Ferido mortalmente se via ali, chorado em seguida por ambos os campos, convertidos n'um só perante aquella dor, o chefe do estado maior da divisão de Bomfim, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, uma das glorias de Portugal, pela intelligencia, um dos primores da humanidade, pelo coração.

Ás onze horas do dia seguinte, collocada a artilheria defronte do castello, Saldanha mandava intimar o general contrario a render-se no espaço de uma hora, respeitadas as vidas. Bomfim respondeu que, em presença do valor com que as suas tropas tinham combatido, se renderia conservando os officiaes as suas espadas, cavallos e bagagens, e os soldados as mochilas, «honras da guerra, dizia o general, que não posso deixar de esperar de sua excel-

lencia o marechal Saldanha, a cujo lado combatemos tantas vezes gloriosamente».

A estas palavras caíram os braços ao marechal. Bomfim, admirador, camarada e amigo de Saldanha, conhecia-lhe o caracter justo, como a alma affectuosa. Na carta, que Saldanha em acto continuo lhe enviou, vae ver quem de perto o conhecesse, nas entrelinhas do marechal vencedor as lagrimas do homem enternecido, e não menos a delicadeza que enflora a concessão nas expressões com que eleva os que vê no momento do infortunio.

Diz assim a carta:

«Quartel general em Torres Vedras, 23 de dezembro de 1846.

«Factos não se podem negar. É um facto que as tropas portuguezas dos dois lados se bateram heroicamente, e é um facto que a tropa reunida no castello d'esta villa merece as honras militares, mas tambem é um facto que eu não posso ir contra as determinações de sua magestade a rainha. Necessito portanto de uma resposta categorica e clara, em que se me diga se se entende por conservação das espadas a conservação das patentes, e n'esse caso não posso convir. Sem referencia á conservação das patentes, não tenho a menor duvida em conceder as espadas, assim como as bagagens e mochilas, a quem tanto merece.

«*Duque de Saldanha.*»

Tendo Bomfim mandado declarar que por honras de guerra não se entendia a conservação das patentes, Saldanha concedeu as honras de guerra á divisão

vencida. Na heroica defeza de Plewna a Russia só a Osman Pachá concedeu o sabre; Saldanha a todos deixava as espadas.

Eis as palavras do proprio vencedor, pronunciadas vinte e seis mezes depois: «A situação em que se achavam as forças que occupavam o castello de Torres Vedras era desesperada. Quem tem alguma pratica da guerra sabe qual é a sede ardente que devora o soldado depois de um combate em que tem mordido muitos cartuchos. No castello não havia uma gota de agua; os homens estavam amontoados; a artilheria, que os ía aniquilar, estava em bateria; a saída era impossivel. Foi n'estas circumstancias que lhes concedi as condições que me pediram... A minha resolução foi unicamente motivada por não querer humilhar um inimigo vencido; porque quiz honrar a bravura com que haviam combatido»[1].

Ao meio dia abriam-se as portas do castello, e entregavam-se ao marechal o conde do Bomfim, general em chefe, outro general, todos os officiaes de linha, os commandantes e officiaes dos batalhões de voluntarios, novecentos soldados de infanteria, quatrocentos caçadores, duzentos e vinte cavallos e a artilheria, alem dos prisioneiros no campo e da guarnição do reducto da Forca, apresentada. Caía assim toda a divisão de Bomfim nas mãos do vencedor[2].

«É absolutamente impossivel (expõe Saldanha),

[1] Discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, na sessão de 15 de fevereiro de 1848.

[2] Relatorio do marechal a el-rei o sr. D. Fernando, de 25 de dezembro de 1846.

fazer uma idéa exacta do valor desenvolvido pelas tropas n'este dia memoravel, sem ver a posição e ter percorrido o terreno em que combatemos. E se é possivel que tal conducta podesse ter ainda realce, de certo lh'o será a lembrança das estradas que seguimos durante quatro dias e das noites tempestuosas em que tinhamos acampado»[1].

Escrevendo á duqueza logo na manhã do dia 23, o marechal dizia-lhe: «Não recebas parabens, dá graças a Deus, porque taes feitos, como os de hoje, são superiores ás forças dos homens, só a mão do Omnipotente os póde executar»[2]. N'esta apreciação divergimos do marechal Saldanha. Não suppomos que fosse um milagre divino, mas cremos poder affirmar com as provas na mão, e com todos quantos hajam estudado a batalha de Torres Vedras, que foi um milagre humano. Aquelle feito immortalisaria qualquer general que em sua vida não tivesse ganhado batalha nenhuma. Reconhece-o a opinião unanime. A rainha logo escreveu ao marechal:

«Lisboa, 27 de dezembro de 1846.

«Meu querido duque:

«Não quero perder mais tempo em agradecer-lhe a importante victoria que o duque alcançou em Torres Vedras, mostrando assim novamente a sua inabalavel dedicação á minha pessoa e á Carta Constitucional. Estimo muito poder congratular-me com

[1] Relatorio citado.

[2] No discurso do marechal Saldanha na camara dos pares, citado.

tão digno general pela briosa e distincta conducta de todos aquelles que elle guiou á victoria.

«*D. Maria.*»

El-rei o sr. D. Fernando enviava-lhe tambem os seus agradecimentos: «Sinto um verdadeiro prazer, escrevia el-rei, ao ver a conducta dos nossos soldados, e sobretudo os novos e tão importantes louros que alcançou o seu digno e denodado chefe, louros dignos d'aquelles que já tinha alcançado no serviço da rainha e da patria; muito o honra o modo por que dispozera as cousas; isto aqui foi reconhecido por todos, mas sobretudo por nós...» [1].

Retirando-se para o Porto o conde das Antas com a sua divisão, seguiu-o Saldanha, e aguardando-o se conservou em Oliveira de Azemeis, quasi desprovido de forças, aguardando debalde, porque não foi investido. Ali, no meio dos perigos que o rodeavam, narra um dos nossos mais admiraveis escriptores, e testemunha ocular da campanha, Teixeira de Vasconcellos, que «o marechal Saldanha praticou um dos factos mais ousados da sua carreira militar... e evitou todos esses perigos até onde a Providencia e a audacia humana eram sufficientes para affrontar e vencel-os».

A intervenção estrangeira poz termo á lucta; sanccionou-a a convenção de Gramido; e a revolução do Minho, mal avaliada pelo throno, esperou do tempo e do proprio marechal a justiça de Deus.

[1] Cartas ineditas, da rainha, de 27 de dezembro de 1846, e d'el-rei o sr. D. Fernando, de 24 do mesmo mez e anno, ao marechal Saldanha.

CAPITULO XXXVII

CONCLUEM AS LUCTAS CASEIRAS

I

A justiça de Deus não se demorou muito.

Que delirio é aquelle na cidade do Porto no dia 27 de abril de 1851? População e tropa fazem ao marechal Saldanha na sua entrada uma recepção triumphal. Não é só o guerreiro que venceu uma causa, é como um rei que assume a auctoridade suprema, e que dispondo absolutamente dos destinos de um povo, proclama a rainha, a Carta *reformada,* a exoneração do ministerio, as reformas justas na administração do paiz, e uma era nova, que se ficou chamando a Regeneração. E que outro delirio succede a este, d'ali a dezoito dias, a 15 de maio, quando desembarcado em Lisboa com a sua divisão, vae, cingido de corôas que lhe offereciam, por entre o jubilo da cidade toda no transito juncado de flores, adornado de bandeiras, fazer a continencia á soberana que elle mais outra vez salvava, e por entre as acclamações de um povo cujas pazes celebrava com o throno?

No dia 7 de abril havia deixado a villa de Cintra com alguns officiaes do seu estado maior o marechal Saldanha. A movimentos revolucionarios adherem todos quando a victoria está prestes a sorrir; poucos porém quando o exito é problematico e arriscada a situação pessoal. Esta rasão naturalissima explica o facto de terem só cumprido com a palavra dada os commandantes de caçadores 1 e 5. Seguindo para Coimbra, d'ali para o norte, sem que se lhe juntassem outros regimentos, entra em Lobios (Galliza) no dia 25, tendo-se levantado na vespera a seu favor a guarnição do Porto, rastilho que incendiou a bem do movimento, já victorioso, as tropas e as povoações do reino.

A victoria militar de Saldanha, em 1851, ficou assignalada na historia.

«Não conseguiu, no principio, senão levantar dois corpos isolados», disse o resentimento politico dos contrarios.

Mas então por que não foi Saldanha preso pelas auctoridades? Porque é que entrava em todas as terras, e d'ellas saía de fronte descoberta e á luz do dia? Porque é que o coronel Miranda fechou litteralmente á chave o seu regimento no claustro de Mafra, quando Saldanha chegou á villa, acompanhado só por dois lanceiros? Porque é que um regimento completo, o 4 de cavallaria, foi mandado immediatamente de Santarem para Lisboa, com o receio de que Saldanha, aliás sem força alguma, se dirigisse para aquella terra? Porque é que os regimentos 9 e 14, e as demais tropas governamentaes, recebiam ordem

para se desviarem se o marechal se approximasse, quando atravessava o paiz com os sete rapazes travessos, como a phrase do tempo baptisou aquella miniatura de cyrio? Porque é que temendo o governo pôr em contacto com o marechal regimentos e generaes, appellou para o supremo e elevado recurso, que tão inutil lhe foi como os outros? Porque é que as populações, por onde elle passava, acclamavam como vencedor o foragido? Porque é finalmente, e sobretudo, que a guarnição do Porto, commandada por um dos generaes mais valentes do exercito e mais dedicados ao governo, se ergueu unanime a favor de Saldanha, mesmo na frente d'aquelle general, até que vendo-se este completamente abandonado, se recolheu a casa, havendo aliás declarado ter a sua tropa fechada na mão?

A chave de todo este enygma apparece á luz da evidencia perante os factos, acabados de expor, e a gloria militar de Saldanha duplica ao produzir ainda mais effeito o prestigio do seu nome do que a sua propria presença. Incontestavelmente foram quanto possivel destemidos D. Miguel Ximenes, Salvador Pinto da França e os outros parciaes do marechal, quando levantaram n'uma noite a guarnição do Porto; mas que bandeira invocavam elles para que a tropa annuisse ao movimento? o marechal. A sua gloria militar, no movimento victorioso de 1851, está exactamente no que os adversarios contestaram ser essa mesma gloria: na sua ausencia do Porto, no prodigioso da sua fama, na memoria dos seus feitos, na recordação das suas qua-

lidades. A propria circumstancia de o não verem accendia a imaginação da tropa. Desconheceremos a poesia do soldado? a fascinação que o electrisa? sobretudo a do soldado portuguez? affectivo por indole? filho d'este clima? acalentado a este sol? educado n'esta natureza? bebendo estas tradições? O facto é de hontem. Ainda viva se acha ahi a geração, que o presenceou. Se o talisman não era o nome do marechal, que o diga a cidade do Porto, ao ver a guarnição sequiosa de que elle chegasse, e o murmurio inquietador, por elle tardar algumas horas; diga-o tambem a mesma cidade, quando em seguida ajuntando-se á guarnição, o foi receber com o enthusiasmo que ainda está na memoria de todos os seus habitantes.

II

O dia 19 de maio de 1870 (aqui o narrâmos só pelo acto militar, como fica dito; n'outro volume o consideraremos pela feição politica) se não nos enganâmos é o feito mais audaz do marechal Saldanha.

Batem onze horas da noite de 18 em casa do marechal no pateo do Geraldes, a Entre-muros. Da duqueza se despedem as ultimas visitas que ali foram passar o serão. Ficam ainda o sr. visconde do Paço do Lumiar e seu irmão Antonio.

—Onze horas! não vou dormir quasi nada! dizia o marechal (n'um corredor contiguo), a rir-se e a esfregar as mãos.

Onze e meia. Retiram-se aquelles dois cavalheiros, e os duques recolhem-se.

—Foi só deitar a cabeça no travesseiro e pegar no somno mais tranquillo que póde ter um general depois de ganhar uma batalha, contava a duqueza no dia seguinte. Acordei-o á uma hora como me recommendou, estava dormindo com o mesmo socego!

Acordando e lembrando-se do motivo por que a duqueza o despertava, logo se vestiu.

Áquella hora penetravam no castello de S. Jorge duzentos populares dirigidos pelo sr. major Estevão da Costa de Sousa Pimenta (hoje barão do Pomarinho), sob a inspiração do sr. conde de Peniche (marquez de Angeja); apossavam-se do castello, e o batalhão 5 de caçadores conduzido pelos capitães Monteiro e Pina Vidal encaminhava-se para o palacio do duque. Acabavam de chegar ali duzentos soldados de artilheria 3, commandados pelo seu antigo capitão Lapa. Vejamos o que se passava em casa do marechal e nas immediações, á mesma hora. O sr. visconde do Pinheiro preparava-se com a tranquillidade em que estaria se fosse para uma *soirée,* auxiliado por suas sympathicas filhas que tinham no pae a fé, que o soldado consagrava a Saldanha. Igualmente tranquillo se apresentava o grupo dos ajudantes, a quem o sangue frio do general se communicava sempre. Como acontece de ordinario quando se procuram os objectos em occasião urgente, uma parte d'elles não apparecia, apesar de ter o marechal por guarda-roupa n'aquelle momento a gentil condessa do Farrobo, que sorria ao ver o pae lamentar-se,

tambem sorrindo, de que a duqueza lhe désse uma chicara de chá com tão pouco leite; e por entre estas scenas parecia lembrar tudo, menos que o marechal tinha á porta dois corpos sublevados, podendo sêr surprehendidos de instante a instante por uma divisão, e que o pateo do Geraldes estava situado entre duas estradas nos flancos e fronteiro a outra, o que em termo popular, mas expressivo, quer dizer: *encurralado*. Disseram ao marechal que ao menos fosse para o largo do Rato, emquanto não chegasse o regimento que faltava. Riu-se, e continuou a tomar o chá com leite. D'esta serie de originalidades, breve daremos a explicação.

Chegava a final infanteria 7, dirigida pelo capitão Barros. Então é que o marechal se encaminhou para o largo da Ajuda. A brigada, composta de infanteria 1, do segundo esquadrão de lanceiros e de uma bateria de artilheria, occupava por ordem do ministro da guerra aquelle largo. N'este movimento contra o governo preferiu Saldanha o plano que realisou, discutidos outros previamente, para evitar effusão de sangue.

Reunida a Saldanha a brigada que estacionava no largo da Ajuda, um disparar de carabinas ordenado pelo capitão de artilheria da mesma brigada, Mendonça e Brito, a que respondeu espontaneamente um pelotão do 5 de caçadores, occasionou a morte de um cabo, de tres soldados, e alguns ferimentos. Mendonça e Brito foi logo preso. Ordenára o ministro da guerra, sr. Lobo de Avila (conde de Valbom), que se juntasse na praça do Commercio a divisão, com-

posta de caçadores 2, infanteria 2, 10 e 16, a guarda municipal, cavallaria e artilheria, e ás cinco e meia da manhã expediu um telegramma a el-rei, dizendo que a divisão marchava para a Ajuda a restabelecer a ordem legal. Dado que a divisão chegasse a combater, tanto ella como a tropa do lado de Saldanha o fariam da maneira valorosa por que usam de pelejar soldados portuguezes em qualquer campo onde se encontrem. Respondeu el-rei ao ministro; que mandava chamar o duque de Loulé, presidente do conselho, e que de accordo com elle resolveria. Entendendo o ministerio que apesar d'isso a força devia marchar para apoiar o presidente do conselho, assim o ordenou o ministro da guerra, communicando-o para a Ajuda por telegramma. A força recebeu no caminho ordem d'el-rei para retroceder; e o duque de Loulé, regressando, declarou ao ministerio que o chefe do estado o exonerára e encarregára Saldanha de organisar um novo gabinete[1].

Agora a explicação do somno solto do marechal Saldanha, da tranquillidade do sr. visconde de Pinheiro e dos ajudantes, dos sorrisos da sr.ª condessa do Farrobo quando ajudava o pae na *toilette* meio burlesca, a explicação finalmente d'aquellas originalidades no momento de poder ser tudo ali surprehendido, e, em todo o caso, na presença do perigo em que se achava o marechal, indo com uma força de infanteria insignificante, sem um cavallo, sem uma

[1] Discurso do sr. Lobo de Avila (conde de Valbom) na sessão nocturna da camara electiva de 12 de dezembro de 1870 (*Diario da camara*).

peça, contra a guarnição toda de Lisboa, que podia ter contra si.

Era em 1851, nos dias em que o marechal, ao encetar o movimento da Regeneração, transitava pelo reino com os seus rapazes travessos, ignorando-se em Lisboa onde elle estivesse, e divulgando-se a seu respeito as noticias mais assustadoras. Uma irmã do marechal, cuidadosa e afflicta, corre a casa da duqueza (primeira mulher de Saldanha) para saber novas do irmão, e tambem para consolar a cunhada na consternação em que a suppunha. Como encontrou ella, porém, a esposa, que adorava Saldanha? Sorrindo-se, e prazenteira no seu trato ordinario! Toda consternação, a irmã do marechal inquire a cunhada, predispondo-a para o triste exito da causa, considerada perdida, e para o desgosto do marechal.

—Pois não o conhece? interrompeu a duqueza, d'aqui a poucos dias (formaes palavras) entra-nos elle ahi todo coberto de gloria.

D'ahi a poucos dias entrava o marechal Saldanha em Lisboa, todo coberto de gloria, como sua mulher prognosticára com segura tranquillidade.

Era esta fé na espada invicta do marechal Saldanha que accendia o animo dos officiaes e soldados, e os levava, por menor que fosse o numero, a marcharem para onde elle os conduzisse. Vencedor contra a força, o quê? Um nome.

CAPITULO XXXVIII

APRECIAÇÃO MILITAR DE SALDANHA

I

Saldanha era o poeta da guerra.

Estamos em Cintra n'um dia de verão. Levanta-se repentina tempestade, o sol esconde-se, acastellam-se as nuvens, e o largo espaço até o horisonte longinquo transforma-se n'um campo de peleja, em que o ribombar dos trovões semelha as descargas de artilheria. Só não se divisam os exercitos, porque os luctadores não são os homens, são os elementos. As senhoras accendiam as vélas bentas, as creadas tartamudeavam o credo em cruz, os nervosos cerravam as palpebras involuntariamente aos clarões que deslumbravam o proprio dia, o espectaculo aterrando os tibios suspendêra o curso regular da povoação. Desabava sobre a villa e aquella região o que se poderia chamar um concerto de trovoadas medonhas.

Sabe-se que era na aba da serra a casa do marechal, a quinta na propria serra.

Quando a tormenta estalava com horripilante grandeza, o marechal, risonho, enthusiasmado, lan-

çando mão do chapéu campestre, diz para os parentes e amigos que ali se acham:

—Vamos ao alto da Cruz ver a trovoada.

Entreolham-se. Uns pretextam as doenças, desapparecem outros, os mais animosos pegam nos chapéus, menos por enthusiasmo do que por condescendencia.

Não chovia. Saíram á quinta, foram subindo, chegaram ao cume. Estavam no alto da serra. As trovoadas formavam um todo harmonico; o céu, escuro e cheio de electricidade; os trovões atroavam os ares; os coriscos zigzagueavam em suas fórmas caprichosas, e o conjuncto faria de toda aquella scena soberba um conto phantastico, se não fosse uma realidade magestosa.

O marechal tirou o chapéu, levou a mão á cabeça, entremeou-a pelos cabellos de neve, como lhe succedia nos momentos solemnes, tornou a cobrir-se, alisou os bigodes, os olhos brilhavam-lhe, a vista não lhe parava um instante, fitando os largos horisontes, os logares mais proximos, a frente, os flancos, tornando a fitar os primeiros sitios. Só lhe faltava o oculo dos combates. De repente, despertando, tomou uma larga respiração como se os pulmões precisassem de todo aquelle ar, esfregou as mãos, e rompendo o silencio, exclamou:

—Parece-me que estou n'uma batalha!

As descargas distanceavam-se progressivamente, o sol ainda escondido conhecia-se que já luctava com a escuridão, a electricidade retrahia-se, o inimigo fugia em debandada.

— Parece-me que estou n'uma batalha!

Era a miragem da guerra que lhe tinha tomado a phantasia.

Este grande elemento da phantasia, necessario para a apreciação militar, provinha-lhe logicamente da sua organisação, porque havemos de ver (no logar proprio d'este livro) que Saldanha reunia no caracter o composto de duas preponderancias: uma alta rasão e uma imaginação extrema; um pensamento elevado e um coração affectuoso; um espirito pensador e um sentimento delicado. Escriptor, diplomata, orador, homem, apparece n'elle sempre esta dualidade que lhe forma a indole militar, e sobretudo militar. Como é que o seu caracter não predominaria principalmente pela feição da poesia casada com a intelligencia? Para os que o não conheceram, está a prova na historia já descripta das suas batalhas, e até (o que é mais curioso) em documento escripto. Quando, n'um periodo de excitação politica, Saldanha memorou as qualidades que deviam adornar o guerreiro, escreveu: «Ainda quando, por desgraça nossa, a palavra *brio* venha a desapparecer do diccionario portuguez, eu creio que ella, mesmo então, se achará gravada no peito do verdadeiro militar; por esse brio, sem o qual a nossa profissão perderia todo o seu prestigio, *e a sua poesia*, rogo a v. ex.ª...» [1].

Assim, de tal modo lhe vibrava o sentimento guerreiro, a belleza marcial, *a poesia*, que até a declarava por escripto aos seus collegas como parte integrante

[1] Officio do marechal Saldanha ao ministro da guerra, de 2 de março de 1850.

da sua profissão, não lhe occorrendo porém que a poesia na guerra, como em tudo, nasce com os caracteres especiaes, e mal presumindo que, vinte e oito annos depois, aquellas linhas haviam de ser documento d'essa poesia para a historia dos seus feitos que a teria de classificar entre os elementos da sua apreciação guerreira.

Era exactamente por este sentimento do bello, que elle se não limitava a gostar de vencer batalhas; gostava de vencer batalhas *bellas*, bem acabadas, batalhas *á artista*. Não queria só vencer, queria vencer pela solução das difficuldades. Dir-se-ia que até lhe aprazia o brincar com ellas, e que outras luctas se lhe afiguravam insignificantes. Respondendo ao discurso de Sardou, na sessão em que este foi recebido na academia franceza, tornava-lhe Carlos Blanc: «Aos Estados Unidos, desdenhosos do perigo, nada parece mais facil do que o impossivel». D'este modo queria Saldanha vencer, e d'este modo vencia. Assim como o immenso germina do infimo; os portentos musicaes, de sete notas; as obras escriptas, de poucas letras; os primores da pintura, de algumas tintas; o universo, dos elementos mais simples, mas de todos esses *nadas* compondo o talento pelo illustrado do seu poder os monumentos dos seculos, assim o guerreiro, de que nos occupâmos, fazia de forças infimas, trabalhadas pelo genio, as heroicidades bellicas de que este humilde livro não póde mesmo dar senão uma idéa acanhada. Na peninsula, o que não praticou elle com o seu regimento! Em Montevideu com a sua brigada! Na lucta da liberdade com o seu exer-

cito! As suas pelejas eram sempre do numero menor contra o maior. Como o grafio de Julio Cesar, como o chapéu de Napoleão, o bigode de Saldanha era a primeira força na batalha, e como é proverbial que Saldanha nas batalhas, multiplicando-se, apparecia de continuo nos pontos mais arriscados, ou mais importantes, aquelle bigode legendario valia-lhe por um grande poder, porque duplicava os esforços da sua gente.

Mas ninguem se apaixona por um grafio, por um chapéu, nem por um bigode. O legendario bigode era o simples conductor magnetico. O enthusiasmo para o soldado vinha-lhe da pessoa, e o enthusiasmo não provém do acaso, não se improvisa como um soneto, nasce de uma grande rasão. É o soldado a essencia do povo, e o povo é essencialmente poetico. Ora no general havia o poeta; e o soldado, que não é senão o popular transformado em guerreiro, quer que a presença do seu general lhe inspire a fé no combate, nos movimentos estrategicos a esperança do resultado. Refiro-me sobretudo ao soldado da raça latina. Tudo concorria em Saldanha para captivar e enlouquecer o soldado. Nos proprios dias da paz o preparava para os dias da lucta o coração amoravel! Para Saldanha o soldado não era a machina, era o homem. Um cuidado incessante nos mantimentos, nas commodidades possiveis, uma attenção especial a todos os que se lhe approximavam para lhe fazerem uma supplica. Poderiamos apresentar centenares de exemplos; um só indicaremos. Estavam na Foz os seus soldados faltos de mantas e expostos aos rigo-

res das chuvas e dos frios. Requisitou as mantas; não o attenderam no Porto. Tornou a requisital-as; o mesmo silencio. Cala-se, vae á cidade, entra no arsenal, descobre seiscentas mantas escondidas, chama uns conductores, tral-as comsigo, e entra com ellas na Foz, aos applausos da sua gente. Com *insignificancias* d'estas é que se ganham na mesma Foz, e em todas as Fozes, batalhas como a de 4 de março.

Assim, não só o tinha o soldado como general venturoso, mas como pae estremecido. Vimos anteriormente como os estrangeiros se admiravam da maneira por que Saldanha cuidava da sua tropa. Tudo era capital que o conjuncto do seu caracter prestes amontoava; os juros, que o mesmo é dizer o vencimento dos quasi impossiveis, lá os recolhia nos dias do combate. Por isso outro general, seu companheiro de armas e seu admirador, o valoroso marquez de Sá da Bandeira, veiu declarar n'um livro com a imparcialidade que honrava o marquez: «O marechal Saldanha tinha grande popularidade no exercito»[1]. «A tropa idolatrava-o», declara outro escriptor[2]. Ainda outro diz: «O exercito adorava-o até á submissão»[3]; e todos o attestam.

Ao mesmo tempo que o soldado era tudo para Saldanha, e com tão escasso numero intentava o marechal conseguir os milagres que alcançava, tinha o cuidado, umas vezes, de ser elle mesmo quem desse

[1] *Lettre au comte Goblet, par le marquis de Sá da Bandeira*, pag. 31.

[2] *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. Soriano.

[3] *Correspondencia de Coimbra*, de 25 de novembro de 1876.

as proprias vozes no fogo para o enthusiasmar, outras vezes de substituir quasi no momento da peleja os officiaes de menos audacia, incumbindo-lhes commissões na vespera da batalha para pretextar a substituição, até que legitimamente podessem tomar o commando dos corpos os officiaes de patente menor em quem elle e os mesmos corpos tinham a maior confiança.

Taes eram, entre outras, as causas pelas quaes o caracter poetico de Saldanha, no seu prestigio, no seu coração, na harmonia do seu espirito com o espirito popular do soldado, apparece para a sua apreciação guerreira como um dos principaes elementos d'ella, elemento para que lhe foi utilissimo o haver o homem no general. A gloria para o soldado, a confiança no seu chefe, o carinho que d'elle recebe, a fascinação que para elle o attrahe, todo este conjuncto, a que se chama o poder moral, produz maravilhas nas batalhas, em que o ardor do enthusiasmo, o esquecimento da vida, a nuvem que lhe cerre as lembranças do mundo e as saudades da familia, têem de substituir ao poder da força a força do espirito, consubstanciada na alma de todos a alma do seu general.

II

Toda esta feição moral, poetica e fascinadora de Saldanha, que lhe multiplicava os meios de vencer, que do seu soldado fazia um portento, que aterrava os contrarios quando o tinham defronte, esta feição

moral, a da idéa, que ha de ser sempre a que vença no mundo em todas as manifestações das obras humanas, não valeria tudo em Saldanha, se lhe escasseássem outros dotes.

Não insistiremos muito no seu valor individual, na audacia com que a um tempo (como vimos em differentes batalhas) era general, commandante, official e soldado, nem no admiravel relance de vista que em momentos comprehendia tudo, o ponto fraco do inimigo, a harmonia geral da batalha, o lance arrojado que a deveria decidir. Quantas vezes nos sitios mais vivos do fogo o não obrigou o seu estado maior a deixar de expor tanto a vida para não arriscar a sorte da causa? Vinha-lhe desde os seus principios aquella audacia, pois que o diriam tranquillo convidado na sala do baile quando guerreiro lidava no campo da batalha. «Saldanha não era só general, era soldado tambem, e a sua bravura chegava a ser temeraria», escreveu na especialidade d'este ponto um dos nossos escriptores mais brilhantes[1]. Vimos como os proprios generaes estrangeiros, ainda sem o conhecerem pessoalmente, perguntavam já nas campanhas da peninsula quem era aquelle official, pelos actos heroicos que lhe viam praticar; e assim, official ou general, sempre a mesma intrepidez, sempre a mesma gloria, como visão na sua phantasia insaciavel.

Tambem não insistiremos em apresentar a qualidade (aliás tão importante) de disciplinador, qual outro Pompeu, que do solo, reza a historia, parecia

[1] O sr. Pinheiro Chagas.

arrancar legiões. Vimol-o na Foz disciplinador admiravel; no Cartaxo, assombroso. Sabia, como ninguem, o quanto a disciplina em poucos augmenta moralmente o numero. Dizem-n'o a rasão e a experiencia. Confirma-o o voto de um mestre de ordem maxima: «Ha uma grande differença entre *homens* e *soldados*, escreveu Napoleão; quantos recrutas inexperientes, quantos indisciplinados não podem ser vencidos por poucos soldados, sendo estes verdadeiros, aguerridos e *cheios de confiança no seu chefe*»[2]. Parece escripto de molde este grande preceito, para ajuizarmos da maneira por que Saldanha, consinta-nos o leitor a phrase, predispunha a *ferramenta* para as suas obras.

III

Sabemol-o destemido, disciplinador admiravel, vencedor de quasi impossiveis pelo poder moral das suas faculdades, conhecemos no guerreiro o homem, no homem a indole infantil e o espirito poetico. Esta reunião de circumstancias explica a fascinação do soldado por elle, e indica-nos que não se dariam essas circumstancias se não proviessem de uma rasão superior.

A par de todos estes elementos, urge assentar agora o lado scientifico, feição caracteristica da sua personalidade.

[2] N'um importante livro, *Campagnes de 1870.*

Cabe á sciencia da guerra o que succede 'a todas as sciencias. Estudam-se as regras, as leis; depois, assiste-se á pratica d'ellas; por ultimo, executam-se. A intelligencia, commum a todos, alta em alguns, genial em raros, entra n'aquelles graus successivos como elemento fundamental. Assim, o homem, chegado a dar conta de si ao mundo, se é commum realisa o que fazem os mediocres; se lhe brilha o talento, imita os bons; se é mais do que talento o que lhe brilha, então, libertando-se das peias, desprendendo o vôo, e entre os esplendores da gloria exclusivamente propria, chama-se na sciencia Newton, na tragedia Shakespeare, na comedia Molière, na historia Momsen, na architectura Miguel Angelo, na musica Mendelsohn, na poesia Victor Hugo, no romance Dumas, e Napoleão na guerra.

Em presença d'esta questão fundamental, que logar pertence, na historia militar da humanidade, ao marechal Saldanha pela especialidade da sua intelligencia e pelas obras da sua profissão?

Apparece unicamente um guerreiro destemido, cortando por sua audacia as difficuldades, e obediente ás instrucções ou aos conselhos de outrem? Foi um general de alta estrategia, que, passando do nivel, creasse pelos dotes da sua rasão guerreira uma individualidade propria? Tinha a estrategia, mas sem a tactica? Era, pelo contrario, não um estrategico, uma alta concepção prevendo todos os prós e todos os contras, mas um tactico, sabendo traduzir na occasião as concepções dos outros estrategicos?

Poderiamos assentar o ponto, mas á nossa humilde apreciação preferimos por todos os motivos as palavras de um illustrado especialista militar. Diz elle: «O marechal Saldanha sabe alliar, a tudo quanto ha de mais ideal e grandioso na concepção estrategica, tudo quanto ha de mais pratico e de mais decisivo na execução tactica [1]».

Á vista dos competentes, do respeito da Europa, da tradição palpitante, Saldanha não era só um tactico da mais decisiva acção, era tambem um estrategico da mais ideal e grandiosa intelligencia. A reunião d'estas duas forças em grau subido, mesmo quando não a coroasse (como coroou) a inspiração subita, a ardencia do enthusiasmo que accende a imaginação do soldado, a poesia do coração applicada á guerra, eleva o guerreiro que as possue á raça dos primeiros capitães.

Mas não basta dizer o que era; é necessario dizer como foi. Assumpto curioso, em que uma serie de circumstancias parece que se fundiu por uma coincidencia rara.

Premiado sempre no seu curso militar (como vimos), o que lhe proporcionou a fortuna? Ter o ensejo de que se houvesse logo de seguir uma guerra, para a applicação dos principios da sciencia. E por quanto tempo a guerra? Por sete annos, nada menos, isto é, tempo largo para a aprendizagem, e, acceite-se-nos a phrase, não menos larga *sabbatina* entre os dois systemas bellicos completamente distinctos, o inglez

[1] Sr. D. Luiz da Camara Leme, *Elementos da arte militar*, tom. I, dedicatoria, pag. 6.

e o francez. Em Thomar, logo nos principios da campanha, o vimos proposto pelo marechal Beresford para major, em consequencia de sêr o primeiro official do exercito portuguez que se apresentou habilitado para commandar pela nova tactica ingleza. Com que perspicacia não ia elle, successivamente, em cada batalha, em cada um dos movimentos estrategicos, vendo os grandes principios da alta sciencia em todos os seus segredos serem applicados pelos mais distinctos generaes inglezes, e estudando passo a passo a diversidade de cada ponto, de cada capitulo da grande obra marcial! Lembremo-nos, só como um exemplo, d'aquella carta ao irmão, em que elle narra, com o enthusiasmo de quem vê descoberta uma verdade, a maneira estrategica e admirável por que o general Graham, em julho de 1813, tomou previamente os pontos anteriores, sem cuja posse não poderia assaltar Tolosa [1]. Está-se a ver o preludio da futura batalha de Torres Vedras em 1846.

De accordo com os grandes principios, analysava os actos d'esse exercito, heroicamente automatico, exercito que vencia pela ordem que tinha para vencer, que poderia ter sido destroçado se o seu dever fosse o de ser destroçado, que ao impeto substitue a primeira disciplina do mundo, que a victoria não enlouquecia, que o revés não quebranta, e que é na guerra a propria imagem da sua ilha, rochedo batido pelas tempestades, mas das tempestades zombando pela solidez dos seus fundamentos.

[1] Carta de Saldanha ao irmão, conde de Rio Maior, de 27 de junho de 1813, citada no capitulo III.

Exactamente ao contrario do que elle estudava praticamente nas condições estrategicas e tacticas do exercito inglez, escola do dever, da pertinacia e da rasão fria, defrontavam as qualidades do caracter bellico portuguez, o enthusiasmo, a emulação, a gloria, a poesia peninsular, e um dos mais genuinos representantes d'este caracter portuguez era o proprio official de quem nos occupâmos; de maneira que, Saldanha, por uma coincidencia notavel, como o estudioso que, buscando nos diversos classicos a sciencia do escrever, de todos recebe o ensino sem ficar sendo a copia servil de nenhum, antes creando-se uma individualidade, extrahia de toda aquella alta sciencia, d'aquella tactica, e das qualidades da grande nação, a essencia utilissima, que, juntando-se aos elementos caracteristicos da nossa nacionalidade, offereceram ao seu talento uma especialidade sua propria, que veiu a ser o marechal Saldanha.

Assim, por um conjuncto de circumstancias favoraveis, tudo se dava as mãos para que Saldanha completasse os seus dotes naturaes e inspirativos com um tirocinio admiravel de execução geral e de tactica particular, para as applicar ás immensas e variadas hypotheses da guerra.

Não menos o vemos em seguida, e por assim dizer nos grandes ensaios geraes dos cinco annos no Uruguay, acabar de se amestrar na estrategia, por isso mesmo que ao dirigir a sua columna tinha contra si os naturaes conhecedores d'aquelles diversos territorios onde elle commandava, e portanto onde mais urgia que empregasse esforços sempre novos para

dominar pela sciencia as qualidades de um inimigo que estava em sua casa, que perfeitamente a conhecia, e que dispunha dos meios proprios, tanto da localidade, como da especialidade da arte da guerra que lhe era peculiar: novo theatro, e theatro original, em que os talentos do guerreiro já amestrado com a longa experiencia da guerra ingleza, por elle estudada e praticada, acabava de se exercitar n'uma phase nova.

Tal nos apparece o general, já feito, já mãos á obra, na scena em que deixa de figurar como segundo, para ir predominar como um dos primeiros da Europa.

IV

Estrategico e tactico de ordem superior, estudemos agora outro ponto importante: que genero especial era o seu, como guerreiro?

Revelava o seu systema caracteristico a extrema moderação, como o de Mario? a quasi timidez, como o de Fabio Maximo, cognominado o *demorador (cunctator)*, porque nunca tinha pressa em atacar o inimigo, querendo-o cansar com as demoras, marchas e contramarchas? o calculo immenso e exagerado de Turenne, desenvolvendo-o até á saciedade e deixando o irrompimento para o caso extremo? Como Frederico II, punha o fito na força da paciencia? Baseava-se no plano pautado, mathematico, por assim dizer, como o de Wellington, plano que não perdia uma batalha, mas tambem não podia ganhar

muitas outras? Era o da decisão repentina de Condé, a imprudencia absoluta, arriscando a causa em que estivesse empenhado pelo excesso a que levava o impeto dos seus ataques?

Não, Saldanha não abraçava nenhum dos systemas especiaes dos grandes capitães; n'esta circumstancia essencial encontrâmos-lhe a feição caracteristica; e a historia das suas batalhas não faz senão provar esta apreciação da sua notabilissima individualidade. Contra o systema dos generaes calculistas e moderados, o de Mario, Turenne e Wellington, que o demonstre a investida em fevereiro de 1833 contra o Pinhal na Foz, as batalhas de 10 e 11 de outubro do mesmo anno, e a incrivel batalha de Torres Vedras; em contraposição a Fabio Maximo, exemplifique-o a temeraria expedição a Leiria, e o intento ao norte. Mas então era o systema opposto, o da imprudencia summa como o de Condé!? Responda a não investida ao cerco do Porto antes de agosto de 1833, o não arremettimento contra o mesmo Porto em 1847, a negativa de atacar Santarem de outubro a maio de 1834; e d'este modo se apresentava tão paciente na defeza, como temerario no ataque. É difficilimo, dizia elle, encontrar-se um militar para verdadeiro commandante em chefe de um exercito, pois que o general deve ser umas vezes tão destemido que pareça um doido, e outras vezes tão prudente que pareça um fraco.

Assim, possuindo a intelligencia que lhe era proverbial, e o espirito de observação que de perto ou de longe podia concorrer para o exito, presidia-lhe

a prudencia quando o impossivel era absoluto, a energica ousadia quando o valor se tornava indispensavel para investir e affrontar as grandes difficuldades, a vigilancia para evitar os descuidos alheios, o segredo tão seu que nem ao travesseiro o revelava (diz a tradição), sobretudo o instincto adivinhador e instantaneo para marcar á batalha os capitulos essenciaes.

Quer-se a estrategia na *especialidade de cada batalha?* Lá está na de 4 de março mandando cobrir as peças para o inimigo se julgar já senhor da posição que investe, quando n'ella é que vae ser desfeito; e no momento de se descobrirem as peças, lá estão ao lado das verdadeiras as fingidas para o illudir. Mais, n'este genero comico, lá está em Torres Vedras não apresentando ao inimigo senão a tropa de que necessitava gradualmente; na de 18 de agosto, quando ia irromper contra as alturas de Vallongo, formando sem ser observado pelos inimigos e marchando em direcção á *Mulher Morta* por um caminho que não podia ser visto por elles. Peripecia igual engenhára em Torres Novas. Pululam os exemplos.

Quer-se a estrategia, não já *dentro do modo de ser de cada batalha,* mas na concepção da batalha *em geral, na sua synthese?* Vamos já vêl-o. Acabava Julio Cesar de soccorrer Cicero nas Gallias. Encontra o inimigo, e não lhe convindo atacal-o, mas ser atacado, por dispor de pouca força, que faz? Sáe do arraial e ordena á sua gente que simulando medo reentre no mesmo arraial como em tumulto. Os gallezes, não crendo astucia o facto, carregam com enthusiasmo os

romanos, perseguem-nos até á porta do seu campo, entram com os suppostos fugitivos, mas Julio Cesar, mal os vê dentro, lança a ordem para a resistencia de antemão combinada, e o inimigo fica ali desbaratado. Não parece ao leitor estar assistindo, guardadas as differenças dos systemas bellicos, á batalha de Almoster, em que Saldanha, representando a comedia da ponte, recuando primeiramente, encerrou o inimigo n'um circulo de fogo para o destroçar? Lá resáe d'entre todos aquelle verdadeiro primor de realisação na batalha de 18 de agosto (levantamento do cerco do Porto), collocando-se entre as duas divisões inimigas, a do norte e a do sul, depois de prevenidas no momento as eventualidades todas da retaguarda e dos flancos; lá se destaca o plano das acções admiraveis de 10 e 11 de outubro, que seriam as ultimas da lucta liberal se lhe executassem as ordens, não memorando as estrategias de outras batalhas por se achar, cremos, assás exemplificado o ponto.

Alem da concepção *geral* das batalhas, alem do modo de ser *especial* de cada uma d'ellas, como acabámos de expor, ha para os grandes capitães a obrigação de conceber o *plano complexo da campanha*, em que se achem empenhados. É necessario planear e ganhar batalhas, mas é sobretudo superior ao vencimento das batalhas o vencimento das causas; e se grande deve ser a estrategia dos generaes no primeiro caso, no segundo redobra de importancia. Como exemplo magno n'este ponto fundamental, seja-nos a concepção do plano para se ultimar a campanha da liberdade em 1834; e vimos no capi-

tulo XXXII que ao seu plano do norte se deveu effectivamente a decisão da campanha.

V

É a qualidade de saber adoptar uma resolução immediata nas circumstancias imprevistas e perigosas da batalha, no momento critico, uma das mais preciosas de um general. Sem ella nunca se póde ser grande capitão.

Tinha-a Saldanha em grau summo. Seria um livro curioso aquelle que historiasse o momento critico de cada batalha, o relance de vista para o ter percebido, e a decisão prompta para o haver dominado. D'entre outros exemplos se póde citar um de significação notavel. Pelejava-se a batalha do Sambra. Julio Cesar ia correndo os pontos da linha; ao chegar ao flanco esquerdo, vê quasi tudo perdido, e até já em poder dos contrarios o estandarte da duodecima legião. É o momento decisivo para a victoria de um ou do outro exercito. Lança mão de um escudo, arremessa-se para a primeira linha (a dos atiradores, diriamos hoje), reanima com o exemplo a desesperança dos seus, consegue que a legião quasi destroçada sustenha o impeto do inimigo, dá tempo a que cheguem as legiões da reserva, e vence a batalha. Os tempos modernos não se deixam vencer pela antiguidade n'este ponto importante, e o leitor lembra-se do dia 25 de julho, d'aquelle instante critico da batalha (aliás já ganha na esquerda), em que o general Saldanha

não só concluiu o vencimento com a carga salvadora á frente do seu estado maior, mas a concluiu por um acto heroico *do momento*. Póde tambem exemplificar o ponto a celebre carga de cavallaria no epilogo da batalha de Almoster, sabendo aliás o marechal que tinha contra a sua diminuta cavallaria os oito soberbos esquadrões realistas que desejariam vingar a infanteria destroçada.

VI

Estudadas (segundo nol-o permittia o espaço) as qualidades moraes e scientificas de Saldanha como cabo de guerra, e comparado o seu modo de ser com o dos generaes de primeira plana, que geral conclusão se deve deduzir da sua personalidade guerreira? Qual era militarmente o caracter fundamental que lhe marcava a individualidade? Vimol-o empregar methodos tão differentes, que se póde perguntar: este general não tinha systema? Tinha. E era o melhor dos systemas, o de não ter systema.

Quem abrir a excellente biographia do immortal musico allemão Mendelsohn, escripta por Selden, lerá na terceira parte o seguinte: «Resta-nos examinar Mendelsohn compositor, e decidir o logar que deve occupar entre os maestros, seus antecessores e successores. Ardua é a questão, pois que elle é considerado ora *classico*, ora *romantico*, uns dizem-no imitador de Bach, outros consideram-no seguidor de Weber. O que é evidente é que, á similhança de outros genios, é muito romantico, muito classico, muito

independente na essencia, muito correcto na fórma, convindo apreciar estes termos que se nos afiguram antitheticos».

Vem de molde esta citação de Selden sobre o genio musical do maestro allemão para o ponto da apreciação militar de Saldanha. Saldanha não era classico, assim como Wellington e os inglezes, deixando tudo á sciencia; não era exclusivamente romantico, á maneira de Julio Cesar e da escola militar franceza, deixando o principal ao impeto, ao *élan*.

Para esta feição, não se prendendo a escolas exclusivas, concorriam os dotes variados d'elle. E aqui vê o leitor a rasão com que suppomos ter vindo ao longo d'este capitulo estabelecendo as diversas qualidades moraes, poeticas e scientificas de Saldanha, para, por meio da analyse das materias primas, permitta-se-nos a phrase, chegarmos a esta synthese. Systema? Systema têem os talentos, como as Ristoris, não os genios, como as Racheis; systema têem os Racines e os Julios Romanos, não os Shakespeares nem os Migueis Angelos; systema têem os generaes de talento, não os Napoleões. Na isenção do systema é que está o genio. De Saldanha, como cabo de guerra, viam-se transparentes as qualidades diversas, como n'um espelho se vêem reflectidas as variadas vistas da natureza. Assim, d'essas differentes, e, a bem dizer, oppostas qualidades poeticas, amoraveis, fogosas, scientificas, successivamente descriptas, sáe o affecto, a inspiração, o impeto, a phantasia, o relance de vista fundado no talento natural, a pratica da guerra pelo que viu praticar aos grandes generaes

com as modificações que lhe provinham da experiencia e dos preceitos da rasão propriamente sua, que o tornaram um estrategico de primeira ordem; e este conjuncto, pela serie de circumstancias extraordinarias que se reuniam n'aquelle homem (como acabámos de ver), fizeram d'elle o marechal Saldanha, o primeiro general do seu paiz e um dos primeiros do mundo.

VII

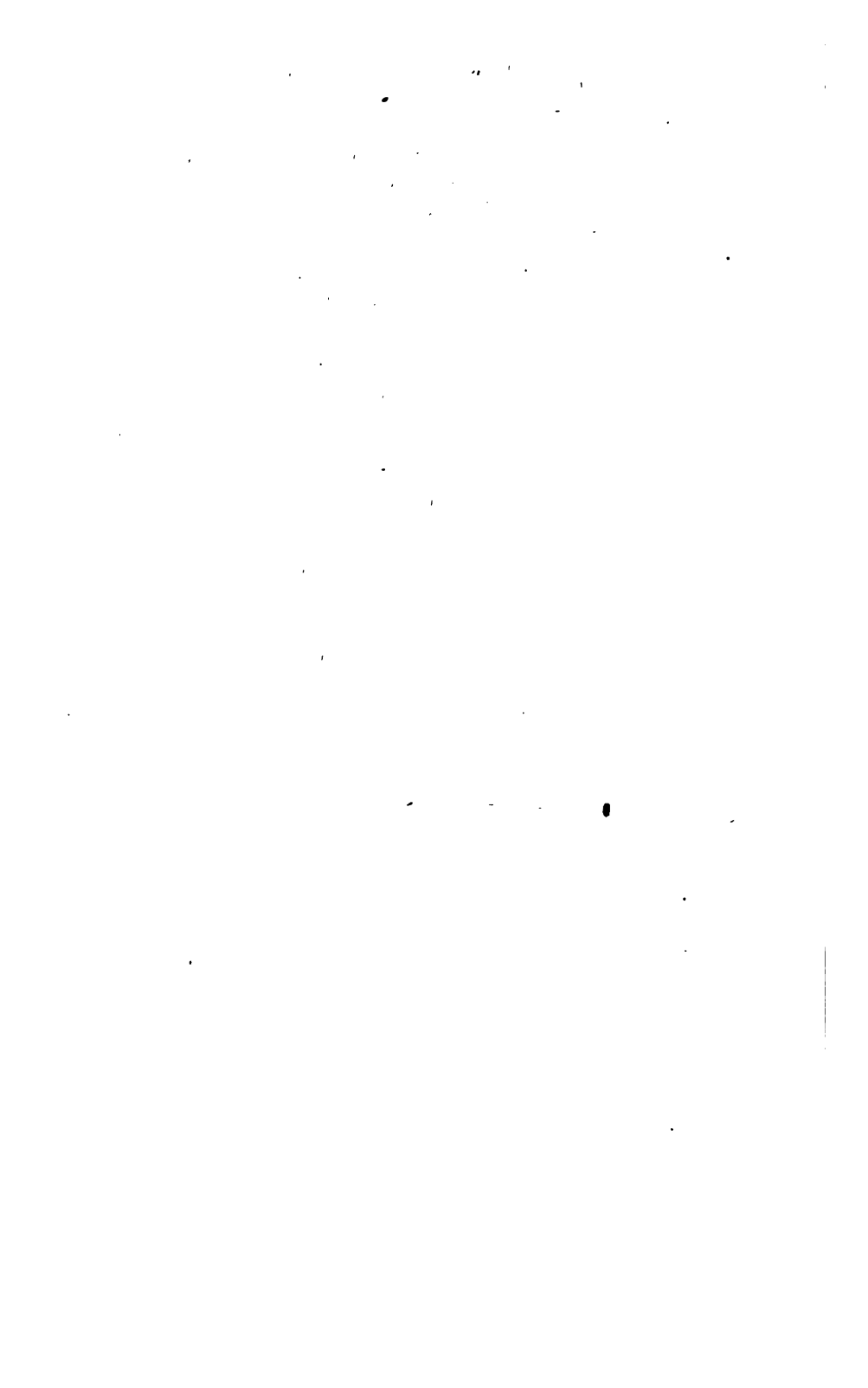
Em resultado de toda a sua vida bellica, reflectida na sua apreciação militar, olhar-se-lhe para o peito correspondia a verem-se-lhe estampadas litteralmente, não as distincções dos meritos *geraes*, pela formula commum do «testemunho da regia benevolencia», mas os capitulos successivos e variados da sua historia guerreira e da do povo portuguez, a ella vinculada.

O peito do marechal era a historia viva e palpitante dos grandes quadros militares que formam a historia do seculo XIX em Portugal.

Estreando-se no posto superior de capitão, major por ter sido o primeiro que se apresentou habilitado para commandar um regimento portuguez pela tactica ingleza, tenente coronel pelos feitos da guerra peninsular, coronel pela voluntariedade com que immediatamente correu a ir defender na America a patria ameaçada, brigadeiro na campanha de Montevideu, marechal de campo nas milagrosas fortificações da Foz, tenente general no proprio campo da batalha

pela defeza da cidade no dia 5 de julho, marechal do exercito no caes das Columnas ao desembarque da rainha em seguida á acção de 5 de setembro, que tornou Lisboa invulneravel; condecorado durante a guerra peninsular com treze medalhas e a distincção *excepcional* enviada pelo regente de Inglaterra; condecorado na defeza de 25 de julho, que salvou o Porto contra Bourmont, com a gran-cruz da Torre e Espada, outorgada por um documento real não menos honroso do que a propria glorificação do valor, da lealdade e do merito; merecendo na batalha de Loures, que libertou a capital, o mimo expressamente mandado fazer pelo imperador, da placa da Torre e Espada, pelo mesmo imperador levado pessoalmente ao guerreiro; na batalha de Pernes a gran-cruz de Christo; na de Almoster o titulo ao seu filho estremecido; e coroando as distincções relativas a cada um dos feitos em *especial* o abrir el-rei excepção unica para elle, quando, ao crear a medalha das campanhas da liberdade, o dispensou das formalidades exigidas, para logo o condecorar, não podendo o espirito decidir de prompto se a justiça está mais na idéa d'esse testemunho significativo e *excepcional*, se nas expressões da memoravel carta regia de 17 de junho de 1865, referendada por um dos seus mais imparciaes admiradores, o benemerito cidadão marquez de Sá da Bandeira: eis como um filho de Portugal deixou ler em si proprio a historia da sua patria.

Assim, postos e condecorações não lhe ornavam os hombros nem lhe estrellavam o peito pelos intitu-

lados serviços geraes, umas vezes verdadeiros, outras pretextados e obtidos do cofre munificente para enfeites ou captações, mas cada um fòra conquistado pelo serviço *especial*, desempenhado nas grandes causas da independencia patria ou das liberdades nacionaes, e todos elles valendo sangue, todos elles valendo a vida. Cada um de tantos postos, cada uma de tantas condecorações, significava a singularidade d'esses feitos admiraveis, que os documentos provaram, que a tradição vem transmittindo, e que são os reflexos do vulto guerreiro, cuja apreciação se tentou fazer sobre os verdadeiros e modernos fundamentos da sciencia historica: os factos.

CAPITULO XXXIX

CONCLUSÃO

I

Tentámos estudar analyticamente a historia guerreira do marechal Saldanha. Resta-nos deduzir a idéa geral que d'ella resáe.

Ao constar em Lisboa o fallecimento do marechal, a imprensa periodica do paiz soltou um brado unanime de dor e de admiração pelo guerreiro. Na impossibilidade de transcrevermos quanto disse a opinião publica, não deixaremos pelo menos de exemplificar, ao acaso, e sem intuito de escolhas nem de precedencias, aquelle importante elemento confirmador da apreciação que se fez, e tanto mais attendivel, quanto em parte proveiu de escriptores militares.

Um d'elles, diz-nos: «Estrategico de primeira ordem, estrategico dotado do sexto sentido que é o caracteristico dos capitães illustres, dos Themistocles e dos Epaminondas, dos Scipiões e dos Cesares, dos Fredericos e dos Napoleões, o marechal Saldanha possuia o condão de alcançar a victoria ferindo o inimigo no ponto fraco, e seria *um não acabar* se

quizermos apreciar este homem illustre sob o aspecto puramente militar; são tantos e tão dignos de commemoração os seus feitos de soldado e de general, que, reunil-os, seria escrever um livro»[1]. N'outro lê-se: «Quando o telegrapho nos transmittiu hontem a triste nova do passamento do marechal Saldanha, dissemos a sós com o nosso pezar: «Quebrou-se mais um ramo da genealogia secular dos Saint-Arnaud, dos Albuquerques, das legiões dos Cruzados, da Thebaida e dos Machabeus; a sua reputação militar elevava-se á altura *da dos maiores* homens de guerra[2]». No mesmo jornal, outro d'entre os primeiros escriptores militares da nossa terra, escrevia: «O marechal Saldanha, ***vulto da estatura gigante dos heroes, homem de guerra de primeira plana, que seria grande entre os primeiros dos maiores varões do mundo,*** nasce n'este paiz pequeno e abatido, n'uma epocha adiantada de decadencia e de corrupção, e, guiado pelas intuições do genio e pelas claridades que de fóra lhe vem, comprehende as aspirações do seculo, e põe ao serviço d'elle, com as luctas e sacrificios do presente, os seus privilegios do passado; abre com os seus esquadrões o caminho por onde os homens do seu tempo hão de guiar as idéas de regeneração social e de civilisação nova, sobe aos cimos escarpados onde principiavam a reluzir as suavidades ineffaveis das novas auroras, e paira emfim, *semi-deus* guerreiro, onde só equilibram o vôo as aguias victoriosas»; e assim considera n'elle: o primeiro homem do paiz, a personificação

[1] Na *Democracia* de 22 de novembro de 1876.
[2] *Diario Illustrado* de 22 de novembro de 1876.

do genio e da gloria portugueza no presente seculo, o heroe invencivel e invicto, uma grande imagem que nos fica, um grande nome que nos symbolisa, uma personificação, no meio do realismo do seculo XIX, da nossa velha patria portugueza, do nosso antigo genio aventureiro; um d'esses verdadeiros heroes com que as nações se ennobrecem e honram, possuindo tudo o que engrandece não só perante a patria, como diante da humanidade toda![1] Commemorando o fallecimento, diz outro brilhante escriptor militar, que a historia ha de mostrar que o marechal Saldanha «tinha a grandeza dos vultos da epopeia e que pertenceu a essas raças de heroes que a Providencia quer que appareçam sempre como as manifestações supremas da sua vontade e da sua acção nos grandes momentos da civilisação, e a que por isso os povos na sua aurora, quando tinham, mais do que nós, na meia luz do seu espirito, a intuição das cousas divinas, chamavam semi-deuses»[2]. No jornal especialista da arte militar: «O vencedor de Almoster ergueu-se sobre o mais subido pedestal da gloria... sentidamente o exercito lastima a sua passagem á eternidade e deplora a sua falta, como se lhe fugisse o Anjo da victoria»[3].

«O marechal Saldanha, Ulysses pela sciencia, Nestor pelo conselho, Achilles *pela gentileza dos seus feitos e proezas militares*... foi o primeiro general d'esta

[1] No *Diario Illustrado* de 20 de dezembro de 1876, pelo sr. Fernandes Costa.

[2] *Diario da Manhã* de 22 de novembro de 1876.

[3] *Revista Militar* de 23 de novembro de 1876.

cruzada (a campanha liberal)... mais do que ninguem contribuiu a erigir o throno constitucional e a dar-lhe a victoria por alicerce»[1].

«Elevava-se á categoria de celebridade militar europea»[2]. Outro compendiou n'esta phrase significativa «era o gigante da milicia» as considerações com que mostrou, formaes palavras: «o soldado audaz e infatigavel que pela sua espada flammejante abriu aos seus o caminho do triumpho, gloria dos lances tremendos nos quaes *aquelle braço herculeo* e *inquebrantavel* amparou e susteve a liberdade vacillante n'esse drama sangrento que para elle principiou no cerco do Porto, em que assumiu as proporções de um semi-deus, pelos sacrificios, arrojo, ousadia e poder omnipotente da sua espada»[3].

Outro, elevando ao summo grau os serviços do marechal, commemora «o seu grande talento bellico, a sua alta sciencia da guerra, o seu denodado valor»[4]. «Saldanha teve um merito militar tão relevante, que tarde haverá em Portugal um general como elle»[5]. Escreveu ainda outro: «João Carlos de Saldanha era da raça dos heroes, era um d'aquelles homens tão acima do vulgar, tão superior aos seus contemporaneos, que, nos remotos tempos da historia, ao apparecer um vulto assim, era divinisado

[1] No *Jornal do Commercio* de 26 de outubro de 1866 o sr. Latino Coelho.

[2] *Jornal da Noite* de 16 de maio de 1878.

[3] *Diario de Noticias* de 22 de novembro de 1876.

[4] No *Diario Popular* de 22 de novembro de 1876.

[5] *O Conimbricense* de 25 de novembro de 1876.

pelos povos, que comprehendiam que pelas suas faculdades estava acima da maioria dos homens, era um como intermedio entre Deus e os seres humanos... era a nossa mais gloriosa espada e um dos primeiros generaes da epocha actual. Considerado em toda a parte, quando foi a guerra da Criméa a Inglaterra e a França offereceram-lhe o commando dos exercitos alliados. Morreu longe da patria aquelle gigante que fazia estremecer o solo a cada um dos seus passos»[1].—«Nenhum homem do seu tempo sustentou mais brilhantemente as tradições do esforço e da intelligencia do soldado»[2].

Mais: «Não se explica a natureza dos genios da guerra, mas vemol-os engrandecerem-se, vemol-os subir, guiados pela estrella da sorte e ajudados pelo seu genio superior que infunde respeito, que attrahe os corações, que conquista triumphos e sympathias; vivem da sua força e do magnetismo da sua auctoridade, e era um d'estes homens o marechal Saldanha... cobre-se o nosso pavilhão, porque se some na sepultura e vive para a historia o mais *denodado dos valentes* que implantaram a liberdade constitucional no solo da patria»[3]. Um dos representantes das idéas mais populares diz: «*A maior e a mais esplendida das nossas glorias militares* acaba de desapparecer para sempre», e, applaudindo a sua pericia e arrojo nos campos da batalha, a sympathia que o exer-

[1] *O Brazil* de 28 de novembro de 1876.

[2] No *Primeiro de Janeiro.*

[3] *A Correspondencia de Coimbra* de 25 de novembro de 1876.

cito lhe consagrava, e as suas virtudes bellicas, termina: «Homens como o duque de Saldanha apparecem de seculos a seculos»[1].

Exemplos apresentámos simplesmente. Peza-nos que a estreiteza do espaço nos prohiba proseguir.

A prova historica portanto não se limita aos documentos dos archivos. N'um tombo *vivo* se tornou a voz da nação.

II

Estas apreciações completou-as a saudade do proprio marechal, que deu ao soldado portuguez a ultima palavra da sua vida na ultima palavra do seu testamento. Melhor do que tudo a exprimem estas phrases do guerreiro de Almoster:

«Por ultimo, como expressão do *meu derradeiro pensamento* no que toca ás cousas d'este mundo, onde não tive entre os honras e glorias que alcancei outra que em mais preço guardasse do que a de ter pertencido ás fileiras do nobre e leal exercito portuguez, o qual, com seu grande valor e briosa disciplina, me ajudou sempre a conservar tão honrada a gloria da patria e o prestigio de suas bandeiras; e, em testemunho da minha gratidão, do meu amor e do meu respeito ao mesmo exercito, deixo ao regimento n.º 1, em cujas fileiras sentei praça no anno de 1805, o meu bastão de marechal, ganho com a convicção de o ter merecido no fiel desempenho dos

[1] *O Jornal do Povo*, de Beja, de 29 de novembro de 1876.

meus deveres de soldado, e ora legado com a grande consolação de não ter a espada que o conquistou conhecido nunca revés que a humilhasse no longo curso das arriscadas campanhas que fiz tanto na Europa como na America, soffrido pezar que a deshonrasse no longo espaço de setenta e um annos de serviço da patria e do mesmo exercito, de quem me despeço saudoso, fazendo votos ardentissimos por que Deus o conserve digno da patria, fiel ao rei, e seguro protector da nossa religião, da socidade e da nação portugueza.»

N'este solemne testamento apparece o coração no seu esplendor. Presentem-se nas entrelinhas as doces saudades dos setenta e um annos bellicos por entre os reflexos da gloria que ainda lhe alumiam a imaginação. Está-se a ver dentro do guerreiro o homem, dando á sua vida marcial o seu ultimo sorriso, para o apagar com a sua ultima lagrima!

Assim, ao exercito portuguez legou (como se acaba de ver) o seu pensamento derradeiro, a declaração da sua lealdade, o ultimo brado da sua consciencia, o ultimo conselho da sua rasão, e, consubstanciando tudo, legou ao regimento em que assentára praça o bastão de marechal do exercito, o livro da sua vida guerreira.

É o dia 8 de outubro de 1877. Na esplanada do quartel do n.º 1 de infanteria, onde se acham formados o regimento e os contingentes de todos os corpos da guarnição de Lisboa, assistem á solemnidade o presidente do conselho de ministros e o ministro da guerra; acompanham-nos os generaes. O antigo ajudante de

ordens do marechal Saldanha, general Francisco Damazio Roussado Gorjão depois de recitar um discurso entrega ao commandante da divisão da capital o bastão, legado ao exercito na individualidade do valoroso regimento 1. O commandante da divisão passa-o ás mãos do commandante d'aquelle regimento, e todos se encaminham para a secretaria, onde fica depositado, e para sempre guardado.

III

Aquelle bastão é um symbolo. E aqui chegado é o momento de perguntarmos a este livro a idéa synthetica d'elle.

Um symbolo? Que symbolo representa o bastão do marechal Saldanha na historia de Portugal do seculo XIX?

Não basta que um homem, escriptor, par, deputado, general, marinheiro, sacerdote, ministro, rei, possua uma intelligencia aguda, ou um talento brilhante, para que a fama gloriosa o deva laurear, ou para que se julgue com direito á consideração publica e ao louvor da posteridade. Se tem intelligencia poderosa, motivo maior para a dever empregar no verdadeiro serviço da patria e da humanidade, censura duplicada sobre a sua memoria se fez mau uso d'ella. Urge que se regateie o elogio mutuo dos talentos sem a prova da sua realisação justa, sem o processo instaurado á sua influencia no bem ou no mal da justiça e da civilisação.

Estudámos analyticamente (quanto as forças de um livro o permittiam) a longa vida militar do marechal Saldanha, dos quinze aos oitenta e seis annos da sua vida. O que representa essa longa vida, que é ao mesmo tempo a vida de um seculo (e que seculo!) na historia nacional? Como é que a sua espada preponderou nos destinos da patria? O que foi militarmente, para Portugal como facto, para o mundo como exemplo, essa espada? O que fica marcando para a civilisação portugueza a obra militar do marechal Saldanha?

Em quatro periodos se dividiu aquella obra. Na guerra peninsular vimos o joven official, instruido e audacioso, defender pela maneira que admirou a nacionaes e a estrangeiros a independencia da patria. Logo em seguida, alistando-se voluntariamente na expedição que ha de ir á America vingar os ultrages feitos á mesma patria, vêmol-o, já commandante, luctar durante seis annos, de dia a dia, debaixo de fogo, e vencer tanto, quanto pelejou, ajudando a conquistar mais uma provincia para a nossa nacionalidade. Depois, na gigantea lucta da liberdade, vêmol-o, general, fazer inaugurar com a sua espada em 1826 o regimen da Carta outorgada pelo successor de D. João VI, e salvar de 1833 para 1834, pela maneira a que assistimos, o mesmo codigo fundamental das liberdades portuguezas e a dynastia que representava o Portugal novo. A final, no periodo das luctas civis para a execução das liberdades consignadas, vêmol-o produzir (segundo as veredas que lhe dictava a consciencia) aquella segunda epopeia,

a epopeia da paz, o Mindello da liberdade pratica, realisação, após quinze annos, do Mindello da liberdade guerreira.

Tirae a espada do marechal Saldanha da scena portugueza; onde fica a fundação da liberdade pela Carta em 1826? Onde, em 1833 e 1834, a reivindicação d'ella na lucta que a conquistou? Onde, em 1851, a sua traducção em factos, a revolução nas obras, a fonte do progresso na civilisação actual?

Eis na synthese da historia, estudada nas fontes, a obra militar do marechal Saldanha nos destinos da patria.

Só Deus é grande, exclamou o admiravel orador sagrado defronte da côrte franceza, perante o pó em que se tornára o rei de quem nada menos do que um seculo perfilhára o nome. Só Deus é grande no infinito, mas é grande nos tempos, como emanação d'aquelle Deus, o espirito da humanidade, consciente de si, que pela memoria tem presente o passado, pela intelligencia entrevê o futuro, e denuncia na ancia dos seus sentimentos a aspiração ao bem absoluto. E, se grande é a humanidade em seu impulso vertiginoso, superiores ainda ao nivel d'ella são esses espiritos de excepção, que se destacam na face da terra, como resplandecem os astros mais luminosos d'entre os milhões de estrellas que povoam o firmamento.

FIM DO TOMO PRIMEIRO

INDICE